

Mensagem do Novo Milênio

- Filósofos, sociólogos, teólogos e outros pensadores, no decorrer dos milênios, a pesar dos esforços empreendidos, não lograram êxito na obtenção de uma fórmula conciliadora entre os interesses de uns e as carências de outros.

- E, assim, a Humanidade chega aos nossos dias, constituída de alguns abastados, de poucos remediados e de muitos desventurados.

- E, ao surgimento da mais tênue crise econômica, homens e mulheres, velhos e crianças, em deplorável condição social, vagueiam pelos caminhos da vida, andrajosos, famintos e desesperançados de melhores dias.

- É a miséria!... Estigma vergonhoso!... Fruto da supremacia de alguns, sempre dispostos a reprimir ideais, que, se aceitos, discutidos e desenvolvidos, poderiam conduzir-nos ao bem-comum, sem prejuízo das aspirações de quem quer que seja!

- Filósofos, sociólogos, teólogos!... – disseste bem -, mas não nos esqueçamos de que os donos do mundo contemporâneo são os políticos – cidadãos conduzidos ao poder, às vezes, por meio de campanhas demagógicas, e, em muitos casos, incompetentes para os cargos a que se propõem -, que só aceitam, como subsídio das suas decisões, a opinião dos abastados, desconhecedores das necessidades alheias.

- E, quando surge alguém com pensamentos, que podem conduzir a Humanidade por outros caminhos, a repressão é acionada, com o intuito de se evitar uma evolução mais profunda.

- Assim nos testemunha a História!...

- E, nos nossos dias, os clarins do Capitalismo já ressoam, convidando o Socialismo a sair pela porta dos fundos.

- Triste horizonte para os que têm como receita econômica o trabalho, cada vez mais escasso e menos remunerado.

- Não podemos esquecer-nos de que o mundo contemporâneo divide-se em duas grandes correntes ideológicas: Capitalismo e Socialismo.

- E o sensato não é combatê-las!... Mas, sim, harmonizá-las, para o bem de todos, pois, impregnadas, que estão, no íntimo dos

seus seguidores, constituem anseio, não perecendo por simples antagonismo.

- Sintetizando as ansiedades dessas duas correntes, vemos que o Capitalismo prima pela Pecúnia, base do Comércio, da Indústria, da Prosperidade e dos Meios de Comunicação, impondo o Socialismo a Comunidade dos Bens e da Produção, com a repartição geral do Trabalho e dos Resultados.

- Ambos aspiram a uma trilogia digna: trabalhar, produzir e consumir, mas esbarram na edificação dos seus projetos ideológicos.

- No do Capitalismo, entra a cooperação do proletariado, que, alheio aos proveitos, exige salários e encargos sociais elevados. Já o Socialismo pretende erigi-lo sobre os alicerces da nacionalização.

- E sabeis quando o conseguirá? Nunca!... Porque a propriedade, para os portugueses, é tradicional. E o que é tradicional, é do povo. E o que é do povo, não se usurpa!

- O direito de propriedade circula na Civilização Lusíada, como o sangue nas veias de um corpo, e, extingui-lo, seria como decretar a morte desse corpo.

Este era o tema das conversas nas reuniões da quinta do fidalgo Aguiar, homem rural de aparência elegante e de fino trato, com os amigos, que, regularmente, a frequentavam. Alguns diziam que este distinto cinquentão era formado em Direito. Outros, porém, contestavam esta versão, afirmando não ter a sua vida acadêmica passado do terceiro ano daquela faculdade. A pesar desta discordância, era pessoa de grande cultura e de boa convivência. Entre os conversadores, destacamos o Silva, cuja cultura limitava-se a um curso técnico comercial, mas possuidor de grandes dotes de comunicação. Intitulava-se ideólogo e defendia um sistema aglutinador do Capitalismo e do Socialismo, os quais definia como ideologias elementares, por se chocarem entre si, não conduzindo a Humanidade ao bom termo. Não disfarçava o seu regozijo, quando o tratavam de predestinado, ao que acrescentava: - *“portador da mensagem do novo milênio, para a confraternização dos homens”* -,

pugnando pela divisão equânime e meritória da renda nacional, ao mesmo tempo em que respeitava, profundamente, a propriedade privada, a prosperidade e quaisquer outros bens, herdados ou auferidos regularmente, o que lhe conferia a admiração dos conterrâneos, entre os quais, o doutor Figueiredo, militante socialista, que, por várias vezes, tentou atraí-lo para as suas fileiras, ao que sempre declinou, por desejar dedicar-se – como dizia – a missão mais elevada, sem qualquer comprometimento. Esta conduta mais aguçava a admiração dos que, consigo, falavam frequentemente, a ponto de decidirem gravar aquelas conversas, para posteriores subsídios. Além destes personagens e de outros menos expressivos, registra-se a empregada Rosalina, que a todos encantava com a sua beleza e a sua afabilidade. Apreciemos, então, estas gravações:

- Todo o sofrimento social é imposto ao Homem pelo poder comportamental e só com a sua extinção é que, um dia, seremos felizes.

- Mas... Sem esse poder, que rege a Humanidade desde os seus primórdios, como seria mantido o controle da sociedade? Haveria ordem? Não viria o caos?

- O poder comportamental facilita a atuação dos governantes, mas atormenta a maioria dos cidadãos, que, alheios aos benefícios da prosperidade nacional, só podem contar com a incerteza do futuro.

- Todos gostam de mandar e ninguém, de obedecer. Isto é que é a pura verdade! O poder comportamental deve ser substituído pelo poder universal, para o bem de todos.

- Qual o motivo dessa substituição?

- Do nada fez Deus o universo esplendoroso e, com vontade, pode o Homem, à sua semelhança, construir a felicidade das gerações. Para reverter a iniquidade, que paira sobre a Humanidade, conferindo a uns o poder, a outros a prosperidade e a muitos a incerteza do futuro, outra alternativa não nos resta senão procurar novos caminhos.

- É evidente que, para se mudar de situação, outros caminhos têm de ser percorridos, mas isso implica em grandes convulsões e,

consequentemente, em perda de vidas e de haveres, cicatrizes que levam muito tempo a desaparecer.

- A própria natureza comprova-nos isso, pois a tempestade sempre foi o grande regulador climático.

- E, quem paga, são sempre os humildes, porque os fortes e os poderosos dão as ordens dos seus gabinetes. No final da contenda, enterram-se os mortos, tratam-se os feridos e avalia-se o resultado, tão inexpressivo, que nem dá para se sentir.

- Analisando-se bem, conclui-se que os dirigentes, salvo a troca de alguns mais conflitantes, continuam, quase sempre, os mesmos.

- Sim!... Porque a classe governamental é constituída de uma minoria, dominadora da maioria, e, em tal sentido, os seus componentes entendem-se, entre si, com a troca de concessões.

- É ao que se chama Política, arte de governar, sem choques antagônicos.

- Eu acredito que o Silva, ao provocar esta discussão, traz, na sua mente, uma fórmula conciliadora.

- Todos me conhecem. Não sou homem de atritos. Se, há alguns anos atrás, nos tempos da ditadura, fui detido, para averiguações, por delação de alguém, até – quem sabe? – considerado meu amigo, porque, graças a Deus, não tenho inimigos, daquela detenção librei-me, após pequenos interrogatórios, a qualquer hora do dia ou da noite. O que me empolga, de fato, é a convicção da mensagem, que tenho, para transmitir. E, para tanto, não quero que alguém sofra a mais leve desilusão. Gozo do privilégio de ter sido convidado por quase todos os partidos de maior expressão na política nacional, para ingressar nas suas fileiras, não me tendo filiado a qualquer um, por nenhuma dessas agremiações se coadunar com as minhas aspirações.

- Ó Silva, não estaremos a perder tempo? Se nenhum partido satisfaz o teu anseio!...

- Deus é o Criador e o Homem, o Construtor. Em assim sendo, peço-vos que me ajudeis a colocar a pedra angular na Catedral da Civilização. Não me pergunteis como a levarei até o cimo, mas,

enquanto penso, preparai o adro, para, depois, crianças, adultos e velhos passearem pelos jardins, deleitando-se com o perfume das flores e o sorriso das donzelas. O mundo deverá ser como nós o queremos. Se Deus coloca todas as coisas à nossa disposição, porque não nos servirmos, apenas, das boas, desprezando as más? Não quero alongar-me em dissertações, pois a minha intenção é mostrar-vos, somente, as opções disponíveis. A vida é uma longa jornada. Na primavera, um homem inexperiente iniciou uma viagem, mas, como ia só e o caminho era pedregoso, pouco andou. Outros, seguindo a mesma trilha, foram mais longe, sem, contudo, alcançar o horizonte almejado. Um outro, valendo-se daquelas experiências, resolveu seguir o mesmo percurso; todavia, para evitar o fracasso dos anteriores e não se vencer pelo tédio, preveniu-se com sandálias, roupas e agasalhos, convidando a namorada a acompanhá-lo, entretanto, receoso da sua desistência, acariciou-a e falou-lhe de amor. Até o meio do caminho, tiveram os cuidados com a prole, mas, depois, a sua ajuda e, ao terminar, o descanso e a felicidade. Reuniram, então, os filhos, dizendo-lhes: - *“A nossa vitória só foi alcançada, porque, no princípio, seguimos os passos dos primeiros contendores e, depois, tivemos a vossa ajuda, conseguindo, desta forma, o nosso objetivo, recordando, agora, a distância percorrida. É o que também vos aconselhamos a fazer, indo além.”* – Assim é a civilização: o trilhar das ideologias contendoras, em busca de conciliações e de resultados. Eu estou aqui tão somente para coordenar essas ideologias e escrever a doutrina da Fraternidade Universal. Se os capitalistas conclamam liberdade, para a expansão dos seus empreendimentos, aí a têm, isenta de qualquer ônus. Se os socialistas pugnam por remunerações justas e assistência social condigna, eis que tudo lhes será dado. Se os conservadores desejam que nada se modifique, que se desesperem, porque tudo será modificado, não restando lugar para ociosos.

- E como alcançar-se o milagre de dar aos capitalistas toda a estrutura, para os seus empreendimentos, sem o ônus social? Donde virá o custo da satisfação proletarial, sem se tributar os empresários?

- A laboração é dividida em duas grandes partes: patrões e trabalhadores. Perguntando-nos se os abastados, a cuja categoria pertencem os patrões, têm razão, quando reclamam da tributação dilapidadora dos seus patrimônios, devemos responder que sim, porque tais patrimônios, acumulados ao longo dos anos, são fruto da tenacidade dos seus ascendentes, combinada com uma economia instintiva, que os levou à prosperidade, transferível aos descendentes, capitalistas de hoje. É justo, então, dilapidar os patrimônios familiares, para se contemplar a massa sem lastro econômico, só porque os seus antepassados não adotaram idêntico procedimento, amealhando para o futuro?

- É claro que não!... Mesmo que se argumente que só prospera quem tem sorte, não é motivo para tal procedimento, pois, para a alcançar, é preciso procurá-la em todos os labirintos.

- Por outro lado, conclui-se que as reivindicações dos trabalhadores são mais do que justas, quando pugnam por salários melhores e protestam contra a miséria, que os ronda nas esquinas da vida.

- Quem constrói os grandes conglomerados citadinos e fabrica um número imenso de objetos e de produtos, que tornam a vida dos mais aquinhoados em verdadeiro paraíso?

- Os trabalhadores reclamam muito pouco. Eles querem ter somente a certeza de poderem continuar com o mesmo padrão de vida, para comprovarem que o futuro é o presente, manipulado pelo trabalho.

- E, se ocuparmos, por instantes, o trono da Justiça, concluiremos, magistralmente, que as duas partes estão certas. O grande erro está na área governamental, que conduz os destinos da pátria, sob o estigma do comportamentismo.

- A economia nacional é uma carruagem puxada por dois cavalos – patrimônio e trabalho – e conduzida por um cocheiro, chamado governo, que, ao menor alarido, chicoteia um ou outro, sem discernir a origem dos acontecimentos.

- Então, para se seguir viagem, sem iniquidades, é preciso substituir o cocheiro por outro, mais competente.

- Como os trabalhadores, também os empresários temem a miséria, que vai ao seu encontro sob a máscara da insolvência. E, quando se apossa do ambiente, provoca estragos de tal natureza, que, em algumas vezes, até os seus familiares sucumbem.

- A miséria é irmã da desgraça e estas feiticeiras ninguém excluem da sua aviltção. Ai de quem ingressar no seu convívio, do qual não sairá, sem profundas sequelas!

- Pelas explanações feitas, vemos que, tanto os empregados, como os patrões são vulneráveis à miséria. Aos primeiros, basta um desemprego mais prolongado e a queda na sarjeta será inevitável, passando de trabalhadores a mendigos, o que, deveras, é constrangedor. A situação dos patrões também não é diferente. Uma crise nos negócios ou uma administração ineficiente e tudo vai por água abaixo.

- Para se tranquilizar os militantes do progresso, substituam-se as atuais correntes políticas por um sistema universal de administração pública. Com isto, os trabalhadores cuidarão do seu aperfeiçoamento profissional, tornando a jornada menos árdua e mais profícua; e os patrões, isentos dos encargos sociais, terão mais disposição para os empreendimentos, alcançando-se, assim, um progresso maior e uma convivência pacífica.

- Sabemos que um governo de tendência capitalista conduz ao fortalecimento das empresas e ao empobrecimento do povo. Isto é um fato histórico, só defensável pelos demagogos, insistentes enganadores dos incautos.

- Também as correntes socialistas têm resultado negativo, porque, induzindo os trabalhadores às reivindicações, enfraquecem a economia, advindo, daí, os baixos salários e o desemprego.

- Ninguém, por mais compreensível que seja, concorda em distribuir o lucro por quem não empreendeu. Pode, até, reparti-lo, por um gesto de caridade, mas nunca para cumprir um preceito.

- O abastado possui muitos bens, porque descende de quem sempre economizou; o pobre é carente, porque vem de ascendência que nunca amealhou, esperando alcançar tudo pela sorte, como num conto de fadas.

- Em sã consciência, não há o direito de tributar um, para beneficiar outro. Este é o meu pensamento.
- Nessas circunstâncias, nada mais somos do que simples filhos de Adão e Eva!
- E salve-se quem puder!...
- Assim seria, se não houvesse a pátria, para nos amparar.
- Amparos pátrios?... Os amparos pátrios, que eu conheço, são as mutilações de guerra!
- E são os mais brandos, porque alguns nunca voltaram, para consolar os pais, as esposas, as noivas ou, até, um irmão ou um amigo!
- Quem não gostaria de abraçar o que foi e não voltou? Quem não perdeu um conhecido em tais circunstâncias? Que agasalhos, heim!...
- Ideologias, que não seduzem mais! O tempo já nos imunizou contra tudo isso!
- Propões uma nova ideologia, que suprima as lacunas das atuais, mas esqueceste-te de que, a cada nova doutrina, corresponde um novo conflito, com novas mutilações.
- E, depois, as grandes condecorações, para tudo se esvaír no tempo!
- Repita-se, mais uma vez: o Capitalismo visa o enriquecimento da burguesia, pelo lucro e por outros privilégios, com o conseqüente empobrecimento do proletariado. O Socialismo, a extinção dos altos padrões sociais e a igualdade dos cidadãos, em todas as circunstâncias, o que é impossível, porque os homens, eficientemente, são diferentes: uns são empreendedores; outros, acomodados e, até, ociosos e vagabundos.
- E não é justo que, quem empreende, seja obrigado a viver na mesma posição social.
- Ninguém prospera, sem se dedicar a uma atividade e economizar! Logo, a dilapidação dos patrimônios, em prol dos menos aquinhoados, é um ato de profunda injustiça. Ou não é a prosperidade a recompensa de quem tanto se esforçou e tanto economizou?
- Mas sempre foi desse jeito. De crise em crise, caminha a

Humanidade, procurando solucionar os problemas, de acordo com os regimes vigentes, escrevendo-se, assim, as páginas da História.

- E o mais lamentável é que, no decurso de todos esses milênios, não tenha passado, por aqui, alguém, que iluminasse os homens, para um sistema mais justo.

- Ainda bem que começais a compreender-me!

- Porventura, és tu o pensador capaz de nos transmitir as normas de um sistema mais justo, que nos conduza à Paz Social?

- Eu estou aqui, para conversar convosco e colocar a pedra angular na catedral da civilização, de cuja construção participaram todos os pensadores anteriores a mim. Não quero desmerecer algum, porque, na verdade, só se termina o que outros iniciaram, com muito sacrifício. Abramos, agora, a porta da catedral, seguindo até o arco do cruzeiro, para contemplar a pedra, que sustentará a abside, à qual chamaremos de *SUDE*. Foram muitos os construtores, dos quais alguns sacrificados pelos ímpios, mas o certo é que o desígnio de Deus será cumprido.

- Por que o nome de *SUDE*?

- Porque é o desígnio maior.

- Explica-nos a origem dessa palavra.

- Sim!... Mais do que pedis. Vou inseri-la no dicionário, para todos a entenderem: *SUDE*, sigla de socialismo universal democrático; *Sudismo*, acervo das normas do *SUDE*; *sudista*, adepto do *SUDE*.

- Por que socialismo, se já há quem apregoe a sua extinção?

- Não vos esqueçais de que os fracos não resistem ao roubo da ambição, fazendo tudo, para se nutrir, em detrimento dos infelizes. Socialismo é o bem de todos, até dos abastados e dos poderosos, como vos demonstrarei adiante.

- E universal?

- Porque, ao contrário do socialismo elementar, contempla a todos, sem distinção de classes ou prejuízo em qualquer área.

- E o porquê de democrático?

- Porque todas as suas normas terão de ser apreciadas, discutidas e aprovadas pelo povo, por manifestações e plebiscitos, não

podendo beneficiar uns, em detrimento de outros.

- Acredito no teu senso, pois sempre me deste provas de justo. Só não entendo como funcionaria um sistema de tamanha envergadura.

- As nossas mentes ainda não despertaram para tão alto desígnio.

- Não abrangemos a viabilidade do *SUDE*.

- Para a sua viabilidade, impõem-se profundas alterações no sistema governamental, sem as quais a Humanidade continuará a sua trajetória de sofrimento.

- E o alcance dessas profundas alterações não implica em revolução?

- Sim!... Tão profunda, que conduzirá a Humanidade à Justiça Universal!

- Por que justiça universal?

- Na justiça universal, não haverá prerrogativas para quem quer que seja, nem prescrição para julgamento, mesmo que o criminoso já tenha falecido, porque o dano material, moral ou pessoal terá de ser repostado, quando reclamado, só perecendo com a satisfação ou o desinteresse do reclamante.

- Isso, de fato, seria o ideal. Quantas prescrições pairam por aí, com as vítimas clamando aos céus!...

- Para as bandas do levante, havia um homem muito próspero, que, antes de partir para o Além, chamou o seu administrador, ordenando-lhe que dividisse as suas terras em duas partes e desse uma aos filhos do primeiro casamento e a outra, aos do segundo, nada lhes exigindo de reserva. Todas as terras eram férteis e abundantes em fauna e em flora, o que muito contentou os beneficiados. Então, os filhos do primeiro casamento, inexperientes, entregaram tudo a novos administradores, substituindo-os, de quando em quando, sempre que os resultados não correspondiam aos empreendimentos. Já os filhos do segundo matrimônio, ao saber da contemplação, regozijaram-se e, reconhecendo a sua incompetência, decidiram eles mesmo administrar a herança, dividindo-a em

setores, dos quais cada um se incumbiu. E, como não sabiam se o seu procedimento estava certo, reuniam-se todas as semanas, para trocar ideias entre si e ouvir os comentários e as sugestões de uns e de outros. Passaram-se as gerações e a primeira quinta caiu em mãos de estranhos, mas a segunda permaneceu com os sucessores, os quais construíram uma galeria, onde expunham, com orgulho, os retratos dos ancestrais, que, a pesar de nada saberem, tão bons administradores foram, e as paisagens das fases por que passou a herança, atestando a sua competência. Assim são os países. Quando os cidadãos não se preocupam em entender os problemas nacionais, elegem indivíduos para tais funções, que nem sempre correspondem ao que lhes é confiado, advindo daí as crises econômicas e sociais. O *SUDE* é, pois, o procedimento dos filhos do segundo casamento, dividindo-se as tarefas, para o bom desempenho.

- Mesmo com o avanço da tecnologia, não temos meios de nos reunir todos, ao mesmo tempo.

- Nem o nosso país possui terras tão férteis e fauna e flora tão abundantes.

- Nem gente, que nada saiba, se revele grande administradora – direis, por certo -, mas eu afirmo-vos que o solo nacional é mais fecundo do que o da fazenda doada aos filhos do segundo casamento. Contemplai os campos do Minho ao Algarve e vereis que, às primeiras chuvas do outono, cobrem-se de um verde tão mimoso, que mais parecem retalhos do tapete da felicidade! E, ao raiar do sol primaveril, todas as árvores enchem-se de flores, transformando-os em jardins. E que abundância, quando, ao calor do estio, estas flores convertem-se em frutos, atulhando todos os lares! E quem contempla este esplendor, sem deixar que nada se perca? Por certo, não é a nossa gente, que, sem saber, tão boa administradora se revela? Com a fé do povo, a nossa terra é mais do que rica! É sublime!... Possui montanhas, que, em uníssono, elevam ao céu a nossa gratidão, recebendo, em troca, a benção de Deus, pelo sereno das árvores, que as toldam, pelo canto das aves, que as sobrevoam, e pelo murmúrio dos riachos, que, descendo as

suas vertentes, trazem-nos a essência da vida!

- Disserta mais a respeito do *SUDE*, para nos tornarmos seus adeptos, esquecendo as ideologias elementares.

- Como tenho afirmado, o *SUDE* é a mensagem da qual sou portador, que dará à Humanidade a paz universal, no novo milênio. Disto, não tenhais dúvida, pois eu estou, aqui, para transmiti-la, em todas as minúcias.

- Gostaríamos de saber quais as alterações mais profundas.

- A mais profunda de todas é o fim da miséria, inadmissível que será.

- Isso já foi exposto por grandes pensadores, mas, no decurso dos milênios, conclui-se pela inviabilidade das suas doutrinas, em virtude de não poderem ser todos abastados nem todos remediados, ao mesmo tempo, dependendo as remunerações justas do senso patronal.

- Sei que é difícil aceitardes a extinção de um mal, que sempre afligiu a Humanidade, quando transmitida por mim, que cresci convosco e, por aqui, passo os meus últimos dias. Para facilitar a vossa compreensão, melhor seria eu vir de longe, como um gênio, trazendo a boa-nova, mas não é assim. Eu estou aqui, como vosso conterrâneo, para os vindouros poderem dizer que, depois de nós, tudo ficou melhor.

- Ó Silva, falas com tanta convicção, que me comoves!... Eu sei que tu não és um charlatão! Meu Deus!... Conhecemo-nos desde a infância!... Tu eras aquele menino esperto!... E eu um rebelde, que só gostava de traquinices. O tempo separou-nos e cada um seguiu o seu destino. Agora, quando a neve cai sobre a serra, encontramos-nos e, para mim, mais do que para qualquer outro, que bom é acreditar em ti!

- Que interesse teria eu em vos dizer que, depois de mim, não haverá mais miséria, se, como lembraste, a neve já cai sobre a serra e, realizado, que estou, a nada mais aspiro, a não ser à simples transmissão de uma mensagem, cujo efeito fica nas vossas mãos.

- Meu Deus!... Quem se oporia a uma lei, que extinguisse a miséria?

- A miséria, como tudo, só existe, para satisfazer os seus adeptos, pois é o único meio de que o poder comportamental dispõe, para subjugar a classe serviçal. Se não existisse a miséria, como os abastados conseguiriam manter a sua luxúria? A mulher jovem e bonita entregar-se-ia, gratuitamente, à prostituição? Acreditais nisto? Nenhuma donzela sonha em ser prostituta. Esta vil qualificação é-lhe conferida por uma sociedade mesquinha e insensível ao sofrimento alheio.

- Concordo com as tuas palavras. É só repararmos como as classes dominantes dificultam o mercado de trabalho.

- E os que mais sofrem são os jovens, que, por falta de oportunidade, enveredam pelo caminho da degradação.

- Analisemos, também, a poderosa máquina publicitária, em tempos eleitorais. Quantos investimentos, para se conduzir ao poder os candidatos comprometidos com o mundo econômico!

- Eis uma pequena demonstração dos desafios, que nos esperam.

- Não acrediteis em quem quer que seja, porque a História mostra-nos que, em todas as épocas, quem deveria defender os humildes, sempre se omitiu.

- Pelo exposto, o problema é mais complexo do que se possa imaginar.

- É preciso muita convicção, para se conseguir adeptos do *SUDE*, porque, de um modo geral, as pessoas declinam-se para o comodismo e o argumento de que “*sempre foi assim*” é já meio caminho andado para a vitória dos comprometidos com o sistema secular. Todavia, não desanimeis logo no início, porque, enquanto a política assemelha-se a uma leviana, que a nenhum amor se prende, a civilização todas as ideias acolhe, para se perpetuar através dos milênios.

- Luta árdua, que nos espera, se quisermos seguir o *SUDE*.

- Por certo, o nosso ideólogo orientar-nos-á, no decorrer dos trabalhos, facilitando tudo.

- Lembrai-vos de que o poder comportamental, semelhante ao vampiro, exaure as presas, para se nutrir, mas, como toda a vítima

também é filha de Deus, a sua defesa vem de forma irrefutável. Para vos alertar, passo a comentar os sistemas governamentais vigentes, de forma sucinta. Fala-se muito em democracia, mas nenhum governo contemporâneo é, efetivamente, democrático.

- Não?!... Com pequenas exceções, os governos atuais são eleitos por sufrágio universal, o que os caracteriza como democráticos!

- Caracteriza, mas, na verdade, são desconceituados.

- Desconceituados?!...

- Sim!... Porque, na governação, quem não observa o prometido, não é probo; e, até hoje, não me consta que algum dirigente tenha cumprido todas as suas promessas, especialmente, as prementes.

- Mas sempre foi assim.

- Isso é que é o grande mal. Um governo, que se desvia do programa prometido em campanha eleitoral, não pode continuar.

- E quem o destituirá, se os que o podem fazer, comungam das suas decisões? Vamos promover uma revolução a cada mentira pública? Quantos políticos existem no país e quantas mentiras profere cada um, durante o seu mandato?

- Puro engano da vossa parte. A civilização não se constrói com agitações e, sim, com ideologias e leis, que permitam afastar os falsários dos programas sufragados, como veremos mais à frente.

- Ó Silva, essas mentiras, ou melhor, falsas promessas, são programadas, para superação dos adversários. Todas as correntes políticas valem-se desse ardil.

- Podem valer-se, mas o povo, o verdadeiro dono do poder, deverá ser muito analítico, na escolha dos seus representantes, para ter a convicção da futura corrente governamental, porque, a rigor, existem, apenas, duas formas de governo, a saber: ditaduras absolutas, nas quais o poder é exercido por um cidadão ou por uma minoria, empossados por ato próprio, sem sufrágio universal, que ditam as leis, de acordo com o seu discernimento. Via de regra, este tipo de governo segue a linha do fanatismo, com a exaltação dos

valores nacionais, inculcando, na mente dos cidadãos, a sua superioridade, em relação aos demais povos, e melhor qualidade dos produtos nacionais, conduzindo o país ao isolamento internacional. E as ditaduras comportamentais, onde o poder, alcançado por propaganda enganadora, é exercido por uma minoria, eleita por sufrágio universal, que nunca governa conforme o prometido, para não prejudicar os interesses da facção e dos patrocinadores das campanhas eleitorais, muito onerosas. Nas ditaduras absolutas, qualquer reação ao procedimento governamental implica em grandes sanções, que podem ir até a pena capital. Já nas ditaduras comportamentais, os comentários ao governo são livres, porém, as leis negociadas entre as facções e aprovadas por voto secreto, para os eleitores nunca saberem quem os traiu. Qualquer cidadão pode conformar-se com a frustração dos seus interesses, mas tem o direito de saber quem o iludiu, para a sua orientação, em futuros pleitos. As ditaduras comportamentais não são ferinas, mas contrariam as aspirações de quem não integra a facção dominante; e, assim, classificamo-las em ditaduras comportamentais capitalistas, onde o proletariado tem liberdade de expressão, mas as decisões são conduzidas à conveniência da burguesia, advindo daí o empobrecimento da maioria e o enriquecimento da minoria; ditaduras comportamentais socialistas, nas quais os empreendimentos são onerados com os custos assistenciais, enfraquecendo o lucro empresarial, sem serem eficientes. Em todas estas formas de governo, como se observa do panorama geral, prolifera a exploração da mulher, o abandono dos menores e a injustiça perante os velhos, aos quais não se concede a aposentação, de conformidade com os serviços prestados à nação.

- Mesmo nas ditaduras comportamentais socialistas?
- As ditaduras comportamentais socialistas não passam de uma falácia.
- O *Sudismo* seria, então, um outro sistema econômico-político-social?
- Não!... Seria, apenas, um sistema econômico-social.
- E a política?
- A política é obra dos comportamentistas e fica consigo.

- Essa expressão confunde as nossas mentes.
- Mas tudo será esclarecido, para assimilardes bem o meu pensamento. No *Sudismo*, a política cederá o lugar à *ideorgalogia* e ao *jurisdicionalismo*.
- Teremos, então, em vez de políticos, *ideorgálogos*?
- Isso mesmo!
- *Ideorgálogos*?... Nunca ouvi falar nisso!...
- Onde virão e o que farão?
- Virão do povo, para cumprir as suas determinações. Não serão donos da coisa pública, nem falarão mais alto do que qualquer pessoa. Serão dóceis e não maltratarão o seu semelhante.
- Bom!... Pelo que dizes, apresentam uma grande vantagem, em relação aos políticos, dos quais tudo se pode esperar, menos uma administração eficiente.
- Eu sei que sou impertinente, mas de uma coisa não abduco. Quero saber como apareceu essa palavra e o que significa.
- E viras-te para mim?... Isso é com o Silva!... Ele é que tem paciência para te aturar!...
- Ó Silva, antes de qualquer outro assunto, dá logo uma explicação sobre essa palavra, dirimindo todas as dúvidas.
- Na verdade, pelas minhas longas andanças na vida, não sei se a ouvi de algum pensador, ou se me surgiu, na mente, como instrumento ideológico.
- Isso é natural! Um ideólogo, como tu, pode criar o que quiser, porque tudo será bem-vindo.
- Como se depreende, é constituída da aglutinação de três vocábulos: ideia, organização e logus, no sentido de tratado. Portanto, entender-se-ão como *ideorgálogos* os incumbidos de adaptar a administração pública ao *Sudismo*, para se atender as carências do povo, nos mais diversos setores da vida nacional, não importando se são conselheiros ou, simplesmente, técnicos ou adeptos.
- Ao contrário dos políticos, que só se preocupam em amenizar os choques antagônicos, terão de coordenar a administração à estatística, para solucionarem as carências observadas, em benefício da área social. É isto mesmo?

- O que acabas de expor e de perguntar. Entendeste bem.
- Isso é muito importante!
- Mas, quanto a mim, não!... Para não sermos criticados pelos comportamentistas e pelos conjeturistas, que têm tempo para tudo, menos para conduzirem a sociedade ao bom termo, eu só me satisfaço com a criação dos verbetes do dicionário, para esses dois neologismos.
 - Assim o farei, pois nunca me furtei aos esclarecimentos necessários, para a divulgação da mensagem do novo milênio. Ei-los, então: *Ideorgalogia – estudo e organização das ideias, viabilizando o competente dispositivo legal; Ideorgólogo – o que adapta a lei e a organização às ideias, para o progresso da Humanidade.*
 - Satisfeito, concordo, pois, com o prosseguimento da conversa.
 - E qual seria, então, o programa?
 - O *programa sudista* será exposto no decorrer das nossas conversas, para não se dar a estas reuniões cunho didático ou promocional. Reunimo-nos, aqui, porque somos, apenas, amigos.
 - Queremos cientificar-nos do teu pensamento, por acharmo-lo o mais perfeito, até hoje transmitido à Humanidade.
 - O *sudista*, ao contrário do político, não aspira ao predomínio parlamentar, e, sim, ao alcance de uma posição, que lhe permita conduzir o complexo nacional à extinção da miséria, com a criação do salário de subsistência, para todos os cidadãos.
 - Ó Silva, por favor... Espera um pouco... Vamos debater esse propalável salário de subsistência. Tens noção de quanto custará ao país e donde virá a receita?
 - Caro Ferreira, os meus cabelos grisalhos, as terras por onde andei e os abraços dos amigos, quando, casualmente, nos encontramos, são o testemunho de que, na vida, nada fiz inconscientemente. E, mais do que nunca, me convenço de estar a chegar a hora de divulgar a mensagem de que sou portador. Estranhas as minhas palavras, por serem proferidas por um homem, como eu, que nunca frequentou o poder. Todavia, digo-te: o grande construtor não é o que executa a obra, mas o que a arquiteta e nunca por lá

passa.

- Desculpa-nos... A nossa incógnita funda-se em outras ideologias, que ofereciam coisas análogas, mas nunca realizaram o que prometes, agora, com tanta convicção.

- Não realizaram, porque os seus condutores, alheando-se do povo, não alcançaram de Deus a inspiração suficiente, para a sua efetuação. Não se ama o semelhante, impondo-se-lhe sacrifício. Quem procede assim, pode estar mais distante de Deus do que o maior ateu. Para se estar em comunhão com Deus, é preciso ajudar o próximo, com leis específicas, que, meritoriamente, o tragam ao nosso convívio. Mais útil do que orar, é obrar. Eu não tenho antecessores, porque, antes de mim, ninguém vos deu o pão eterno.

- Silva, as nossas mentes estão confusas. Não conseguimos alcançar o patamar onde te encontras, principalmente, quando falas em três coisas: Os abastados nada têm de pagar, para o sustento dos carentes; os trabalhadores têm direito a remuneração condigna, com isenção patronal; e todos deverão receber o salário de subsistência.

- Tenho a impressão de que, se chamássemos, aqui, os maiores doutos em Economia, também eles não entenderiam as tuas palavras.

- Desde quando os economistas resolveram os problemas da horta? Não precisais de responder, porque eu explico: para se obter resultado, é preciso trabalhar e plagiar o Criador, que sabe muito mais do que todos os sábios reunidos. Vede os campos e as bouças, onde vivem árvores, plantas e animais, sem nada lhes faltar, porque tudo está ordenado. Como quereis, então, ter uma sociedade feliz, se, conhecendo as carências do povo, nada fazeis, para solucioná-las, com leis dignas e justas? O sustento deve preceder a tarefa, para a jornada ser produtiva.

- Se pagarmos a um trabalhador antes da jornada, não teremos a certeza de que a cumprirá.

- Eu não vos disse que pagásseis. Disse, apenas, que todos têm direito ao salário de subsistência e às demais compensações, pelo seu trabalho e pela sua dedicação.

- E o que paga, não é o que manda trabalhar?
- Não!... O que manda, testemunha, apenas, que fulano, beltrano e sicrano trabalharam, merecendo, portanto, a compensação correspondente; mas, quem paga, é a pátria, mãe de todos.
 - A pátria? Como? De que jeito?!...
 - Não vos abismeis. No início das nossas conversas, eu disse-vos que as classes detentoras do poder têm cometido grandes entraves ao desenvolvimento da Humanidade, não permitindo que os ideólogos externem os seus pensamentos, até chegarem ao conhecimento de todos, para serem discutidos, analisados e desenvolvidos, pois, ao contrário do que alguns afirmam, Deus só fala aos homens através dos sábios, dos inventores e dos escritores éticos, aos quais inspira novos sistemas. Não há classe alguma detentora do privilégio do relacionamento com Deus nem povo por Si escolhido. Todos somos iguais, sem qualquer distinção, e os que pregam o contrário, são meros hipócritas. Assim, antes de combater um indivíduo, por ter ideias diferentes das nossas, há de se ter o cuidado de aceitar e de analisar o que nos transmite, pois, ali, de forma confusa e imperceptível, poderá estar uma mensagem divina. Por acaso, o ouro, ao ser extraído da rocha ou da aluvião, traz alguma legenda, alertando-nos tratar-se da supremacia mineral?
 - Mas... O patrão não tem de pagar ao empregado?
 - Ambos, patrão e empregado, terão uma *pátria sudista*, mãe universal. E fraca é a mãe, que não dá o sustento a todos os filhos, embora saiba que alguns, abastados, poderiam, até, ajudar os menos aquinhoados. Mas é assim mesmo: subsiste a todos, porque a todos ama.
 - Isso é inédito na História da Humanidade. Desde que o mundo é mundo, sempre se pagou ao que trabalha. Quem paga, é o patrão; e, quem recebe, o operário. Concordais comigo?
 - Concordamos, mas queremos cientificar-nos do pensamento do Silva que, por certo, terá outra persuasão.
 - O mundo está em profunda transformação. Não importa se concordais ou não.
 - Mas sempre esteve. É ao que se chama evolução.

- O Souza disse bem. Quem paga, é o patrão; e, quem recebe, o operário. Só que, na atualidade, o operário é de ferro.

- De ferro?

- Sim!... De ferro e de outros materiais. Ou ainda não vos compenetrastes de que, nos complexos empresariais dos nossos dias, são as máquinas que produzem e os computadores que administram?

- Isso é verdade, Souza!

- Está bem!... Mas... de ferro ou de outros materiais, as máquinas não precisam de salário, a não ser de uma pequena verba, para manutenção.

- Melhor para os empresários, que pouco gastam em mão de obra e em encargos sociais.

- Em compensação, os produtos deveriam ser mais baratos, mas não são!...

- Não são, porque, seja no setor que for, atingiram um grau de aperfeiçoamento elevado, o que também onera o custo da sua produção. Até aí, acho que a coisa está contrabalançada.

- Às vezes, penso: Como o ser humano é bitolado!... Não vos quero ofender! Por amor de Deus, não me leveis a mal!...

- É claro que não. Prossegue com a tua explanação.

- Muito bem... Vejo que há algum progresso nas nossas conversas. Conclui-se que a máquina não exige salário nem adocece. Enfim, as coisas melhoraram para os empresários. Agora, eu pergunto: Onde estão os operários? O que fazem? E o que comem?

- Têm de partir para outra atividade.

- Qual a atividade, que vai absorver esta legião de desempregados? Já vos conscientizastes de que a maior parte do trabalho, agora, é da máquina e não do homem?

- Isso é um desafio difícil de enfrentar.

- Será difícil, se continuar por conta dos políticos, e fácil, se aceitarmos a atuação dos pensadores, que tudo solucionam com o poder das ideias.

- Não havendo trabalho, pouco valem as ideias.

- É preciso que se arroste contra os dominadores da admi-

nistração pública, para as deliberações econômicas e sociais tomarem outro rumo. Não podemos admitir que o mundo seja administrado como o era há cerca de cinquenta anos atrás, porque as coisas mudaram.

- É, por isso, que se impõe o *Sudismo*, como sistema *ide-organalógico*?

- Justamente, ou pensais que é fácil encontrar outra solução mais adequada? Como julgais ser possível governar o mundo de amanhã?

- A coisa é muito complexa e não é qualquer um que tem competência, para resolver os problemas sociais, que nos desafiam.

- Desafiaram!... Para este nosso debate, dividimos a economia em duas partes: Produtora, onde laboram patrões e empregados; e consumidora, relacionada entre fornecedores e clientes. Não tendo os empregados trabalho, como vão os patrões vender os produtos? Indiretamente, a máquina também os afeta, porque furta-lhes a clientela, que deixa de comprar, por insuficiência aquisitiva. Ou não são os empregados de uns os clientes de outros?

- Nos sistemas comportamentais, todos trabalham com o objetivo de enriquecer uma minoria, pois, aos trabalhadores, é concedida, apenas, remuneração mínima, pela sua colaboração.

- São os salários, de acordo com o mercado.

- O mercado é dirigido pelas classes, economicamente, poderosas. Os trabalhadores, coitados, reclamam melhores remunerações, mas pouco conseguem, porque são, desde logo, desarticulados pela máquina publicitária, ativada pelas entidades patronais. E, cada centavo conquistado pelos trabalhadores, corresponde a um escudo de aumento, no preço dos produtos. Embora pareça-nos absurdo, algumas greves reivindicadoras são fomentadas pelos órgãos patronais, com o intuito de se aumentar a margem de lucro.

- Em síntese, pelo que se vê, só tem direito ao enriquecimento o patrão.

- Sempre foi assim. O empregado recebe o salário, que dá para viver, e nada mais.

- O mundo poderia estar melhor, se os poderosos não sufocassem os anseios do povo, porque, em termos econômicos, o dinheiro observa a trajetória do bumerangue, voltando, sempre, ao cofre do patrão, enriquecido com o lucro. Com melhores salários, mais movimento comercial e, conseqüentemente, maior prosperidade.

- Porém, com o salário de subsistência, não me parece que as coisas melhorem, prevalecendo a velha rotina; ganhar e gastar.

- E a inflação dominará o mercado, porque, com mais vantagens para as classes menos aquinhoadas, os comerciantes, aproveitando a oportunidade, elevarão os preços dos produtos.

- Disse-vos que o *Sudismo* vê a economia por dois setores: a atividade produtora, envolvendo patrões e empregados; e a consumidora, fornecedores e clientes.

- E essa definição beneficia o proletariado?

- Nenhum resultado analítico se alcança, sem se decompor os seus elementos. Em assim se procedendo, constataremos que há interesses inversamente intrínsecos: a diminuição dos salários acarreta, sempre, a retração do consumo, por serem os empregados de uns os clientes de outros.

- E, dentro do *conceito sudista*, como conciliar-se o desejo, economicamente, comum?

- Decomposta a atividade econômica nos quatro elementos primordiais, nada mais nos resta senão administrá-los, paralelamente.

- E a carruagem econômica prosseguirá viagem, com as rodas livres?

- Neste caso, sim. Bem reguladas, suportarão o monobloco, levando-o ao destino.

- Esperamos, então, que nos apresentes um demonstrativo.

- A carruagem econômica apoia-se em dois eixos: o da frente, a produção; e o de trás, o consumo. O da frente desliza sobre as rodas patrão e empregado; e o de trás, sobre fornecedor e comprador. O que temos é de fazer com que as rodas operem soltas, independentes dos eixos subordinantes, com movimentos livres, mas

coordenados.

- O que quer dizer que os empregados não terão mais vínculo com os patrões.

- Em termos.

- Em termos, como?

- O vínculo tem de existir, mas de efeito e não de dependência.

- De que jeito?

- A economia precisa dos dois, para chegar ao resultado – a produção -, mas sem vínculo de dependência, isto é, o empresário investe nas suas atividades; e o empregado cumpre a sua jornada, sem qualquer ônus para o patrão, porque, no *Sudismo*, os salários e os encargos sociais serão da competência da pátria.

- Essa parte, desejaríamos que a expusesse em todas as minúcias, para a nossa melhor assimilação.

- Eu estou, aqui, como ideólogo, e, como tal, não vou deixar a minha teoria incompleta. Como vos prometi, chegaremos lá.

- Pelo *Sudismo*, as pessoas, economicamente, serão classificadas em quatro categorias: empresários e trabalhadores, fornecedores e clientes. Não vejo, aqui, o setor público nem o autônomo.

- O *Sudismo*, ao contrário do socialismo elementar, não opta pelo empreendimento público. Todas as atividades, com exceção da assistência social, da instrução e da segurança, em toda a sua plenitude, serão, sempre, da competência privada, embora fomentadas pelo poder específico.

- E como ficarão as atividades públicas e os seus funcionários?

- As empresas nacionais, convertidas em sociedades anônimas, terão as ações colocadas nas Bolsas de Valores. Quanto aos funcionários públicos, continuarão nas suas atividades, sem qualquer prejuízo, pois só poderão ser demitidos por falta grave, destacando-se a desídia, o suborno e o peculato, percebendo, como os demais, pelo órgão competente, comum a todos.

- E os autônomos?

- Esses merecem uma atenção especial. Nessa categoria, laboram pessoas com a mais elevada colaboração à sociedade, como médicos, advogados, engenheiros, artistas e outros, entre os quais, vendedores ambulantes e prestadores de serviços, provenientes de crises econômicas ou físicas. Via de regra, os ambulantes surgem de desempregados ou de deficientes físicos, rejeitados pelo mercado de trabalho; mas é, nela, que também operam indesejáveis, de cujo resultado pernicioso falaremos oportunamente. Todavia, ressalte-se que não há, no *Sudismo*, ideia extinguidora dessa atividade, como não poderia deixar de ser, pois, para se ter a certeza do que afirmo, basta ver-se a etimologia da palavra e logo se concluirá que, ao contrário de extinção, discussões e regulamentações. Em princípio, o autônomo, como cidadão, receberá da pátria o salário de subsistência, para o seu sustento. O progresso individual virá na proporção do desempenho da sua atividade. Entretanto, cumpre-me lembrar que, em hipótese alguma, essa categoria poderá omitir-se da obrigação tributária, para o que se deverá criar o mecanismo adequado.

- O que, diga-se, é quase impossível, porque essas pessoas, seja qual for a sua condição, são rebeldes à tributação.

- Todos nós tendemos à rebeldia, ainda mais no sistema comportamental, onde só se prestigia quem enriquece, sem se averiguar como alcançou tal situação.

- Insinuas, então, que a administração pública é corrupta?

- Não vou ser tão radical, a ponto de afirmá-lo, mas de uma pátria alheia ao valor dos seus filhos, o que se pode esperar? Que os mais astutos se imolem?

- Eu entendo que, acima de tudo, está o dever de cada um.

- Chegaste ao ponto que eu desejava: acima de tudo, o dever de cada um. Nunca me decepcionaste, ó Saramago! Sempre vi, em ti, aquele rapaz astuto e inteligente e, depois, o chefe de família consciente. É de pessoas, como tu, que eu preciso, para levantar a *auriflama sudista*. Repara bem: acima de tudo, o dever de cada um. E onde está o dever da pátria comportamental, perante os seus filhos? O jovem, que, depois de cumprir a mais patriótica das mis-

sões, volta, mutilado, para o seu torrão natal e, lá, abandonado, só encontra o carinho dos familiares, o conforto dos amigos e nada mais! O operário, que, no auge das suas forças, sonhou construir um mundo melhor para todos e, agora, vencido pela fatalidade ou pela velhice, caminha, cabisbaixo e desventurado, entre a multidão alheia. A donzela, que, na primavera da vida, encantou a todos com o seu sorriso e a sua graça, junta-se, prostituída, ao monte de trapos humanos. E o velho, com tanta sabedoria, vagueia, por aí, faminto e abandonado, sem o reconhecimento do que fez! Onde está o dever da pátria? Meus caros amigos, o dever da pátria não está nos magros tostões da aposentadoria, nem no provento do mutilado. É mais do que isto. É a dignidade humana! É evidente que a pátria não tem culpa no jovem que se mutilou, na donzela que se prostituiu ou no operário que envelheceu. Tudo isto são marcas do tempo e dos lugares por onde se passa. Mas a pátria tem o dever de ser justa! Tem o dever de conhecer os seus filhos, um a um! Tem o dever de saber quanto valeu cada um, no seu apogeu! Tem o dever de saber as necessidades de cada filho. E tem o dever de gratidão ante todos! A aposentadoria, provento mesquinho, não é o cumprimento do seu dever. O dever da pátria, perante os seus filhos, tem expressão própria e, assim, terá de ser interpretado, no *Sudismo*. Tu serás, foste e és! Eu vou fazer de ti um cidadão. Tu foste o que eu esperava de ti. Tu és credor da minha gratidão!

- E como se conseguir essa gratidão?
- Da mesma forma que a pátria consegue dos cidadãos: exigindo, pois nada se alcança passivamente.
- Mas, nesse caso, terá de haver uma revolução.
- Os brutos lutam no campo de batalha; os educados, nas assembleias. Os inteligentes debatem os problemas do seu país nas esquinas, nos campos, nas fábricas e nos escritórios. Entendei que, no caso, a revolução será ideológica e as batalhas travadas nas esquinas, em conversas entre amigos, adeptos de um ideal comum. Por amor de Deus, não chameis os militares, senão a coisa regride ao heroísmo e tudo se transformará em condecorações e bênçãos, sem beneficiar o Homem. O *Sudismo* é a revolução do anonimato,

sem vencidos e sem vencedores, porque todos darão as mãos, por um objetivo comum. Não haverá ressentimentos entre patrões e empregados, nem entre fornecedores e clientes, pois tudo será estudado, discutido e resolvido, harmoniosamente.

- Dá-nos a ideia de fazer essa revolução, sem contenda.

- Eu gostaria de fazer isso mais à frente, para não desprezar o debate das quatro colunas; mas, como vos sinto ansiosos, vou dar uma explanação sucinta, quanto à divulgação do *Sudismo*.

- É o que desejamos.

- Queremos saber como funcionará uma campanha, que implante esse sistema, tão abrangente.

- E mais... Temos de saber se não nos vai causar embaraços na comunidade internacional, pois, de forma alguma, pretendemos isolar-nos de outros povos ou gerar, com qualquer um, situações embaraçosas.

- Calma!... O *Sudismo* não dificultará qualquer relacionamento, muito menos o internacional. Tudo o que foi convecionado pelos governos anteriores, será mantido e aperfeiçoado. Ou não é o *SUDE* o socialismo universal democrático? Precisamos de ter, sempre, na mente, o significado das palavras. Quanto ao *SUDE*, parecendo-me não haver motivo para apreensões, volvo-me à origem da nossa nacionalidade. Recordais-vos de ter lido, nas primeiras páginas da História de Portugal, que Dom Afonso Henriques prometeu ao Papa algumas onças de ouro, o que não foi cumprido pelos seus sucessores? Pois é, com o *Sudismo*, tal promessa poderá ser revista, se o Sumo Pontífice a reclamar e o povo português concordar. Não vamos furtar-nos a compromisso algum, porque a honra dos portugueses de outrora é o dever dos portugueses de hoje.

- Na parte internacional, entendo que não há mais apreensões. Gostaria, apenas, de uma síntese, quanto à implantação do *SUDE*.

- Como é do vosso conhecimento, as nossas reuniões são filmadas e os assuntos, posteriormente, convertidos em livro, com o *programa sudista* e o esquema da sua implantação, constituindo na desvinculação das classes operacionais – patrões e empregados,

fornecedores e clientes – e na reorganização da vida nacional, sem a qual nada se poderá efetivar. Teremos, então, no primeiro plano, a Nação Portuguesa, abrangendo todos os cidadãos nascidos no seu território ou a si agregados, por convicção ideológica ou fato jurídico, residentes em qualquer parte do mundo, aos quais será concedido, mensalmente, o salário de subsistência, onde quer que se encontrem, ou seja qual for a sua condição, bem como aos alienígenas, legalmente residentes em Portugal. Como vedes, está patente a universalidade do *SUDE*. O salário de subsistência estará para o cidadão, como a chuva para a relva e o sol para o dia. É evidente que, em oportunidade própria, trataremos de todas as categorias de pessoas, desenvolvendo os seus benefícios e os seus deveres.

- Está definido, então, que o *Sudismo* apoia-se em quatro colunas: empresários e trabalhadores, fornecedores e clientes. Sabemos, também, que, a pesar da boa situação econômica de alguns, todos receberão o salário de subsistência, isto é, o suficiente para se manterem. Donde virá esse dinheiro?

- Já pensaste, Silva, quanto será preciso, para todos receberem, ao mesmo tempo, nem que seja o mínimo?

- Gosto dessas interpelações. Aí, eu aprecio o grau do vosso progresso, embora venham truncar o desenvolvimento de outros assuntos, porque ainda não me defini como os autônomos se enquadrariam na tributação e já sou requisitado para outras explanações. Isso é bom!... Sinto que evoluís na *ideologia sudista*.

- Isto é um ponto muito importante, porque, como sabes, Silva, a felicidade vem ao nosso convívio, via de regra, por contos de fadas, que tudo resolvem com um simples toque da varinha de condão; mas, aqui, em vez de crianças, estão, apenas, adultos, já em idade avançada, e, se não doutos, pelo menos, muito conscientes das dificuldades da vida.

- E, se, em muitos casos, aceitamos o revés do que nos foi prometido em campanhas eleitorais, é porque reconhecemos que, se eleitos também fôssemos, não teríamos solução diferente.

- É preciso frisar que os governantes não falham por querer.

Há obstáculos, que não lhes permitem cumprir o prometido.

- Muitas vezes, ao fim de um governo, vemos estampado, na fisionomia dos seus participantes, o desgosto de não terem cumprido o que prometeram.

- A vida tem dessas coisas!

- E, por ter dessas coisas, é que eu estou aqui, para vos catequizar. Ou pensais que, com muito menor esforço, eu não escreveria um livro, com todos os capítulos em ordem, onde tudo, tacitamente, ficaria exposto?

- E não seria o meio mais eficaz de divulgares as tuas ideias?

- Não!... O ideólogo não é um simples mensageiro. É um catequizador, pois, se assim não fosse, a sua obra perder-se-ia na poeira do tempo. O mestre tem de estruturar as suas ideias, transmiti-las e zelá-las, para não se deturparem pela demagogia. Tem de ver a sua mensagem germinar, crescer, florescer e frutificar. Não vos preocupeis com a diversidade de assuntos, porque, no final, tudo será resumido em mandamentos, que serão os vossos guias na fraternidade universal. Como sempre vos tenho dito, vamos colocar a pedra angular na catedral da civilização, sem retirar uma única pedra dos construtores passados, o que nos caracterizará como evolutivos.

- Se entendemos bem, o *sudista* nunca entrará em choque com quem quer que seja.

- Isso mesmo!... O *sudista*, convicto da sua ideologia, dialoga, certificando o seu interlocutor dos valores oferecidos. E, se combatido por qualquer facção comportamental ou conjectural, irá ao âmago da verdade histórica, comprovando, publicamente, a pureza do seu ideal e a razão da sua mensagem.

- No momento, o que se evidencia é a Nação Portuguesa, o salário de subsistência e o numerário.

- Ou melhor, o dinheiro, a mola mestra!

- Seria, então, mais interessante divagarmos sobre esses três assuntos.

- Bem!... A Nação Portuguesa constitui-se dos cidadãos, que vivem no perímetro nacional e dos espalhados pelo mundo, profes-

santes do mesmo credo cívico. Onde estiver um português, está presente a Pátria Portuguesa. Portanto, civilizadores, que fomos, e honrados, que somos, não podemos permitir que um patrício nosso seja motivo de humilhação ou de piedade. Terá de ser visto, sempre, como integrante de uma grei, que, acima de tudo, ama o seu semelhante. O português, seja qual for a sua condição, deverá sentir-se orgulhoso da sua pátria. E isto não se alcança com discursos mesquinhos nem com falsas promessas.

- Está definido, então, que o *Sudismo* concederá a todos o salário de subsistência, viva-se onde se viver.

- É este o conceito maior da *pátria sudista*. E mais: todo o emigrante, que, em qualquer altura da vida, resolver voltar à sua terra, terá o seu enquadramento na classe que lhe pertenceria, sem qualquer prejuízo, como se nunca a tivesse deixado.

- Como será, então, o procedimento?

- Após a análise do seu tempo de trabalho e da função exercida, incorporado à classe semelhante da administração portuguesa, para não ficar prejudicado. ´

- Constata-se, então, que o *Sudismo* combaterá a miséria pelo salário de subsistência, concedido a todos os portugueses, onde quer que se encontrem, e pela correção das injustiças sofridas, no decorrer da sua vida laboriosa.

- Para muitos portugueses, residentes no exterior e com bom padrão de vida, isso nada significa, nem me parece que lhes vá revigorar o sentimento lusitano.

- Não há notícia do oceano ter rejeitado a gota, que caiu da nuvem, mas de uma coisa podeis estar certos: a maioria dos emigrantes abastados recebê-lo-á com regozijo. Quem não se contenta com um pequeno presente da sua mãe? Não é, porventura, com este gesto, que ela nos mostra o quanto nos ama?

- E quão feliz sentir-se-á o emigrante infelizmente, ao receber o salário de subsistência, pois, naquele momento, constatará que, ao longe, ainda alguém o considera.

- O *Sudismo* é viável! Se não fosse, eu não estaria, aqui, a cansar as vossas mentes. O que tendes é de vos compenetrar de que

profundas mudanças haverão de ser feitas na administração nacional.

- Não nos desviemos destes três assuntos. Já vimos as vantagens da *pátria sudista* e do salário de subsistência. Falta, portanto, uma pequena explanação sobre o numerário, que me parece ser o *xis* do problema.

- Temos uma pátria nobre, entre todas. Temos um grande número de compatriotas. Com tantos valores, falta-nos o quê?

- O dinheiro, sem o qual nada se faz.

- O dinheiro?... O que é o dinheiro?... Segundo alguns historiadores, o dinheiro teria surgido em pedacinhos de couro, representando a cabeça de um boi, daí a palavra capital. Era dado em troca de bens de consumo, para facilitar as operações mercantis. Com o tempo, evoluiu, chegando a ser cunhado em metais preciosos, mas o seu objetivo sempre foi a honradez do emitente, em pagar ao portador o valor convencionado, porque, nem o pequeno couro, nem a pequena moeda de ouro, tinham o valor intrínseco das mercadorias, com os quais se compravam, demonstrando ser, antes de tudo, um instrumento de compromisso. O dinheiro é somente um valor simbólico circulante e, quem o acumular, pode, de um momento para o outro, ficar desprovido de tudo, porque o seu mérito está vinculado à dignidade dos governantes.

- Quem não tem, na família, uma velhinha, cheia de notas ou de moedas, que, hoje, só servem para as crianças brincarem?

- O dinheiro, no bosquejo evolutivo, tem sido detestado por uns e laureado por outros. Para os *sudistas* é a essência cívica, que nos nutre, sem o qual não haverá convivência condigna. É o elo entre o patrão e o empregado, entre o fornecedor e o comprador. Sem o dinheiro, não podemos pensar em civilização nem em justiça social. O grau de civilização de um país reside no valor da sua moeda e no poder aquisitivo do seu povo. Se os cidadãos forem pobres, teremos uma civilização decadente, passível de todos os males. Eis o motivo por que o *Sudismo* pugna pelo salário de subsistência, com o qual todos, nutridos, material e moralmente, colaborarão com a atividade nacional, advindo daí a prosperidade e,

consequentemente, remunerações suplementares, de acordo com a capacidade de cada um. E, como os abastados, por tradição, julgam-se donos da coisa pública, sobre a qual se propõem a decidir, a *revolução sudista* consiste, ainda, em tirar dos patrões o direito de remunerar os empregados, porque este ato, injusto, conduz o pagador ao vício da especulação e ao vandalismo monetário, além de apresentá-lo, perante o cenário nacional, como um pseudo benfeitor.

- Concordamos contigo, mas fala-nos mais um pouco sobre esse assunto, que nos parece ser a tônica de tudo.

- A tese é esta. Só poderei acrescentar mais algum dialogo, para se fixar na vossa mente e terdes respaldo contra os argumentos dos opositores.

- Segundo as tuas palavras, o dinheiro é a seiva, que nutre a árvore da pátria, a qual, no meu entender, agora, que começo a despertar para a *teoria sudista*, será tanto mais frondosa, quanto o seu fluxo. Ou estou errado?

- Não!... Não estás errado. Cabe-me, apenas, destacar que a evolução de um povo não depende só do dinheiro, mas muito mais de um outro elemento – a cultura.

- Mas a cultura não se consegue sem dinheiro.

- Evidentemente!... É, por isso, que eu falo sempre na divisão equânime e meritória da renda nacional. Eis, aqui, a essência de toda a *filosofia sudista*. Temos de ser justos e não negar o mérito de quem quer que seja. Se um comerciante adquiriu fortuna licitamente, tal fortuna ser-lhe-á garantida, por todos os meios, contra todas as corrosões. Se alguém herdou um patrimônio, todos os direitos de herança ser-lhe-ão resguardados. Se um trabalhador for mais assíduo e mais competente do que a maioria, tais quesitos ser-lhe-ão compensados.

- Começo a ser teu discípulo. Remuneração justa para quem trabalha e garantia nacional para o patrimônio individual ou coletivo. É isto mesmo?

- Isso e mais alguma coisa, ainda não exposta, para não tumultuar as nossas conversas, pois, como tendes notado, nunca concluí

um assunto, como o gostaria de fazer.

- Não tem importância. O que queremos é que satisfaças a nossa curiosidade. De resto... chegaremos lá.

- Estou muito satisfeito com o salário de subsistência. Para mim, é o maná, que cairá do céu, para sustentar os filhos de Deus.

- Quantos conterrâneos precisam desse dinheirinho, para se alentar!

- Quem não conhece o Oliveira?

- O teimoso Oliveira, que vive a arrastar-se por aí!...

- Olha que aquele homem trabalha!

- Trabalha, mas produz pouco. Os seus campos conhecem-se de longe, pela pobreza das culturas.

- E as ramadas!... Se ainda não caíram, não escaparão da próxima ventania.

- E o que é isso, senão a falta de um salário de subsistência? Aquele homem, com uma pequena ajuda e a disposição, que Deus lhe deu, realizaria prodígios, nas suas propriedades.

- Coragem e disposição, ele tem! Isso, ninguém lhe pode negar.

- É um exemplo de que a milenar conjuntura comportamental tem de ser mudada.

- Não importa se sempre foi assim. O fundamental é que se mude o rumo das coisas.

- Citou-se, aqui, o Oliveira, que tem fama de mau agricultor, muito embora saibamos que a sua apatia vem da falta de recursos; mas... quem não conhece, também, o Pereira?

- O Pereira!...

- O Pereira, parece que lhe dão corda todas as manhãs e lá vai ele, acochado, a caminho do campo. Mexe e remexe, mas daquela terra nada sai, a não ser um pequeno nabal, nutrido pelas chuvas do outono.

- Pudera!... O homem não tem dinheiro nem para comprar uns tamancos!... Como quereis que invista na sua pequena propriedade?

- Éh!... O Silva está certo. Falta ao nosso povo um salário de

subsistência, para poder dedicar-se, com mais perseverança, às suas obrigações e ter reserva econômica, para os seus pequenos empreendimentos.

- Não correremos o risco de formar uma multidão de ociosos, com a implantação do salário de subsistência?

- Não acredito. Entre outros povos, talvez isso possa acontecer, mas, aqui!...

- O português tem a mania de trabalhar!

- E, então, com o salário de subsistência, quem o vai segurar?

- Olha que o português, em matéria de trabalho, é o maior. Criou, até, a máxima “*trabalhar, para aquecer!*”

- Isso tem um significado muito importante.

- Mostra-nos que o povo português tem consciência da necessidade do trabalho, o que é mais importante do que o que se possa imaginar.

- E, com o salariozinho “*mata-bicho*”, este trabalhador vai escrever um novo capítulo na História Econômica.

- Disso, não tendes dúvida.

- Mas há um quesito, tão importante quanto o salário de subsistência, do qual nenhum de vós se lembrou.

- Qual é? Diz!...

- Será preciso que os professores cívicos, se é que os vamos ter, ensinem as crianças a recomendar aos pais que costurem as suas algibeiras, para o dinheiro não se esvaír.

- Olha!... Tocaste num ponto importante!

- Há pessoas, que, quanto ganham, quanto gastam, ficando, sempre, na penúria.

- São autênticos bolsos furados!

- Como veremos mais à frente, os professores primários passarão a ter outra designação mais abrangente, para, por seu intermédio e com a colaboração dos alunos, orientar-se as famílias portuguesas, quanto aos assuntos prementes, começando-se pelas campanhas eleitorais, a fim de se evitar a proliferação de charlatães.

- Voltando aos exemplos do Oliveira e do Pereira, saliente-se que muitas atividades artesanais deixaram de ser praticadas, por

inviabilidade, com prejuízo para a economia rural.

- Não foi só o artesanato, que deixou de ser praticado. Quem, da nossa idade, não se lembra de pessoas, que pastoreavam pequenos rebanhos de ovelhas ou de cabras; ou criavam, no fundo do quintal, coelhos e galinhas? Tudo isto desapareceu, com a evolução; mas com prejuízo para a receita do nosso povo, que não conta mais com esta produção.

- Todos buscam um salário, que lhes garanta a satisfação das necessidades mínimas. Daí, ninguém mais se dedica a essa economia doméstica, que não aparece nas estatísticas, mas marca a sua lacuna, nos nossos meios: lã da melhor qualidade, leite fresco logo de manhãzinha, carne saborosa de pequenos animais. Tudo por preço acessível.

- Bons tempos!...

- Hoje, essas atividades são inviáveis, porque todos querem ter uma receita certa, o que só se consegue com um ordenado ou uma sistemática.

- Mas, quem paga salário, é o patrão, que haverá de ter uma compensação, pelo lucro.

- E, como essas atividades não dão para pagar salário, quanto mais lucro, tudo se foi!

- O mundo está frio!... Estão todos muito calculistas!...

- Nada se faz mais por amor ou dedicação. Tem de ser tudo calculado.

- E, com isso, perde-se o sabor da vida. Antigamente, o aldeão ia à cidade, para assistir grandes festas, grandes paradas! Enfim, coisas que o extasiavam. Hoje, vai para a cidade, em busca de um salário maior, e volta de lá mutilado, física ou moralmente. Quando não perde um braço ou uma perna, perde o caráter ou a vergonha. Pode haver coisa pior? Parece que a cidade metamorfoseou-se num inferno!... numa praga!... numa maldição!...

- Na vida, nem tudo pode ser lucro.

- É claro que não. Tem de haver calor humano. As pessoas têm de se conscientizar de que algo deve ser feito pelo semelhante, sem se visar lucro.

- Mas temos de nos compenetrar, também, de que todos hão de ter uma receita econômica, para satisfazerem as suas carências.

- Sem isso, de fato, não há tranquilidade. Ninguém consegue segurar as pessoas. Todos buscam um salário permanente. Vão às escuras, sem se importar com o que lhes possa acontecer.

- É a luta pela subsistência.

- Aí, eu estou com o nosso amigo Silva, Calma, jovem!... Recebe o teu salário de subsistência, instrui-te, consulta os teus pais e, de pés no chão, decide a tua vida, sem precipitações.

- E, se um dia for e não der certo, que volte, porque nada está perdido.

- Grande apoio esse salário de subsistência! Não teremos mais jovens a enveredar pela criminalidade, nem donzelas a prostituírem-se, por um prato de comida. Grande salário de subsistência! Temos de lutar pela sua implantação, com todos os recursos ao nosso alcance.

- Já imaginaste, ó Teixeira, quanto vai ser útil? Voltaremos a ter aquelas pequenas atividades, extintas por falta de interesse, e outras mais.

- As aldeias poderão ser produtoras inesgotáveis de biogás e de biomassa.

- Quanta matéria prima, para esses produtos, na folhagem das árvores, que atapeta os caminhos!

- É verdade!... Uma abundância entorpecida.

- As pessoas poderão dedicar-se à coleta de detritos, para se abastecer os biodigestores, construíveis em pontos estratégicos das aldeias, sob orientação da administração local.

- Considere-se, ainda, que, na própria área urbana, muitas atividades foram abandonadas pela inviabilidade econômica, em face dos salários e dos encargos sociais.

- É evidente!... Como um pequeno empresário vai manter o seu estabelecimento aberto, se o seu negócio não suporta tais obrigações?

- Com o salário de subsistência, as coisas ficam bem mais fáceis para os patrões, pois, sem esses custos, um pequeno capital é

suficiente, para desenvolver qualquer atividade.

- Por outro lado, temos de saber como a Nação Portuguesa vai assumir essa obrigação. Donde virá tanto dinheiro, todos os meses?

- Donde vem até hoje. Se todos vivem, é sinal de que há dinheiro e alimento suficiente, embora alguns sejam subsidiados pela caridade, o que é incompatível com o *Sudismo*, que impõe o direito universal do cidadão sobre a renda nacional.

- De fato, na nossa jurisdição, há pessoas sem meios de se proverem. Para uns, a situação é transitória. Para outros, definitiva. Estes carentes constituem-se de desempregados, de velhos, de inválidos e de doentes; mas, aos trancos e barrancos, mal ou bem, vestem-se e alimentam-se.

- Sabe Deus como.

- Nada se vai criar. Apenas, sob a *teoria sudista*, reorganizaremos a sociedade, para todos viverem condignamente, deixando de pedir o que lhes é devido, por direito.

- É esse o ponto a que eu quero chegar. Vivem de forma humilhante. E há pessoas, conhecidas de todos nós, que, pelo seu passado, não deveriam sofrer tais vexames.

- E quantos, desconhecidos, talvez em situação pior!

- Vê-se, pois, que todos, de qualquer jeito, vão suprindo as suas necessidades. Contudo, a ninguém cabe o direito de impor ao seu semelhante constrangimentos. As pessoas existem e, por conseguinte, as suas carências têm de ser atendidas, de forma condigna.

- Por certo, no decurso dos milênios, já outros pensaram de modo semelhante, porque a necessidade humana é comovente, mas faltaram-lhes os recursos, para atender a tanta pobreza.

- Por isso, o homem sempre recorreu à caridade, a qual, a pesar das atuais leis sociais, ainda desempenha papel relevante, nos nossos dias.

- É o que se acabou de dizer: aos trancos e barrancos, as necessidades de cada um vão sendo supridas.

- Mas o benemérito subjuga o contemplado.

- Essa subjugação está enraizada no íntimo dos que possuem um pouco de prestígio. São os próprios homens públicos os que mais se prevalecem da necessidade alheia.

- Para nunca lhes faltar o necessitado, vão soltando as suas doações, homeopaticamente e no momento oportuno.

- A pobreza é cultivada, com todo o cuidado, no laboratório político, entendendo-se as correntes comportamentais, entre si, no sentido de não liberarem os subsídios fora de época.

- Os partidos políticos deixam transparecer um aparente acordo, no sentido de não permitirem que os militantes da base alcancem planos superiores. Há, até, bons figurões defensores da ignorância e da necessidade, para haver trabalhadores bons e humildes.

- Essa é uma das intenções do capitalismo neoliberalista, abonada pelo conjeturismo. Pensam os seus seguidores que um operário, desprovido, trabalha mais e é menos reivindicador.

- É mais fácil de manejar. Basta o patrão dar um grito, para tudo se acomodar.

- E o sofrimento dos humildes não os comove? Não receiam que, um dia, surja um movimento reivindicador e tudo se perca? Deus é complacente, mas justo.

- Ó Silva, para um pouquinho. Explica-me, neste caso, o que significa “Deus é complacente, mas justo”. Como sabes, a minha instrução é pouca.

- Complacente, neste sentido, é o que faz as coisas, dita as suas normas e, depois, deixa tudo por conta dos operantes. Justo, porque, embora assim proceda, não deixa de observar o seu desempenho. E, notando alguém agir em causa própria, implanta, no meio, o descontentamento dos oprimidos, aplicando, desta forma, a justiça divina sobre os que prevaricaram. A História testemunha-nos isto em todas as épocas, quando os governantes ímpios, desalojados dos seus palácios, são sancionados em praça pública. É o velho adágio: “*Deus não dorme*”.

- Sem dúvida, os opressores são inconsequentes e, com procedimentos injustos, cavam a sua sepultura.

- Mas nós, portugueses, não precisamos disso. A nossa civili-

zação já ultrapassou o sistema violento de reivindicação e temos meios de sorrir para o nosso opressor, enquanto destruimos a sua base.

- Dá um exemplo.

- Todos nascem nus, com uma cabeça para pensar, duas pernas para caminhar e dois braços para obrar. Não há outro ser humano com atributos superiores. Depois, por convenções, é que alguns são elevados a cargos hierárquicos. Entretanto, analisando-os bem, vemos que os seus membros inferiores são iguais aos nossos e os superiores terminados em cinco dedos, tal como em nós. Se alguém se arvora nisto ou naquilo, é porque nós concordamos. É evidente que se atribui a certas pessoas funções de destaque, para o bom desempenho da sociedade; mas, quando tal sociedade, sob a sua orientação, passa a ser injusta, expõe-se a convulsões e tudo pode acontecer, até a sua destruição total! Porém, cabe-nos observar que as vítimas são sempre co-responsáveis por tudo de ruim, que lhes possa acontecer, pois o Criador dotou-as com armas iguais às dos seus opressores, possuindo, desta forma, condições de imporem a igualdade de circunstâncias, exigindo leis de equilíbrio social. Por que têm os trabalhadores de viver, eternamente, vinculados aos patrões? Foram gerados no mesmo ventre? O dinheiro é seu? Eles têm o domínio absoluto sobre a moeda? Não é o numerário um instrumento cívico, que nos contempla, pela colaboração prestada à sociedade? Não importa se foi sempre assim. O que importa é que não está certo e nós não estamos a passar, por aqui, em vão. Temos de marcar a nossa presença, corrigindo os erros existentes, para se aperfeiçoar a civilização. Tudo o que virmos de errado, terá de ser por nós pensado, analisado, discutido, divulgado e refutado, para não persistir, pois, numa sociedade iníqua, os seus valores são extinguíveis, para darem lugar a outros, que melhor atendam aos interesses de todos. O homem só é representante de Deus, quando tratar o semelhante como Seu filho, sem qualquer distinção, e a Natureza como Sua obra, o que não acontece no mundo de hoje. O homem só é autoridade, quando dos seus atos não advém sofrimento alheio. É fácil representar, o difícil é ser!

- Não te entendemos. Disseste que os portugueses já superaram a fase das reivindicações violentas e lembras que as vítimas devem reagir com os mesmos meios com que são feridas. Como explicas isso?

- Se eu fosse professor, sentir-me-ia orgulhoso dos meus discípulos; mas, como somos, apenas, amigos, limito-me a explicar: Usar os mesmos meios!... Estais atentos!... Significa, tão somente, que devemos seguir o mesmo sistema dos que alcançaram o poder, preparando nova geração de governantes, para o próximo pleito, catequizados na *ideologia sudista*.

- Não será fácil enfrentar esses partidos políticos, ainda mais subvencionados pelo poder econômico e apoiados pelos conjeturistas.

- Há uma coisa que o dinheiro nunca compra: o entendimento entre amigos, quando existe um objetivo comum.

- Orienta-nos, nesse sentido.

- Era minha intenção tratar deste assunto mais à frente. Entretanto, como o desejais agora, vou esboçá-lo.

- Assim, teremos uma ideia mais nítida, quanto à divulgação do *Sudismo*.

- Certo! Lembro-vos, entretanto, que muitos assuntos ainda estão por tratar, porque o *Sudismo* não se resume no salário de subsistência. É mais complexo do que pensais.

- Estamos conscientes disso, mas queremos assimilar a fórmula da sua divulgação, para efeito das urnas.

- Depois destas palestras, serão compilados, em livro, os *mandamentos sudistas*, os quais designaremos de *Constituição Universal*, contendo toda a filosofia da mensagem do novo milênio. Nessa altura, já tereis uma noção do que é o *Sudismo* e, para a sua divulgação, cada um de vós terá de formar uma célula ideológica, composta de dez pessoas, amigas entre si e devidamente instruídas. Dez células, por sua vez, aglutinar-se-ão em um grupo ideológico. Os grupos ideológicos também se coalescerão, de dez em dez, formando movimentos ideológicos reivindicadores, que, com mil pessoas, exigirão mudanças na vida nacional, para a implantação

do Parlamentarismo Universal, por meio de conferências e de concentrações, dentro dos limites da lei e no mais profundo respeito à ordem, sendo os procedimentos transmitidos aos respectivos orientadores. Sem alarde e sem grandes custos, a *população sudista* receberá todas as instruções, para o seu desempenho, nos pleitos eleitorais. Na *catequese sudista*, não entram comentários nem críticas a ideologias ou a instituições vigentes. Serão divulgadas, apenas, as nossas teorias e evidenciadas as suas vantagens, para a vida de cada um. O *Sudismo* não aceita política. O seu objetivo é a *ideologia* – ideologia da organização cívica -, coordenando os direitos do cidadão às suas necessidades, de acordo com a sua capacidade profissional, ou à sua condição. O cidadão apto será compensado, conforme a colaboração prestada à sociedade, e o deficiente, em idênticas circunstâncias, sem constrangimentos.

- É muito fácil, Silva, mas como poderemos saber quem está catequizado no *Sudismo*?

- É mais fácil ainda. Basta divulgares este gesto; mas, para não o terdes de fazer sempre, vamos criar, neste momento, o *símbolo sudista*, para ser usado nas lapelas, nos alfinetes de gravata, nos broches, nos brincos. Enfim, em tudo e por todos os seus adeptos.

- Não pode ser usado em anel?

- No que se queira.

- Então, vou mandar fazer o meu em ouro, porque, para mim, a pesar da idade em que me encontro, o *Sudismo* merece tudo, pelo bem que trará à Humanidade.

- Merece tudo o que se possa fazer pela sua divulgação.

- Convençei-vos, antes de tudo, de que o *Sudismo* não entra em choque com quem quer que seja. O *sudista* terá de manter uma conduta de superioridade, sem vanglória, mas justa e de amor ao próximo.

- Ó Silva, já sabemos o que é o *Sudismo* e como o divulgar. Agora, só queremos que nos informes o seu símbolo.

- O *símbolo do Sudismo* é a rosa-vermelha. A flor representa a vida e o amor; e a cor, a prosperidade e a alegria de viver. O *sudista* não aceita a miséria, a angústia e a iniquidade. Portanto, não po-

deis concordar com ideias, que oprimam o semelhante.

- Instruídos, quanto à organização dos movimentos, necessitamos, agora, que nos informes o cerne da nossa ideologia, para seguirmos em busca de adeptos.

- Queremos saber donde virá o dinheiro, para os salários mensais de todos os cidadãos.

- A evolução é uma sequência de ideias em execução. Para o *resultado sudista*, todos os pensadores, anteriores a mim, contribuiram com a sua parte e negá-lo seria uma ignomínia. Até o mercador teve o seu papel relevante, quando, ao cunhar o pequeno couro, instituiu, entre os homens, o dinheiro, que, agora, limpo da ambição, louvamos e reputamos como objeto acalentador. Ontem, o coçado couro na algibeira do feirante significava o dinamismo mercantil; hoje, a moeda, sua descendente, circula, de mão em mão, em missão justa e cívica. É guardada, com muito carinho, pela velhinha, que, em gestos trêmulos, a conta, com todo o cuidado, para saber como andam os seus proventos. Amealhada pelo netinho, para comprar o seu presente. E a donzela, que a recebe entre sorrisos, troca-a por adereços, não nos esquecendo do trabalhador, que a adquire, com tanto sacrifício, para sustentar a família. Quem ousará, meus amigos, nos nossos dias, maldizer o maior instrumento da civilização, que tanta felicidade propicia. Parece-me que coisa melhor, só quando Deus criou a água, para saciar a sede de todos os seres. Vede como estes dois elementos assemelham-se: não chove, as plantas não florescem e os campos ficam estéreis; o dinheiro não circula, as pessoas empobrecem, esmorecendo a sociedade.

- Essa apologia não satisfaz a nossa curiosidade, quanto à origem do dinheiro, para suprir os salários de subsistência.

- E quem vos disse que a minha mensagem limita-se ao salário de subsistência? Compenetrai-vos de que, para se discutir, é preciso analisar e conhecer, profundamente, as teses expostas. Eu fui sempre muito claro, desde o início das nossas conversas, quando definia que tudo deveria girar em torno da divisão equânime e meritória da renda nacional. Isto significa, sem preconceitos, que um

médico não poderá receber o mesmo que um pedreiro. Nada tenho contra os pedreiros, mas os médicos, os engenheiros e outras categorias similares terão de ganhar na proporção dos seus méritos. Entendo a vossa curiosidade, mas, antes de satisfazê-la, quero ratificar que o dinheiro despendido, mensalmente, não se limita a um salário de subsistência, por cidadão. Se assim fosse, o *Sudismo* não passaria de uma incúria. Sabe-se que as pessoas não são todas iguais: as mulheres são mais bonitas umas que as outras; e os homens, mais inteligentes uns que os outros. No que concerne a trabalho e a produção, tudo terá de ser remunerado proporcionalmente. Ah! Não posso deixar de vos lembrar que o *Sudismo* não pensa só nas pessoas. Pensa, também, nas organizações econômicas, artísticas, culturais e sociais, que terão de receber os suprimentos necessários, sempre que se imponham, sem os quais não haverá civilização condigna.

- Concluímos, então, que o *Sudismo* é a bondade, camuflada de ideologia. Tudo o que o homem desejar, eis que tudo lhe será dado! Que coisa boa!

- Eu não seria quem sou, se não interpretasse as tuas palavras, mas, desassombradamente, digo-te que é isso mesmo. No *Sudismo*, o homem terá todos os recursos, para tudo poder fazer, desde que não lhe falte a competência, a vontade e o caráter.

- Não estamos, aqui, para discussões mesquinhas. Queremos conhecer o pensamento completo do Silva e, para tanto, precisamos de continuar a escutá-lo.

- Muito bem!... Quando eu falo na divisão equânime e meritória da renda nacional, conjugada com a desvinculação do empregado ao patrão, é evidente que não poderia aviltar os empresários, pois, magnânimo que sou, teria, por força de circunstâncias, de enquadrá-los na *felicidade sudista*. Isentá-los das obrigações sociais, não é o bastante, para incluí-los na mensagem do novo milênio, quando alguns benefícios já constituem direitos adquiridos do sistema comportamental, do qual não comungo, mas *sudista* que sou, respeito, como seu seguidor fosse. Tenho vos dito, sempre, que estou a passar por aqui, não para destruir o que, com tanto sacrifício,

foi alcançado; mas, para organizar o que de útil existe, para a felicidade universal! Se os industriais e os comerciantes já conseguiram, pelo crédito, a subvenção dos seus empreendimentos, justo é que continuem a tê-la, em condições mais amplas, para mais felizes se sentirem.

- Isso implica em grandes emissões, sem lastro no Tesouro Nacional, conduzindo ao descrédito da nossa moeda.

- A Pátria Portuguesa é muito mais rica do que imaginais. Olhai os campos férteis, cultivados com fé, que, no estio, enchem as tulhas dos lavradores. Passeai pelos caminhos das nossas aldeias e sentireis a magnitude da natureza, no chilrear dos pássaros e no zumbir dos insetos. Quedai-vos nas esquinas dos caminhos, das ruas e das praças, meditando nos acontecimentos, que ilustram a nossa história. Quando as chuvas do outono regam o solo, renovam-se, na nossa mente, as lágrimas e os prantos das mães de outrora, ao verem os filhos tombar na defesa deste torrão. Houve-se o grito de revolta do homem inconformado, jurando dar a vida por um novo ideal. Meus caros amigos, quereis, por simples comodismo ou falta de discernimento, sustar a evolução? A vida é uma constante renovação. O que se pensava ontem, pode não nos interessar hoje e ser pernicioso amanhã.

- Enquanto não nos revelares a fórmula desse desenvolvimento ideorgalógico, a incógnita permanecerá nas nossas mentes.

- Gostei!... Vamos chegar lá e, então, constatareis que tudo vai dar certo. Fácil é escrever um livro de procedimentos. O difícil, catequizar as multidões. Por isso, vamos continuar com as nossas conversas, porque amigos somos e discípulos seremos, enquanto Deus nos inspirar.

- Prossegue com a tua dissertação, para outras dúvidas, surgidas, serem explanadas.

- A expressão “*salário de subsistência*” é simbólica, como, talvez, já tendeis concluído.

- Não?!... Não se pagará a cada um o salário de subsistência?

- Não!... A expressão “*salário de subsistência*” foi a chave

usada por mim, para abrir a vossa mente ao *Sudismo*, facilitando o vosso raciocínio.

- Ainda bem!... Eu nunca acreditei, mesmo, nesse sistema ideológico, que dê salário a todo o mundo, sem trabalhar!... A mim, não me é surpresa esse revés.

- Injusta seria a *pátria sudista*, se pagasse um salário de subsistência a todos os cidadãos. Os que mais se devotam merecem, então, salário igual? Seria justo pagar-se a um cirurgião ou um grande arquiteto o mesmo que a um serviçal? O serviçal tem muito valor e nós queremos-lhe muito bem, mas o cirurgião e o arquiteto têm outras responsabilidades, para as quais empreenderam longos estudos. Como, então, receberem salários iguais?

- Não!... Como poderia ser uma injustiça dessas?

- Não tem lógica!...

- Então, meus amigos, como quereis que tudo se limite ao salário de subsistência? Não reconhecer os mais competentes e desprezar o valor empresarial, que não surge a esmo, seria a maior incoerência, que poderia haver.

- Os empresários, já aquinhoados com o lucro dos negócios, ainda vão ser contemplados com salários diferentes do de subsistência? Não achais que estamos a criar um sistema ultracapitalista?

- Nada disso!... Quando digo que ninguém ficará subordinado ao salário de subsistência, quero alertar-vos de que o *Sudismo* é o socialismo universal democrático e, dentro deste conceito, todos terão de ser contemplados, seja qual for a sua atividade. Se for trabalhador, com o salário correspondente ao seu mérito. Se for empresário, além do salário de subsistência individual, com financiamento para os seus empreendimentos, sempre que as circunstâncias o impuserem.

- Então, Portugal passará a ser um paraíso, até para os trapaceiros, pois qualquer um poderá estabelecer-se e só pagar aos fornecedores, quando Deus quiser.

- Dentro dessas circunstâncias, vende tudo, ao preço de liquidação, e parte para lugar incerto, deixando as dívidas a fundo perdido.

- Sim!... Porque, enquanto os compromissos não se vencem, não são exigíveis, e, quando chegar o vencimento, a firma já não existirá.

- Em termos burlescos, seria isso mesmo; mas, como todos sabem, para ser comerciante ou industrial, é preciso preencher vários quesitos, dentre os quais, o patrimônio, a idoneidade, a laboriosidade e a probidade, formando-se, assim, o acervo empresarial, por menor que seja. E o crédito, a que me referi, estará garantido por tudo isto, mais o faturamento mensal, cunho do funcionamento. O *Sudismo* vai evitar, apenas, que os empresários sofram crises periódicas. Uma empresa, que teve as suas atividades prejudicadas em determinado mês, poderá funcionar, normalmente, nos meses seguintes, pois tudo lhe será facilitado, em virtude da sua tradição na praça. É evidente que, se for perdendo a competência, o crédito acompanhará a redução do movimento e, fatalmente, diminuirá.

- O *Sudismo* será uma mãe!... Só quero ver donde virá tanto dinheiro.

- O *Sudismo* não será mãe de ninguém nem vai espalhar dinheiro a esmo. Coordenará, apenas, os valores nacionais, administrando-os de forma democrática e universal. Desconfias das suas virtudes, porque estás habituado a governos velhacos, incompetentes e corruptos, que tudo conduzem ao interesse da sua facção.

- Quero ver!...

- Verás os teus netos receberem o salário de subsistência, com o qual ganharão a alegria de viver! Terás a oportunidade de ver o teu vizinho decidir se continua como operário ou se optará por trabalhar por conta própria, como pequeno empresário, diante das facilidades oferecidas.

- Essas facilidades não gerarão um falso progresso, despertando, entre nós, uma inflação incontrolável?

- Por certo que não, porque os créditos terão o aval do movimento da empresa e do conceito dos seus dirigentes. Facilitam-se, apenas, as transações, para se evitar que as firmas recorram a empréstimos onerosos, porque, aí, sim, vem a inflação, proveniente do custo do capital de giro.

- Pelo contrário, com o crédito, o comerciante ou o industrial poderá vender mais barato e enfrentar melhor a concorrência.

- Desconfio muito da facilidade de crédito, porque, nesses períodos, surgem, sempre, oportunistas, desacreditando os bem intencionados. É muito difícil controlar o caráter das pessoas.

- Realmente, são muito poucos os que primam pela honradez. A maioria reverte tudo em seu favor, desprezando a intenção governamental.

- Os comerciantes prevalecer-se-ão das facilidades de circulação numérica, para elevar os preços das mercadorias, ainda mais que não serão acossados por vencimentos bancários, em curto prazo.

- Isso parece mais uma benção para os especuladores... Se me provarem o contrário, até o aceitarei, de bom grado.

- Se estamos a coordenar os valores nacionais, não há motivo para pessimismo. É certo que pequenas falhas surgirão, mas não quer dizer que prevaleçam, pois serão combatidas, quando percebidas.

- Para tanto, existem os técnicos específicos.

- Não vos desalenteis, porque não estamos, ainda, nem a meio do *programa sudista*.

- Ainda tem muita coisa, para ser debatida? Não disseste, já, como funcionará o *Sudismo*: com a distribuição equânime e meritória da renda nacional e o crédito operacional, ficando, assim, a vida de uns e de outros facilitada?

- Isso é, apenas, a metade, porque não sei se vos lembrais de eu ter definido as quatro colunas da *economia sudista* – patrões e empregados, fornecedores e clientes. Vimos que, entre os patrões e os empregados, os elos são os salários e os encargos sociais, abolidos, para estas duas classes, despreocupadas entre si, olharem-se, sem constrangimentos, e trabalhar de comum acordo. Vamos falar, agora, das outra duas: fornecedores e clientes.

- Essas são bem mais difíceis de conciliar, porque, entre si, há a especulação e a sonegação, males que muito afligem a economia doméstica e mutilam o bem-comum.

- Os comerciantes são muito astutos e, ao perceberem os clientes sem problemas de poder aquisitivo, tratam, logo, de dar outra feição ao estabelecimento, com o intuito de elevar os preços, provocando, se necessário, uma falsa escassez dos produtos.

- Isso não incomoda uma sociedade plenamente organizada, pois são pessoas como nós e, o que eles sabem, nós também estamos cansados de saber. Ou julgais que, quem traz a missão de banir a miséria do seio da Humanidade, iria capitular diante de um espertalhão?

- Ó Silva, tu sabes muito bem como são os especuladores e os sonegadores. Para si, não há pátria nem ética, Tudo se resume no lucro.

- Terminaste bem!... Gostei!... Agora, repara no que te vou dizer: tudo, na vida, tem uma origem e um preço. E tal preço é que será analisado e decomposto nos seus elementos – preço do fornecedor, mais quociente operacional e percentagem de lucro, igual ao preço de venda, não se permitindo que alguém enverede pela especulação. Vamos querer que todos sejam felizes. Sabemos que a economia não é estável, oscilando os preços de acordo com as condições do mercado, mas isto é do conhecimento de todos e não, apenas, dos comerciantes inescrupulosos.

- A especulação tem meandros desconhecidos por nós. Basta que um produto esteja sob controle de preço, para não se encontrar disponível nas prateleiras dos estabelecimentos.

- Isso é verdade.

- Como disse, não podemos esquecer-nos de que tudo tem uma origem e um preço. Se um produto teve a safra reduzida, é lógico que a sua demanda será mais disputada, advindo, daí, um preço mais elevado. Por outro lado, considere-se que, no comércio, existe a margem de lucro convencionada entre os órgãos representativos e os departamentos governamentais correspondentes. E, quando qualquer produto a supera, o que o comercializa em tais circunstâncias, enquadra-se no rol dos especuladores, sujeitando-se às respectivas penalidades. Direis, ainda, que o produto pode não ser natural. Neste caso, é um produto manufaturado, com preço

constituído pelo custo dos seus componentes: matéria prima e encargos operacionais. Todos estes quesitos entram na fórmula do custo da produção, que, acrescido das despesas até o estabelecimento distribuidor e da margem de lucro, constitui o preço de mercado, podendo ser operado de forma lógica, sem especulação, e avaliado pela fiscalização, quando necessário.

- Na verdade, as duas últimas colunas – fornecedores e clientes – têm árbitro comum, a lei da oferta e da procura. Constatados excessos, os órgãos controladores encarregar-se-ão de corrigi-los, por meios adequados.

- Definimos, então, que os pontos principais das nossas conversas serão, sempre, patrões, empregados e salários, por constituírem a base do bem social. De um modo geral, todos se enquadram nestas duas categorias: ou são patrões ou empregados; e o salário, compromisso prioritário para uns e subsistente para outros.

- Por isso, entendo eu que, para se prosseguir com as nossas conversas, deve o Silva dizer-nos como tenciona prover os setores competentes, no sentido do salário de subsistência e das demais compensações individuais serem pagas, mensalmente.

- Cientes do que acaba de ser exposto, é evidente que começaremos a discutir o assunto com mais base e, automaticamente, nos apaixonaremos pelo *Sudismo*.

- Seria bom que o Silva conduzisse as discussões neste sentido, por ser o fundamento de tudo.

- Pretendia deixar a fórmula do dinheiro para as discussões finais, mas, reconhecendo a vossa incerteza, vou, então, antecipá-la.

- Gostaríamos que assim o fizesses, pois há, entre nós, um vazio.

- Deves compreender, Silva, que falar da extinção da miséria, criando para todos o salário de subsistência, é um ideal nunca, antes, alcançado pelos grandes pensadores.

- E o que possuir a fórmula divina, que, por certo, marcará uma nova era na História da Humanidade, deve expô-la, logo. No caso, tu, Silva!

- Ganharemos novo alento, para te escutar! E, aí, sim, se-

guiremos, atentamente, as tuas explicações, porque nos sentiremos com os pés no chão.

- Com os pés no chão!... Disseste bem!... O cidadão, para ser feliz, deve caminhar firme, com o pensamento em Deus, na Pátria e no próximo. De outra forma, não se alcança a felicidade.

- Disserta, também, sobre esses três pontos, satisfazendo o nosso desejo.

- Para vencer, temos de imitar Deus e ampliar o que os nossos antecessores fizeram, porque a civilização nada mais é do que uma catedral abstrata, que a todos irmana com as suas vibrações. Ontem, alguém deu pão e peixe, no final do sermão, e nada mais, porque ainda não havia chegado a hora do banquete universal, mas também disse que o filho de Deus voltaria, para julgar os vivos e os mortos. Não o procureis, porque, na Universalidade, a rosa, que desabrocha, é igual à que se desfolha. E impossível será definir as gerações. O importante é encontrar-se a rosa, com todo o viço e aroma. Vede como Deus, dos campos e das matas, fez o jardim universal, onde crescem plantas, árvores e vivem animais, sem se preocupar com o amanhã, porque todos se irmanam. Só nós, homens, é que nos estranhemos, quando deveríamos, simplesmente, amar-nos, porque isto é que é o desígnio de Deus. Se eu vos disser que o ocioso e o facínora devem receber o salário de subsistência, por certo, refutareis, pois não estais, aqui, para sustentar delinquentes nem vagabundos, mas eu respondo-vos que o salário de subsistência não nutre. Cura! E os que sofrem, uma vez curados, são iguais a vós. Por que, então, tanta avareza, para não se ajudar quem precisa? Quando recomendo que devemos imitar Deus, é para meditardes na obra da Criação, procurando adaptá-la à Construção. Na Criação, Deus põe as plantas e as árvores de pé, para serem frondosas, na sua proporção; e manda a nuvem regá-las, para não perecerem por estiagem. E a nuvem assim o faz, sem olhar o contemplado. Eis, aqui, o nosso plágio: o salário de subsistência, de conformidade com os méritos individuais, a chuva que nutre o homem, cujo pagamento deverá ser da cidade ao mais longínquo recanto, para ninguém fenecer à míngua. Quando o sol da prima-

vera ilumina as montanhas e os vales, todas as árvores e plantas, nutridas, florescem e frutificam. Como elas, os portugueses, alimentados e agasalhados, partirão para o trabalho, fazendo deste pequeno Portugal uma pátria admirável. Não vos esqueçais de que Deus nunca nega à árvore o alimento, mesmo em fases estéreis. Por que, então, recusar ao cidadão o salário de subsistência, quando atormentado pela doença ou pelo desemprego? Inativo, ainda teria de ser punido com todas as carências? Quem somos nós, que não compreendemos as privações alheias? Por que não podemos dispor de recursos suficientes, para os encargos sociais dos inativos? E quem vos disse que a civilização faz-se com esmolas? A esmola só pode ser recurso emergente, porque, sistemático, além de denunciar a incompetência governamental, expõe o contemplado à humilhação, deturpando-lhe o caráter. Não há ser mais prejudicial do que o homem sem personalidade, sujeito a todos os males. O homem deve ter os pés no chão e, como a árvore e o arbusto, regado pelo dinheiro bendito, idealizando-se para o futuro.

- Gostamos da tua explanação: a água fertiliza a natureza, o dinheiro, o homem. Sabemos que a chuva vem da nuvem. E o dinheiro?

- Da Catedral Lusíada, o manto cívico, que agasalha os portugueses.

- São bonitas as tuas palavras, mas não atendem a nossa ansiedade, porque, sem dinheiro vivo, a circular de mão em mão, não se satisfaz o necessitado.

- Em conversas anteriores, ao tratar do dinheiro, referi-me, ligeiramente, ao pedaço de couro, que o mercador guardava na algibeira, com tanto cuidado. Pois bem, é oportuno que vos lembre, também, que toda aquela atenção apoiava-se na certeza de que, quando precisasse daquele valor, poderia colocá-lo na praça, para tudo reaver, certo da honradez do seu emitente.

- E que relação tem a Catedral Lusíada com a honradez do emitente do velho couro, nos primórdios da moeda?

- Muita!...

- Muita... Como?

- Na vida, tudo depende do valor estimativo, que damos às coisas. Até o ouro!... Se ninguém lhe atribuísse valor maior, seria vendido pelo preço do ferro ou de qualquer outro metal. O velho mercador sentia que, ali, não estava um pedaço de couro, mas a dignidade de outro mercador maior. Quando o povo, cantarolando, parte para o campo, não tem noção do que representa o seu trabalho cotidiano; mas, para o pensador, é algo mais. É o funcionamento da engrenagem econômica, que conduz à grandeza nacional. Ao ver um campo ou uma pequena mata, não nos ocorre, no momento, o que, ali, está de importante, mas, se lhe aliarmos o trabalho do lavrador, constataremos que, dali, sai o sustento do aldeão e do urbano. Enfim, as coisas valem pelo que lhe atribuimos.

- Da minha parte, continuo a não entender. Sei bem que um homem pode ser próspero, mas pobre de numerário. E não adianta bater-se à sua porta, porque, não havendo dinheiro, nada será pago.

- Tocaste no ponto certo. Sinto-me feliz em conversar convosco. Parece que Deus colocou-vos no meu caminho, para me ajudar na divulgação da mensagem do novo milênio. Outro exemplo mais adequado não poderias expor: Um abastado pode não ter dinheiro, para solver os seus compromissos, o que o obrigaria a desfazer-se das suas propriedades. Isto, porém, não acontece com os países, nos quais a integridade territorial é inalterável. Não é a falta de dinheiro de uma nação, que imporá a alienação do seu território deificado, onde nasceram: os grandes heróis, que impuseram ao mundo o valor da sua grei; os grandes escritores, que, lançando ao vento, em prosa e verso, o idioma pátrio, divulgaram a sua cultura; os sábios, que, integrados à comunidade universal, contribuíram para o desenvolvimento da Humanidade; os contemporâneos, que, com o seu trabalho, com a sua alegria ou com a sua tristeza, elevam o país perante os demais povos. Nos seus bosques e nos seus campos, crescem árvores e plantas, que garantem a eternidade da vida. Pelos seus caminhos, passam jovens a sonhar com o amanhã; e, nos beirais, gorjeiam passarinhos, num uníssono ao Criador. Vede o valor incomensurável, que, pela inépcia dos comportamentistas e pela indiferença dos conjeturistas, não supre

as carências de um desventurado! E tudo pelo orgulho de se julgarem superiores ao seu semelhante, contrariando a vontade de Deus. Perguntareis, então, que relação tem isto com o salário de subsistência.

- Sim, perguntamos mesmo: que relação tem isso com o salário de subsistência?

- Este valor incomensurável tem de ser coordenado, de forma que atenda as carências dos filhos de Deus, desde o mais abastado ao mais infortunado.

- E como procederíamos, então?

- Ajudando-me.

- De que jeito?

- Procurando compreender o que vou expor, agora.

- É o nosso maior desejo.

- Pois bem... Sabemos que uma nação, via de regra, possui o seu território, ao qual chamamos de país, com muitas terras férteis, grandes complexos industriais e um povo, que tudo enriquece, com o seu trabalho. Mas isto só não basta. É preciso que a sua gente constitua-se de pessoas da maior gama de aptidões, para acompanhar a evolução. É preciso que haja, entre os seus milhões de habitantes, cidadãos que se sobressaiam nas mais diversas atividades, para ditarem as normas do futuro. É preciso que, entre todos, haja pensadores, com liberdade para exporem as suas ideias, debatendo-as nas fábricas, nos escritórios, nos campos, nas esquinas, enfim, onde houver um grupo, para germinarem, crescerem, florescerem e frutificarem.

- É o que se faz, normalmente.

- Não!... O ideólogo ainda não encontrou um chão arado, para semear as suas ideias. A História mostra-nos quantos foram sacrificados – e pasmai! – em nome de Deus!

- Ideias de quê!

- Da felicidade universal. Uns queixam-se de perseguição; outros, de indiferença, prevalecendo o desamparo popular, instigado pelo poder conjetural.

- O desamparo popular é mais consequente da situação do que

de qualquer outra influência, pois, em tempos de crise, o ambiente nacional é assolado pelo desemprego e por outros males sociais, advindo, daí, o desinteresse por novas ideias.

- No *Sudismo*, essas crises serão evitadas.

- Ah!... Não!... Não me vais dizer que o *Sudismo* é o manto divino, sob o qual se esvai todo o sofrimento humano.

- Se apoiardes as minhas ideias, vereis que tudo será resolvido, satisfatoriamente.

- Apoiaremos tudo, empunhando o *estandarte sudista* por cidades, vilas e aldeias; por montanhas, planícies e vales; mas, como já dissemos, precisamos de saber donde virá o dinheiro, para o salário de subsistência, concedível a todos os portugueses. Quando soubermos, não tenhas dúvida, partiremos, com todo o entusiasmo.

- Disse-vos que, no caso, a sociedade constitui-se de quatro sustentáculos – patrões e empregados, fornecedores e clientes – e, sendo o elo comum o dinheiro, recordei-vos como nasceu, nos primórdios da civilização, e como os abastados também sofrem com a sua falta. Um proprietário pode não ter dinheiro, para pagar as suas dívidas, sem recorrer à venda de um bem, o que, em parte, também acontece com as nações. Todavia, com a *ideologia sudista*, a nação pode ser pobre externamente e rica internamente, sem precisar de subsídios externos, para manter o padrão de vida do seu povo. E, para não duvidardes do que afirmo, eis a Fórmula Económica Universal, que nos dará, individualmente, o salário médio mensal:

70

$$\underline{Px(1+0,03+0,03)}_x 2:130=SMM$$

H

- Por que foste ao requinte mensal e individual da década?

- Porque as gerações renovam-se a cada instante, para a Humanidade ser eterna, e vos provar a minha teoria de que a pátria, com o seu património, a idoneidade dos governantes e a laboriosidade do povo, constitui-se num valor incomensurável, capaz de atender todas as carências e patrocinar todos os empreendimentos.

- Vemos que, na tua mente, há algo mais do que vãs palavras, mas, para te entender melhor, gostaríamos que explanasses os elementos dessa fórmula.

- O **“P”** representa a conversão do patrimônio nacional em moeda-ouro, com toda a sua prosperidade, desde uma simples ladeira ao mais fértil prado, desde o casebre ao mais luxuoso palácio, desde a oficina do artesão ao mais requintado complexo industrial, desde o rude atalho à mais moderna via. Enfim, todo o território nacional, com o seu valor, palmo a palmo, e as suas edificações residenciais, comerciais e industriais, com os seus implementos. Tudo o que há na área nacional, levando-se em conta os valores dos lugares, pelos acontecimentos de que foram proscênio e pelas tradições, carinhosamente, reverenciadas pelo povo. É assim o patrimônio nacional, constituído do solo pátrio, da abundância gerada pelo trabalho, das ideologias contendoras dos nossos antepassados, dos amores incompreendidos, da alegria da juventude e do cansaço dos velhos, que não se esquecem de rogar a Deus por quem parte; do murmúrio das águas; da sinfonia da natureza; da prosperidade e da confiança de quem acredita em mim. O **“H”** significa os habitantes deste velho Portugal, que nós tanto amamos, e, com tanta coragem e tanto orgulho, perpetuamos, desde a criancinha, amparada pela mão materna, ao soldado, que, na trincheira, derrama o seu sangue pela honra do pendão nacional. Desde a menina ingênua, à donzela, que faz claudicar o soldado, o velho ou o sábio; desde o trabalhador, que, com o seu braço forte, manufatura os produtos, à velhinha, triste e doente, que, com a sua bondade, nos abençoa. O **“um”** é o escudo, a nossa gloriosa moeda, que, a uns, mata a fome e, a outros, enriquece. Os primeiros **três centésimos** são a renda anual do patrimônio nacional e os segundos, o valor do trabalho dos portugueses, no mesmo período. O expoente **setenta** é o número de anos da vida do homem, este admirável ser, colocado por Deus na face da Terra, para completar a obra da Criação. O **“dois”** é a soberania portuguesa, representada pela fraternidade e pelo civismo, materializados nas riquezas do subsolo nacional e da nossa plataforma continental. O **“cento e**

trinta” é o número de meses remuneráveis pela Pátria a cada cidadão, durante a década. Ninguém pode deixar de amar o próximo, nem de considerá-lo filho de Deus; ninguém pode pensar na grandeza nacional, sem recordar o sacrifício e a abnegação dos nossos antepassados. Não negueis a alguém o sagrado direito do salário de subsistência, único redentor do homem. Pensai nas criancinhas, nascidas de ventres pobres, lembrando-vos da alegria das mães, ao sentirem-nas amparadas pela Bandeira das Cinco Quinas.

- Ó Silva, essa fórmula dá, mesmo, o salário para todos os portugueses, desde o primeiro ao derradeiro dia de vida?

- Falei, apenas, do resultado dos fatores. Entretanto, é preciso que vos explique como funcionará. Vistes que o valor do patrimônio nacional, combinado com o valor do trabalho, atribuindo-se a um e a outro rendimentos sóbrios, dá-nos o valor individual do salário médio nacional. Como vos disse, desde o início das nossas conversas, uns receberão mais do que o salário médio e outros, menos, de acordo com as suas aptidões. Por certo, compreendereis que o magistrado merece mais do que o réu. Salvo decisão do povo, por sufrágio universal, entendo que devemos estabelecer uma tabela salarial, constituída de três grupos – elementar, suplementar e complementar – divisíveis em cinco níveis cada um, correspondendo o menor a vinte e cinco ourogramas. Os níveis, por sua vez, dividir-se-ão em subníveis, de *um décimo a nove décimos*. E, para não haver injustiça, quanto aos méritos individuais, criamos, também, os fatores remunerantes, de *uma unidade e um centésimo a uma unidade e nove décimos*, positivos ou negativos, cuja soma, dividida pelo total dos componentes, dará o mérito de cada trabalhador, não podendo alguém auferir salário igual ao dos superiores, teto das remunerações da pátria.

- Ó Silva, na tua fórmula, vejo a união do capital com o trabalho, ou estou errado?

- Não!... Não estás errado... Eu sempre apregoei esta união, para o bem de todos. O patrimônio nacional, o seu rendimento, a idoneidade dos governantes e o trabalho do povo juntam-se, para formar o lastro do meio circulante: O velho mercador recebia o

pequeno couro, com a cabeça do boi estampada, porque sabia que o seu emitente possuía a rês e, íntegro, jamais deixaria de cumprir o convencionado.

- Agora, entendo por que falavas, com tanta convicção, do salário de subsistência e da possibilidade da sua implantação.

- É preciso ter intelecto, para abranger, num instante, os valores nacionais, coordenando a fórmula de serem úteis aos dignos filhos desta terra!

- É o poder do pensamento! Que sublimes os frutos da sua desenvoltura!

- O Silva nunca me decepcionou. Não é de hoje que eu lhe peço a sua opinião, em alguns momentos da minha vida.

- Não foi em vão, que o apelidaram de sábio.

- Ninguém gosta de cognomes, mas temos de reconhecer que a voz do povo é o eco da voz de Deus.

- E algo estava nos ares!... Ele é mesmo um sábio e nós, ainda, não o tínhamos percebido.

- Não vim, aqui, para ser lisonjeado ou comentado. Converso convosco, para exprimir as minhas ideias, em benefício dos filhos de Deus.

- Vamos escutar-te, palavra por palavra, para nenhuma ser proferida em vão, pois queremos aproveitar a tua filosofia, para o bem de todos.

- Abri, apenas, uma janela, mas é preciso caminhar, para se divisar o horizonte.

- Para mim, nada é mais importante. Estou satisfeito. Vamos ver, agora, o que a Rosalina nos oferece e, depois, brindaremos à idealização do Silva.

- Sempre imaginei que o Silva sugeriria a criação de mais um imposto, para se conceder a todos o salário de subsistência.

- Nada disso!... Está, também, na sua programação a extinção dos impostos.

- Pode estar certo, mas tem de haver um modo do dinheiro voltar ao Tesouro Nacional, para os pagamentos sucessivos dos salários e dos encargos nacionais.

- Olha!... Eu nada mais digo!... Daquela cabeça pode sair, até, a fórmula para a criação de um novo mundo.

- A mim, tudo lhe é possível.

- O Aguiar está a conduzir as conversas para a confraternização e, pelo jeito, o Silva, hoje, fica por aqui mesmo.

- Esta fórmula é, apenas, o início do *complexo sudista* e todos ficaram tão satisfeitos em conhecê-la, que, agora, não há clima para mais nada.

- Repara como o Silva aprecia o jeito da Rosalina.

- O Silva é muito inteligente e tem bom gosto!

- Aprecia as coisas boas, que Deus pôs no mundo.

- Muito bem!... Vamos continuar a expor a fórmula divulgada. Vistes que o patrimônio nacional e o povo português, juntos, constituem o lastro do meio circulante. Os seis centésimos correspondem ao lucro mínimo do capital e à remuneração mínima do trabalho, no período de um ano, elevados ao expoente setenta, padrão da vida humana. Nesta união do capital com o trabalho, está sintetizada a minha ideologia, que pugna pela aglutinação do Capitalismo com o Socialismo, substituindo-se estes dois grandes valores, em hipótese alguma indignos, por um sistema ideorgalógico, beneficiador de todas as classes. Escusado será dizer-vos que isto é, apenas, o embrião.

- Estamos certos disso e queremos conversar contigo, enquanto tiveres o que nos dizer.

- Ó Silva, prevês, apenas, três grupos salariais, com cinco níveis subsequentes. Achas que é o suficiente, para se remunerar desde o contínuo ao diretor?

- Os salários serão individuais e não familiares. Nos sistemas comportamentais, quem trabalha, recebe um valor, com o qual terá de suprir todos os encargos familiares. Já, no *Sudismo*, o trabalho é um dever cívico e o salário um direito individual. Logo, numa família-padrão, de quatro pessoas – pai, mãe e dois filhos – há, pelo menos, quatro salários de subsistência. É a isto o que se chama “*distribuição equânime da renda nacional*”. Ora, se esta família

acha que ganha pouco, compete ao seu chefe progredir, no sentido de obter melhor renda familiar. Desta forma, o marido auferirá o salário profissional, acrescido dos respectivos suplementos, dos quais a esposa também perceberá cinco décimos. É o complemento, na proporção dos méritos individuais.

- Então, a esposa, quando o marido trabalha, não ganha só o salário de subsistência?

- No *Sudismo*, poucas categorias ganharão só o salário de subsistência. Quem trabalhar, perceberá os adicionais de estímulo, cabendo à esposa metade dos auferidos pelo marido, na condição de sua grande incentivadora.

- Dá-nos um exemplo.

- O cidadão atingirá a obrigação de trabalhar aos quinze anos. Se estudar, continuará a receber o fator próprio; mas, se não prosseguir nos estudos, deverá alistar-se no órgão competente, para obter o seu primeiro emprego, na categoria de estagiário, a fim de se familiarizar com o trabalho e evitar a ociosidade, percebendo, então, o adicional relativo. A jovem rege-se pelo mesmo sistema, mas, quando contrair matrimônio, ficará isenta da obrigação empregatícia, recebendo o complemento de dona-de-casa, nos cinco décimos do auferido pelo marido; Se quiser trabalhar, a sua jornada será, apenas, de quatro horas diárias, ficando com tempo disponível para as tarefas domésticas, sem prejuízo dos demais benefícios. Ser-lhe-á concedida, também, licença materna de dezoito meses, a partir do nonagésimo primeiro dia de gestação.

- Eu acho muitas vantagens para uma palavra só – *Sudismo*.

- Podes achar, mas é assim mesmo. Por que se obrigar uma gestante ao sacrifício materno, conjugado com outras obrigações, se temos uma legião de desempregados, aguardando uma oportunidade? Porventura, a pátria não recebe já a sua contribuição sublime?

- E tudo o que diz respeito a salário será pago pelo governo? Os patrões nada pagarão mesmo?

- No *Sudismo*, desaparecem as classes patronais e operacionais, para haver, apenas, colaboração pessoal. Não haverá fun-

cionários públicos nem privados. Todos receberão de acordo com a categoria do serviço prestado à nação, a qual definir-se-á nos mandamentos remunerativos específicos. O órgão pagador será, sempre, a pátria.

- Capacidade e instrução, no caso, não se confundem?

- Não. O indivíduo pode ser capaz e não ter muita instrução. Aprende a desenvolver a sua capacidade laboriosa instintivamente, no decorrer dos anos. Tal desenvoltura ser-lhe-á remunerada.

- É um reconhecimento justo.

- Quanto à instrução, também teremos o índice proporcional ao seu grau, pois não é justo que um cidadão habilitado usufrua remuneração igual a outro, que nunca procurou elevar os seus conhecimentos; mas só será concedido a quem exercer função na área.

- Ó Silva, dá um exemplo, para eu compreender melhor.

- Um jovem engenheiro, não conseguindo colocar-se, profissionalmente, numa área técnica compatível com o seu diploma, para não ficar inativo e contar tempo de serviço, resolve aceitar a função de demonstrador de um estabelecimento comercial. O seu salário será de simples comerciário, com os adicionais inerentes a esta classe, sem influência da sua formatura.

- Entendi. O índice de instrução só incidirá sobre o salário de quem exercer função própria da sua aptidão.

- Ó Silva, vamos deixar de lado a remuneração, para se falar mais um pouco da *fórmula sudista*, que, no meu entender, é questão fundamental. Como o dinheiro será emitido, como será posto em circulação e como voltará ao Tesouro Nacional, para tão relevante desempenho?

- No *Sudismo*, não há mistérios. É tudo uma questão de coordenação. Como sabeis, as pátrias comportamentais são carentes. Vivem só dos impostos arrecadados. É, aí, que se geram as crises econômicas. Se a sociedade exige grandes realizações, os tributos aumentam e, conseqüentemente, o custo dos produtos e a taxa inflacionadora. São pátrias, que se julgam senhoras de tudo, mas, na realidade, nada têm, ou, se têm, os sistemas mantêm-nas sempre

em estado de penúria. Já a *pátria sudista* é ciente de si: sabe o que tem e que é, efetivamente, mãe de todos os cidadãos. Portanto, magnanimamente, coordena toda a abundância, para atender a todos os filhos. Reparai nas seguintes distinções: A pátria capitalista visa, tão somente, o favorecimento de quem já é poderoso economicamente; a pátria pseudo-socialista apregoa um desenvolvimento, calcado no trabalho e na tributação, com promessas ao proletariado, nunca realizáveis satisfatoriamente.

- E quando o trabalho escasseia?

- Quando o trabalho escasseia, surgem as grandes massas de desempregados, de mendigos, e de delinquentes, conforme os indivíduos encaram a sua inatividade. Via de regra, estes períodos são contornados por campanhas de caridade e de subsídios, beneficiando só um pequeno número de protegidos.

- Quem vive do trabalho, tem mesmo de estar preparado para uma situação dessas.

- Sem dúvida. Se não conseguir amearhar uns trocados, quando surgir o desemprego ou uma doença mais prolongada, terá, mesmo, de enfrentar a miséria.

- O que, deveras, é lamentável.

- Nas pátrias capitalistas, cada um vale pelo que tem. Não julgueis que o dono de um complexo econômico terá destino diferente, se cair na insolvência, porque a desgraça carrega, consigo, o prestígio. Depois de tudo zerado, os amigos afastam-se. É este um dos motivos que nos leva a lembrar aos capitalistas serem menos arrogantes e mais compreensivos com os carentes.

- Isso só acontece aos imprevidentes, pois o sistema capitalista é dotado de todo o tipo de prevenção.

- A prevenção capitalista mais eficiente é o seguro, em todas as modalidades, mas não tem a solidez de uma *pátria sudista*. No seguro, há sempre dois buracos negros a intranquiliza-nos. Podemos, um dia, não ter condições de pagar o prêmio, no vencimento, ficando anulado, automaticamente, o contrato mantido durante dezenas de anos. Ou pode ocorrer a falência do segurador, na véspera do sinistro. Quantos casos, nós, que não somos tão velhos as-

sim, já assistimos, numa e noutra hipótese.

- Quantos!...
- Nos momentos de *meditação sudista*, chego a comparar o capitalista ao imprudente, que não pensa, nem por um instante, nos buracos da estrada da vida.
- Às vezes, nem são buracos. São crateras mesmo!
- E as pátrias socialistas, nesses casos, não levam vantagem, em relação às capitalistas?
- As pátrias socialistas desenvolveram a previdência, para atender os percalços da massa trabalhadora, mas não chegam a satisfazer plenamente, porque, advindo a receita da tributação patronal, dependem, indiretamente, do capitalismo, ao qual subordinam as suas aspirações.
- O capitalismo nada subsidia. Repassa, apenas, ao Estado o que arrecada em impostos, incluídos nos preços dos produtos.
- Leva a fama de uma falsa benemerência, pois, na realidade, no sistema capitalista, tudo recai sobre o trabalhador, que terá de suportar, em seus ombros, a produção, penhor da magra assistência social desfrutada, e o lucro da classe administradora.
- Sendo os capitalistas a parte da sociedade mais credenciada nos governos comportamentais, julgam-se, sempre, beneméritos dos valores recolhidos aos cofres públicos, aproveitando o ensejo para obterem concessões, em detrimento dos trabalhadores, que, a rigor, são os seus clientes e os geradores de toda a prosperidade.
- Eis o motivo pelo qual os especuladores e os sonegadores têm de ser combatidos por todos os meios, pois, no funcionamento do sistema comportamental, grande parte da tributação fica mesmo retida nos cofres dos empresários inescrupulosos.
- São elementos perniciosos, que enriquecem à custa da sociedade, em detrimento de outros cidadãos.
- A especulação e a sonegação são males crônicos entre as classes empresariais, havendo, até, profissionais especializados na matéria, muito disputados.
- Não me parece que o *Sudismo* vá conseguir controlar esse mal. Os interesses públicos serão sempre lesados.

- No *Sudismo*, as coisas serão mais dificultadas, pois os impostos serão devidos pelos consumidores, assumindo os comerciantes, apenas, a condição de coletores. Tal como foi dito entre empregado e patrão, também fornecedor e cliente ficarão desvinculados.

- Quer dizer que os patrões e os empregados passam a ser simples amigos.

- Sim, porque o empregado não terá mais necessidade de se expor a situações constrangedoras. Se não concordar com ordens deturpadoras da sua dignidade, poderá, simplesmente, eximir-se, pois, se não o fizer, será conivente na delinquência e solidário na pena.

- Essas explanações de pátria capitalista, pátria socialista e *pátria sudista* não clarearam a minha mente. Estou satisfeito com o salário de subsistência, mas não compreendo as vantagens da *pátria sudista*.

- Só com a evolução e a recordação do passado, é que os vindouros poderão avaliá-las, porque, agora, está tudo na ideologia, porém, vou tentar elucidar melhor: na área capitalista, predomina, sempre, a orientação dos abastados, desconhecedores da situação dos carentes, não se dando atenção às suas reivindicações. Não quero dizer que sejam classes tiranas. Não!... Pelo contrário!... A História registra personagens, que muito se preocuparam com o sofrimento alheio, fazendo tudo o que estava ao seu alcance, para o amenizar. Convém destacar, entretanto, que tal socorro, em forma de caridade, é sempre tardio e só concedido a quem comove. Já a esfera socialista elementar, além da nacionalização, impõe normas e contribuições, em prol dos desfavorecidos, inaceitáveis pelo *Sudismo*. A *tese sudista*, ainda em ideal, só a partir do novo milênio começará a ser apreciada e, instrumentada de governos ideológicos, agirá sob os auspícios da *solidariedade cívica universal*.

- Agora, entendi, mas queria que desenvolvesse mais a *tese sudista*.

- A *tese sudista* parte sempre de células, como vimos no meio circulante, onde o patrimônio, com os seus rendimentos, crescido

do trabalho, gera a receita, distribuível, indistintamente, por todos, de acordo com os méritos individuais. Esta célula reproduzir-se-á em outras, formando o núcleo da distribuição da renda nacional, com normas e tabelas, devidamente aperfeiçoadas, para ninguém deixar de ser contemplado. Isto, entretanto, não é um mar de rosas, pois, aos benefícios, corresponderão deveres, oportunamente, definidos. Outro exemplo é o da célula cívica, formada, no mínimo, por dez amigos, para avaliar a evolução da vida nacional e os meios adotáveis, para a correção das anomalias constatadas.

- Pelo que dizes, concluo que as duas pátrias existentes têm as seguintes definições: Capitalista, na qual predomina a vontade das classes abastadas, subsidiando-se o proletariado pelo trabalho, com o auxílio da caridade. Socialista, que impõe às classes empresariais o ônus da assistência social, de forma tributária, atrofiando o desenvolvimento econômico. E a *sudista*, em discussão, apregoa a fraternização de todas as classes, sem quaisquer custos para os empresários, seja no campo social, seja no tributário, correndo todos os encargos por conta do governo, na forma de *solidariedade cívica universal*.

- É isso mesmo!... Congratulo-me com os meus discípulos, por já estarem catequizadas na *filosofia sudista*. Entendo que, agora, podemos partir para outros assuntos.

- Há muitas dúvidas, ainda, nas nossas mentes.

- Fixaste o montante em circulação. Como esse dinheiro será emitido? Como circulará? Como retornará ao Tesouro Nacional?

- Como sabes, Silva, as pessoas têm comportamentos distintos: umas depositam as suas economias nos bancos. Neste caso, o dinheiro continuará a circular. Outras, porém, guardam-no, o que provoca a sua escassez no mercado. E outras, ainda, vão mais longe: trocam-no por moeda estrangeira, receando a inflação.

- Em todos os atos humanos, vale a experiência, o pensamento e a evolução. A experiência já a temos, com o surgimento do dinheiro, que veio facilitar as transações e o relacionamento entre as pessoas. O pensamento fez da pecúnia o maior protetor do homem, quando surgiram os contratos. E a evolução pode transformar o

numerário em redentor da Humanidade. A emissão, o fluxo e o retorno serão dirigidos por técnicos específicos, que saberão adotar o meio eficaz.

- Como?

- Como vos tenho exposto. Ontem, era o mercador maior, que cunhava o pequeno couro, tendo, por trás, o seu patrimônio, a sua idoneidade e a sua probidade, como garantias. Hoje, é Portugal, que ousa emitir o incomensurável valor circulante, para satisfazer as carências do seu povo, de acordo com a capacidade laboriosa dos cidadãos e o prestígio dos seus governantes. É evidente que este dinheiro, à medida que for posto em circulação, espalhar-se-á pelo território nacional e, por que não se dizer, pelo mundo; mas não podemos esquecer-nos de que as nações serão dirigidas por pessoas, tecnicamente, competentes, as quais saberão adaptar-se às exigências das novas teses.

- Falaste, há pouco, em solidariedade cívica universal. Poderias expor melhor essa expressão?

- Usa-se o termo capitalista, para definir o poder de uma facção da sociedade, perfilada com a prosperidade, constituída dos que têm alguns bens, sejam de que espécie for, estando, aqui, englobados os que vivem de rendimentos de capital, sem contato com os trabalhadores, os banqueiros, que promovem a circulação do dinheiro, os comerciantes e os industriais, os principais geradores das riquezas modernas, e os proprietários, que foram os senhores de tudo, em tempos idos. Já os socialistas, podemos defini-los como a primeira tentativa de confraternização entre os abastados e os subsistentes do trabalho.

- Fiquei confuso, com isso.

- Mas tudo será esclarecido e compreenderás, então, por que o homem é o produto da sociedade, correspondendo o seu procedimento ao desempenho dos governantes. Nos primórdios da civilização econômica, quem mandava era o dono da terra, o proprietário, a quem era facultado ditar normas, para serem cumpridas pelos que viviam no seu domínio, o qual, com a evolução, desdobrou-se em outras classes, como vimos anteriormente.

- E não continua assim, com uma ligeira modificação?
- Não!... Com o surgimento da instrução, o homem, desprovido de haveres, compenetrando-se do seu valor e, sob a designação de trabalhador, concluiu que o mundo econômico era construído por si e administrado pela burguesia. Daquela reflexão, surgiram as reivindicações, dando origem aos movimentos socialistas, que demonstram, nos tempos modernos, serem o elo entre os abastados e os pobres, hoje, denominados empresários e operários.
- Elo mantido a duras penas.
- Mantido a duras penas, porque, para uns, é custo, para outros, anseio, por não se assentar em princípios científicos. Os trabalhadores pleiteiam, por direito; os patrões concedem, por compreensão.
- Ambas as partes têm razão. São justas as reivindicações dos trabalhadores e sensatas as retrações patronais.
- A cada reivindicação atendida, corresponde um ônus, no sistema comportamental, que terá de ser absorvido pela sociedade. Os preços dos produtos aumentam, para cobrir os novos encargos, e a sociedade protesta, pela elevação do custo de vida. É uma ciranda, que não para.
- Mas as reivindicações são justas.
- E as precauções patronais também.
- Meus caros amigos, empresários e trabalhadores estão certos, por que, então, não se acabar com os sistemas capitalista e socialista, que não conduzem à Paz Universal, contrastantes que são?
- Escuta, Silva, é o que propões e eu, na realidade, estou convencido disso.
- Quando dois contendores compenetraram-se de que, ambos, estão com razão, outra alternativa não lhes resta senão a de pedirem a presença de um mediador, para lhes indicar a solução adequada. Por que, então, não se partir para a praça pública, elegendo-se homens e mulheres competentes, que, em assembleia, instituíam as normas de uma nova sociedade, sob a égide da Sabedoria, da Prudência e da Justiça?
- Seria o ideal.

- Então, meus amigos, neste momento, abre-se a *porta sudista* às nações, que se disponham a ser governadas em forma de condomínio, com direitos universais para todos os cidadãos: aos proprietários, a garantia dos seus patrimônios; e aos trabalhadores, a satisfação das suas carências.

- Ó Silva, inclusis, sempre, nas tuas expressões, o vocábulo universal. Porquê?

- Numa aldeia, não muito distante daqui, havia duas donzelas, equiparáveis entre si, possuindo todos os dotes físicos apreciáveis numa mulher. Uma era sóbria e modesta nas suas aspirações. A outra, vaidosa e reivindicadora de tudo, vestia-se com boas roupas e ornava-se com lindas fantasias. Um dia, um viajante, que por lá passava com assiduidade, encontrou-se, casualmente, com os pais das duas. Perguntando-lhes pelas filhas, um respondeu que estava em casa, mas o outro, pai da mais vaidosa, com ar de satisfação, disse: “*Casou-se e deu-me dois netinhos, que são a alegria da minha vida!*” – A fantasia é o brilho da vida. Quem não brilha, não vive.

- Quer dizer que devemos reivindicar?

- Tudo o que estiver no nosso subconsciente, para tudo nos ser dado, porque tudo nos é devido, na condição de filhos de Deus.

- As reivindicações coletivas, em lugares públicos, não são sinónimo de anarquia?

- Tal como são feitas, fora da *área sudista*, sim.

- Não entendi!... Isso todo o mundo diz, até o anarquista!

- É verdade!... O anarquista só pleiteia o que está na sua mente.

- Não é fácil catequizar. Entendo a vossa confusão.

- Se entendes, explica!... Se um sujeito qualquer vai para a praça pública reivindicar isto ou aquilo, é anarquista; mas, se for reivindicar em *termos sudistas*, não é!... Tens certeza?

- O homem, para ter razão, tem de agir convictamente. E, para tal, terá de analisar o âmago da coisa.

- Com certeza. Dou a mão à palmatória.

- Pois eu não dou! O Silva tem de explicar, até eu entender.

Sou tapado, mas tenho vontade de aprender.

- As reivindicações em praça pública, na maioria dos casos, nada mais são do que insubordinações surdas.

- Surdas?!... Com todo aquele alarido!

- Sim, com todo aquele alarido.

- Ó Silva, decompõe, então, a coisa, para nós entendermo-la, em todos os pormenores.

- As reivindicações, em praça pública, têm a sua origem nos motins e são a sua continuação. São surdas, porque a autoridade policial, vigiando-as, não permite que os seus componentes alcancem os responsáveis pela situação, não sendo por eles ouvidas.

- Tens razão! É isso mesmo!

- O *sudista* já está em outro estágio. Sabe muito bem que nada se resolve com gritos ou com falsas promessas. Portanto, só age por meio de células reivindicadoras, onde os assuntos são expostos em todos os seus aspectos e encaminhados, por protocolo, ao responsável direto.

- Mais um papel, para ser engavetado, continuando tudo como antes.

- Mas não continua mesmo!... É preciso que estejais bem atentos ao conceito universal, que eu sempre dou às coisas.

- Silva, nós não temos o teu discernimento.

- Soberania e universalidade são conceitos muito distintos. A soberania oprime; a universalidade, fraterniza. As reclamações justas serão expostas em documentos, com as assinaturas dos postulantes, certificadas automaticamente. E eu quero ver quem terá a ousadia de engavetá-las. As alaridas, em praça pública, o vento as leva, mas os protestos assinados e autenticados, o verme não destrói, porque a vigília dirá onde mora a Justiça.

- Assinaturas certificadas automaticamente?... O que é isso?

- Nem pareceis portugueses!... Diz-nos a Nossa História que, quando o nosso velho Portugal se impunha à admiração do mundo, pelo carácter dos seus homens, os responsáveis por qualquer compromisso davam, como penhor da sua palavra, um fio da sua barba. Ora, meus amigos, numa era em que a tecnologia nos permite

tudo, porque não se exigir que qualquer postulante aponha à sua assinatura a autenticação automática, constituída do nome completo, do número de identidade, da impressão digital e dos códigos provincial, municipal e local, fazendo, assim, a fé, no tempo e no espaço, dispensando-se o reconhecimento tabelional, que, na realidade, pouco ou nada abona. Para tanto, basta criar-se o respectivo estojo, constituído de uma pequena caixa, com almofada, ume-decida em tinta, e um carimbo, com estes dados.

- Sugeres cada coisa...

- Ó Silva, tens de me aturar. Eu já me expressei de diversas maneiras, para disfarçar a minha impertinência, mas não me sinto bem em participar destas conversas, com incógnitas na cabeça. Tu disseste, em certa altura, que, no *Sudismo*, nenhum cidadão será dependente um do outro. O que significa isso?

- É uma das tônicas desta ideologia. O mundo econômico caminha para o colapso, com tantas reivindicações. O socialismo elementar, por falta de discernimento dos seus líderes, vai idealizando obrigações patronais, no sentido de ampliar o seu perímetro ideológico, junto às massas trabalhadoras e, em tais circunstâncias, as empresas ficam sufocadas, congestionando-se, até, o seu sistema administrativo, além de se exaurirem os seus resultados. Há, também, as reivindicações familiares. Quando um casamento se dissolve, o cônjuge desfavorecido julga-se com o direito de permanecer como pensionista do outro, pelo resto da vida. No *Sudismo*, isto não existirá. As empresas nenhuma obrigação terão perante os empregados, pois tudo será da competência do governo. Nos lares, a mesma coisa e cada um seguirá o seu destino, competindo, apenas, à Justiça determinar a custódia dos filhos.

- E o orgulho de alguns, referindo-se ao tempo que já trabalham na firma.

- Parece uma varinha mágica o *Sudismo*, não parece? Um de vós já me disse, em tom irônico, que o *Sudismo* é uma mãe. Não é!... É o grau mais elevado da civilização, que, nos nossos dias, ainda é inferior à convivência de alguns insetos, com os quais muito temos de aprender. Algum de vós já deu esmola a uma formiga ou

a uma abelha? Porventura, já vistes algum destes insetos a mendigar pelas ruas? Pois é, são seres societários como nós. Só não são idólatras nem crédulos e os seus administradores, não sendo políticos nem conjeturistas, são bem mais honestos e mais competentes do que os nossos. Recordais-vos de eu vos ter convidado a acompanhares-me até o arco do cruzeiro, para colocar a pedra angular na catedral da civilização? É isto!... Muitos foram os homens e as mulheres, que, inspirados por Deus, no decurso dos milênios, contribuíram com as suas ideias e as suas invenções, para nós, agora, ordenarmo-las em benefício de todos. Parece um sonho, mas é realidade. Também já vos lembrei que o que foi dito ontem, pode não nos interessar hoje e ser pernicioso amanhã. Não vos importeis com o que alguns se intitulam, porque o homem só é o que o seu pensamento produz.

- E esses empregados e cônjuges, que se desligam, perdem os direitos auferidos?

- O *Sudismo* é a mensagem do novo milênio. Quando o povo o quiser, é só eleger dirigentes hábeis, nesta ideologia, e tudo será organizado. Ninguém perde. Todos receberão o salário de subsistência e os adicionais correspondentes. Lembro-vos, ainda, que parasita é todo aquele que se nutre do alheio.

- E como seria a base dos salários, no *conceito sudista*?

- No *Sudismo*, todo o cidadão terá de receber, no mínimo, o salário de subsistência, do primeiro ao derradeiro dia de vida, para manter a sua integridade, instruir-se e ser útil à sociedade, elevando-se progressivamente, de ano a ano, como estímulo a quem trabalha, limitado ao teto definido, para não haver esbanjamento nem se criar uma sociedade perdulária.

- Como serão convencionados os salários superiores ao de subsistência?

- Os técnicos específicos é que melhor os definirão, porque, neste sistema, nada é inflexível. Tudo terá de ser reajustado às necessidades do povo, dentro do bom senso, evitando-se, sempre, remunerações excessivas, porque os chefes de família não terão mais o peso doméstico, pois a esposa e os filhos serão remunera-

dos, como cidadãos.

- E os menores receberão como os adultos?

- O salário de subsistência será um direito do cidadão, garantido pela universalidade. Todavia, se os técnicos concluírem pela sua redução e o povo concordar, os menores poderão receber, apenas, o valor de um índice, de acordo com a sua idade, variável de ano a ano, salvo os órfãos, os doentes e os deficientes, aos quais será integral.

- Tu és o *pai do Sudismo*. Queremos a tua definição e não a dos futuros técnicos.

- A minha opinião é universal. Todos terão de receber o salário de subsistência, seja qual for a sua idade ou a sua condição.

- Era isso o que queríamos ouvir.

- Com a noção da remuneração de subsistência, entendo que podemos partir para outros debates.

- Da minha parte, eu gostaria que o Silva falasse mais um pouco deste assunto, por ser circunstancial.

- Ninguém vai acreditar na viabilidade do *Sudismo*, porque a falta de dinheiro sempre foi constante em todos os tempos, desde as monarquias absolutas às repúblicas liberais.

- E, para obtê-lo, muitas honras se macularam.

- E quantos crimes foram cometidos!

- Calma!... O dinheiro não vai ficar aferrolhado no Tesouro Nacional, nem vai circular a esmo. O *Sudismo* será uma administração compreensiva, com projetos e orçamentos. Portanto, o povo terá de ser muito consciente na escolha dos seus representantes, pois nunca a probidade foi tão exigível, nem o nepotismo tão refutável.

- Não há um dicionário por aqui?

- Para quê?

- Para eu consultar. O Silva proferiu algumas palavras, das quais eu não conheço bem os significados, e não vou para casa a pensar que são nomes de minhocas! Enquanto eu participar destas conversas, hei de ter noção de tudo o que, aqui, for dito.

- Isso é o que todos deveriam fazer, em períodos eleitorais. Só

votar nos conhecidos, idôneos, laboriosos e probos, para não elegerem corruptos e nefandos!

- É a coisa mais difícil. Quase todos se deixam influenciar pelas campanhas eletrônicas, um dos piores males do nosso tempo, que impõem aos telespectadores produtos nunca correspondentes à mensagem.

- Essas campanhas, com raras exceções, são enganadoras. Em muitos casos, mostram lugares por onde os candidatos nunca andaram e prometem coisas, que nunca lhes passaram pela mente, e, até, confrontáveis com a ideologia do partido.

- Hoje, é preciso muito cuidado, ao eleger-se alguém para um cargo público. As altas remunerações são tentadoras e os candidatos fazem todo o tipo de negócio, para alcançá-las, não se levando em conta, ainda, os subornos a que se submetem.

- E há quem se candidate, sem competência para resolver os seus problemas, quanto mais os públicos.

- É simples... Basta calcular quanto se ganha na gestão e quanto custa a campanha eleitoral. E está dado o resultado do investimento.

- Os anos passam-se e os sujeitos nem aparecem nas assembleias. O investimento está garantido! Preocupem-se para quê?

- E, quando surgirem as novas campanhas eleitorais, é só retocar o filme e colocá-lo no ar, para os eleitores não esquecerem o nome.

- Enquanto isso, os nossos trabalhadores ultrapassam as fronteiras, à procura de trabalho.

- Porque, aqui, ninguém estuda o assunto nem se preocupa com a administração efetiva do país.

- E, quando os emigrantes regressam, vêm cansados, doentes ou velhos, para se tratar na sua terra.

- Para a Nação Portuguesa é um ônus, sem a receita correspondente.

- Se nos propusermos a discutir o assunto, atravessaremos a noite e ainda ficará muita coisa para debater.

- Não importa o tempo que leve, o que não podemos é deixá-

lo em branco, porque interessa a todos.

- Calcule-se quanto Portugal gasta com a instrução e a educação da sua juventude e imagine-se o prejuízo nacional com a emigração da força produtora para outros países e o regresso dos cansados, dos doentes e dos velhos, para serem tratados no seu lugar de origem.

- Para meio entendedor, nada mais precisa ser dito.

- Portugal educa as crianças, instrui os jovens, exporta os trabalhadores e acolhe os doentes, os inválidos e os velhos. É como o lavrador sem visão, que semeia a terra e vende a safra ao manufator, queixando-se, depois, que a lavoura não compensa.

- A nossa instrução pode não ser das melhores, mas também não é das piores; todavia, a emigração, além de deturpar o prestígio do nosso país, é perniciosa aos nossos interesses econômicos e parece que os dirigentes nacionais nunca perceberam isto.

- O labor deve ser bem estudado e cuidadosamente aproveitado, para compensar os gastos com a educação, com a instrução e com a assistência social, em todos os níveis.

- Não temos muita queixa, pois, nos últimos tempos, o país vem usufruindo um bom nível de progresso.

- Mas tem de se mudar a mentalidade portuguesa, quanto à emigração, compenetrando-nos da sua nocividade ao progresso nacional.

- O trabalhador é como a macieira, que nasce e cresce, no pomar; mas, quando chegar a época de florir e de frutificar, o seu dono não deve permitir a sua transferência para pomar alheio, para não perder o resultado dos seus cuidados.

- Sejam coerentes. A emigração não é tão perniciosa assim. Os nossos trabalhadores partem para terras alheias, em busca de trabalho, por simples idealismo, e a ninguém cabe o direito de os impedir.

- Buscam a prosperidade.

- O que não encontram aqui, mas voltam, quando mais ninguém os quer, doentes, cansados e velhos.

- Concordo contigo. Vão, porque querem; mas voltam, quando

não querem. E nós temos de os receber, porque é gente da nossa gente, sangue do nosso sangue.

- No momento, a coisa parece estar bem encaminhada, mas não sabemos até quando, porque a retrospectiva mostra-nos que o assunto é crônico, sendo os nossos dirigentes, com raras exceções, mais vaidosos do que eficientes.

- Um bom pai, com o seu trabalho e o seu discernimento, supre o lar, antes que o filho vá pedir pão ao vizinho.

- Com a teoria do nosso amigo Silva, as coisas vão mudar.

- Nada muda, sem o arejamento da mente humana. Sem isto, o panorama é constante: o que vimos ontem, vemos hoje e veremos amanhã.

- Não julguemos os outros. Nós é que temos de nos renovar e, quando o fizermos, os frutos cairão, maduros, aos nossos pés, porque semeamos e cultivamos, para os colher.

- Não censuremos gratuitamente, pois motivos podem haver, que escapam à nossa avaliação.

- Só as estatísticas comprovam o que os olhos não vêem.

- Com o salário de subsistência, o povo português alcançará um elevado grau de estabilidade social e, conseqüentemente, um procedimento exemplar.

- Esse procedimento exemplar é muito problemático. Não pensemos que o dinheiro é o principal corretor humano. O assunto é mais complexo do que parece.

- Na formação de um povo, não é o quesito principal. A instrução e a educação da juventude é que terão de ser bem requintadas.

- A instrução do nosso povo não é das piores.

- Mas tem de melhorar, porque o panorama internacional assim o exige.

- E, para isso, temos de ter bons técnicos, na área pedagógica.

- A instrução começa no berço e termina na faculdade. E, em todos os estágios, a criança e o jovem terão de ver, nas pessoas que os rodeiam, as marcas da satisfação, pelos conhecimentos adquiridos.

- De nada adianta a mãe dizer ao filho que leia, para ser um homenzinho, se essa mulher revela, no rosto, as agruras da vida, perceptíveis à sensibilidade da criança.

- Para se ter uma pátria socialmente sadia, teremos de colocar o nosso dedo ideorgalógico no seu âmago. Sem isso!...

- E qual o âmago, que nós temos de conhecer, de cultivar, de vigiar, de nutrir, enfim... de fazer por si o que estiver ao nosso alcance, para a pátria recrudescer, em benefício de todos.

- Tudo reside mais na mulher do que no homem, propriamente dito, por ser uma pessoa mais adequada à sociabilidade.

- Fala-se muito na igualdade da mulher com o homem. Eu não sou contra isso. Acho, até, que uma jovem pode sonhar com todas as profissões, que a fascinem, mas a sua formação, embora paralela à do homem, terá de ser mais enriquecida, desde o carinho à elegância.

- De fato, temos exemplos, aqui, na nossa terra, de sobra; e os nossos cabelos de prata também já nos ilustraram o suficiente, para podermos aquilatar as pessoas.

- Há mulheres, na nossa terra, que são verdadeiras prendas. Não têm beleza fascinante nem esbanjam cultura, mas formam lares bem equilibrados, mantendo, com os maridos, comportamento exemplar.

- Homem e mulher são dois nobres objetos, que o Grande Artesão confeccionou, de formas semelhantes, para fim comum; mas, para constituírem um par perfeito, colocou-os, lado a lado, na alameda da vida, distinguindo-os com as letras “M” e “F”, nos quais o jardineiro do destino plantou o amor, que florescerá para sempre. E, entre essas duas letras, haverá a eterna afeição, porque o “M” representa o mundo e o “F”, a felicidade, sem o casamento dos quais, nenhum programa se concluirá.

- A educação de ambos – homem e mulher - deve seguir caminhos paralelos, mas requintes distintos, ministrando-se ao homem a virilidade e à mulher a distinção, o que só se auferes com discernimento acurado.

- O grande jardineiro dessa distinção é a mãe, que colocará os

vasos no lugar certo, marcando-os sabiamente.

- Ó Silva, quando começamos a falar sobre a educação e a instrução, todos definiram que a da mulher, embora paralela à do homem, deverá ser mais requintada. Porquê?

- Bem... Todos sabem que o homem é um agente familiar de atuação externa, adquirindo grande parte dos seus conhecimentos, dia a dia, no ambiente e no trabalho.

- Mas a mulher também luta por essa exteriorização.

- É um direito seu e nós não o contestamos. Queremos, até, que assim seja, se for da sua vontade, mas devemos velar pela sua felicidade, porque, no seu ventre, forjam-se as gerações, que ditarão os destinos da Humanidade.

- E como seria o auxílio à mulher, para desistir da perseguição da carreira do homem, em busca da sua realização?

- A mulher não busca a carreira do homem, para se realizar. É uma questão mesmo de subsistência. O casamento não lhe oferece mais segurança, porque, abrindo os olhos, concluiu não poder continuar a ser objeto de propriedade do companheiro.

- A mulher moderna pensa assim e, desta forma, tem de caminhar ao lado do homem, ombro a ombro, debatendo, ambos, os assuntos conjugais.

- E a sociedade tem obrigação de rasgar os velhos pergaminhos e escrever outros, que melhor atendam aos ideais dos nossos dias.

- Não adianta recordar o que está escrito aqui ou ali, se ninguém lhe dá mais atenção.

- Orientador é o que, em noite de tempestade, empunha o lampião e, à frente, conduz o seu povo a lugar seguro.

- É aspiração da mulher seguir os caminhos do homem, sem abdicar da feminilidade. Deve, portanto, a sociedade preparar-se, para enfrentar este desafio.

- E, ante essa aspiração, é que o *Sudismo* a contemplará.

- A mulher não detesta o homem. Pelo contrário, ama-o muito. Nós somos testemunhas da sua afeição, porque a tivemos sempre ao nosso lado, nos bons e nos maus momentos da vida.

- Como seria, então, vista a mulher, no *Sudismo*?

- O *Sudismo* não deturpa nem enaltece quem quer que seja. É a filosofia da justiça universal, na qual todos ganham pelo que são. Disse-vos que o delinquente não pode perceber o mesmo que o magistrado, o que vos prova que esta ideologia está atenta à colaboração de todos, para o bem-comum. Direis, então, que o delinquente é pernicioso e não merece ser remunerado, mas eu respondo-vos que o delinquente também é filho de Deus e tem o direito de se curar; e nós, não só lhe reconhecemos tal direito, como o ajudaremos, em todas as suas carências, para alcançar a cura, o quanto antes. Ora, se eu vos indico um sistema ideorgalógico, que vai do âmago do mal à magistratura, como temeis que a mulher, nossa mãe, nossa companheira e nossa filha, iria ser esquecida?

- Pode não ser esquecida, mas nós estamos a debater as carências dos cidadãos e chegou a sua vez.

- Isso mesmo!... Eu, da minha parte, quero saber tudo.

- Ó Saramago, tu enfatizas qualquer um!... Queres saber? Vai para a escola! Lá é que é o lugar de se aprender.

- Não foi dito, há pouco tempo, que o homem adquire parte dos seus conhecimentos, em conversa com os amigos?

- Sim!... E daí?

- Então, mãos à obra, porque, a pesar de saber muito pouco e de ser impertinente, agora, quero ilustrar-me na *filosofia sudista*, no que concerne à mulher, para sair por aí a apregoar as suas vantagens.

- O *Sudismo* é a verdadeira filosofia da fraternidade universal. Quando falamos em fraternidade, queremos dizer que todos serão iguais e terão os mesmos direitos, perante a pátria, e não com aquele sentido de ficar subordinado a esta ou àquela facção da sociedade. Não! Nada disto! Cada um segue o que melhor lhe aprouver e, quando se sentir prejudicado, terá o sagrado direito de solicitar ao órgão competente as medidas adequadas. Já reparastes como eu me expresso, quando me refiro aos modelos comportamentais? Observai bem: Capitalismo, onde o homem vale, pelo que tem; Socialismo, onde se vale, pelo que se contribui.

- Todo o mundo está cansado de saber isso. Basta ver como cada um fala, quando se dirige às pessoas: - Senhor fulano de tal!... D. Mariquinhas, como vai a senhora?... Ó Zé das Coives, por onde é que tens andado?

- E sabeis por que socialismo utópico?

- Não!... Isso, eu não sei!

- Bem!... Observe-se que eu não sou contra os capitalistas nem contra os socialistas. Todos sabem que, nestas doutrinas, eu tenho grandes amigos e sempre fui convidado a ingressar em partidos de ambas as tendências, a nenhum me tendo filiado, por incompatibilidade ideológica.

- Ó Silva, nós brincamos contigo, por brincar!... A tua reputação e as tuas palavras não deixam qualquer dúvida, mas chegou a hora de termos uma definição mais ampla sobre a mulher, no *Su-dismo*.

- No âmbito universal, para usufruir a realidade e não as falsas promessas, apregoadas por outras convicções.

- Disserta isso, em linguagem popular.

- Os assuntos da mulher serão coordenados e pleiteados pela própria mulher, por células e movimentos reivindicadores, pois só quem sofre discriminação é que sabe o problema.

- Mas não há pontos capitais?

- Sim!... O ponto principal é o direito universal.

- O que significa isso?

- Tudo o que diz respeito à ansiedade da mulher, mormente quanto à maternidade, concedendo-se-lhe a soberania do ventre, pois tudo que, em si, se passar, será, apenas, um problema da sua consciência. Ninguém poderá interferir, sob qualquer pretexto.

- Mas isso não fere alguns preceitos?

- Não!... O que mais fere os preceitos é o panorama que aí está. Ninguém tem moral, sem apresentar as soluções completas, para os problemas conflitantes com as normas ditadas. O que as impuser, terá de indicar as soluções para o seu cumprimento, sem sacrificar quem quer que seja. Quem diz à mulher ter filhos a esmo. Haverá de lhe indicar onde buscar o alimento suficiente para todos

esses filhos e os recursos para a sua educação e instrução, pois, se assim não o fizer, agirá hipocritamente.

- Na civilização atual, o suprimento das nossas carências vem pelo trabalho.

- Esqueceis-vos de que o trabalho, doravante, será monopólio da máquina.

- Haverá sempre um servicinho, para quem quiser trabalhar.

- E um rosto, para chorar as mágoas da vida, sem de si alguém se comover.

- Não achais que a conversa desviou-se do tema principal? Estávamos a falar dos principais direitos da mulher.

- Temos tempo e podemos intercalar o que quisermos, porque isto, para nós, é uma distração.

- Bem!... Vamos, então, debater a soberania do ventre feminino, já que alguns externaram a sua preocupação.

- A soberania do ventre feminino é uma sequência da universalidade. É um direito universal da mulher. Ela é que decide quem deve amar e, se de tal amor, procriar.

- Mas isso não seria abrir-se as portas ao aborto?

- Cada um no seu lugar. Só duas classes podem definir o aborto: a médica, baseada na ciência, e a judicial, que acata o pronunciamento científico e julga a questão. Tudo mais é puritanismo.

- E o que dizem os grandes pensadores, não se leva em conta?

- Leva, desde que os seus pronunciamentos se alinhem aos conhecimentos de hoje.

- Quer se dizer que uma leviana pode fazer e desfazer à vontade?

- Não sei!... Ela é que saberá o motivo e o médico a razão da sua interferência. Se houver irregularidade, compete à justiça julgá-la.

- Acho isso temeroso.

- Porquê? A mulher não é um ser igual ao homem? Por que, então, negar-se-lhe o direito de amar e de decidir?

- Tenho receio de que as coisas se compliquem.

- Tu estás preocupado é com a perda da tutela do homem so-

bre a mulher, mas isso, no *Sudismo*, não tem razão, porque seremos todos iguais. O homem terá de substituir a arrogância pela compreensão e pela amizade, entendendo que a mulher é igual a si e, sobre a qual, nenhuma soberania lhe cabe. E, para a comunhão dos dois, só a amizade de ambos.

- E os princípios da nossa educação secular?

- Evoluem!... Há séculos atrás, as nossas figuras nacionais percorriam o país em coches e outros meios rudimentares. Hoje, usam o automóvel, o avião e, no futuro, quem sabe?

- Custa a aceitar essa evolução. Só com o tempo é que a assimilaremos.

- É a prevenção. O receio de que tudo escape ao nosso controle, quando a nada temos de nos impor, porque o que aí está é de todos. Temos, apenas, de colaborar uns com os outros, para o bem-comum.

- Com o cuidado sobre os possíveis desmandos da mulher, deixamos de explanar a verdadeira matéria, o que, realmente, mais lhe interessa.

- Sei lá!...

- Eu não me envergonho de dizer que tenho medo da evolução!

- E esse medo exagerado, que temos, de que outros fraquejem, é que nos amesquinha. Devemos imitar os pesquisadores, que, insaciáveis, continuam na busca do conhecimento.

- Não podemos restringir-nos a velhas teorias, que, durante milênios, nada provaram e nada resolveram.

- Acompanhemos os que buscam o saber, porque, nesta via, encontraremos Deus, a fonte de todas as definições.

- Com essa discussão, o Silva desviou-se da dissertação dos direitos da mulher, que, parece-me, não ficam por aqui.

- Bom... Com desvios ou sem desvios, nos termos da universalidade, tudo o que o mundo feminino quiser, será reivindicável. Acho, até, como disse há pouco, não valer a pena citar este ou aquele assunto, para não se criar polêmicas, que a nada conduzem.

- Todavia, seria bom falarmos sobre os principais.

- E quais são os principais? - pergunto-vos eu. – Se, apenas, um causou tanta discussão, quando iríamos acabar este capítulo? Tudo o que, eticamente, se quiser, está inserido na universalidade. À mulher é que compete pleitear, pois as portas ficam abertas. Basta que uma convide mais nove, para formar a célula reivindicadora, prosseguindo com o movimento.

- Deixa ver se eu já encasquei a coisa. Vou falar do meu jeito: a universalidade nada mais é senão o direito à condição humana. Basta que, por todos os meios, se procure tal direito.

- Entendido!

- Ó Silva, como já temos noção da divisão da renda nacional, do conceito da universalidade e da solidariedade cívica universal, gostaríamos que traçasses as *normas sudistas*, para a nossa orientação, em debates, entre amigos.

- O *Sudismo* promove a aproximação do homem com Deus, a fraternidade entre todos, sem qualquer distinção, e a coordenação dos valores pátrios, para o bem comum.

- Não será puro ecletismo?

- Não!... É a universalidade mesmo, para a qual qualquer sistema perde, porque, eivados todos de discriminação, de nepotismo e de outros preconceitos, bem narrados pela História, só oferecem ao homem o compromisso e a incerteza, sem resolver as suas carências.

- E não correremos o risco de exclusão, por transpor tais conceitos?

- O comportamento humano é considerado, sempre, pela Equidade. E eu quero ver o rosto daquele que se atrever a denunciar-me ao Juiz Divino, por ter convidado, em Seu nome, os humildes a participarem do Banquete Universal. Meus caros amigos, Deus, a Mente Universal Sublimada, que nos inspira, mora no nosso cérebro e é preciso que aprendamos a interpretar as Suas palavras, pela razão. E, então, compreenderemos que, quem nunca se preocupou com o pranto alheio, jamais poderá representá-Lo. A representação divina não está no hábito nem na palavra. Está no ato. Quem não

obra, não representa. Desde quando a indiferença produziu frutos? A quem o Sol ilumina? Não é ao espaço sideral, a maior obra de Deus aos nossos olhos? E quem renuncia à solução das carências da Sua obra, poderá ser visto como seu delegado? O *Sudismo* é, pois, a supremacia da civilização, chegando a todos como a mensagem do novo milênio.

- Teremos, então, mais teses, além das já citadas?

- Sim, pois trata-se de uma revolução ideológica profunda, onde todos ganham, sem prejuízo de quem quer que seja.

- Mas isso fere as normas técnicas. Qualquer um, com sóbrios conhecimentos específicos, sabe que, ao enriquecimento de um, corresponde o empobrecimento de outro.

- No sóbrio conhecimento dos homens.

- Como no sóbrio conhecimento dos homens? As teorias assim o demonstram.

- As teorias fundam-se em anotações de dados, enquanto as ideologias éticas são fruto do pensamento, inspirado por Deus.

- Não sei!... Acho tudo muito enigmático. Dou voltas ao miolo, para alcançar o *zimbório sudista*, mas não o consigo.

- Ó Silva, pela tua polêmica, vamos a caminho de uma nova era. Só que nós não o divisamos. Mostra-no-lo, para podermos dar os primeiros passos.

- O caminho é a razão, conhecida por todos. Nas nossas conversas, está presente, quando falamos dos interesses de uns e das carências de outros.

- Mas nós queríamos um conjunto de normas, como costuma ser feito pelos grandes pensadores, para serem divulgadas, entre os nossos amigos.

- Acontece que eu não sou pensador. Eu sou, apenas, vosso amigo, com quem converso e a quem transmito as minhas ideias, inspiradas por Deus.

- Tens certeza de que tudo isso é inspirado por Deus? Como? Comprova!

- Na vida, há dois caminhos: o do Bem, que nos leva a Deus; e o do Mal, que nos afasta de Si, expondo-nos ao sofrimento, pela

Sua ausência. Sentimos que seguimos o de Bem, quando os nossos atos agradam a todos, e o do Mal, quando provocam clamor alheio.

- Realmente, o que dizes é profícuo a todos, porém, quase impossível de se alcançar. Já falaste do dinheiro e como obtê-lo, mas isso depende de uma administração eficiente.

- Tudo é difícil, mas torna-se fácil, quando se inicia.

- Está bem, Silva! Mas... Faz-nos um favor. Escreve as *normas sudistas*, para iniciarmos a sua divulgação.

- Se assim o desejais, eis os cinco Mandamentos do Homem, um dos cincálogos da Constituição Universal:

1. Amarás a Deus, Criador e Senhor de todas as coisas, vendo o teu semelhante como Seu filho e a Natureza como Sua obra, contra os quais não delinquirás, por intenção, ato ou omissão.

2. Não procriarás a esmo, para nunca faltar pão ao teu filho e ao do teu vizinho; nem ocuparás terras ou cargo, que não possas cultivar ou exercer com o teu trabalho e a tua competência.

3. Não cometerás adultério nem estupro, porque o teu cônjuge não pode ser traído, nem a filha de Deus concebida sem amor.

4. Terás uma Pátria, pela qual, empreendidos todos os sacrifícios, elegerás cidadãos conhecidos, idôneos, laboriosos, probos e recomendados, para dirigirem os seus desígnios, interpretando os recomendados como os eleitos pelas outras jurisdições.

5. Educarás o teu filho no amor a Deus, à Pátria, à Família, à Justiça, à Paz e ao Trabalho, responsabilizando-te pelos seus atos, enquanto menor.

- Não é o que esperávamos. Julgávamos, sempre, que, um dia, nos darias os *estatutos do Sudismo*, para a nossa orientação.

- Esses mandamentos assemelham-se a mensagem anterior e, aparentemente, estão incompletos, porque são, apenas, cinco.

- Eu não vim para destruir. Converso convosco, para vos transmitir a nova mensagem.

- E achas que esse cincálogo contém toda a *filosofia sudista*?

- Tudo está aqui.

- Ó Silva, só se explicares melhor, é que poderemos entender. Pelos assuntos anteriores, sabes muito bem quantas palavras terás de proferir, para nos ilustrares. Esse cincálogo é, até, fácil de decorar, por qualquer um.

- Se é, comecemos, então, a debatê-lo, para nos iniciarmos no *Sudismo*.

- Ó Silva, tu costumavas dizer que o difícil, para se tornar fácil, precisa de ser iniciado. Então, mãos à obra: Que relação tem o *Sudismo* com o “*Amar a Deus, Criador e Senhor de todas as coisas?*”

- Muita!...

- Muita?... Como?... Desabafa!... Diz!...

- Nunca se deve pedir explicações, omitindo partes do proferido. Eu não vos transmiti só isso.

- Não? Então...

- Ó Saramago, cita até o fim, para interpretarmos melhor.

- “... *vendo o teu semelhante como Seu filho...*”

- Chega! Deixa o Silva explicar.

- Muito bem... Aí, tendes a fraternidade e a justiça universal.

- A fraternidade e a justiça universal em “*Amarás a Deus, Criador e Senhor de todas as coisas, vendo o teu semelhante como Seu filho...*”?

- Ó Silva, explica, como só tu sabes fazer, para nós conseguirmos interpretar.

- *Amarás a Deus, Criador e Senhor de todas as coisas*. É costume respeitar-se quem sabe fazer alguma coisa, porque, com o talento, concorre para o nosso bem; mas Deus não fez, criou! Por isso, merece mais que respeito. Merece o nosso amor. Ele é o Senhor e, com tanta magnificência, dá-nos tudo! Mais um motivo para O amarmos.

- E onde estão a fraternidade e a justiça universal?

- *Vendo no teu semelhante o Seu filho*. Ora, se nós somos filhos de Deus, por que um abastado e poderoso e outro pobre e andrajoso? Eu sempre vos falei do âmago da coisa.

- Sim!... Sempre falaste do âmago da coisa.

- Então, deve haver algum erro por aí, pois, sendo os homens filhos de Deus, por que uns favorecidos e outros rejeitados? Por que uns prósperos e outros pobres?

- Uns são prósperos, porque empreenderam e ganharam; outros ficaram inertes.

- Não me parece que o número de inertes corresponda ao de pobres. Deve haver substancial diferença.

- Há, sim!... O número de inertes é, até, pequeno; mas o de pobres, grande.

- Então, há pobres, que trabalham.

- Trabalham, mas ganham pouco. Exercem atividades mal remuneradas, que não suprem as suas carências, e, como os gastos familiares são certos, daí o seu estado de pobreza.

- Algum de vós ama a Deus?

- Ó Silva, isso é coisa que se pergunte?

- Eu perguntei, mas ninguém respondeu.

- É claro!...

- É claro que ninguém ama a Deus.

- Ó Silva, tu não podes radicalizar tanto assim!

- Quereis que eu diga o quê?

- Queremos que sejas coerente.

- Eu faço o que pedis.

- Está certo! Deixa para lá!... Vamos debater o assunto, sem afrontas.

- Ó Silva, sem rodeios, explica-nos, logo, como tens feito sempre, para clareares as nossas mentes.

- *Amarás a Deus, Criador e Senhor de todas as coisas, vendo o teu semelhante como Seu filho e a Natureza como Sua obra, contra os quais não delinquirás.* Aqui, está contida toda a *mensagem sudista*, com a qual a Humanidade será eternamente feliz.

- Continuamos na mesma situação, porque não compreendemos a amplitude de um programa universal, inserido num mandamento, a rigor, proveniente da origem da civilização.

- Sim, porque não és tu o primeiro a mandar-nos amar a Deus, como a nós mesmo.

- Mas é assim, como vos digo. Aqui, está contida a Paz, a Justiça e a Fraternidade, além de outras virtudes.

- Explica melhor, para a nossa compreensão.

- Sabeis que, sendo Deus criador e senhor de todas as coisas, tudo o que existe é nosso, na condição de Seus filhos, não importando quem as senhoreie.

- Então, caímos no mesmo erro do socialismo elementar: tirar de um, para dar a outro.

- Não há necessidade disso, porque os *sudistas* alcançaram competência superior. Pelo contrário, precisamos de muitos proprietários e de muitos empresários, para dinamizarem a Economia, porque, de resto, a pátria disporá de meios, para distribuir a abundância por todos, sem prejudicar alguém. A *Pátria Sudista* é o poder de Deus entre os homens, pelos quais distribuí todas as coisas, para a sua felicidade.

- No que se refere aos valores econômicos, mas como interpretar-se a fraternidade e a justiça?

- Vendo no semelhante o filho de Deus, ao qual não podemos deixar de dar o que lhe pertence, isto é, se, num celeiro, existem cem arrobas de milho, onde, entre patrão e empregados, trabalham dez pessoas, é lógico que cada um tem direito a dez arrobas, como Seus filhos, que são.

- E o patrão?

- O patrão, às cem.

- Não entendi!...

- Mas vais entender. Cada trabalhador tem direito proporcional de renda e o patrão, de propriedade, sobre o total. Como o dinheiro é instrumento cotejante das coisas, em relação ao ouro, a pátria, por intermédio do salário de subsistência, concede a cada um a faculdade de adquirir a sua parte, os quais, por sua vez, pagam ao patrão a quantia do cereal auferido, sem prejudicar o dono da coisa. Este procedimento define a fraternidade e a justiça universal, pois, sendo o nosso semelhante filho de Deus, não podíamos excluí-lo desta distribuição.

- Vimos, então, que, pelo dinheiro, pode a pátria distribuir a

renda nacional por todos os cidadãos, sem prejudicar os proprietários e os donos dos bens de consumo, que os poderão vender pelo preço justo.

- É o que podemos definir como justiça universal, dando direito a uns, sem prejudicar outros.

- Então, no *Sudismo*, a fraternidade e a justiça caminham lado a lado.

- Assim será, quando todos se certificarem desta ideologia.

- Entendo que será fácil implantá-la entre o proletariado; mas, entre a burguesia, difícil, porque, quem está bem, não se preocupa com os infelizes.

- Tendes de ir ao âmago da coisa, analisando as classes dominantes, sem ferir os seus partícipes.

- Isso é quase impossível, porque nenhum patrão admite a igualdade com o empregado.

- Como vos tenho dito, O *Sudismo*, não entra em choque com quem quer que seja, por ser a filosofia da equidade, imitando Deus, em suas normas perfeitas.

- Dá-nos um exemplo. Onde podemos imitar Deus, neste ponto?

- Basta olhar para o céu e ver como as estrelas, os planetas e os cometas se comportam, sem nenhuma aberração. É o perfeito desempenho das leis divinas, sob as quais, cada um cumpre a sua trajetória, muito ao contrário das conjeturas, que se afrontam, dia a dia, espalhando o sofrimento pela Humanidade. Direis, então, que o Homem é muito pequeno, para analogia com os corpos celestes, mas Deus mostra-nos, ainda, a organização atômica, com a qual também podemos comparar o *sistema sudista*. Vede como os *prótons*, os *elétrons* e os *nêutrons* cumprem as suas órbitas, sem se afrontarem. Por que, então, nós, homens, não podemos inspirar-nos nos *prótons* e nos *nêutrons* e trabalhar em comum, numa sociedade constante, recebendo a energia em forma de dinheiro, para a subsistência e o desempenho individual? Por que teria o proprietário de se opor a isto, se nada lhe é usurpado? Por que teria o operário de se omitir ao *Sudismo*, se, apenas, vai ganhar algo, que de ne-

nhum bolso alheio sai? A *pátria sudista* será a grande massa; as organizações econômicas, os átomos; os patrões e os operários, os *prótons* e os *elétrons*; e os inativos, os *nêutrons*; a energia, o *dinheiro*, cuja circulação estimulará a todos, evitando a desintegração do complexo. É preciso, pois, coordenar-se tal energia, para o bem da Humanidade.

- Convenceste-nos, ao comparar a Humanidade com os grandes sistemas estelares e os ínfimos núcleos atômicos, definindo o dinheiro como a energia, que, só agora, ao raiar do novo milênio, se coordena ao seu fim, o que nos comprova quão néscios são os comportamentistas e pseudos os conjeturistas.

- Os que se opõem ao *Sudismo* são remanescentes de sistemas idos, como o feudalismo, o absolutismo e o servilismo, presentes no comportamentismo e no conjeturismo, que tanto sofrimento têm infligido aos humildes.

- E como seria facilitada a divulgação da *filosofia sudista*, ainda no conceito do primeiro mandamento?

- Ninguém poderá opor-se aos benefícios alheios, pois, se o fizer, pecará. Quando, de um ato, surgir benefício para alguém, sem prejuízo de outrem, o que o refutar pecará contra o primeiro mandamento. Se alguém souber que uma pessoa tem direito a um benefício, não o usufruindo por desconhecimento, tem o dever de alertá-la, sob pena de pecar por omissão. Se ofuscar esse direito, pecará por ocultação.

- Neste último caso, não me parece que houve ocultação.

- Indiretamente, sim, porque houve omissão intencional, para impedir o benefício. Portanto, os argumentos, para o *estandarte sudista* flutuar, em praça pública, são muitos. É só haver persistência dos seus seguidores.

- E, logo, teremos todos esses benefícios!

- Nós, não, porque já passamos da idade.

- Nada disso!... Todos os benefícios serão revistos e atualizados, mormente quanto aos aposentados e inativos, em cujos proventos se constata profunda injustiça comportamental, não concedidos de conformidade com os direitos adquiridos, pois nenhum

poderá ser inferior ao último salário regularmente percebido, com a depreciação monetária corrigida, limitado ao teto máximo vigente.

- Seja como for, sinto-me feliz em participar das discussões de uma teoria, que trará aos vindouros uma vida melhor.

- Ó Silva, vejo aí um ponto, que também me parece fundamental: “*Verás na Natureza a Sua obra, contra a qual não delinquirás*”.

- Constituem *delinquência sudista* os atos, as intenções e as omissões, que causem dano ou prejuízo de qualquer espécie ao semelhante, à Pátria e à Natureza.

- *Vendo o semelhante como filho de Deus, contra o qual não delinquirás, por intenção, ato ou omissão*, constitui o primeiro mandamento do homem, na *doutrina sudista*. É muito profunda esta definição!

- Começo a compreender a universalidade, tão apregoada pelo Silva!

- Viver, não é estar vivo! Viver é ver no semelhante o seu irmão e, na Natureza, a obra de Deus! Todo o ser humano, no seu desempenho ético, é representante de Deus, que vem ao nosso convívio, para nos ajudar. Não enveredeis pelo mal, que se manifesta em forma de fraqueza, julgando-vos inferiores ou superiores aos outros. Irmanai-vos e construí, na vossa terra, o que, sob orientação comportamental, iríeis fazer em algures. Ao levantar-vos ou no início de qualquer ato, meditai, proferindo a oração universal:

Deus, nosso Pai, Criador de todas as coisas, neste momento, em que vimos à Tua presença, perdoa-nos as nossas faltas, indica-nos o caminho da cura dos males que nos afligem e faz com que os nossos atos, as nossas intenções e as nossas omissões sejam o fruto da Tua vontade; e concede, Senhor, a todas as criaturas a subsistência, o entendimento e a paz universal; e aos idos, o consenso eterno.

- Ó Silva, essa tua oração não contrariará os propósitos dos jerarcas?

- Quais? Quem são e o que fazem pelo seu semelhante? O

homem é pelo que faz e não pelo que diz! Lembrai-vos, sempre, de que Deus é o Criador e o Homem, o Construtor. Para o homem ser, é preciso que haja a sua obra, onde todos satisfaçam as suas carências e se abriguem das intempéries. Se alguém diz que é guia e vós encontrais, entre os seus seguidores, doentes, esfarrapados, famintos e outros sofredores, é lógico que tal guia nem sabe o caminho que leva a Deus, para obter o bem do seu povo. Nunca vos exalteis. Pensai, colaborai e decidi, para se resolver as necessidades de cada um e, ao raiar do novo milênio, todos juntos, cantardes o hino universal:

*Deus está presente
Na tua mão amiga,
Que me levanta e alenta
E a minha fome mitiga!*

*E, unidos pelo amor,
A Natureza obrar!*

*Deus está presente
No teu bondoso olhar,
Que as minhas faltas vê
E me ensina a caminhar!*

*E, unidos pelo amor,
A Natureza obrar!*

*Deus está presente
No teu imenso ardor,
Que me alegra e faz sorrir
E, em ti, acreditar!*

*E, unidos pelo amor,
A Natureza obrar!*

- Não podemos prejudicar o nosso semelhante, por omissão. É isto o que concluímos.

- Isso mesmo!... O *sudista* é um cidadão de conceito superior e, como tal, não permite que o seu semelhante seja excluído dos

benefícios da pátria. Sabendo que alguém sofre de carência, deverá chamar, imediatamente, mais nove pessoas, a fim de constituir a célula cívica e o movimento reivindicador.

- *Justiça universal*, porquê?

- Se um vizinho nosso está na miséria, é porque houve alguma lacuna, que terá de ser averiguada e corrigida. Quando falei do salário de subsistência, um de vós lembrou-me as regras técnicas, onde o enriquecimento de um corresponde ao empobrecimento de outro, argumentando eu que, no *Sudismo*, isso não acontecerá, pois todos serão subsistidos pela pátria, sem prejuízo de quem quer que seja, e as omissões obstadas, com a pena ao vilão.

- *Vendo, na Natureza, a Sua obra*, o que quer dizer isso?

- Como vos digo sempre, o *Sudismo* dialoga com Deus, por obras justas, e, neste princípio, tudo o que existe, na Natureza ou construído pelo Homem, terá de ser preservado, não se permitindo a sua destruição, sem consenso.

- Só poderemos, então, sacrificar animais, árvores e plantas, para a satisfação das nossas necessidades?

- O que exceder, conduzir-vos-á ao conceito depredatório.

- O segundo mandamento diz que não podemos procriar a esmo. Porquê?

- Nada é proibido. Apenas, devemos imitar Deus, que tem soluções para tudo. Apreciar a Terra, com as suas paisagens, os seus mares, as suas montanhas e os seus vales, onde exuberava a vida e a beleza. Acaso, julgais que Deus não se sentiu radiante, ao fazê-la do nada? Todavia, conteve-Se, para não criar outros planetas, até mais belos, que lhe ofuscassem a luz do Sol. Por isso, imitando-O, não devemos gerar filhos a esmo, para não faltar o pão de cada dia aos que já temos.

- Está livre, então, o aborto?

- Não!... Não!... Não!... Ninguém pode pecar! Como sempre vos digo, eu não vim para destruir; mas, sim, para coordenar o que existe, a fim de solucionar os problemas, que tanto afligem a Humanidade. Deus colocou, no mundo, recursos para o senso. Pesquisai e consultai os mais entendidos no assunto, preservando a

gravidez, após o nonagésimo dia de fecundação.

- Se vier a moda de ter, apenas, um ou dois filhos, muitos ca-sais, não atinando para o comportamento justo, tudo farão para se-gui-la, sem escrúpulos.

- Tudo deve ser orientado pelos entendidos, obedecendo-se aos limites da competência da pátria.

- Incluíste, nos mandamentos, o adultério e o estupro, numa época em que o coito é livre: decantado por uns e explorado por outros. Gostaríamos que nos explicasses porquê.

- É decantado e constitui renda para alguns, mas não está in-dultado. O que o cometer, sujeitar-se-á à dissolução do casamento, se não for perdoado pelo cônjuge, toda a vez que o trair, pois, no *Sudismo*, ninguém será obrigado a conviver com infiéis.

- E o estupro?

- O estupro, no *Sudismo*, terá sanção semelhante à do homicí-dio, por não se poder aviltar quem sonha com o amor e sorri para o mundo, com ideal de mãe.

- Mandas-nos, também, ter uma pátria, pela qual teremos de dar todos os sacrifícios. O que queres dizer com isso?

- A proteção divina vem ao homem pela pátria. Portanto, de- vemos estar sempre atentos aos seus destinos, impedindo decisões comportamentais, o que só se consegue com a eleição de cidadãos conhecidos, idôneos, laboriosos e probos, comprometidos com os anseios do povo.

- Na eleição, resume-se, então, toda a grandeza da pátria?

- Evidentemente! Para se ter uma *pátria sudista*, que conceda a todos subsistência integral, não se pode eleger comportamentis- tas, para dirigirem os seus destinos, porque a experiência mostra- nos que nunca se consegue um mastro de um caule torto.

- Então, os velhos políticos, que, em certas ocasiões, mostra- ram-se compreensivos com o povo, lamentando, até, não terem conseguido solucionar alguns problemas, serão refutados?

- O semeador escolha as sementes, que dêem bons frutos. Co- mo quereis obter resultado benéfico com quem sempre demonstrou incompetência, para dirigir os destinos da pátria? A administração

pública é coisa muito séria e não comporta reincidências. Não vos basta dois mil anos de fracassos, de injustiças e de holocaustos? Ainda quereis sofrer mais? Que civilização pretendeis legar aos vossos descendentes?

- Temos, então, de começar, já, a escolher os futuros *militantes sudistas*?

- Isso mesmo!

- E o que nos sugeres?

- No princípio das nossas conversas, vimos que a Humanidade é constituída de uma minoria de abastados, de pequeno número de remediados e da maioria de infelizes. Ora, indo ao âmago da coisa, constatamos, também, que, durante os milênios passados, as nações sempre foram conduzidas por comportamentistas, mais preocupados com o prestígio do que com a solução dos problemas do povo, impedindo, por todos os meios, que os pensadores, com as suas ideias, mudassem a opinião pública.

- E não foi por falta de punho forte, que aqueles governantes deixaram de fazer o que poderiam ter feito.

- Punho forte?... Punho forte tiveram até demais. Se a História juntasse as lágrimas e as cinzas das vítimas do comportamentismo e do conjeturismo, seria possível construir-se uma escada até ao céu, da qual cada degrau constituiria uma solução, para os nossos problemas.

- Vemos, também, que os governantes estão sempre sob orientação dos mais poderosos, por terem melhores condições de os ajudarem a iludir a boa fé dos eleitores.

- Sem a maioria da população aperceber-se de que, eleitos, renegam as promessas feitas e a causa nacional, para garantirem os interesses da facção e dos correligionários, que contribuíram para a sua vitória.

- É o que se vê, diariamente, nos noticiários.

- Imaginai-vos acionistas de um importante complexo económico e, na eleição da nova diretoria, escolhei, entre os mais airoso, mais bonitos e mais simpáticos, os novos dirigentes. Depois, no fim do exercício, comparecei, para receberdes o dividendo.

- Nicas!... É o que nós receberíamos.
- Teríamos é de vender as ações, enquanto valessem alguma coisa.
 - Então..., no sistema público, a situação é mais grave ainda, porque, além de airosos, bonitos e simpáticos, vencem o pleito os que mais mentem. E o resultado é o que está aí. Preciso dizer mais alguma coisa?
 - Não!... Para meio entendedor, chega!...
 - Se aceitarmos os comportamentistas e os conjeturistas, para uma revolução ideológica, seremos nós os responsáveis pelo seu fracasso, porque, há dois mil anos, os falsos orientadores do homem detêm uma doutrina, que nunca observaram, nem, tão pouco, entenderam, transferindo os seus benefícios ao “*post mortem*”, donde não nos chegam notícias. Oblitera, assim, o ser humano a sua existência, sob os auspícios do engodo, com laureados dias para quem o dirige, restando-lhe a certeza do sofrimento.
 - Falas muito em falsos orientadores, porquê?
 - Porque o que sobe ao mais alto, onde sopram bons ventos, deixando os seguidores na base, à mercê dos males que os afligem, não é patrono, quando muito, oportunista.
 - Oportunista?... Não!... Bom ou mau patrono!...
 - Para o *sudista*, não há meios termos. Ou é patrono, no sentido lato da palavra, ou é oportunista.
 - Como? Explica-nos. Precisamos de nos inteirar do teu pensamento.
 - O guia dá a vida pelos seus seguidores, em troca do nada! O que não procede assim, é falso. É oportunista. E, auferindo algo circunstancialmente, vendilhão.
 - Então, não podemos aceitar, nas fileiras do *Sudismo*, desertores de outras ideologias, sob as quais não objetivaram o prometido?
 - É um motivo para muita reflexão, porque os comportamentistas não professam constituição universal. A sua carta magna é o interesse da facção.
 - De fato, os comportamentistas são negociadores e ponderam,

sempre, para o lado da vantagem, escudando-se no voto secreto.

- Orienta-nos. Precisamos de levantar o *pendão sudista*, para o bem de todos. Diz-nos como devemos fazer.

- Tereis de implantar um *sudetariado* em todas as aldeias, vilas e cidades, constituído, pelo menos, de uma célula cívica de cidadãos idôneos, laboriosos e probos, subordinados, diretamente, aos *sudetariados municipais*, que, por sua vez, vinculam-se aos *provinciais*. Os *municipais* serão constituídos por um componente de cada *sudetariado local* e os *provinciais* de um de cada *sudetariado municipal*, interpretando-se como locais os das aldeias, das vilas e das cidades. Os cidadãos, sobre os quais pese qualquer acusação popular, serão incompatíveis com a *ideologia sudista*, não podendo participar das suas cúpulas.

- Quais são as *incompatibilidades sudistas*?

- As intenções, os atos ou as omissões, que gerem dano ou prejuízo a outrem, à sociedade, à pátria ou à natureza, destacando-se a coação, a corrupção, a demagogia, a desfloração de menor, a desídia, o escândalo, a especulação, o estupro, a extorção, o favoritismo, o homicídio, a mentira, o nepotismo, o peculato, a provocação, o roubo, a sedução e o vandalismo.

- Para a nossa argumentação, gostaríamos que dissertasses um pouco sobre esse assunto.

- Assim o farei, mas, antes, vou terminar o esboço dos *sudetariados*.

- No momento, é mesmo o mais importante, para se dar vida ao *Sudismo*.

- Paramos no provincial. Falta, portanto, o central, que será o núcleo das células germinadoras, constituído de um elemento de cada província. Convém não se confundir *sudetariado provincial* com *sudetariado municipal*. As capitais de província domiciliarão três *sudetariados*: o local, o municipal e o provincial. Este último será constituído por tantos elementos, quanto os *sudetariados municipais* da província. Os *municipais* observam a mesma estrutura, em relação às aldeias. A vila ou cidade, sede de município, terá, também, dois *sudetariados*: o local, com o objetivo específico de

coordenar os habitantes locais, quanto às suas competências e necessidades, e o municipal, para promover a divulgação e o desenvolvimento do município. A representação superior será por sufrágio. O *Sudetariado Central* domiciliar-se-á na Póvoa de Varzim, berço desta ideologia.

- Dizem os mandamentos que devemos empreender sacrifícios, para defender a pátria do mal. Quais são os *sacrifícios sudistas*? Induzem a permanente estado de alerta?

- O *Sudismo* restitui ao povo a felicidade e a alegria de viver, pelo Direito, pela Justiça e pela Solidariedade Cívica Universal; mas, para se alcançar estas faculdades, é preciso ter-se uma pátria bem coordenada, com todos os setores dirigidos por pessoas competentes, laboriosas e probas. Portanto, o cidadão deverá acompanhar a vida nacional, discutindo-a com os amigos, em forma de laser, para se inteirar dos acontecimentos e do bem que surgirá para si, para a família e para a sociedade. Nós só seremos felizes, quando os nossos vizinhos poderem cantar conosco, no mesmo tom. Se, na nossa aldeia, vila ou cidade, existirem pessoas carentes, é porque o governo, sem importar por quem seja constituído, não está atento aos problemas nacionais, pois, como estes nossos conterrâneos, outros, no país, estarão em situação idêntica, demonstrando o comportamentismo nos atos oficiais, com lucro exacerbado para uns e prejuízo para outros. Os *sacrifícios sudistas* constituem-se em não se poder concordar com este tipo de coisa, partindo-se para o debate e a constituição de células cívicas, evoluindo a denúncia em movimento nacional, coibindo-se, assim, as anomalias. É muito importante lembrar-vos que nunca se deve confundir ação com anarquia. Tudo deverá ser pleiteado dentro da mais perfeita harmonia, para nunca se perder a razão da causa reivindicada. Também não interessa individualizar os responsáveis pela má administração pública, porque os movimentos cívicos já denunciam a sua incompetência ou o seu comprometimento.

- Mas podemos percorrer as vias públicas, em passeatas, dentro da ordem, ostentando faixas denunciadoras dos problemas, que nos afligem, recomendando que o governo se estruture, para um

melhor desempenho?

- É o que se chama de clamor público. Contudo, terá de haver o cuidado de se evitar a infiltração de agentes da facção governamental, com o intuito de desmoralizarem a intenção.

- É um risco, que se corre.

- O *sudista* tem de ser convicto dos seus atos. Quando vos digo que Deus fala à Humanidade pelos sábios, pelos inventores, pelos escritores e pelos pensadores éticos, com a afirmação de que eu vim para coordenar e não para destruir, havendo já todos os recursos para a implantação desta ideologia, é preciso que sejamos superiores aos comportamentistas e aos conjeturistas.

- Como devemos, então, proceder, nesse sentido?

- Todos os *movimentos sudistas* de via pública devem ter, como fundamento, a ordem, o respeito, a alegria e a causa, o bastante para o êxito.

- Mas não estamos livres de sofrer a infiltração de arruaceiros, com o intuito de nos desmoralizarem.

- Por certo que não, mas nunca vos esqueçais de que sois *sudistas* e reclamais, não para vós, mas para todos, o que vos dará a razão plena. E, para evitar tais envolvimento, preveni-vos, sempre, com o *olho-divino*.

- *Olho-divino?!... O que é isso? Como é que vamos conseguir o olho de Deus, para uma simples passeata reivindicadora?*

- Está bem... Nem tudo podeis assimilar, prontamente.

- Ó Silva, perdoa-me a interferência, mas é a primeira vez que escuto essa expressão. Nunca a tinhas proferido, neste meio.

- Podes ter usado esse termo em outro relacionamento, mas, aqui, não me lembro, mesmo, de tê-lo escutado.

- Mas tendes ouvido eu dizer que Deus fala aos homens pelos sábios, pelos inventores, pelos escritores e pelos pensadores?

- Ah!... Isso, sim!... É a expressão mais usada por ti!

- E também vos lembrais de eu ter dito que o poder comportamental, nocivo que é ao homem, deverá ser substituído pelo universal.

- Todos nós nos lembramos disso.

- Houve, até, quem perguntasse como se conseguiria manter a ordem, no mundo, e se não viria o caos, com a eliminação do poder comportamental.

- É isso mesmo!... Estamos com um aproveitamento muito bom.

- E que relação tem o aproveitamento muito bom com o *olho-divino*?

- É que o *olho-divino* já está materializado entre nós. O que, ontem, parecia ficção, hoje é um instrumento à nossa disposição. É preciso que não vos esqueçais de que Deus fala aos homens através dos sábios, dos inventores, dos escritores e dos pensadores.

- Está bem!... Dizes que fala e nós acreditamos. Mas... onde está o *olho divino*?

- Aqui!...

- Ah!... Isso é uma filmadora!... Construível em qualquer fábrica de produtos óptico-eletrônicos. Pensei que ias mostrar-nos a face de Deus!...

- A face de Deus é o *Sudismo*, na sua amplitude: o amor à Arte, dando beleza a tudo; o amor à Justiça, punindo os maléficos; o amor ao Direito, dando a cada um o seu merecimento; o amor ao Trabalho, construindo um mundo melhor para todos. Bem... não enveredemos por dissertações filosóficas. No *âmago sudista* está definido que Deus é o Criador e o Homem, o Construtor. E os mandamentos dizem que o Homem é Seu filho. Ora, se o homem vê e a máquina registra, não está, aqui, o *olho-divino*, ordenando a Justiça Universal? Por acaso, não são os homens de qualquer raça ou de qualquer condição, os filhos prediletos de Deus, que, na seara do Bem, agem em Seu nome? Por que, então, duvidais?

- Sabes, Silva, o povo, quando se fala em sábio, imagina logo um velho rabugento, barbudo e desinteressado das coisas do mundo. E, quando morre, salvo uma pequena locução, proferida por algum mais entendido, a criançada resume tudo na mais singela expressão: “*Olá!... Já sepultaram o velho rabugento...*”

- Falsa interpretação, porque sábio é o que, pelo seu trabalho, dá à Humanidade novas fórmulas ou novos instrumentos, para o

bem de todos, podendo ser um técnico, um idealista ou um operário, na flor da sua idade.

- Vimos tudo isso, mas, aparentemente, não está aí o sacrifício recomendado perante a pátria.

- O mandamento é bem definidor: “*Terás uma pátria, pela qual, empreendidos todos os sacrifícios, elegerás cidadãos conhecidos, idôneos, laboriosos, probos e recomendados, para dirigirem os seus propósitos*”.

- Permanece a mesma incógnita.

- Parece-vos estranho o *sacrifício sudista*, mas eu explico: Nas ideologias comportamentais, os situacionistas insinuam o choque com os antagonistas e vice-versa, advindo daí os mártires e os heróis. Reparai que eu a nada disto vos induzo, porque o *Sudismo* é a ideologia da Compreensão, do Direito, do Entendimento, da Fraternidade, da Justiça, da Liberdade, da Paz, da Prosperidade e do Trabalho, em sentido universal, elevando o homem ao maior conceito, sem frustrações. Nas ideologias comportamentais, o cidadão é instigado a sacrifícios físicos, até derramar o seu sangue pela pátria, em defesa da facção governamental, em confronto com as antagonísticas, enquanto, na *Filosofia sudista*, este sacrifício é convertido na colaboração de cada um, para a organização da coisa nacional, pois, do bom funcionamento de todos os setores públicos, é que advém a felicidade coletiva e individual, recomendando-se, ainda, o bom convívio com a comunidade internacional. E isto só se consegue com muito trabalho e muita dedicação.

- Não podemos, então, arrostar os nossos adversários?

- Que adversários? Eu não vos disse que o *Sudismo* é a filosofia da Fraternidade Universal, só alcançável com o respeito integral às demais ideologias? O *sacrifício sudista* compreende a vossa colaboração, para o bem dos que, por deficiência evolutiva, ainda se encontram em estágio comportamental e conjetural, no que se refere à vida social, da qual o Homem é o expoente máximo, mas os seus benefícios não usufrui, por estar contaminado pela ambição, pela ignorância e por outros males, que tanto o afligem.

- Nada entendi!...

- Nem sempre a mensagem chega explícita, de forma que a compreendais ao primeiro contato. Algumas vezes, será preciso raciocinar, para entendê-la. Eis, então, o sacrifício. Não é só pelo fato de que, não a assimilando ao primeiro momento, vamos deixar tudo para lá. Não! A pátria precisa do entendimento de todos, para o seu bem. E, neste sentido, devemos conversar uns com os outros, nos campos, nas oficinas, nas praças e nos mais variados lugares, onde nos encontremos, para a causa pública ser divulgada por todos os cantos do país. Não é só aos parlamentares que cabe discutir as leis. Nós temos a obrigação de as apreciar, comentar e refutar, se os seus efeitos forem maléficos ao povo. Não se pode deixar a causa nacional só por conta dos cidadãos públicos, porque os verdadeiros donos de tudo somos nós, que temos de estar atentos a que nenhuma lacuna mais intensa prevaleça, pois tais cidadãos, expirado o mandato, vão-se, mas a pátria continua a pulsar nas nossas aspirações, nas nossas alegrias e nos nossos sofrimentos. Não vamos derramar sangue nem metralhar os que não acreditam na nossa ideologia. Vamos, sim, construir um mundo melhor, para os que vierem ao nosso encontro. Não se precisa de confiscar os bens da burguesia, para implantar o *sistema sudista*. Isto é coisa do passado comportamental. Ajudemos os capitalistas a desenvolver os seus empreendimentos, para o bem de todos, pois a pátria só é mais socialista, quão prósperos forem os cidadãos, o que só se alcança com a iniciativa da burguesia e o trabalho do proletariado, bem remunerado. Nada se consegue com a destruição. A harmonia social consiste no respeito à condição de cada um, sem prejuízo das aspirações de todos.

- Está bem!... Mas..., nessas tuas explanações, não existe o sacrifício recomendado nos mandamentos. Até aí, nada vi de sacrifício.

- Há sacrifício e muito grande. Reparai bem nas minhas exposições. O *sacrifício sudista* é de participação e de alerta. Ninguém pode entregar-se ao comodismo. Todos hão de participar dos acontecimentos nacionais, com as suas críticas, pois nada há, no mundo, mais benéfico do que o ambiente nacional, propício às nossas

atividades.

- Se vamos interferir, sempre, nos assuntos nacionais, como o presidente da república e os ministros vão conseguir governar, com tão pesada vigília?

- Tocaste no ponto que eu desejava. No *Sudismo*, não haverá presidente da república, chefe de governo nem ministros, substituídos, que serão, por conselheiros.

- Expõe isso melhor, para a nossa apreciação.

- Como sabeis, por conversas anteriores, no *Sudismo*, predominará a *ideorgalogia* e a representação jurisdicional, por ser a verdadeira autoridade o próprio povo, dono da coisa pública. Dentro deste espírito, todos os que exercem funções de mando ou de decisão, terão de ser eleitos por sufrágio universal; e ninguém, pelo mais alto cargo que ocupe, outorgará ou admitirá em nome do povo. A outorga será sempre sufragada e direta; e a admissão, por concurso. Eis o motivo pelo qual não haverá ministros.

- Então, pelo que me parece, haverá, sempre, um conselho local, municipal, provincial e nacional, para cada poder; e um clássico ou profissional, para cada setor da atividade nacional.

- Isso mesmo, competindo aos técnicos definirem a locução designativa de cada um, pois nós, apenas, os idealizamos. Mais um conselho superior, que, subordinando os conselhos específicos, desempenhará a autoridade suprema, em nome do povo. Assim como a espécie humana se constitui de dois indivíduos – masculino e feminino – com particularidades inerentes a cada um, o supremo conselho haverá de ter o mesmo número de homens e de mulheres, sem vínculo conjugal, aos quais outorgar-se-á a faculdade de supervisionar o desempenho dos conselhos específicos e representar a nação na área internacional, ao nível de Supremo Mandatário. Desaparecem, também, os deputados, para darem lugar ao conselho legislador, de constituição análoga ao superior. Os demais conselhos, específicos e técnicos, serão formados, apenas, de um cidadão de cada província e de cada arquipélago, da preferência do povo, independente de sexo.

- Teremos, então, o supremo conselho, formado por dois cida-

dãos de cada província e de cada arquipélago.

- Para os conselhos superior e legislador, as províncias e os arquipélagos terão de apresentar um homem e uma mulher, de preferência, os mais doutos e profundos conhecedores dos problemas regionais, com o maior respeito à comunidade internacional, para o bom entendimento entre as demais nações.

- Substitui-se, então, o atual chefe de estado por vinte e seis cidadãos. Parece-me que o *Sudismo* é um sistema fadado ao sucesso, porque o que é pensado, discutido e aprovado por vinte e seis tem de ser mais perfeito do que o que é decidido por, apenas, um.

- E os atuais ministérios, substituídos por conselhos. Por exemplo: Conselho Econômico, que terá a função de administrar, orientar e pesquisar os meios, que conduzam a Economia Portuguesa à paridade internacional. Conselho Judicial, um dos mais importantes, porque, além de se desdobrar nas diversas áreas específicas, terá vínculo sistemático com o Conselho Social, uma vez que, no *Sudismo*, desaparecem as áreas trabalhista e sindical do modelo comportamental. Conselho de Defesa, abrangendo a defesa interna e externa. A defesa interna compreenderá a área rural, urbana, provincial e nacional. A externa, a defesa do país, em toda a sua plenitude, e a colaboração com a comunidade internacional. Entendo que não há necessidade de citar, agora, todos os conselhos substituintes dos ministérios.

- Não! Isso fica subentendido.

- Queremos, apenas, debater um pouco mais as vantagens dessa alteração tão profunda, que, por certo, elevará o custo da administração nacional.

- Não existe administração barata nem cara. Existe, apenas, o custo da administração que se queira ter, devidamente organizada. Será justo, se corresponder ao objetivo, e, caro, se deixar a desejar. Esta anomalia, contudo, será corrigida pelo povo, que imporá aos responsáveis pelo fracasso as punições cabíveis.

- Eu acho que a substituição dos ministérios por conselhos merece um debate mais amplo, pois, enquanto se enfatiza o acolhimento de todas as aspirações proletárias e o alívio da carga tri-

butária da burguesia, fala-se na extinção da legislação trabalhista e da sistemática sindical vigente.

- O que o Ferreira diz, tem fundamento, porque, se não ficar bem clara esta parte, os operários, preocupados com a extinção dos seus direitos e das suas conquistas sociais, formarão barreiras contra o *Sudismo*.

- Essa classe, como bem alertaste, é muito ciosa dos seus direitos e, se tiver alguma dúvida, parte, logo, para o confronto, com greves e retaliações, tolhendo qualquer evolução.

- É muito sensível!

- E muito difícil obter-se a sua colaboração, porque os seus dirigentes são firmes, pouco receptíveis e muito radicais.

- Esse radicalismo pode prejudicar os nossos trabalhos.

- Dizer a um operário que o seu sindicato pode acabar, ele arranca os cabelos, parte para a luta e não escuta quem quer que seja.

- No *Sudismo*, o desaparecimento dos órgãos de classe é impossível.

- Se desaparece a justiça trabalhista, onde atuarão.

- No aperfeiçoamento profissional e na área social, onde qualquer indivíduo reclamará os seus direitos e será chamado a cumprir os seus deveres.

- Seria melhor, Silva, dissertares mais um pouco sobre esse assunto, para a concretização do *ideal sudista*.

- Bem... o sentido universal não pode comungar com o sistema comportamental de nomeação. Nos sistemas comportamentais, elege-se, apenas, o chefe de estado, que promete tudo aos eleitores, e, depois, como todos sabem, isola-se, para organizar o ministério, observando, somente, a satisfação dos compromissos eleitorais, perante a sua facção e as forças patrocinadoras da campanha. Às vezes, a pessoa indicada para uma pasta é do conhecimento de toda a nação e continua a lecionar na faculdade; mas, para dirigir o país, naquela área, é convidado um ex-aluno, que nunca assimilou bem a matéria, mas integrou-se, direta ou indiretamente, ao mundo político. E, portanto, tal pasta é-lhe oferecida, correndo por conta da nação os prejuízos oriundos da sua incompetência. Há políticos

competentes e bem intencionados. E nós também não estamos contra os políticos, mas devemos convir que um professor é coligador de teses e, uma vez chamado a exercer o cargo mais alto da sua sabbedoria, em conjunto com os colegas do conselho, saberá qual a fórmula mais adequada para o momento, sem se perder pelos atalhos das experiências, que podem não conduzir ao objetivo almejado pelo povo. É, por tal motivo, que, no *Sudismo*, morrem os ministérios, órgãos subordinados, para surgirem os conselhos, independentes e eruditos.

- Um ministro pode cair em desgraça, por um cumprimento mal humorado a um amigo do presidente; mas um conselheiro, eleito pelo povo, está imunizado contra tudo isto. Os seus compromissos serão, sempre, de desempenho e nada mais.

- Os ministros são comportamentais, os conselheiros, universais e livres. Só uma maldição sobre as treze cabeças, no que eu não acredito, porque Deus é pai, impediria uma decisão útil aos interesses da pátria.

- Estás com toda a razão.

- É uma atuação abrangente, incluindo todos os conhecimentos e todas as aspirações das regiões do país.

- Há políticos que são verdadeiros charlatães e nenhum dos seus atos corresponde à sua palavra; mas os juízes são, apenas, julgadores. Também serão eleitos?

- Eleitos, apenas, os conselheiros da Justiça e os juízes das instâncias superiores. Será de bom alvitre, entretanto, que os conselheiros judiciais provenham da magistratura e da advocacia, sempre que possível, para ilustração maior do Conselho Judicial. Todavia, nada impede que outros cidadãos se candidatem, nesta área.

- Concordo, plenamente. Deveria haver idêntico interesse por parte das altas patentes das forças armadas, em relação ao Conselho de Defesa, para a sua eficácia.

- Tens falado, em conversas informais, na conveniência da criação da Justiça Social, para sancionar os benefícios e as obrigações pessoais.

- Essa justiça impõe-se, para ninguém ter a falsa impressão de

abandono legal, ainda mais que, neste sistema, desaparece a justiça trabalhista. Em todos os municípios, haverá uma coordenadoria social, com os seus respectivos desdobramentos, para disciplinar os direitos e os deveres dos cidadãos.

- E as consultas serão gratuitas?
- Honorários, sim; expediente, não.
- Não entendi!

- O *Sudismo* é contra o desperdício e o abuso. Portanto, todos os direitos do cidadão só serão atendidos mediante o prévio pagamento da taxa de expediente, correspondente a seis centésimos da hora média salarial da categoria do profissional consultado, incluída no custo do referido formulário, modelo oficial, para se evitar a sobrecarga do complexo administrativo, com consultas fúteis, observando-se idêntico critério nos demais setores da administração pública.

- Em nenhuma circunstância, poderemos concordar, mesmo, com o desperdício de tempo e de valores.

- Falaste, também, que a Assembleia Nacional será substituída por um conselho de, apenas, vinte e seis cidadãos. Quantos deputados temos, atualmente? Achas que isso vai dar certo?

- A Assembleia Nacional é constituída de duzentos e trinta parlamentares, filiados a partidos comportamentais, que, acotovelando-se uns aos outros, atuam sob a égide da discórdia, prejudicando, desta forma, o andamento das moções e, conseqüentemente, o nosso desenvolvimento, em relação à área internacional e aos interesses do homem, na condição de filho de Deus.

- O sistema de multidão parlamentar é, de fato, oneroso e, sendo comportamental, enseja a corrupção e a demagogia.

- Não me parece que esses males se extingam com o sistema parlamentar universal, porque entendo que é mais fácil subornar um quarteirão do que um milhão.

- Eu também acho. Se quisermos uma lei favorável aos nossos interesses, devemos concluir que, entre vinte e seis, um, pelo menos, está do nosso lado e, para obtermos a nossa pretensão, basta subornar treze, deixando os outros à vontade. Alcançado este nú-

mero, poderemos dar guarida aos nossos projetos.

- E, por acaso, eu já vos disse como funcionarão os conselhos, especialmente o legislador?

- Não!... Mas supomos ser da forma convencional.

- Todos estão de acordo com a suposição do Rocha?

- É!... É isso mesmo!

- Então, estais de acordo comigo.

- Como de acordo contigo?

- De que um conselho é sempre mais confiável do que uma assembleia numerosa, onde os votos, na maioria das vezes, são secretos. No conselho, tudo será narrado na ata e definido quem votou contra ou em favor, finalizada pela assinatura dos participantes. Com isto, o eleitor saberá quem o traiu e quem se omitiu. De nada adiantará o charlatão voltar à praça pública pleitear a sua reeleição, porque as atas testemunharão o seu comportamento parlamentar. O impudico ficará, sempre, com o rabo preso!

- Perfeitamente! Saberemos quem faltou, quem votou contra, quem votou em favor e quem se omitiu. Ninguém parlamentarará mais à sombra do voto secreto.

- Lembro-vos, ainda, que as ausências anularão a sessão.

- Isso será uma das grandes particularidades do *sistema sudista*, úteis à nação, porque, no comportamentismo, esse procedimento constitui estratagema.

- As assembleias são sumptuosas, mas imprevisíveis quanto aos interesses do povo.

- De qualquer forma, eu, da minha parte, entendo que são poucas pessoas, para discutir os problemas nacionais, porque há assuntos que dependem da constituição de comissões, para a elaboração de relatórios subsidiantes ao estudo da matéria. E, com, apenas, vinte e seis componentes, como conseguir-se formar tais grupos?

- É uma questão de evolução! No *Sudismo*, nenhum assunto será conduzido à discussão dos legisladores, sem estar instruído dos relatórios dos conselhos das classes envolvidas no interesse de tal lei, previamente, solicitado pela Assessoria Nacional àqueles

órgãos representativos.

- Desse jeito, o sistema comportamental estará, definitivamente, superado.

- De fato, não vejo motivo para apreensões. Quando os legisladores começarem a discutir o assunto, já estarão cientes da opinião do povo.

- Vejamos, então: há, de interesse nacional, a tramitação de uma nova lei, de fundo econômico. De posse dos pareceres dos conselheiros clássicos, o conselho legislador elabora o projeto e encaminha-o ao conselho econômico, para o estudo das suas implicações. Este, por sua vez, pedirá aos conselheiros provinciais que a divulguem pelos conselhos municipais e locais, para difusão, aguardando o seu pronunciamento a respeito. Observado este procedimento, os dois conselhos reúnem-se, para votá-la, sendo o documento assinado por todos os conselheiros participantes, com a definição “*sim*” ou “*não*”, remetendo-a ao conselho superior, que a poderá vetar, total ou parcialmente, ou sancioná-la.

- Como vedes, as leis, ao serem votadas, já estarão estudadas tecnicamente e o povo cientificado dos seus efeitos.

- Isso, quando o assunto for restrito a uma determinada área; mas, quando for de âmbito nacional ou implicar na nossa soberania?

- Quando o assunto for de interesse universal, não restrito a classes ou áreas, reunir-se-ão todos os conselheiros, presididos pelo Conselho Superior. Neste caso, o voto será secreto e a própria sessão, para os assuntos e as decisões não vazarem. Reuniões desta natureza também serão promovidas para assuntos internos, quando se impuser a repressão a certas rebeldias, pois a democracia é comprometida com a liberdade e a ética e nada poderá desmerecer este relacionamento.

- Gostei muito, Silva, dessa tua última definição, pois precisamos de combater a delinquência, por todos os meios.

- Com braço forte, porque os medíocres têm a falsa impressão de que, à sombra da democracia, podem cometer toda a sorte de ardis.

- Nada disso... A democracia, não rejeitando o seu parentesco com a ética, é muito distinta e gosta das coisas no seu devido lugar.

- Não pensem uns e outros que a democracia lhes permite qualquer abuso.

- Mesmo na democracia, o indivíduo precisa de saber o comprimento dos seus passos, o significado das palavras que profere e ver a roupa que veste.

- Uma democracia perfeita só se alcança com a boa educação do povo.

- Não é o suficiente. O indivíduo precisa de ter instrução adequada ao seu meio, para alcançar personalidade.

- Só o instruído elementarmente é receptível à educação, porque a ignorância leva o homem à suspeita e à retração, prejudiciais à boa convivência.

- Bem!... Retóricas!... Mais retóricas!... Precisamos, mesmo, é de prosseguir com as discussões das *teorias sudistas*. Neste recinto, como será vista a educação do nosso povo?

- É o que se tem feito, desde o início das nossas conversas, quando se disse, sempre, que o povo deve habituar-se a discutir os assuntos nacionais, nos campos, nas oficinas, nos escritórios, nas ruas e nas praças públicas. Não há melhor instrumento de comunicação do que uma boa conversa. Por seu intermédio, alcançam-se grandes amizades e grandes amores. Eu diria, até, que a conversa é a didática popular, onde ninguém se peja em dizer: não entendi..., repete..., explica melhor...

- É isso mesmo. Foi assim que nos catequizaste na *filosofia sudista*. Agora, doutrinados, queremos doutorar-nos na matéria, para difundi-la e evitar os embates.

- Os embates nunca se evitam, porque as pessoas, por um instinto natural de defesa, posicionam-se, sempre, contra o que lhes é proposto.

- Todos ficam com o pé atrás, ao receber qualquer proposta.

- Por isso, é que precisamos que tu, Silva, nos instruas o suficiente, para convenceremos as pessoas, quanto à viabilidade do

Sudismo, sem ficar qualquer dúvida no seu íntimo, já que és o seu ideólogo.

- Eu não sou ideólogo de coisa alguma. Apenas, transmito-vos a mensagem do novo milênio, que me é inspirada por Deus, para o bem da Humanidade.

- Assim te interpretamos, porque pregas uma teoria ainda não compendiada.

- Não compendiada? O que é isso?

- Significa que ainda não foi discutida por pensadores nem escritor algum a compilou, brotando do íntimo do Silva diretamente para nós, a fim de a divulgarmos.

- Seremos nós, então, os apóstolos da mensagem do novo milênio, para a Paz Universal?

- Sejamos ou não, isso, agora, não tem grande importância. Precisamos mesmo é de voltar às teorias. Vamos continuar a falar dos conselhos, pois estou interessado em saber mais um pouco a seu respeito. Diz, Silva, em pinceladas gerais, como seria o conselho educador.

- Preliminarmente, ratifico, mais uma vez, que eu não sou ideólogo de coisa alguma. Sou, apenas, coordenador de recursos por outros já colocados à nossa disposição, para o bem-comum. É assim que entendo que deve ser, não se desprezando conhecimentos e fórmulas úteis ao homem, que melhorem as suas condições de vida, venham de onde vier. Como já foi dito, os conselhos serão os substitutos dos ministérios, entre os quais há o da educação, para o qual alguns defendem a designação de ministério da educação e da cultura, sob o argumento de que a palavra educação não conduz ao desenvolvimento intelectual e técnico do povo.

- De fato, tudo tem o seu objetivo e a sua denominação adequada, mas o que mais importa é o desempenho.

- Não me parece que, apenas, a palavra educação tenha inibido os portugueses da evolução tecnológica.

- Podemos, no momento, não ser um dos povos mais avançados, mas também não somos um dos mais atrasados; e os que nos julgam nesta hipótese, é porque não conhecem o nosso rasto histórico.

rico, ou melhor, são fracos em conhecimentos sobre a evolução da Humanidade. Todavia, como sou fiel à origem, sugiro que se adote a designação de conselho pedagógico.

- Por que essa mudança, na qual nenhuma das palavras tradicionais aparece? Só para aumentar a polêmica?

- Não!... Eu não impus!... Apenas, sugeri.

- Ó Silva, eu conheço-te bem. Tu não irias sugerir essa mudança, sem fundamento.

- É melhor o Silva explicar logo, para não se perder mais tempo.

- A palavra pedagogia é de sentido amplo e abrange as áreas da educação, da cultura e da instrução, para a formação individual e o fomento empresarial, conduzindo o povo a uma determinada concepção de vida. A pedagogia é tese. É escola. O conselho é agente e, no sentido etimológico, podemos compará-lo ao antigo aio, que levava as crianças à escola. Desta forma, a sua atuação inversa será mais ampla, coadunando-se melhor ao sentido universal.

- Como sentido universal? Cultura é cultura e nada mais.

- Eis o motivo para o conselho ser de pedagogia e não de educação ou de cultura. A educação e a cultura objetivam o desenvolvimento de certos programas, com o seu docente e nada mais. O pedagogo, criado ou aio, que, na antiguidade, levava a criança à escola, tem de ser ressuscitado nos nossos dias.

- Como iríamos reviver um aio na mensagem do novo milênio?

- A mensagem do novo milênio, sintetizada no *Sudismo*, é o prodígio, que nos permite realizar todos os desejos, desde que sentidos.

- Então, permite-nos recrear o antigo aio, em carne e osso?

- Em carne e osso, não! O aio em ação! Isto, sim!

- Como teríamos, então, esse aio abstrato, cuidando das nossas crianças, para uma cultura progressiva?

- Agora, sim!... Agora, a pergunta está bem formulada e eu vou respondê-la. Todos vós sois testemunhas de que, há alguns anos atrás, para se conhecer uma determinada vila ou cidade, terí-

amos de ir lá, pelo transporte mais adequado. Hoje, tudo se inverteu. Ao anoitecer de cada dia, quando regressamos da nossa jornada, integramo-nos aos locais que estiveram em evidência, trazidos ao nosso convívio pelos atuais meios de comunicação eletrônica.

- E qual a relação disso com o antigo aio pedagogo?

- Mostra-nos que o pedagogo atual é muito mais eficiente do que o antigo, que só levava à escola os filhos dos nobres, omitindo os valores da cultura à burguesia e ao proletariado. O culto é como o espelho: reflete o saber pelo trabalho, para o progresso de todos. Eis a causa por que a sociedade antiga não evoluía, pois o nobre não trabalhava.

- E o conselho de pedagogia, inspirado no antigo aio, vai levar as crianças à escola, uma, por uma? Como?

- Uma, por uma! Como? Com o dinheiro, a energia cívica, que movimentam a sociedade moderna. E a cultura não ficará restrita aos palácios nem às mansões. Irá até os lares mais simples, capacitando os jovens, para um futuro melhor.

- Nos lares modestos, não há recursos, para manter os filhos na escola, até alcançarem um conhecimento de dianteira, pela maior vontade que os pais possam ter.

- Mas eu disse que, no *Sudismo*, as coisas invertem-se. Na antiguidade, o aio tinha de levar os filhos dos nobres à escola, para aprenderem a dialogar, de igual para igual, nas reuniões aristocráticas. O aio de hoje tem de encher as escolas de crianças e de jovens com vontade de aprender, para, por seu intermédio, a nação renovar-se no conhecimento. E isto só se consegue com a seleção dos mais perseverantes e mais inteligentes. Tarefa bem mais difícil, pois o pedagogo, não tendo, agora, o endereço certo dos nobres, terá de procurar os hábeis, nos mais diversos setores da sociedade, e, pelo fator de educação, aplicado ao salário de subsistência, levá-los até o último degrau escolar, de acordo com a vocação de cada um.

- Isso, sim!... Agora, entendi!... Ministério da Educação ou Ministério da Cultura visava tão somente elaborar programas, de conformidade com a vontade da facção governamental. Conselho

Pedagógico é tudo isto, mais a conduta dos jovens à instrução, em benefício de toda a sociedade, capacitando-os para as técnicas mais elevadas, mesmo que os pais não disponham de recursos suficientes, para mantê-los na escola, pois tudo será subsidiado pela pátria.

- Está entendido.

- Silva, o nosso orgulho é tu seres nosso conterrâneo.

- O estudante abastado não é mesmo um bom empreendimento cultural, porque a saciedade inibe-o do sacrifício, sem o qual nada se consegue no campo do aperfeiçoamento humano. Só se mexe quem tem necessidade. E a cultura requiere acurado movimento.

- O estudante abastado, de fato, não se submete ao sacrifício exigido para o fim almejado; por outro lado, a sua formação mórbita é necessária ao desenvolvimento da nação, porque, embora não se aprofunde na matéria, vai incorporar-se a um empresariado consciente de noções técnicas, muito importante para o desenvolvimento econômico e científico.

- Estudantes prósperos e carentes desenvolvem o nosso complexo tecnológico.

- O estudante abastado, embora não se aprofunde na matéria, alicerça a consciência empresarial. O pobre, no anseio de se aperfeiçoar, para a conquista do mercado de trabalho, requinta a competência, colocando o produto na opção do consumidor.

- Estamos a ver a atuação do Conselho Pedagógico pelo nível superior, todavia, não podemos relegar o primário e o secundário ou o técnico, que, bem orientados, produzem excelentes resultados capacitantes.

- O artesanato é artístico e de custo baixo. Os seus produtos constituem uma necessidade para os turistas, que sempre gostam de levar objetos ou utensílios dos lugares por onde passam, além de suplementarem a receita de quem os manufatura ou negocia.

- Via de regra, os promotores turísticos visam só o desenvolvimento hoteleiro, quando a economia nacional se enriquece mais com a venda de produtos, o que, também, deveria estar nos seus horizontes.

- Devemos incentivar as indústrias a servirem-se do arte-

sanato, como acessório da sua linha de produção, pois muito se economizará no transporte diário de operários para os centros fabris, onde os custos pessoais são, sempre, mais elevados.

- Na aldeia, o trabalhador não se preocupa tanto com a morada, porque, nos primeiros anos de vida conjugal, reside na casa dos pais ou na dos sogros e a horta, no quintal, é um recurso alimentar.

- É o que os governantes devem observar, antes de promoverem o êxodo do campo para a cidade, na intenção de beneficiar um ou outro complexo industrial, com mão de obra barata.

- Nas aldeias, o povo é sempre mais feliz. Por isso, eu adiro, de corpo e alma, ao Parlamentarismo Universal, por ser um governo constituído de cidadãos de todas as regiões do país, profundos conhecedores dos hábitos da nossa gente, da sua competência e das suas carências.

- Quando o *Sudismo*, para felicidade dos portugueses, for implantado, as nossas aldeias deverão exigir do Conselho Pedagógico a criação de escolas artesanais em todos os municípios, com o intuito de se preservar algumas profissões em extinção, que, amparadas, poderão coexistir com o progresso, suprimindo as algibeiras do povo.

- Muita coisa há para se fazer neste campo, que só o sistema em debate poderá levar avante.

- Não é um ministro, engravatado e vangloriosamente instalado em Lisboa, que sabe o que um ratesense pode fazer pelo engrandecimento do país, em relação a um lisboeta. Nós, aqui, trabalhamos muito e, se não produzimos mais, é porque nos falta o apoio econômico, técnico e cultural.

- Rates, antes de tudo, precisa de uma universidade rural, onde se ministrem cursos artesanais e técnicos, em todos os níveis, para o desenvolvimento da agricultura, da pecuária e de outras atividades afins, preparando a nossa gente, para o desenvolvimento do novo milênio.

- Isso tem de ser uma das nossas prioridades, pois temos de instruir o nosso povo, essencialmente agricultor.

- Quando vamos à cidade, não nos chamam de lavradores, em

sentido pejorativo? Pois é!... Acordamos!... Queremos o que é nosso!... Queremos a nossa cultura! Queremos posição igual à dos lisboetas: cultura específica para o nosso povo; conselho local, para a nossa administração; e morada condigna para todos, em prédios arquitetados em estilo clássico regional e construídos segundo a moderna tecnologia. Não nos venham com conversa fiada!

- Pelo que eu saiba, civicamente, não existe primeira, segunda, terceira, quarta ou quinta categoria de portugueses. Perante a lei, somos todos iguais e, como tal, exigimos o que é nosso: as verbas que nos igualem aos lisboetas, porque, em trabalho, produzimos o suficiente para matar a fome de milhares de portugueses, mais afeitos do que nós.

- Temos de começar a reivindicar, agora!

- Calma!... O *espírito sudista* começa a produzir efeito. Neste sistema, a palavra de ordem é *arrostar*. Constató, com satisfação, que já estais catequizados, assimilando bem o valor dos conselhos específicos. Lembrais-vos de me ter perguntado quais os direitos da mulher e eu vos ter respondido que ela é que tinha de os saber e reivindicar, porque as portas estavam abertas? Agora, acabais de ratificar o que eu disse na oportunidade, ao reclamardes a Universidade Rural de Rates, por ser a carência cultural da região.

- Mas não é só isso que nós queremos. Falta muita coisa, para nos satisfazer.

- Queremos mais asseio na vila de Rates, a principiar pela remodelação das casas da sua gente e pela melhoria dos logradouros.

- Chega de acomodação!...

- A vila de Rates escreveu uma página da História Universal, quando deu à Civilização Lusíada um ilustre filho, para organizar as Terras de Santa Cruz como nação, da qual, a pesar dos contratempos por que vem passando, muito nos orgulhamos e muito bem lhe queremos.

- O teu argumento é capital, pois, se, outrora, tivemos competência para construir uma nação, quando tudo era mais difícil, a principiar pela liberdade de pensamento e de ação, agora, que as coisas estão facilitadas pela tecnologia e pelo entendimento, nin-

guém, neste mundo de Deus, poderá estranhar que queiramos implantar a verdadeira Fraternidade Universal, entre todos os povos.

- Já falamos bastante sobre o Conselho Pedagógico e, a respeito dos outros, nada.

- E é o principal, porque a educação e a instrução são o alimento da civilização; e um corpo bem nutrido, dificilmente adoecerá.

- O engrandecimento de um país está diretamente proporcionado aos objetivos dos seus empresários, ao labor do seu povo e ao desempenho dos seus governantes, o que só se consegue com a instrução específica dos cidadãos. Portanto, nunca é demais falar-se neste capítulo, porque tudo o que for dito a respeito, só nos felicitará.

- O povo português tem cultura suficiente, para conviver, circunstancialmente, com a comunidade internacional.

- Mas temos de melhorar. Os portugueses, por motivos históricos, são os impulsores da Civilização Lusófona, disseminada por todos os continentes; e os povos, que a integram, esperam de nós a direção, que os levem à prosperidade universal. Por conseguinte, impõe-se a criação de cursos empresariais, em nível técnico, que conduzam à proliferação de empresas em todos os setores. Não podemos esperar que um operário, ao fim de uma longa carreira profissional, já cansado, desperte para a criação de uma rudimentar indústria.

- Concordo contigo. Impõe-se a criação de instrumentos de pesquisa industrial e de pedagogia correlata, que estimulem, cedo, os nossos jovens ao empresariado.

- Não seria bom falar-se, também, um pouco sobre os outros conselhos?

- As conversas são sempre assim. Desenvolvem-se sobre qualquer assunto, com analogia para os demais, onde o tema se enquadre.

- A conversa é o terreno, onde brotam as ideologias, em qualquer área do comportamento humano.

- O importante é conversarmos uns com os outros, para se de-

baterem as dúvidas, com a opinião de todos.

- A opinião conduz a eficiência ao desempenho maior.
- Conversas sadias enaltecem o espírito e dignificam o caráter.
- Quando iniciei estas conversas, para implantar o *Sudismo*,

estava longe de imaginar que também seria o fundador de uma escola de filósofos. Bravo!... Gosto do vosso desenvolvimento!... Nunca nos esqueçamos de que Deus criou o mundo do nada; e o Homem constrói a Civilização com o conhecimento, dirigindo-a ao paraíso prometido.

- Aí, vamos entrar numa área, na qual eu – confesso – sou um pouco ateu. Para mim, além das estrelas, existe, apenas, o firmamento, onde ainda ninguém me mostrou o endereço deste ou daquele lugar de prazer ou de sofrimento. E eu sou muito realista!... Gosto que me provem!

- Mas eu vou provar-te.
- Ó Silva, eu acredito em ti. O que disseres, ser-me-á um testemunho de fé.

- Aqui e além das estrelas, existe a obra de Deus, para o Homem construir o paraíso, o purgatório ou o inferno, de acordo com o seu procedimento, no tempo e no espaço. E nunca será tarde, para se sair de um e entrar-se em outro. Basta que se corrija a conduta e pague-se a outrem o que se lhe deve. O importante é não deixar para o derradeiro dia, que pode ser hoje.

- Então, teríamos de ser justos ontem?

- Sim, porque hoje é o dia da definição, pelo que se fez. Se, ontem, alguém pintou um quadro, nós, hoje, vamos apreciá-lo como pintor, embora haja tido outras ocupações, porque o homem só é julgado pelo que o conceitua perante a opinião pública.

- Ó Silva, eu gostaria que iniciasses uma fase de debates, com a recapitulação dos assuntos mais importantes, para elucidação da *filosofia sudista*, pois o que foi dito, até agora, talvez não nos tenha ilustrado convenientemente.

- É uma boa ideia. Assuntos desta natureza merecem ser debatidos até a saturação.

- Sugiro, então, que cada um de nós se torne patrono de um assunto, reivindicando os seus debates, até o Silva esgotar a sua explanação, para eliminarmos qualquer dúvida sobre a matéria.

- Teremos, sempre, como princípio, a extinção da miséria, que ficará por minha conta, pois, embora nunca me tenha insurgido, não concordo em ver mulheres alugarem o corpo, por um prato de comida, nem homens mutilarem-se, pelo sustento da família. Entendo que tudo, o que foi dito até aqui, é muito importante, mas carece da comprovação de viabilidade. De outra forma, bateremos em ferro frio, sem conseguir amoldar o povo ao *Sudismo*.

- Para mim, tudo se resolverá com o salário de subsistência, pois, como o Silva sempre disse, constitui a espinha dorsal do programa em debate.

- E, com uma quantia suficiente, para satisfazer as carências de cada um, entendo que a miséria será erradicada do seio da Humanidade, de uma vez por todas.

- Esquecem-se os meus colegas de que nada adianta ter-se dinheiro num meio pobre de outros recursos. Sem alimento, não se mata a fome de quem quer que seja.

- E, para isso, o Silva tem sido bem enfático, quando nos diz, sempre, que este sistema requiere a ativação de todos.

- Sem a qual não haverá prosperidade.

- Ao ouvir um jovem dizer que está com fome, para mim, é a maior decepção nos governantes. Podem dizer tudo o que quiserem, pois em si não acredito, por não terem competência, para atender um carente.

- Falar em nome de Deus, para mim, é dar aos outros posição semelhante à sua, sem nada lhes exigir. Refiro-me à coordenação universal, só alcançável com o trabalho, em todas as áreas, como meio de construção do paraíso prometido.

- Nada se faz sem dinheiro, a energia cívica, que move todos os cidadãos, para o bem-comum e a harmonia universal, pois não nos compete só proteger o semelhante, mas também ajudar a Natureza a manter-se em toda a sua plenitude, constituída não só de árvores e de plantas, que nos alimentam com os seus frutos ou nos

deleitam com os seus aromas, mas de tudo que nos rodeia e a nós recorre no piar das aves, no uivar dos ventos, no ribombar do trovão, na inundação das águas ou nas intempéries, clamando a nossa presença moderadora, como representantes do Criador. Dinheiro, o meu tema!

- Distribuição Equânime e Meritória da Renda Nacional, eis o meu estandarte, que levantarei bem alto, com todas as letras e todos os dígitos da Fórmula Econômica Universal, pois, sem o cidadão receber a sua parte do resultado nacional, nenhum dos temas se objetiva, porque o desempenho exige a recompensa.

- É preciso que nenhum dos quesitos, agora destacados, deixe de ser desenvolvido, em toda a sua plenitude. Portanto, peço ao Silva que, no decorrer das nossas conversas, estabeleça fórmulas, coeficientes, fatores, índices e tabelas, definidores das remunerações convenientes, com observância rigorosa da competência, da instrução, da educação, do aprimoramento e da assiduidade de cada um, para, desta forma, estimular-se o desempenho individual.

- Quanto a mim, fico com a Solidariedade Cívica Universal, tema que desejo desenvolver plenamente, pois entendo que deve funcionar para todos os cidadãos, sem qualquer distinção, submetendo-se o vilão imediatamente à sanção legítima. Este tema requer o predomínio de todas as virtudes, com as quais, a pesar de não ser um moralista ou coisa semelhante, muito me identifico, pelo amor que devoto ao bem, caminho que nos conduz a Deus.

- O resultado das nossas conversas é, por demais, satisfatório, pois já temos defensores convictos dos principais temas debatidos. Entretanto, quero enfatizar que os pontos da *consciência sudista* devem ser expostos em frases concisas, para se facilitar a assimilação do povo.

- Além das proposições já tratadas, vamos ter outras, como *consciência sudista*? Ó Silva, explica isso com todas as letras, porque acho que estamos a ficar muito prolixos, o que poderá enfadar o povo.

- Tens razão!... Se o povo já não se interessa pelas coisas públicas, como vamos atraí-lo para um sistema cheio de normas filo-

sólicas?

- Precisamos de ser bem sucintos, porque as pessoas são menos competentes do que aparentam.

- Falam, comentam e criticam, mas, quando são chamadas a participar de alguma coisa, logo se esquivam, alegando não ser a pessoa indicada.

- E qual de nós não sabe disso? As pessoas aprendem a preferir certos vocábulos em voga, sem se aprofundarem no seu sentido.

- É por isso que o nosso amigo Silva sempre nos recomenda não se ativar qualquer assunto, sem se conhecer o seu âmago.

- Como poderíamos, então, propor-nos a apóstolos da mensagem do novo milênio, inconscientemente?

- O Silva tem muita razão. Os principais pontos da *consciência sudista* terão de estar, sempre, na ponta da língua.

- Se deve ser assim, o Silva, então, que os cite, um por um.

- Bem... Se é a minha vez de falar, eis o meu pronunciamento: Direito Universal. Este direito é diferente do tradicional. O direito, que aí está, é uma série de normas subjugantes.

- Subjugantes, porquê? Não tem de ser assim? O indivíduo não tem de se subordinar à sociedade?

- Sim!... Toda a subjugação, quando apresentar sintomas de rebeldia ou de delinquência; mas, quando sofrer opressão, imposta por outros interesses, terá de conter a sua angústia? Ser-lhe-á negado o direito universal? Por acaso, achais que todas as sentenças, proferidas até hoje, foram justas? Nunca ouvistes falar em julgamentos capciosos?

- Isso são coisas muito excepcionais, que morrem, tão logo se recorra à instância superior.

- E essa instância superior é universal?

- Confesso que não sei.

- Pois é! É preciso ficarmos bem atentos ao âmago da coisa.

- Então, explica.

- Sendo os magistrados superiores, na maioria dos países, nomeados pelo chefe de estado, com influência das facções comportamentais vigentes, as suas decisões não poderão contrariar quem

os investiu em tão relevante cargo. Não me julgueis adversário dos magistrados!... Por amor de Deus!... Eu quero lhes muito bem!... E, por bem lhes querer, é que entendo que, no *Sudismo*, os magistrados das instâncias superiores terão de ser eleitos pelo povo, isto é, nunca poderão ser nomeados, para a justiça alcançar soberania plena.

- E que implicância tem isso com o Direito Universal?

- Toda!... Se alguém achou que a sentença proferida contrariou os seus interesses e disso coordena provas irrefutáveis, demonstrando que o réu foi beneficiado, além do direito de recorrer a novo julgamento, poderá solicitar, perante o Conselho Superior, a avaliação do Juiz, que assim procedeu.

- Mas sempre foi assim. O juiz só profere a sentença, fundamentado em depoimentos.

- O Silva está certo. Quantos facínoras são absolvidos, sem as pessoas entenderem a razão dessa absolvição. Algo houve, em tais circunstâncias, que o povo não compreendeu.

- Não compreendeu, porque não foi ao âmago da coisa.

- Meu caro amigo, se for ao âmago da coisa... É melhor eu me calar!...

- O adjetivo universal impõe o direito de reclamação até a total reposição do prejuízo ou da retratação da ofensa, não aceitando decisões dúbias nem prescrições. Anula, pois, a sistemática atual, em que alguns delinquentes ausentam-se ou protelam o julgamento, até o assunto prescrever, instituindo a viabilidade de julgamento em qualquer tempo que o prejudicado o reclamar ou, até, os seus descendentes, para repor o prejuízo do espólio ou a honra do seu ascendente. Quem delinquir, haverá de saber que, aqui, na Terra, terá de pagar. Na *filosofia sudista*, quem pensar diferente, cúmplice será considerado. Em outras palavras: No *Sudismo* não haverá perdão. Quem delinquir, terá de pagar. Em teorias anteriores, o perdão era laureado e frequentava os corredores do poder; mas, por este e por outros motivos, é que a Humanidade chega aos nossos dias repleta de perversos. Nada há mais justo do que se exigir o pagamento de quem deve. E os que defendem o contrário é porque

trazem, em seu íntimo, a inclinação de virem a cometer ato semelhante.

- Prosperidade Universal, a fim de que a pátria, constituída de cidadãos felizes, supere todas as dificuldades. Se não me falha a memória, em certa altura das nossas conversas, tu, Silva, afirmaste que a *pátria sudista* é rica e tudo pode dar aos seus filhos, preparando-os para um padrão de vida mais condizente com a dignidade humana. É este o meu assunto.

- Sim... A *pátria sudista*, dona de todo o patrimônio nacional, é rica, mas não pode abdicar do labor universal, porque não há triunfo isolado. É preciso que todos se ativem.

- Se entendi, todos têm de ser ativados, como em um núcleo atômico, para se alcançar um resultado maior.

- Nós não somos doutos em coisa alguma e debatemos os assuntos à maneira do nosso parco conhecimento, baseados na vivência e no desejo de orientar as gerações futuras, para uma vida melhor. É evidente que, ao compararmos as coisas, teríamos de ser analíticos, mas não o somos, porque precisamos, apenas, de exemplos práticos.

- Agora, sim, estamos no terreno certo. Uma empresa não pode prosperar, sem todos os seus setores se ativarem, em igualdade de circunstâncias, porque, havendo deficiências, o resultado não corresponderá ao objetivo, com conseqüente depreciação no mercado.

- A prosperidade, na minha forma de ver, é, antes de tudo, o resultado da organização de todos os setores e da atuação de todos os cidadãos.

- Nada adiantará organizar-se a *pátria sudista*, conceder-se a todos o salário de subsistência, para ninguém se contaminar pela miséria, se for permitida a inércia individual.

- Isso é o que eu receio. O sujeito tem o salário de subsistência, a esposa e os filhos também... Preocupar-se com o quê?

- Com a laboriosidade, sem a qual não há prosperidade.

- No meu entender, os portugueses, ao receberem os benefícios da *pátria sudista*, conscientizar-se-ão de que tais proven-

tos vêm do seu trabalho; e uma hora desperdiçada poderá enfraquecer todo o sistema.

- Para se dirimir qualquer receio neste sentido, toda a *campanha sudista* deverá basear-se, sempre, na trilogia: Direito, Prosperidade e Laboriosidade Universal.

- Nenhum cidadão pode eximir-se do trabalho, porque a prosperidade é como um recipiente: tudo o que lá se coloca, encontra-se, quando se procurar. Se plantarmos uma macieira na beira de um caminho de uma aldeia de cidadãos conscientes, dali a alguns anos, quando por lá passarmos, colheremos boas maçãs.

- Mas, se formos além e plantarmos nas beiradas dos caminhos e nos terrenos baldios, principalmente, nas bouças, todo o tipo de árvore, formaremos uma devesa ou um grande pomar, em cada aldeia. E, quem vive num pomar, nunca terá fome, nem falta de saúde.

- Esse exemplo estende-se às populações urbanas, em sentido mais amplo, pois, se cada um fizer, em qualquer setor, seja o que for, haverá, sempre, um produto a enriquecer a comunidade.

- A prosperidade, aqui, aparece, pois, como o resultado do direito, combinado com o dever.

- Direito do cidadão a todos os quesitos, que contribuam para a sua dignidade; e dever de trabalhar, em qualquer atividade, para a pátria, próspera, poder atendê-lo, em todas as suas carências.

- Mas falta, ainda, um quesito, para o qual me parece que ninguém atinou.

- Ó Silva, tu vais criando novos conceitos, com essa tua ideia fértil, e nós vamo-nos perdendo na *estrada sudista*, deixando para trás outros assuntos.

- E, assim, com tanta diversidade, em nada nos aperfeiçoaremos.

- Ó Silva, tu não correrás o risco de estar a formar uma dezena de idiotas, que não corresponda ao teu propósito?

- Vós é que sois os culpados.

- Ah!... nós é que somos os culpados!... Só faltava essa!...

- Pois é!... Apelidaste-me de vosso guia, outra coisa não me

resta senão retribuir-vos tão dignificante título. Uma das coisas que eu alimento, desde criança, é ser reconhecido a quem enaltece a minha aptidão.

- Isso, nós fazemo-lo por dever de consciência, porque, pelos debates mantidos, outro reconhecimento não poderíamos ter, senão o de te interpretar como nosso guia. Eu, que, por orientação dos meus saudosos pais, frequentei os bancos do ensino superior, reconheço, em ti, um guia nato, porque, lá, só me ensinaram teorias já ministradas às turmas anteriores e nenhuma provinha da mente dos catedráticos, muito embora nos parecesse que sim, pela convicção com que nos doutrinavam; mas, aqui, tudo o que dizes é original. Os meus cabelos grisalhos, a minha barba, à minha maneira de ser, e a minha peculiar elegância, a que alguns chamam de vaidade, conduzem-me, sempre, ao apreço dos meus amigos, em cuja convivência nunca deixei de ouvir palavras e expressões alheias. Aqui, nesta mansão, construída pelos meus ancestrais, quando estás presente, as coisas são diferentes. Fala-se de soluções futuras, para os males que afligem o povo. Até aí, tudo normal. Em qualquer reunião deste gênero, surgem comentários idênticos, mas nunca se vai além. Todavia, tu, meu amigo Silva, de cuja amizade tanto prezo, comentas e tens o arrojo de apresentar as fórmulas, que conduzam à solução dos problemas. Disseste que era preciso banir a miséria do seio da Humanidade e apresentaste a fórmula, o que, antes, ninguém havia feito. É a estes homens, aos arrojados como tu, que eu abro as portas da consciência, para os guardar no tabernáculo da admiração. A pesar de abastado, que sou, também a miséria a mim me preocupa e muito! Nas manhãs frias de inverno, quando, da janela do meu confortável aposento, vejo passar os humildes, mal agasalhados, e, provavelmente, mal alimentados, tudo, para mim, perde o sentido e me entristeço, por não ter uma solução para tanto sofrimento! Por isso, bem haja Deus, que, a uns, dá o poder e, a outros, o saber!

- Eu é que me sinto muito feliz, não pelos elogios, que recebo de vós, mas pela atenção que dedicais a tudo que vos digo. Reparai que eu ainda não havia proferido o vocábulo de outra virtude fun-

damental e já tenho a confirmação da sua interpretação, nas palavras do Aguiar, a quem tanto prezo e sou grato, pelo acolhimento que me dá. Eu ia falar da Lucidez Universal, imprescindível a todos os cidadãos e a todos os setores da sociedade, para, cumprido o seu dever, exigirem tudo, convictamente. A lucidez é, pois, a sublimação da nossa consciência, que só deve agir com o conhecimento geral da coisa, impondo-lhe uma definição. E disto o Aguiar deu-me provas cabais, com a sua sinceridade. Se eu sou vosso guia, devo-o a Deus, que me inspirou, e a vós, que me escutais.

- Ó Silva, vamos, então, dissertar um pouco sobre a lucidez, para nos esclarecermos, porque nós não temos o teu discernimento, nem, tão pouco, a cultura do Aguiar e de alguns mais. O que vem a ser essa lucidez, na *visão sudista*?

- A lucidez constitui um elemento preponderante da *consciência sudista*, pois nada se deve reivindicar ou oferecer, sem se ter a convicção da sua viabilidade. Temos de ter base suficiente, para concretizar tudo o que se debater em público, pois, não sendo assim, incorreremos na mediocridade comportamental, que tudo promete, sem fundamento, e, por conseguinte, nada realiza. É preciso que o povo, ao escutar de um *sudista* esta ou aquela proposta, convicto esteja de que tudo já foi devidamente equacionado. Em outras palavras, a equação precederá a promessa, pois, quem promete, devedor se torna, e, não pagando, a honra perde. O *sudista* tem o saber que outros ainda não alcançaram, devendo, portanto, usá-lo bem programado. Dizemos que damos salário de subsistência a todos, porque sabemos como o gerar, sem prejudicar qualquer interesse. Pleiteamos direito para todos, porque exigimos Justiça Universal. Recomendamos o labor de todos, porque sabemos como instruí-los, para o desempenho individual.

- Boas as tuas últimas palavras, pois lúcido estou de que nada sei sobre o que prometes a respeito do dinheiro, tema por mim escolhido. Perdoa-me a intromissão, mas quero que este assunto seja debatido, antes de qualquer outro, porque uma coisa é prometer, outra é cumprir. É fácil dizer que vamos pagar salário a todos, mas o difícil é conseguir-se o dinheiro suficiente. Nenhum de nós é tão

nécio assim, que não saiba que o dinheiro emite-se, mas a emissão monetária subordina-se a normas técnicas. Se assim não fosse, as notas não passariam de pequenos retângulos de papel, bem ilustrados. Se a emissão não for devidamente equacionada, surgirá a inflação entre nós, infernizando a vida do povo.

- Essa intranquilidade existe na mente de todos nós, creio eu.

- Não resta a menor dúvida. Eu também dou voltas ao miolo, para equacionar esse problema, mas não encontro uma fórmula satisfatória.

- A mim, também me parece que os demais estão em idêntica situação.

- Da minha parte, confesso, sigo nesta procissão, a cantar e a rezar, sem saber o caminho da volta. Vou com a multidão.

- Eu estou na mesma condição.

- Isso é muito natural, mormente, quando nos habituamos a ser conduzidos e não nos interessamos em saber o percurso e o fim do cortejo. Acontece, sempre, quando confiamos, plenamente, no guia, o qual, às vezes, falha e, nessa altura, vem o fracasso, muito contra a sua vontade. É o que sucede na política, onde as coisas são ainda mais complicadas, porque, na maioria das vezes, o mentor, impedido pela oposição, não consegue conduzir o cortejo pela via preferencial. E, então, o tempo gasto pelos atalhos, não permite alcançar o objetivo. É, por isto, que vos recomendo a harmonia universal, antes de iniciar qualquer caminhada, averiguando, ainda, se todos estão interessados na sua participação. É ao que se chama Parlamentarismo Universal. E, depois, estudar as conveniências de cada um e os danos que possam advir a alguns, para tudo se equacionar.

- Sim!... E qual a relação do préstito com o dinheiro?

- Os préstitos realizam-se pelos caminhos das aldeias e pelas ruas das vilas e das cidades, mas o dinheiro fica retido nas algibeiras de cada um. Não atinei muito para a semelhança.

- Não é de se estranhar. Afinal, a Humanidade viveu sempre assim e um costume não se muda da noite para o dia. Se, há tempos atrás, a civilização grega dava como norma a obediência do

escravo ao senhor; e, ontem, a romana recomendava a servidão ao abastado, não é, hoje, que deixareis de estranhar a Civilização Lusíada dizer-vos que sois todos iguais e tereis viabilidade de assim vos interpretar. O escultor nunca escapará dos protestos da Beleza, acusando-o de plagiar as suas formas, para contemplar a Singeleza, exibindo-a, nos jardins da Igualdade.

- A beleza e a singeleza são contrastantes, como a fartura e a pobreza, e não me parece que a mediania as contemporize.

- A mediania pode não contemporizar as desavenças, mas o gênio, com fórmulas e ideias, aplaca os contendores.

- Se eu vos digo que o *Sudismo* vai estabelecer o salário de subsistência, para livrar o Homem do verme repugnante da miséria, é porque existe, em mim, a sabedoria suficiente, para o eliminar; mas, para tanto, torna-se necessário que todos acreditem nesta tese, pois, sem a crença, virtude maior da caminhada do futuro, não se obtém a confiança.

- Se entendo as tuas palavras, só é homem o que crê e quer, efetivamente.

- Isso mesmo!... O que distingue o homem dos outros seres é o crer e o querer, enfatuadamente, definindo-o como filho de Deus, pelas suas realizações. Se alguém sofre de miséria, é porque nunca passou, por aqui, um gênio, capaz de enfrentar este infortúnio.

- As ideologias contrariam muitos interesses e, por isso, só alcançam pequenos grupos, pois são, imediatamente, bloqueadas ao conhecimento geral.

- É a cultura, de alcance caro e de interesse de poucos.

- E, mesmo que se interessem, só a recebem de acordo com a vontade comportamental vigente.

- De fato, só recebemos os conhecimentos que a autoridade comportamental ou conjetural nos permite e poucos são os que se atrevem a transpor estas tutelas.

- O grande defeito das pessoas é subjugarem-se a esses poderes, sem procurar outros caminhos, para se livrarem da miséria e da ignorância, males que muito as atormentam. É preciso que o povo se compenetre de que as conjecturas não são o elo da Huma-

nidade com Deus, como nos comprova a vaidade dos jerarcas e os crimes por si praticados, de que a História, reflexão do passado e presunção do futuro, é testemunha. Ninguém pode estranhar a mensagem do novo milênio, pois, no fim do sermão, quando foi dado pão e peixe, também foi dito que o filho de Deus voltaria, para julgar os vivos e os mortos. E não penseis ser de outra forma, porque Deus, com a chuva, fertiliza os vales e os prados, para mitigar a fome de todos; e, com a voz do Homem, fala às gerações, transmitindo-lhes as novas leis. E tudo será mudado, porque o dia de hoje não é igual ao de ontem nem ao de amanhã. O que tendes é de crer e querer. Os que falaram ontem, já sabeis o que disseram; e os que discursam hoje, nada vos dão. Abri o livro do presente e vede, em cada página, a desgraça que vos cerca e concluireis, então, que uma nova ordem teria de ser escrita. Mas não vos atormenteis, porque Deus nunca faltou com a luz ao dia, nem com a inspiração ao Homem. O que é preciso é crer no novo mensageiro, que se distingue dos falsos seguidores do anterior, pela felicidade, que, entre todos, restabelece. Nunca Deus exigiu sacrifício ou humilhação a algum dos seus filhos, aos quais muito ama. Comparai o que vos digo com as flores da primavera, que, de lindas cores, exalam fragrâncias, pronunciando colheita substanciosa. Assim é, pois, o mundo, que Deus vos oferece.

- Acreditar, nós acreditamos, tanto assim que estamos presentes; trabalhar, também trabalhamos, como se vê pelos vales e pelas planícies, devidamente cultivadas, e pelas aldeias, vilas e cidades, arquitetadas ao gosto das gerações, que, por aqui, passaram a caminho da eternidade. Mas parece-me que, ao crer e querer, terá de se adicionar o comprovar, para se obrar convictamente.

- Eis a minha satisfação, ao ver que, além do crer e do querer, exigis o comprovar. Isso é muito importante, porque o mundo está cheio de falsos guias, a falarem em nome de Deus ou da Pátria, sem enxugar as lágrimas dos desditosos. O povo, ao escutar as suas promessas, deverá impor a comprovação do que apregoam, sob pena de interpretá-los como charlatães. O verdadeiro *sudista* nunca esbarrará em promessas, mistérios ou dogmas, reclamando, sem-

pre, a decomposição do âmago da coisa, para a sua interpretação. Ou não é o que pleiteais, quanto ao dinheiro?

- Sim!... Queremos saber tudo a seu respeito, para satisfazer as carências dos portugueses, e, quiçá, de todos os povos do mundo, se virem, em nós, uma civilização aplicável ao seu meio.

- É evidente que o *Sudismo*, vindo de Deus por meu intermédio, é aplicável aos homens de todo o mundo e aos demais seres, que integram a Criação. Reparai no agricultor, que, alegre, semeia a terra fértil, para melhor colher. Assim é com os portugueses, que empreenderam a Comunicação entre todos os continentes, para, agora, florescer na Fraternidade Universal. Quando vemos uma criança dar os primeiros passos, amparada pelos cuidados da mãe, nem de longe imaginamos que, ali, podem estar brotando os primeiros atos de um gênio, o qual, sob o desígnio de Deus, modificará o rumo da Humanidade. Os continuistas não são os detentores da verdade, porque a mensagem, no decorrer dos séculos, diluiu-se, ao sabor dos interesses, chegando o dia em que Deus manda novo mensageiro, para corrigir os males causados pelo comportamentismo e pelo conjeturismo.

- Então, Deus não nos impõe o sofrimento, para a nossa salvação?

- Se Deus dá à ave o canto e à flor, a cor e a fragrância, por que haveria de dar ao Homem o pranto? O sofrimento invade-nos, por aceitarmos tudo, sem avaliar o conteúdo.

- E quais são os guias verdadeiros? Em quem devemos acreditar?

- Naqueles que, doravante, vos conduzam à Fraternidade, para, como as aves e as flores, cantardes e colorirdes o mundo, tornando-o mais alegre do que nunca, porque, só aqui, é o paraíso, que Deus nos prometeu. Não há outro lugar, onde, com as nossas faculdades, possamos ver e sentir as maravilhas do Universo.

- E como se conseguirá implantar essa felicidade tão ampla, se existiu, sempre, alegria, dor e tristeza, de acordo com o estado de cada um?

- Falaste bem. De acordo com o estado de cada um. Há casos,

em que os doutos nada podem fazer pela cura física, mas a pátria pode conduzir-nos à cura psíquica, pelos recursos monetários.

- Esses recursos é que são a nossa grande incógnita.
- Nossa e das gerações antecedentes. Quem não ouviu, ainda, a expressão “*não há dinheiro*”.
- O sonho do dinheiro fácil é tão latente, que alguns falaram, até, da lenda da pataqueira.
- Os velhos, quando éramos criancinhas, diziam que muitas pessoas viajavam para terras longínquas e, em lá chegados, sacudiam a pataqueira, voltando abastados ou remediados.
- É claro que isso não passa de uma lenda.
- Mas que era gostosa, lá isso era!...
- Olha!... Eu, cá para mim, acho que deve haver mesmo lendas, para alegrar esta vida tão atribulada.
- Os contos e as lendas têm o seu valor e, por que não dizer, a sua terapia.
- Às vezes, fico, só, no meu canto, a recordar os contos da carochinha! E quão feliz me sinto!... Passo o tempo no agradável mundo das ilusões!... Que bom!... E fico muito contrariado, quando me chamam, acordando-me para a realidade.
- Eu também gosto dessas divagações e, perdoa-me, Silva, chego a pensar se o *Sudismo* não será, para nós, mais uma doce ilusão.
- Todos estais certos, porque a realidade é o esboço da fantasia, não concretizada, por falta de coragem. Reparai bem que o mundo da fantasia só é agradável, porque a fada, com a sua varinha de condão, afasta-nos o mal.
- Mas que é agradável, lá isso é!...
- Dá vontade de voltar a ser criança, para acreditar em tudo que a fantasia nos oferece.
- Que bons tempos aqueles!...
- Agora, que acabastes de viajar pelo mundo da lenda e da fantasia, vamos entrar no da realidade, para se prosseguir com as nossas conversas. Foi muito bom recordar-se tudo isso, porque, assim, enriquecemos o mundo da comparação. Nas lendas, as pessoas,

que voltavam ricas ou remediadas, tinham de viajar e de sacudir a árvore, para suprirem as suas algibeiras; na fantasia, alguém tinha de escorraçar o mal, para todos serem felizes. E estes mundos, tanto o da lenda, como o da fantasia, eram bons, porque eram contados pelas nossas avós, para nos alegrar. Vê-se, desta forma, que o amor inspira e a ação constrói. Melhor comparação não podia ter sido apresentada. Estava inspirado quem trouxe, hoje, ao nosso convívio a lenda e a fantasia.

- E qual a relação entre a lenda, a fantasia e o dinheiro?

- O nosso amigo chamou a si o tema do dinheiro e pediu-te fórmulas concretas, mas tu, Silva, como bom conversador, vais divagando, sem mostrar as moedas, a tilintar, e as notas, a circular, de mão em mão.

- Nós vimos, aqui, para conversar contigo, que tens, sempre, bons argumentos, para ilustrarem as nossas mentes. É claro que não reclamamos o tempo perdido, porque o que havíamos de fazer na vida, já o fizemos; mas, como dizes coisas que aguçam a nossa curiosidade, comprovando, paulatinamente, a sua viabilidade, estamos muito ansiosos, quanto ao dinheiro.

- Já imaginaste, Silva, as criancinhas de hoje, quando, daqui a alguns anos, adultos, olharem-nos, dizendo, com admiração: *“Este velhinho é muito bom! Era do grupo, que ajudou a fundar o Sudismo, que tanta felicidade trouxe à gente!”*

- É verdade!... As gerações futuras vão recordar-te com muito carinho, pelo bem que lhe fizeste.

- Vão recordar-me, não!... Vão recordar-nos, porque o *Sudismo* é fruto de todos nós. Não existe mestre sem discípulos, que escutem o seu ensinamento e o transmitam ao povo, o pergaminho em que se escrevem as páginas do saber. Vós sois a nova ordem, que orientará os vindouros! Sem vós, o meu pensamento não se concretizaria. Sem vós, a minha mensagem perder-se-ia no silêncio. Bem haja o lugar onde nos encontramos. Assim pensará, quem nos escutar.

- E o dinheiro?

- O Saramago quer é dinheiro!...

- Ó Silva, atende-o logo, para satisfazeres, também, a nossa curiosidade.

- Então, não é só ele que quer. Todos querem.

- É isso mesmo!... Dinheiro é bom e faz um bem!...

- Dá uma tranquilidade!...

- Faz rir à toa.

- Bem!... dinheiro é bom!... dá tranquilidade!... faz rir à toa!...

Mas não pode criar idiotas nem perdulários e, muito menos, incentivar o consumo, um dos piores males do nosso tempo, ou estimular a inflação, o maior flagelo econômico.

- De fato, o dinheiro traz muitas alegrias, mas também pode causar os transtornos citados e outros mais.

- É um dilema difícil de conciliar, porque as pessoas não têm todas o mesmo comportamento.

- Algumas são completamente tontas. Tendo dinheiro na mão, gastam-no de qualquer jeito, sem se lembrar do amanhã.

- E o pior é que, depois, são as que mais reclamam.

- Olha!... Só o quadro, que o Aguiar diz ver nas manhãs de inverno da janela do seu quarto, e outros, que nós também vemos por aí, é que justificam a minha presença nestas discussões, porque, pelo comportamento de alguns, que nada agradecem e só sabem reclamar, em vez de metodizarem os seus hábitos, eu deixaria tudo como está.

- Há indivíduos, que não merecem o esforço nem a dedicação do seu semelhante.

- Eu sou mais radical. Acho que nem merecem ser incluídos em qualquer relação de benefícios.

- Eu já penso diferente. Julgo que essas pessoas, embora nos pareçam normais, sofrem de alguma deficiência psíquica, que não lhes permite um comportamento equilibrado.

- Só um douto no assunto pode explicar esse comportamento e, como nós nada entendemos de psicologia, é melhor nem ousarmos comentá-lo, substituindo tudo pela filantropia, que, no decurso dos milênios, foi muito mais útil do que quaisquer teorias.

- Durante todos esses milênios, cultivou o bem, sem olhar a

quem.

- E, porventura, não é o que o nosso amigo Silva está a fazer, agora? Esqueceis-vos de que filantrópico é tudo o que se faz pelo semelhante, sem nada lhe cobrar.

- O mundo dá voltas e tudo se repete, sob outra designação.

- É o que o Silva diz: “- *Eu não vim para criar, mas para coordenar o que possa ser útil ao homem*”.

- E, com essa coordenação, é que se alcançará a universalidade. Bem haja o que tem competência para tanto.

- Deixemos o assunto com o Silva.

- Já vimos como nasceu o dinheiro, sob a teoria mais aceitável. Sabemos como, no princípio, foi interpretado e como, até hoje, ainda há quem o esconjure. Concluímos o que é no quotidiano e o que pode fazer pela Humanidade, como energia econômica, irmanando todos os cidadãos, todos os povos ou todas as nações, para o bem-comum.

- Desde que seja bem administrado.

- Sem uma administração eficiente, nenhum resultado se consegue.

- Quem quiser ser bem administrado, não poderá evitar os gastos necessários.

- Como eu, então dizia, o dinheiro pode levar o bem-estar a todos os cidadãos, a todos os povos e a todas as gerações.

- Espera, Silva!... Por que enfatizas tanto isso?

- Porque, atualmente, há, no mundo, técnicos para tudo, mas todos mutilados pelo comportamentismo.

- O meu tema é o dinheiro, do qual não me afastarei; mas, agora, fiquei curioso com esses técnicos mutilados. Quando vou às repartições públicas, aos bancos ou a outras organizações, não vejo alguém andar por lá de cadeira de rodas ou de muletas, a não ser um eventual deficiente. Também não vejo maneta algum, a não ser que te refiras a mutilações psíquicas.

- Acertaste em cheio. É isso mesmo. A mutilação psíquica é o pior mal de que sofre a sociedade. Uns formaram-se e têm diploma, que comprova a sua sabedoria, mas sofrem de bloqueio psí-

quico, que não lhes permite desenvolver o que aprenderam. Outros, que não passaram pelos bancos da sabedoria, adquirem competência pelo convívio, mas também se deturpam, por não terem coragem de dizer ao profissional formado que não era aquilo que esperavam de si. E tudo se perde dentro da boa convivência, enquanto a Humanidade segue a sua trajetória de desventura.

- Mas essa administração, de que se falou há pouco, terá de ser instrumentada de projetos e de orçamentos, para os técnicos dirigirem os trabalhos.

- Estamos em bom caminho. Brevemente, chegaremos ao âmago da coisa e, então, todos os componentes serão conhecidos, para o bom desempenho.

- Ainda terá mais alguma coisa, antes de se chegar a esse dinheiro, tão falado.

- Que vos parece? O dinheiro, como vos digo sempre, tem diversas definições, desde instrumento corruptor, o que não é o nosso caso, do qual dependemos, diretamente, para a implantação do *Sudismo*, ao de recurso fundamental econômico, sem o qual nada se viabiliza.

- Ó Silva, eu perco-me nas tuas definições: *Sudismo*, sistema compreensivo de administração pública e outras, que nem me lembro mais.

- Mas é assim mesmo. As definições são as pedras da calçada da sabedoria, que temos de pisar, para sermos alguém, na vida.

- Esse alguém na vida atormenta-me. Não sei onde está, nem como alcançá-lo.

- A sabedoria tem senda árdua e só em companhia de doutos é que se alcança.

- O dinheiro é fácil de fazer. O difícil é impor-se-lhe o valor, dependente de muita coisa.

- Para mim, que já fiz tudo o que tinha de fazer na vida e só venho aqui, para passar as horas, tudo está certo, leve o tempo que levar.

- É isso mesmo! As coisas têm de ser encaradas com paciência, sem a qual nada se alcança.

- E o que tenta o contrário, embaraça-se e nada consegue.
- E o meu dinheiro?
- Ó Saramago, deixa o dinheiro para lá!... Nós vimos, aqui, para conversar uns com os outros. Quem quiser dinheiro, que vá trabalhar!...

- O Saramago tem razão. Ele, que sempre trabalhou honestamente, para sustentar a família, mais do que qualquer um de nós, sabe avaliar este programa. É compreensível a sua insistência, pelo bom resultado que trará a todos.

- O dinheiro, a que eu me refiro, só pode surgir com a implantação do *Sudismo*, porque, com outro sistema comportamental, seja de que tendência for, cairá no descrédito e, até, na chacota. O povo iria interpretar as emissões como rodada de máquina, não lhe atribuindo o valor intrínseco, com que tem de ser encarado. Tudo, na vida, constitui uma corrente, da qual nenhum elo pode aviltar-se. Então, reparai bem, o dinheiro será fruto da *árvore sudista*, que é o Parlamento Universal, onde, os que o integram, não terão voz mais grave uns do que os outros, pois cada um cumprirá, apenas, a função para a qual foi sufragado, ciente de que o dono da coisa nacional é o povo e mais ninguém. Como a expressão "*parlamento universal*" já define, teremos tantos conselhos, quanto os interesses capitais. E, assim, de entre todos, haverá o incumbido das emissões, formado, não por políticos simpáticos, impecavelmente vestidos e engravatados, que, em praça pública, prometeram fazer isto ou aquilo; mas por cidadãos, de um ou de outro sexo, publicamente, reputados como idôneos, laboriosos e probos, para a função. Estes cidadãos, analisando todos os valores do país, coordenarão o patrimônio nacional. Apreciarão, também, todos os portugueses, para saber quantos são e quanto valem. Aos aptos, terão de pagar o salário de subsistência, de acordo com a sua eficiência e a sua assiduidade. Aos incapazes, o salário de subsistência mínimo, encaminhando-os ao Conselho Social, para exame e adaptação à laboriosidade específica. Aos doentes, caberá o envio ao Departamento de Saúde, para defini-los como inválidos temporários ou permanentes, aos quais será pago o salário de subsistência, com todos os

adicionais ganhos no último mês de trabalho, por toda a vida, como recompensa pelo que fizeram, enquanto puderam. Se inativos natos, o salário de subsistência, mais o adicional de invalidez. Às crianças, será pago o salário de subsistência, como direito universal, para serem educadas pelos seus responsáveis, de conformidade com os mandamentos universais. A mulher casada receberá o salário de subsistência, acrescido de cinco décimos do total dos adicionais atribuídos ao marido. Os viúvos receberão oito décimos do salário conjugal, entendendo-se como tal a soma dos proventos de cada cônjuge, limitado ao mínimo do salário individual maior. Todos os cidadãos serão obrigados a cumprir a jornada, salvo as esposas, as mães, as crianças até quinze anos, as viúvas com mais de trinta e cinco anos, os inválidos permanentes e os válidos com mais de cinquenta e cinco anos. Conhecidos o valor do patrimônio nacional, em ourogramas, nos termos da Fórmula Econômica Universal, e os encargos, conforme exposição feita, o conselho responsável disporá, mensalmente, de um cento e trinta avos de tal valor, para satisfazer as carências de todos os portugueses, incluindo, no cômputo orçamental, os projetos locais, municipais, provinciais e nacional, de acordo com os fatores jurisdicionais.

- É assim que se governa uma nação e não com promessas comportamentais!... Gostei, Silva!... Os meus parabéns!...

- Pois eu, amigo que sou do Silva, desde a infância, confesso que esperava outra coisa. Nada vi demais. O Silva disse, apenas, como será distribuído o dinheiro, proveniente da Fórmula Econômica Universal.

- E, a rigor, é isso mesmo. Na Economia, onde o dinheiro é o elemento principal, não há mistérios.

- Na Economia, para as coisas darem certo, nada se pode acrescentar à realidade.

- Sim!... Economicamente, ou a pátria é rica e distribui todos os recursos equanimemente, ou é pobre e todos, convictos da realidade, limitam as suas aspirações aos poucos recursos disponíveis. Mas, quando uma nação é rica, como a nossa, não se pode aceitar que alguns vivam em condições de inferioridade social.

- Inferioridade social?... Gostei dessa expressão. O que devo entender por inferioridade social? Quero ilustrar-me, para não ser um *apóstolo sudista* medíocre. Tudo o que for dito, aqui, quero entendê-lo, minuciosamente.

- Não há necessidade de se recorrer ao Silva, para esse esclarecimento. Eu explico-te, a fim de o reservarmos para outros assuntos mais importantes.

- A mim, é indiferente quem o faça. O que eu quero é sair daqui esclarecido sobre tudo o que for dito.

- Então, vamos lá. Na sociedade portuguesa, existem três padrões: o primeiro, chamado de alta-roda ou fidalguia, constituído de pessoas abastadas – grandes proprietários, grandes industriais e grandes comerciantes -, os quais o povo, na sua simplicidade, denomina, simplesmente, de capitalistas, donde saiem, sempre, as decisões econômicas, com base no desígnio governamental. E a nossa gente acusa-os de manipularem o governo ao seu jeito, pois, na realidade, uma má interpretação, pode abalar patrimônios seculares. Assim foi com o comunismo, sistema político, que pregava a atividade econômica das nações sob o signo da igualdade, o qual não aprovou, porque nós, homens, não somos todos iguais, nem temos todos o mesmo grau de inteligência, de competência ou de laboração.

- Isso é verdade. Eu mesmo considero-me um homem de competência limitada. Os meus pais não me deram cultura suficiente e eu também, não os culpando, porque isto vem de família, tenho as minhas dificuldades de interpretação. Nunca me esqueci de uma vez, quando eu ia para a escola, acompanhado do meu pai, e, ao passarmos em frente da mercearia da Rosa Pita, encontramos com o meu tio Celestino, que, olhando-me da cabeça aos pés, disse-lhe, em tom arrogante: - *“Não deixes o garoto saber mais do que tu! No poleiro, quem canta é o galo!”* – E aquilo criou-me um trauma. Eu, que era tapado por natureza, senti, logo, que não tinha obrigação de aprender muita coisa, porque o meu pai, Deus o tenha em bom lugar, era mesmo um palerma. A tudo que eu lhe perguntava, a resposta era sempre a mesma: - *“Isso é coisa de quem não*

tem o que fazer”. – O tempo passou e eu pouco aprendi. Quando fui para o exército é que torci as orelhas, mas tive sorte! Como era um rapaz sadio e bem afeiçoado, um tenente escolheu-me para seu impedido. Era um oficial bom. Ensinou-me a escrever as cartas para os meus pais e para a namorada e, sentindo a minha dificuldade, deu-me um dicionário, um pouco surrado, que eu guardo até hoje, como recordação, dizendo-me que o homem é ignorante por circunstâncias, mas as mesmas circunstâncias podem igualá-lo aos outros, se ele souber aproveitar as oportunidades, o que muito me animou. Todas as noites, eu consultava aquele dicionário, para saber o significado das palavras mais difíceis, que escutava durante o dia, até começar a frequentar a sua casa. Logo da primeira vez que lá fui, a empregada olhou-me e, enrubescendo-se, baixou os olhos. Então, eu pude apreciá-la por inteiro e concluí que era uma daquelas coisinhas que a gente gosta de conquistar. Poucas semanas depois, quando já tínhamos mais intimidade, ela disse-me: - *“Vou pedir à patroa que consiga com o tenente que, no quartel, te ensinem a guiar carro. Assim, quando eles forem passear, tu diriges o automóvel e eu tomo conta das crianças, aproveitando a oportunidade, para conversarmos”.* – E por aí foi a nossa intimidade, até nos tornarmos marido e mulher, com uma filha maravilhosa, que, hoje, é médica e me enche de orgulho.

- Dizem, até, que a tua filha, em breve, será nora desse ex-tenente, que, hoje, é general.

- É verdade. Nós ficamos muito arraigados à família do general Brás Guerra. Enquanto acompanhávamos as suas promoções, ele ia resolvendo as nossas dificuldades. Foi ele quem me colocou na Segurança Pública. E, numa das visitas, que lhe fizemos, levamos a nossa filha, dando-se a troca de olhares com o seu filho mais novo, tal como havia acontecido comigo e com a Lúcia. É um rapaz muito esforçado. Logo, será um general, como o pai.

- Temos, depois, a classe média, constituída de pequenos proprietários e de pessoas de certa cultura, que, vivendo do seu trabalho, têm acesso a certos meios, não sofisticados.

- Isso é do conhecimento de todos nós. Quem não sabe quais

são as classes sociais? A classe trabalhadora, que, salvo alguns, como eu, que consegui um emprego público, vive, sempre, com o pé na beira do abismo. Um cochilo, apenas, e cai-se no precipício da miséria.

- Faço das palavras do Silva as minhas: chegaste ao ponto que eu desejava. Aos que, por qualquer motivo, desequilibraram-se, caindo no precipício da miséria, é que interpretamos como elementos de inferioridade social. Desprovidos de recursos, não têm mais condições de se soerguer, a não ser pela filantropia, o que os humilha, pois, subordinando-se a quem os protege, debilitam a personalidade. Em qualquer pleito, sabe-se logo para onde tendem. Não por falta de caráter, mas por reconhecimento a quem os ajudou em ocasiões difíceis, aproveitando o ensejo, para lhes comprovarem a sua gratidão. Por tudo isto, no comportamentismo, as disputas eleitorais vão além da vontade do povo: expressão e desejo dos poderosos, gratidão dos infortunados e jogo dos mais aquinhoados. E isto é o que o Silva quer evitar, com a implantação do salário de subsistência e do Parlamentarismo Universal.

- Com o salário de subsistência, os menos aquinhoados têm mais condições de se equilibrar socialmente e, assim, não cairão no abismo da miséria, preservando a sua dignidade. Nessas circunstâncias, teremos, então, governos de fato, eleitos pela vontade do povo, porque, todos livres, ninguém subordinará a sua decisão a outrem.

- Tudo isso é muito proveitoso, mas voltemos para o assunto do dinheiro, que é muito bom para todos nós. Eu, patrono desta matéria, estarei sempre atento, evitando que as conversas escambem para outro lado. Então, Silva, a tua palavra.

- O dinheiro é como vós acabais de constatar. Depois de uma mudança profunda na vida nacional, com eleição direta dos membros do Parlamento Universal, em todas as áreas, constituindo-se conselhos específicos para cada uma, teremos, então, como já foi dito, o conselho responsável pelas emissões, que estudará o assunto minuciosamente, elevando-o à sua viabilidade. Será uma virada de página da História, abrindo-se novo capítulo aos destinos da

Humanidade.

- É mais fácil do que se imagina. As pessoas, sorrindo, cantarão, ao raiar da nova aurora.

- Não vai ser fácil dispersar as incógnitas dessa manhã, porque todos já se habituaram a aceitar as teorias comportamentais como verdadeiras; e os técnicos, que as desenvolveram, auferiram supremacia.

- Ousado será contestar o ministro da Economia, dizendo-lhe, peremptoriamente, que o seu sistema não nos interessa mais.

- Em seu socorro, virá todo o seu assessoramento chamar-nos de loucos.

- Então, caberá ao povo decidir se tudo se modifica ou se continua o espetáculo dantesco, em que as aves cantam ao Criador, as flores exalam os seus perfumes e o Homem, como um idiota, chora, por ser o único mortal, que não sabe interpretar a lei divina.

- Virar a página da História é que é o grande desafio. Quem ousará isso?

- Qualquer um, quando se compenetrar de que Deus não fez as criaturas, para sofrerem. Por que, então, o Homem terá de se omitir e curvar-se a tudo?

- Não pode haver coisa mais ridícula do que um ser humano considerar outro exemplar da sua espécie seu superior.

- Então, eu pergunto-vos: Qual dos dois é mais útil, na nossa forma de ver: o trabalhador, que se esforça o dia inteiro, para ganhar o sustento da família, construindo um mundo melhor, ou o trapaceiro, que, vangloriosamente engravatado, vai burlando os outros, para viver num meio superior?

- O que se tem de fazer é instruir o povo.

- Provar-lhe que ele é o dono de tudo ao seu redor, cujo rendimento terá de ser dividido por todos, equânime e meritoriamente, sem se prejudicar o patrimônio alheio.

- Compreendo a tua ênfase. De fato, não se pode aceitar que o comportamentismo divida a Humanidade em opulência e miséria. Não é justo que uns cantem e outros chorem.

- O que se pode permitir, é que todos fiquem sérios, para não

haver lágrimas.

- Ó Silva, eu sei que tu estás certo!... Há quanto tempo nós nos conhecemos!... Quem te conhece, como eu e todos os que aqui estão, não pode duvidar do que dizes, mas nós ainda não sabemos o que está programado na tua mente.

- Isso é verdade!... Só nos vamos inteirando do *sistema sudista*, á medida que vais expondo os problemas e da sua solução nos certificamos.

- A rosa só desabrocha ao sol da primavera; e a ave só alimenta o filho, quando ele abre o bico.

- Se interpreto bem as tuas palavras, não me importo de ser botão de rosa ou filho de pardal. Dá-nos, então, a solução do dinheiro, para mitigares a nossa *fome sudista*.

- Nenhum mestre pode ensinar, sem saber o que o discípulo quer aprender.

- Nós queremos saber tudo sobre o dinheiro.

- Tudo só se pede à onipotência. Eu sou um mortal, como vós, de competência limitada.

- Nós gostaríamos de saber como será solucionado o problema da emissão, sem o dinheiro perder o valor constitutivo.

- Isso, deves compreender, Silva, é um desejo muito coerente, pois a Humanidade, no decurso dos milênios, sempre ligou o dinheiro em circulação à quantidade de ouro, depositado no Tesouro Nacional, o que nunca correspondeu ao valor patrimonial de uma nação, advindo daí o estado miserável da maioria dos cidadãos.

- Mas os *sudistas* são cidadãos evoluídos, tanto assim que propomos a virada da página da História, para se escrever um novo capítulo, no qual o homem valerá pelo que é.

- De fato, quando falamos com um douto, cientificamo-nos do seu saber; mas, quando admiramos um abastado, não sabemos a origem do seu patrimônio, a não ser que outrem nos esclareça como tudo foi acumulado.

- Logo, conclui-se que a competência é confiável e a fortuna confirmável. A competência produz efeitos; a riqueza, precauções. Esta servirá de base àquela, quando limpa; mas aquela, mesmo

sem o apoio desta, evoluirá, porque sabe como o fazer.

- Sabemos que o novo capítulo da História exigirá probidade, laboriosidade e idoneidade de quem governa ou ocupa cargo de interesse público. Diz-nos, então, como vai nascer o dinheiro, na *era sudista*.

- Tudo será quantitativo, comparativo e intermediativo. Um objeto ou a quantia de um produto, com o seu preço de mercado, será comparado a uma quantidade de ouro, funcionando a moeda como instrumento intermediário. Dentro deste princípio, tomamos, por exemplo, este livro, que custa *xis* escudos. Ora, se o grama de ouro também vale *xis* escudos, o seu cotejo é o correspondente ao grama de ouro, obrigatoriamente impresso na capa, para o comprador saber o seu valor real, no tempo e no espaço, pois, se o vendedor cobrar-lhe mais que o cotejo, logo saberá que há especulação.

- Então, a *economia sudista* estará vinculada ao ouro e não a quocientes específicos.

- Sim, na *economia sudista*, todo o custo será referido ao valor natural maior, pois qualquer outra relação está eivada de descrédito comportamental, devendo os produtos trazerem o cotejo no rótulo. Este procedimento constitui-se, até, num freio econômico, enquanto o quociente de preços é estimulador de ciranda inflacionadora.

- Os índices são ditados por pessoas da maior competência econômica. Logo, não vejo razão para o seu descrédito.

- Toda a fórmula tem o seu quê de suspeita. Ninguém é obrigado a acreditar, porque, quando se descobre um dolo, o mal já causado é irreversível.

- Mas o ouro também pode ter a sua cotação elevada, ao sabor dos que o comercializam.

- Poderão, até, monopolizá-lo, mas correrão o risco de estagnar a sua comercialização, pois ninguém carece deste metal, para viver. Além disto, temos de atribuir ao dinheiro valor real, para não se depreciar, em relação aos produtos, porque o fato dos meios governamentais dizerem que não há inflação é muito subjetivo e só acredita em tal informação quem quer. Nós, que temos discerni-

mento aguçado, em relação às teorias comportamentais, podemos afirmar que, em Portugal, o índice da inflação natural é superior ao apregoado pelos técnicos da área. A inflação não se mede pelos índices oficiais, que sempre procuram esconder as deficiências dos governantes, mas pelo que deixamos de adquirir com o dinheiro, em relação a outras épocas.

- Eu não acredito muito nisso. Os meios governamentais não têm interesse algum em tal logro.

- Eu também não acredito que isso seja logro. Para mim, é incompetência mesmo ou atuação comportamental.

- Eu estou com o Silva. Recordo-me bem dos tempos da minha infância e do que a minha mãe comprava, na Merceria do Macedo, com a moedinha de dois escudos e cinquenta centavos.

- Não vejo motivo para discussão. Afinal, que interesse temos em comprovar que, do ano de tal aos nossos dias, ao contrário do que as autoridades específicas divulgaram, o índice real da inflação foi de *xis* por cento? Qual o interesse?

- Para os *sudistas*, capital!

- Capital, porquê?

- Porque pugnamos pela justiça universal e, neste conceito, nenhum direito pode ser ferido.

- Se achares que algum direito foi ferido, gostaríamos que nos elucidasses a respeito, pois sempre acreditamos em ti e a nossa retutância não significa o contrário.

- Demonstra, apenas, que, como outros milhões de portugueses, caímos no logro.

- Se for possível, apresenta-nos algum exemplo, para nos convenceres.

- No ano em que se casou, o senhor Anselmo Costa comprou uma casa em Serra do Monte, por três mil e quinhentos escudos, para sua residência. Do cultivo do quintal, foi colhendo alguns produtos, para o sustento da família, mantendo-a, porém, nas mesmas condições em que a adquiriu. Falecendo há pouco tempo, o dito imóvel foi vendido, para distribuição pelos quatro herdeiros, recebendo cada um seiscentos e vinte e cinco mil escudos.

- Foi a valorização das coisas.
- E a depreciação da moeda, porque a casa não cresceu, neste período.
 - Teve sorte, quem comprou imóveis.
 - E azar, quem manteve o dinheiro aplicado, ao juro corrente, acreditando nos índices oficiais da inflação.
 - Resta-nos, somente, calcular o capital acumulado dos três mil e quinhentos escudos, no período, pela fórmula técnica, e ver de que lado ficou o prejuízo.
 - A disparidade é tão grande, que nem vale a pena fazer cálculos, pois sabeis muito bem que o resultado do capital aplicado nunca vai além do juro convencionado, enquanto o imóvel proporciona uma série de vantagens, no decorrer da vida do seu proprietário, as quais nem precisam de ser citadas, porque estão diante dos olhos de todos nós, como o enfrentamento da inflação, com a sua valorização automática, no mercado imobiliário, à medida em que a moeda se deprecia.
 - Além disso, a propriedade oferece morada e produtos hortícolas, para sustento da família. Precisa dizer-se mais alguma coisa?
 - Apresentei-vos esta comparação, para mostrar o valor da *filosofia sudista*, quando falo da justiça universal, que atuará em todos os labirintos da vida, sustentando os estratagemas comportamentais, base de toda a discórdia.
 - Realmente, o prejuízo foi grande.
 - Sabemos, por natureza, que a economia é flexível; e o ouro, seu valor maior, também. Já o dinheiro, instrumento intermediário, é depreciável, necessitando de correção automática. Portanto, impomos à moeda a paridade com o ouro. Se voltássemos aos tempos da permuta, concluiríamos que um vendedor de certo produto, em escassez, aproveitaria a oportunidade para elevar o seu preço, alcançando, na troca, maior quantidade de ouro. Em tal circunstância, para se equilibrar a cotação da moeda, terá de se sortir o mercado da maior diversidade de produtos. Contrastando com esta teoria, alguns economistas comportamentais defendem a redu-

ção do fluxo monetário, para forçar a baixa dos preços dos produtos, evitando-se, assim, a desvalorização do dinheiro; mas, por outro lado, enfraquece-se a atividade nacional, pela redução da energia econômica.

- Aparentemente, então, não há solução, para se preservar o valor da moeda.

- É difícil mesmo, porque a regência efetiva do mercado é a *lei da oferta e da procura*.

- Na escassez do produto, o carente terá mesmo de desembolsar os seus escudos. E, então, com o salário de subsistência, os especuladores, cientes de que o povo tem poder aquisitivo suficiente, armar-se-ão de todos os ardis, para se locupletar.

- Num sistema bem organizado, como será o *sudista*, no qual os cidadãos terão direito universal, tudo poderá ser evitado.

- Ó Silva, já vimos que o *Sudismo* traz grandes vantagens para a Humanidade, mas não creio que possa resolver tudo. Ou tens, também, alguma fórmula miraculosa, neste sentido?

- Neste e noutros!... Ou não é o *Sudismo* o sistema de obrigações e de direitos, impondo uma sistemática compreensível?

- Se todos ganham o salário de subsistência, com os devidos suplementos, qualquer um pode ser chamado pelo setor administrativo específico, para ocupar uma função fiscalizadora do mercado.

- Segundo as estatísticas, temos muitos inativos com valor técnico, o que nos prova que a sociedade está habilitada a organizar-se convenientemente. Se um produto atingir preço elevado, basta que se forme uma célula reivindicadora, para exigir do órgão competente a análise do caso e as providências cabíveis.

- O que nem sempre surtirá o efeito desejado, porque o *Sudismo* vai usar os mesmos instrumentos do sistema comportamental, totalmente deturpados.

- Se o esclarecimento público não satisfizer, a célula evoluirá para movimento, exigindo o afastamento dos componentes do órgão controlador, por suspeita de corrupção, com a devida punição. O que não se poderá é deixar de saber por que um produto subiu

de preço, sem o mercado o justificar. É esta uma das vantagens do *Sudismo*, em relação ao comportamentismo, onde os especuladores, por condição patrocinadora, gozam de trânsito livre, nos corredores do poder.

- Mas o povo, em parte, também é culpado pela especulação, pois, tendo dinheiro fácil, não se incomoda de gastá-lo a esmo, sem ponderar o custo das coisas.

- Isso é fruto do abandono das autoridades comportamentais aos interesses do proletariado, que nunca consegue comprar algo de valor mais expressivo, partindo para aquisições medíocres, a fim de satisfazer o seu enriquecimento instintivo, de acordo com as suas posses.

- Enriquecimento instintivo? O que vem a ser isso?

- A vontade, que toda a pessoas tem de adquirir seja o que for.

- Agora, entendo. Há mesmo quem gaste o seu dinheirinho em nicas!

- É a manifestação do desejo de adquirir um patrimônio, que lhe sirva de base econômica, para futuros contratemplos.

- Uns adquirem pequenos objetos, que nenhum resultado patrimonial lhes trazem; outros, vestuário, com o desejo de aparentarem uma situação incompatível com a sua realidade.

- É a frustração econômica. Gastam em tudo isso, porque o seu poder aquisitivo não lhes permite alcançar bens ideais.

- Por esse motivo e por outros, é que o nosso amigo Silva acrescenta, sempre, a cada vocábulo o adjetivo universal. Agora, entendi: Direito Universal, o direito de satisfazer as suas carências e os seus anseios, de forma coerente.

- Alguns alimentam o desejo de possuir um automóvel e, como os seus recursos não o permitem, compram esses calhambeques, autênticos sacos furados, por onde se esvaecem todos os seus ganhos.

- Isso é, apenas, uma frustração.

- A frustração é uma doença psíquica, só atenuável com o auxílio de um psicólogo, que conduza o indivíduo a um comportamento coerente com a realidade.

- E a conduta do indivíduo à sua realidade pode operar-se no *sistema sudista*?

- Sim!... Pelo direito universal.

- Como? Explica isso bem!

- São direitos incontestáveis do homem: a saúde, devendo a pátria colocar à sua disposição todas as modalidades da área – médica, cirúrgica, odontológica, estética, psíquica e demais; a propriedade, partindo do crédito da casa própria; o conhecimento da lei, para o qual será mantida, em cada município, uma assessoria jurídica.

- Quer dizer que todo o cidadão vai ter uma casa própria?

- Bem!... Vamos fazer, aqui, uma intercalação, para melhor se definir este assunto. Com os salários pagos pela pátria, nenhum produto, fabricado em Portugal, será onerado com a mão de obra. Ao construir-se uma casa, o seu preço corresponderá só à quota do terreno, ao material empregado e ao lucro empresarial, porque o que deveria ser gasto em mão de obra, foi pago, diretamente, a cada participante da construção, pela distribuição meritória da renda. Concluída, compara-se o seu custo ao peso de ouro correspondente, para se obter o cotejo, estando pronta para a venda. O seu adquirente terá o direito de obter da pátria o crédito, para a sua aquisição, quitando-o no prazo de trinta e cinco anos, em quatrocentas e cinquenta e cinco parcelas iguais, em escudo-ouro. A expressão escudo-ouro, quando referida, significa que o devedor pagará o seu débito de acordo com a cotação média anual do ouro, no mercado internacional, à data da quitação de cada parcela.

- Por que escudo-ouro e não o quociente geral de preços, como recomendam alguns economistas governamentais?

- Porque, manipulado de acordo com o resultado que os dirigentes comportamentais pretendem mostrar, nem sempre corresponde à realidade. A cotação do ouro é transparente e todos sabem quando sobe ou quando desce. Nenhuma credibilidade a supera. O povo já a consagrou, quando, ao referir-se a títulos reputados, profere, categoricamente: - *“Isto vale ouro”*. Os portugueses devem habituar-se à comparação das coisas com o ouro, para serem jus-

tos. E a moeda, o nobre escudo, que, por nenhum acordo, deverá desaparecer, no *sistema sudista*, terá duas designações: *escudo-ouro* e *escudo-circulante*.

- As coisas sempre foram tão difíceis para os humildes e ainda vens com essas minúcias, para atrapalhá-los.

- Para atrapalhá-los? Não!... Para defendê-los!... Imaginai a casa, que eu trouxe à vossa apreciação, adquirida por três mil e quinhentos escudos e vendida por dois milhões e quinhentos mil escudos. Via de regra, as pessoas pedem a um amigo parte do dinheiro, para comprar imóveis, e, passados alguns anos, quando a propriedade já vale o dobro, pagam ao credor, gabando-se da transação feita. E o credor - financeiramente, inconsciente, para não dizer néscio - lamenta que aquele dinheiro, agora, não dá para mais nada, sem se aperceber de que o resultado do seu trabalho e das suas economias foi transferido para o amigo, naquele empréstimo. E sabeis por que, nos sistemas comportamentais, a expressão *escudo-ouro* não é permitida? É porque os comportamentistas, comprometidos com os patrocinadores das suas campanhas eleitorais, legislam em contrário, delindo, em seu benefício, a economia do povo. E este engodo vem pelo juro, que nunca acompanha a depreciação da moeda. É, por tais circunstâncias, que eu sempre vos digo que, no *Sudismo*, o verbo principal é “*arrostar*”, exigindo-se leis que obriguem o devedor a pagar o que, efetivamente, pediu emprestado; e o credor a receber o que emprestou, refutando-se os artifícios.

- Vamos punir quem obteve bons resultados, nos seus empreendimentos?

- Eu acho isso uma incoerência.

- Eu também. Se, ao contrário, a casa, a que te referiste, se tivesse depreciado em relação ao ouro, o credor de nada iria querer saber. Exigiria, apenas, que o devedor lhe pagasse o valor da dívida.

- Gosto de conversar convosco. Sois coerentes em tudo.

- Coerentes em tudo, como? Nós não achamos que, mesmo que o imóvel se tivesse depreciado, o credor teria de receber o que

emprestou?

- Sim!... Mas também concordastes que o devedor tinha o direito de pagar, apenas, o valor que pediu emprestado, quando o imóvel auferiu uma valorização muito superior ao escudo.

- Ah!... Sim!... Sem dúvida!...

- Então estou satisfeito. Os meus discípulos têm profunda noção do direito universal.

- Ó Silva, não digas isso!... Salvo o Aguiar, nós nada conhecemos de direito nem de outras matérias, aqui, debatidas.

- Mantemos uma boa conversa, entre pessoas da nossa condição, mas, por amor de Deus, não nos leves para outra área, para não cairmos no ridículo.

- Não vos acho assim tão néscios. No decorrer das nossas conversas, tenho puxado assuntos relevantes e vós tendes me ajudado a solucionar a sua exequibilidade.

- Nós, com a experiência adquirida, e, pelo que já vivemos e enfrentamos, logo concluímos que o que expões é útil às gerações futuras.

- Antes de participar destas conversas, eu era um pouco pessimista. Não tinha noção das coisas nem sabia calcular o seu valor. Hoje, sou diferente. Vou pelos caminhos afora a apreciar os campos e as matas, considerando a nossa gente, que, de sol a sol, lida na lavoura, produzindo o sustento da Nação Portuguesa.

- Embora mal remunerada e abandonada pelas autoridades comportamentais, que ignoram a sua existência. Quem sabe se a Ana do Poço existe? E, no entanto, todos os dias, com aquele corpinho curtido pelo trabalho, lá vai ela, como uma formiguinha, fazer o que pode.

- Não percamos o fio da meada. Estávamos a falar do direito do devedor e do credor, em relação à valorização das coisas e à depreciação da moeda, comprovando que os índices da inflação natural são bem superiores aos da oficial.

- E, ante esse imperativo, com a vossa concordância, de que ambos, credor e devedor, tinham direito ao que é seu, a pesar da oscilação de valores, alertei-vos eu para o direito universal.

- Nós sabemos, Silva, que, em ti, há sempre um trunfo muito forte contra as eficiências comportamentais, por só beneficiarem uma parte da sociedade, deixando as demais ao sabor da evolução.

- Aguardamos, portanto, que prossigas com essa tese, para, mais uma vez, avaliarmos a resolução dos assuntos, à guisa do *Sudismo*.

- Já foi bem exposta. Parece-me, apenas, que vos faltou a verdadeira atenção, para discerni-la.

- Como? Não me lembro de teres apresentado a fórmula protetora do dinheiro, em relação à valorização dos bens.

- Nem sempre as coisas são expostas de forma a que as percebas de imediato, mas que eu falei, falei, quando disse que, no *Sudismo*, tudo será quantitativo, comparativo e intermediativo.

- Isso, para entrar nas nossas cabeças, é que vai ser difícil.

- Explica melhor, Silva! Alguns de nós nunca foram bons de percepção, quanto mais agora, que nos habituamos com o repouso.

- Pelo que vos tenho dito, o *Sudismo* adotará a economia correlata, funcionando a moeda como valor intermediário, razão pela qual representará, sempre, ouro.

- Economia correlata?!... Mais um termo, para me atrapalhar, no meio da viagem.

- Não aguento mais tantas definições. Ó Silva, aonde nos queres levar? Olha que nós não somos bons de cabeça.

- Calma!... O Silva está no caminho certo. Deixa que eu explico-vos o que significa isso: Supomos que eu esteja propenso a vender este relógio e um de vós interessado em mo comprar, o que é que faremos, em primeiro lugar? Mandar avaliá-lo! Como nos julgamos todos probos, combinamos a venda, com o pagamento daqui a determinado tempo. Então, reparai bem, pelo jornal de hoje, vemos quanto se adquire em ouro com o valor atribuído ao relógio. Esta quantia de ouro é o seu cotejo, que terá de ser observado na data do pagamento.

- Entende-se, então, que, para não ser prejudicado devedor ou credor, as dívidas deverão ser cotejadas, desde o início, ao ouro, para serem pagas em quantia correspondente a este metal, na data

dos seus vencimentos. Não é isto?

- Isso mesmo!... E, para tanto, basta que a moeda referida seja o ourograma ou o escudo-ouro.

- Desta forma, prevenimo-nos contra a inflação, sem qualquer constrangimento de ambas as partes.

- Ó Silva, esse procedimento não irá colocar os ourives na qualidade de monopolizadores da economia?

- É, também, o meu receio!

- No meu entender, é, até, pior do que a situação atual, porque substitui-se uma multidão de especuladores dispersa, por um monopólio bem organizado, para manobrar a economia ao seu jeito.

- Os ourives, via de regra, são comerciantes ou industriais muito inteligentes, muito astutos e muito maneirosos; mas os erros do passado, quando o povo, instintivamente, sempre recorreu a este cotejo natural, desta vez, não se repetirão.

- Não?... Tens certeza?... Olha que essa gente é muito mais esperta do que se pensa!

- Podem ser muito espertos, mas não se beneficiarão com este critério, porque eu não vim para prejudicar uns e favorecer outros; e, portanto, não deixarei o programa incompleto, permitindo que alguém cante vitórias.

- Pelo que te conhecemos, acreditamos, plenamente, no que dizes.

- Nem te vamos contestar, porque achamos, realmente, muito mais seguro o que nos acabas de expor do que o sistema atual, tendo, sempre, qualquer produto o seu cotejo em ouro.

- Eu parto, até, para a prestação de serviços, como salários, honorários e outros, os quais devem ser cotejados ao ouro.

- Quase chegaste lá, mas ainda falta um pequeno quesito, talvez o mais importante.

- Produtos e labor!... Não são os dois elementos essenciais da economia? Eu, leigo, que sou no assunto, entendo assim.

- Não!... Na verdade, nenhum de nós passa da condição de leigo em qualquer assunto, aqui, debatido. Discutimos tudo, que nos vem à mente, porque somos ousados. E o nosso denodo provém da

inépcia dos competentes.

- Ó Silva, por favor!... A nossa ousadia provém da inépcia dos competentes?!... Que incoerência é essa? Desculpa-me, mas, porventura, não estarás a encaminhar as coisas para o ridículo?

- Eu nada encaminho ao ridículo. As minhas expressões são acuradas e bem definidas.

- Disso, nós temos a comprovação, pela exequibilidade que dás, sempre, aos assuntos, aqui, tratados; mas inépcia dos competentes, também a mim me preocupa.

- Para alcançar o *ideal sudista*, tendes de vos familiarizar com as minhas expressões. Eu não quero mal a quem quer que seja. Longe disso!... Mas, se houvesse chefes de estado e ministros eficientes, nos quais o povo deposita todas as esperanças, para realização do que lhe é prometido, eu não estaria, aqui, a corrigir as suas incoerências.

- Não achas essa expressão forte?

- Não!... Por que haveria de achá-la forte?

- Afinal, os estadistas são, por demais, cultos e o povo confia-lhes a resolução dos problemas nacionais.

- E que competência evidenciaram, no decurso dos milênios, até os nossos dias, com todo esse infortúnio? Achais que é justo uns viverem no fausto e outros no pranto?

- Pelo menos, como temos visto pelas páginas da História, fazem o que podem.

- Vão aonde as suas forças lhes permitem.

- Pela força, não se vai a parte alguma. A verdadeira força é a interferência da lei. Não havendo lei, não há força. É, por isto, que vos aconselho o Parlamentarismo Universal.

- Não me parece que esse estado de coisas seja por falta de um parlamentarismo universal. Afinal, ninguém falha nas decisões, por querer.

- O poder comportamental falha!... E falha clamorosamente!...

- Bem... Não deixas de ter razão. Esse poder visa, tão somente, os interesses da sua facção, enquanto os antagonistas lamentam a má fase e os desgraçados, a sorte.

- E tudo porque o chefe de estado ou de governo, segundo os *conceitos ditatoriais sudistas*, impõe ao povo a sua opinião, sem escutar os entendidos na matéria, que melhores programas poderiam indicar.

- O coerente, então, seria as decisões dos governantes serem, sempre, transitórias e aguardar-se que o seu desempenho receba a aprovação ou a refutação popular, ratificadas, em definitivo, por plebiscito.

- Eis aí o caminho que nos leva ao parlamentarismo universal, tão apregoado pelo nosso amigo Silva.

- O poder do povo, outorgado ao parlamentarismo universal, será mais justo; e todos os seus integrantes, falando no mesmo estílo, coordenarão as suas ideias às carências nacionais. O importante é não se ter um ditador, mas uma plêiade de ideal comum.

- A conversa está elucidativa, mas o que eu quero mesmo é saber mais a respeito do dinheiro. Sou o patrono desta matéria e, portanto, não aceito divagações, sem o assunto ficar devidamente esclarecido.

- Bom... Diz-nos, então, Silva, como pretendes evitar que os ourives coordenem a economia aos seus interesses, em face do seu liame ao ouro.

- Com esta virada, os ardis de outrora, quando este sistema também imperou, por certo, voltarão, com todos os vícios.

- Naqueles tempos, o mundo era outro.

- Nunca ouvi dizer que a Humanidade tenha mudado de planeta. Fala-se muito em viagens interplanetárias, mas, por enquanto, todos esses projetos estão no campo da ficção.

- Sim!... Não mudou..., mas, viajando, intelectualmente, alcançou outros planos ideológicos. Nenhum de nós, por menos culto que seja, ignora que, se estas reuniões fossem realizadas há alguns séculos atrás, todos nós seríamos indiciados, julgados, condenados e lançados, vivos, na fogueira, em nome de Deus, sem Ele saber.

- Com toda a certeza!...

- É, por isto, que eu vos alerto: Nem sempre os que se dizem

representantes de um mensageiro o são de verdade, porque, no decorrer do tempo, as mensagens deturpam-se ao alvitre dos interesses, até se converterem em afronta aos ensinamentos do mestre. Não vos esqueçais de sacudir as cinzas das vítimas dos holocaustos, antes de entrar no novo milênio, não permitindo que, convosco, entrem, também, os que imolam animais e outros seres, pois, como vós, integram a obra de Deus, que, pelos homens, têm de ser estimados e não sacrificados.

- Então, os *sudistas* não podem concordar com qualquer sacrifício imposto a seres do reino animal ou vegetal? E as nossas carências?

- Só em caso de necessidade, com abate sem sacrifício. É isto que o *sudista* terá de observar, não frequentando espetáculos onde animais se exibam, sem ter a certeza de que tais apresentações nenhum sofrimento lhes impõem.

- As nossas conversas desviaram-se e já estamos longe do tema em debate.

- Qual era mesmo o assunto?

- Podeis tranquilizar-vos porque eu não o esqueci. Estávamos a falar da possibilidade dos ourives monopolizarem a economia, com a referência dos produtos e da mão de obra ao ouro. Dizia-vos eu, em outras palavras, que, desde quando este metal também lastrou a moeda, já muitas águas passaram debaixo das pontes, lavando a mente do povo, que, hoje, apresenta-se bem mais lúcido do que outrora.

- Por certo!... Naqueles tempos, letrados eram muito poucos. E os que solestrassem, com certa desenvoltura, alcançavam a graça do rei, nas redondezas.

- Hoje, as coisas mudaram muito. Quem, apenas, sabe ler, está longe de obter o apreço dos conterrâneos, quanto mais a graça do rei.

- No tempo da nossa infância, os únicos estudantes da aldeia eram os jovens, que, em Braga, estudavam para padre.

- E como eram vaidosos aqueles aspirantes à pseudo representação de Deus!... Alguns eram expurgados logo nos primei-

ros anos, mas, quase sempre, alcançavam boa posição na sociedade.

- Era a opinião da época. Os cursos técnicos ainda não haviam atingido a área popular e, quem fosse um pouco instruído, era “rei”.

- Agora, é que sentimos como aqueles pouco letrados eram ignorantes. A qualquer pergunta, respondiam, sempre, com uma frase em latim, para dissimular o seu desconhecimento sobre a matéria.

- Frase em latim?... Um ou outro vocábulo, decorado a duras penas!

- Eh!... Aqui, ninguém conhecia mesmo o latim! Como é que se ia saber se eles diziam algo com nexos ou se dissimulavam, apenas, a sua ignorância, um pouco mais sofisticada que a dos contereães.

- E como ficavam vaidosas as famílias, que mandavam os filhos para o seminário! Lembrais-vos do Batista?

- Quem não se lembra!... O filho andou por lá quatro anos e voltou para casa, porque os padres nunca entenderam o que ele foi lá fazer.

- Mas, mesmo assim, o pai ficou todo orgulhoso, balbuciando aos quatro ventos: - *“O meu filho não deu para padre, mas voltou do seminário bem instruído. Sabe até latim!”*.

- Se o filho do Batista sabia latim ou não, isso não nos interessa, agora. O que eu quero saber mesmo é do dinheiro. Prossegue com os teus esclarecimentos, Silva, para termos uma ideia ampla.

- Argumentava eu, então, que os ourives nada vão monopolizar, porque os tempos, agora, são outros, como se depreende da evolução dos conhecimentos do povo, demonstrada neste ligeiro diálogo.

- E como seria evitado isso?

- Pelo direito universal.

- Ó Silva, esse teu direito universal é mais aconchegante do que chaile de mãe.

- Não adianta criticar. O Silva é que deve explicar tudo, inteiri-

rando-nos dessa proteção abrangente.

- Digo-vos, sempre, que, no *Sudismo*, o cidadão terá direito universal e, entre essa universalidade, está o direito perante a pátria, da garantia do seu patrimônio, contra roubo ou furto.

- Todos nós vamos ter um polícia, durante as vinte e quatro horas do dia, a vigiar o nosso patrimônio?

- Não, porque o guarda não tem poder de vigilância universal. Enquanto vigiaria a nossa casa, onde se localiza a maior parte dos nossos bens, poderíamos ser roubados em qualquer parte ou furtados por qualquer pessoa da nossa confiança, sem percebermos.

- Tens razão. Os ourives são sempre comerciantes ou industriais bem protegidos, mas, se não nos precavermos de mecanismos legais, seremos furtados pela sua intenção especuladora, porque, enquanto o ouro se valorizar, empobreceremos.

- Não achas, Silva, que é quase impossível imunizar-se o povo contra esse perigo?

- Se o ouro passa a ser o cotejo de todos os produtos, economicamente, ficaremos dominados pelos seus operadores.

- Precisaís de ficar bem atentos às fórmulas e às soluções ditas por mim, no decorrer das nossas conversas.

- Mas tu ainda não expuseste a fórmula defensora da especulação com o ouro.

- Expus, sim!... Vós é que não estais bem atentos. E, na verdade, não deveis ficar mesmo preocupados com este ou aquele assunto, porque nós conversamos uns com os outros, apenas, para nos distrair. Ninguém deve ficar apreensivo.

- Não é o fato de se ficar apreensivo. É que eu não me recordo, mesmo, de teres falado em tal coisa.

- Mas falei, quando disse que a verdadeira força é a interferência da lei.

- Explica isso melhor, para entendermos.

- Interferência da lei não é a polícia, a impor o seu cumprimento?

- Não!... Interferência da lei é a criação de preceitos, que dispensem a vigilância.

- Diz isso de outro jeito, que facilite o nosso entendimento.
- O patrimônio acumulado é constituído, via de regra, de bens e de dinheiro amealhado. Quando os bens são imóveis, não há problema algum, porque estão registrados, em nosso nome, na Conservatória Predial; mas, quanto ao dinheiro, a *pátria sudista* oferecerá idêntica custódia.
 - Essa custódia já existe. É só depositá-lo no banco e ficar lá, enquanto nos interessar.
 - E a possível falência do banco ou a inflação?
 - São riscos, que se correm.
 - Então, não há custódia. Custódia é a guarda do bem, até decidirmos usá-lo. A custódia do dinheiro tem de ser universal, incluindo a preservação do seu verdadeiro poder aquisitivo.
 - Não resta a menor dúvida de que isso seria o ideal.
 - Quem não gostaria de ter as suas economias preservadas contra o roubo, o furto e a inflação!
 - O risco de roubo ou de furto é preocupação constante das pessoas humildes, por não conseguirem amealhar importâncias suficientes, para investimentos seguros.
 - Por isso, via de regra, colocam-no na mão de comerciantes do lugar ou de proprietários mais confiáveis, a juros reduzidos; e, quando a velhice bate à sua porta, tais economias pouco lhes valem, corroídas, que foram, pela inflação.
 - Não sendo economistas nem administradores, todos nós ignoramos os termos técnicos destas áreas. Portanto, para efeito das nossas conversas, definimos inflação oficial a que se restringe aos índices divulgados pelos meios governamentais, sem entrar no mérito da sua realidade; e inflação natural a que, na verdade, afeta a economia do povo, marcando a depreciação real da moeda, em relação ao preço das coisas.
 - Isso é o que o povo sente. Não adianta discursos nem relatórios, porque o prejuízo está evidenciado no comportamento mercantil.
 - E, contra essa evolução, não há argumentos técnicos, que resistam, por mais astutos que sejam os dirigentes econômicos.

- Está, portanto, no caminho certo o nosso amigo Silva, quando diz que o povo tem direito de exigir da pátria a custódia universal das suas economias monetárias, amealhadas com muito sacrifício.

- Só Deus sabe do que as pessoas se privam, para juntar uns trocadinhos!

- E não será justo que se decepcionem com a inflação natural, quando tiverem de recorrer ao sacrifício de tantos anos.

- Diz-nos, Silva, como pretendes, então, solucionar esse problema.

- Por um instrumento próprio, baseado na idoneidade governamental e na confiança popular.

- Sim!... Nós sabemos disso! Quem não sabe que a estabilidade social vincula-se à idoneidade governamental e à confiança popular?

- As duas são inseparáveis. De nada adianta colocar-se no governo pessoas competentes, sem a confiança do povo.

- Para a felicidade do povo e a grandeza da pátria, os governos devem ser constituídos de pessoas bem conhecidas de todos. E, neste ponto, eu estou de acordo com o Silva, de que tem de ser mesmo o Parlamento Universal, para legislar de forma humana e justa, com a plena confiança do cidadão, tirando a Humanidade deste marasmo atormentador.

- Dita, então, Silva, as normas, para a criação desse instrumento, a fim de se iniciarem as providências cabíveis.

- A coisa é tão simples, que eu vou, até, divagar, para lhe dar um pouco de realce. Lembrais-vos como Deus criou o mundo, dizendo, simplesmente, faça-se e tudo se fez? Então, dentro deste princípio e com os recursos disponíveis: inspiração de Deus, idoneidade governamental e confiança do povo, eis o instrumento protetor das nossas economias, contra todos os males, exceto acidentes ou atos danosos, dos quais teremos de nos precaver, mediante contrato de seguro, cujo prêmio é ínfimo: *“Credite-se, na conta-corrente-bancária do titular, a quantia correspondente a este cotejo, na data do depósito, acrescida dos juros proporcionais*

de três por cento ao ano”.

- Só isso?!
- E nada mais.
- Acho muito pouco, para uma garantia tão ampla.
- E que mais quereis, além da idoneidade do governo e da confiança do povo? O suficiente, para o bem-comum!
- Queríamos um documento inspirador de crédito.
- Ah!... Sim!... Crédito e satisfação. Tal documento deverá ter as mesmas dimensões, o mesmo material e os mesmos quesitos de segurança das notas em circulação, o escudo nacional, nas cores originais, a efígie de um vulto histórico, ilustração relacionada com o insigne, o nome do titular, o número da sua identidade, com o cotejo em negrito, série alfanumérica prefixada pelo código da província ou do arquipélago, carência de três meses, prazo ilimitado e resgatável, por decisão própria, em qualquer data, por depósito em conta-corrente-bancária.
- É assim que se garante a economia do povo, sem se bater à porta dos ourives ou dos banqueiros. Parabéns, Silva.
- E, para fomentar o gosto e a alegria de economizar, em datas históricas nacionais, estes títulos serão sorteados, em condições análogas às da Lotaria Nacional, distribuindo o Tesouro Nacional o valor economizado nas emissões evitadas com o montante recolhido, acrescido dos juros proporcionais de três por cento ao ano.
- Isso é maravilhoso!...
- Economizamos, obtemos garantia contra todos os riscos e ainda auferimos a esperança de ser contemplados com a sorte.
- Outra coisa melhor não podias inventar, Silva!
- Resta saber se o Tesouro Nacional terá base para todas essas contemplações.
- Sois mendigos, que se contentam com esmola pequena.
- É claro!... Quem está habituado a pagar altos impostos e a ouvir dizerem, sempre, que a situação está pior do que nunca, quando escuta uma coisa dessas, fica, até, embasbacado.
- Ó Silva, sei que tu apresentas, sempre, soluções para tudo; mas... diz-me uma coisa: tens certeza de que isso é viável?

- Com a inspiração de Deus, a probidade do governo e a confiança do povo, este sistema pode ser implantado hoje.

- Particularmente, acho que a *pátria sudista* excede-se em benevolência, pois, além de conceder a todos o salário de subsistência, de acordo com o mérito de cada um, ainda se propõe a contemplar quem dela obtém custódia para o seu dinheiro.

- É uma questão de interpretação evolutiva.

- Interpretação evolutiva? O que vem a ser isso?

- Interpretação dos assuntos, de acordo com a cultura obtida. Ora, se, durante milênios, o homem, para satisfazer as suas carências, teve de trabalhar e de se submeter a tutelas, que lhe impunham sacrifícios e impostos, é evidente que, agora, ao escutar outras teorias, que o livrem de tudo aquilo e ainda o contemplem, não se pode estranhar a sua desconfiança.

- A *pátria sudista* abrirá um novo capítulo na História Universal, milagre do pensamento humano.

- Tudo parece estranho, por circunstâncias culturais; mas, no *sistema sudista*, o dinheiro haverá de ter grande circulação, não podendo ficar retido na economia doméstica, pois o seu retorno ao Tesouro Nacional impõe-se, para satisfação dos compromissos nacionais. As pessoas terão de se conscientizar da nova ordem, substituindo-o, neste caso, pelo “*vale-ouro*”, para a Pátria o ter sempre disponível.

- E, para essa retenção não acontecer, a pátria oferecerá a custódia da economia, com os prêmios semanais, mensais, trimestrais, semestrais ou anuais, conforme for determinado pelo órgão competente?

- Perfeitamente!... E não haverá mistério em tal procedimento, pois a pátria satisfará, desta forma, uma das suas obrigações, implícita no direito universal do cidadão, garantindo-lhe o seu patrimônio monetário, evitando, ao mesmo tempo, os gastos com novas emissões, que, por certo, terão custo mais elevado do que o despendido nos prêmios, sem se levar em conta a alegria cívica proporcionada.

- É uma coordenação muito perfeita! Só de uma cabeça, como

a tua, é que pode sair um programa tão engenhoso.

- Pensando-se bem, o “*vale-ouro*” é um documento muito abrangente.

- Resguarda a economia contra a inflação e demais riscos, exceto os de atos danosos ou de destruição acidental, contemplando, ainda, os seus titulares.

- Algum de nós já imaginou o entusiasmo popular, quando todos, atentos, acompanharão o andamento do sorteio?

- Podem ser prêmios maiores do que os da Lotaria Nacional!

- Nada disso!... Não delireis!... O “*vale-ouro*” terá limites mínimo e máximo e carência de três meses, só concorrendo os que, à data, estiverem fora deste prazo.

- E como serão definidos esses prêmios?

- Particularmente, sugiro tantas séries de prêmios, quantas as províncias e os arquipélagos, para se difundir por todos os portugueses.

- Teríamos, então, uma série de prêmios para o Minho, para o Douro Litoral e, assim, sucessivamente?

- Sim!...

- E os valores dos prêmios?

- Isso terá de ser estudado pelos técnicos específicos, pois o que se pretende é distribuir pelo povo o valor economizado nos gastos das emissões evitadas. É, por assim dizer-se, o estímulo do retorno monetário ao Tesouro Nacional, para futuro desempenho.

- É pena que alguns portugueses não consigam participar dessa alegria.

- Não consigam participar, porque?

- Porque estipulas limite máximo e mínimo. E muitos não poderão adquiri-lo, por falta de recursos.

- O limite mínimo visa evitar que se emitam “*vales-ouro*” por importâncias insignificantes, onerando o sistema; mas este documento vem, justamente, para proteger os menos aquinhoados.

- Acabamos de ver como, no *regime sudista*, será protegida a economia das pessoas.

- Não podemos negar ser da forma mais ampla possível.

- Longe estava eu de imaginar que o Silva criaria um instrumento tão eficiente; mas, quanto ao dinheiro, propriamente dito, como será?

- Já temos a fórmula convertidora do Patrimônio Nacional em montante, durante setenta anos, distribuível por todos os cidadãos, na década, sob a designação de salário de subsistência.

- E, depois, o que acontecerá? Gastou-se o dinheiro previsto e, a partir do centésimo trigésimo primeiro mês, mais nenhum recurso existirá. Teremos, então, uma crise, sem precedentes.

- Como pretendes, Silva, viabilizar o sistema, após tal período?

- É o que te preocupa?

- Não é o que o preocupa. É o que nos preocupa, porque eu também tenho tal dúvida e parece-me que os demais estão na mesma situação,

- Por mim, entendo que a dúvida é coletiva.

- É uma questão natural das coisas.

- Como questão natural das coisas?

- Antes de começarmos a reunir-nos, aqui, na mansão do Aguiar, dando-lhe o prejuízo de consumir o melhor vinho da safra, andamos por outras bandas, em busca de um presente, que nos permitisse amealhar algumas economias, para esta fase da vida.

- Relativamente bem sucedidos, para cá voltamos e, despreocupados, ao contrário do que muitos fazem, escolhemos, para o nosso entretenimento, ordenar uma ideologia, que dê aos vindouros a tranquilidade social, sem as privações, que o comportamentismo nos impôs.

- Acho, até, que aos olhos dos jovens, podemos ser interpretados como velhos impertinentes, mas, com os nossos cabelos de prata e o embate com o pensamento de outros, retemperamos a nossa crença em Deus, convictos de que formaremos uma ideologia capaz de satisfazer as carências de todos, mudando o conceito dos que assim nos julgarem.

- Mas, antes de partir para terras longínquas, que, com a sua acolhida agreste, avigoraram-nos para o sucesso, brincamos, aqui,

nesta praça, nos intervalos das aulas, alicerçando o nosso caráter na admiração aos homens, que originaram as inscrições nos frontispícios destes prédios.

- Admirá-los, era um dever mais do que cívico.

- Bem haja a terra, que tem esta praça, que, por si só, faz de uma criança um idealista!

- Em primeiro lugar, quero opor-me ao que o Silva disse, quanto ao prejuízo, que tenho, em vos receber na minha casa. É tradição da minha família acolher os amigos e, consigo, saborear o melhor vinho da safra. E vós sois os meus maiores amigos, que, depois de andar por outras terras, aqui voltastes, para me alegrar e orientar a nossa gente a progredir no bem social. De longe, não podeis avaliar o quão útil é regressar ao torrão natal, enriquecendo-o com a experiência de outros povos. É aos que partem e, aqui, retornam, com outras ideias, que devemos o nosso enriquecimento comunitário, pois maior valor do que a fortuna, tem uma nova opinião.

- Ó Silva, um momento. Antes de prosseguires com a tua dissertação sobre o dinheiro, pedida por alguns, gostaria de realçar uma minúcia, a respeito do “*vale-ouro*”. É a seguinte: Como tal documento será emitido pela Casa da Moeda, não se corre o risco de ser falso. Portanto, é de confiança absoluta, o que nem sempre acontece com o ouro, porque, de vez em quando, descobre-se uma jóia falsa.

- O “*vale-ouro*” será o instrumento de crédito mais credenciado em Portugal, ou, até, no mundo, porque nada impede que os outros países o adotem ou os cambistas o operem nas mais diversas praças internacionais, pela segurança de que se revestirá, pois só será válido para depósito em conta-corrente-bancária do titular ou do portador, conforme o caso.

- Também haverá “*vale-ouro*” ao portador?

- Sim!... Como qualquer outro título. Não se vai tolher o movimento financeiro, de forma alguma.

- Mas, quem adquirir o “*vale-ouro*” ao portador, haverá de ter outros cuidados, que não o do nominal.

- Certamente, pois entender-se-á como seu dono o portador.
- E, se o titular falecer, no caso do nominal, que fim levará o documento?
 - Por menor que seja o seu valor, integrará o espólio do extinto e o Juiz da Comarca determinará a conta bancária em que será depositado.
 - E, se o titular nada deixar, além de um “*vale-ouro*” de pequeno valor?
 - O procedimento será sempre o mesmo, recorrendo-se ao Juiz, a fim de liberá-lo.
 - Estou satisfeito. É realmente um documento valioso, sob todos os aspectos.
 - Já que voltamos a falar desse valioso documento, que, por certo, alcançará grande aceitação popular, gostaria de saber por que, além de tanta segurança, ainda é premiado.
 - Como já disse, a premiação não é gratuita. A Casa da Moeda terá necessidade de emissões frequentes, para satisfazer o compromisso monetário, com a distribuição equânime e meritória da renda nacional, o que, talvez, fique muito caro.
 - Então, com o retorno do dinheiro ao Tesouro Nacional, pela sua conversão em “*vale-ouro*”, as emissões serão reduzidas, advindo daí contenção de despesas, convertida em satisfação cívica, pois, no *Sudismo*, tudo convergirá para o povo, porque a pátria, rica, de nada precisará.
 - Pelo valor que encerra, o “*vale-ouro*” deverá, mesmo, ser ideado da forma mais apresentável possível, como disseste, semelhante às notas em circulação, contendo, ainda, a gravura de monumentos nacionais e a efígie de figuras ilustres, com um ligeiro esboço da sua obra ou da sua biografia, para estímulo cívico.
 - Não deixas de ter razão, mas lembro-te: a vontade está na mente e o efeito, na decisão.
 - Não entendi. Vamos a Lisboa dizer ao órgão competente como deverá ser ideado o “*vale-ouro*”?
 - Indiretamente, sim!... Prestai bem atenção ao que já foi dito, para podermos evoluir.

- Como evoluir, se, só agora, é que se falou no “*vale-ouro*”?
- Mas, na sua concepção, foi falado há bastante tempo.
- Continuo a não entender e creio que os demais também não entenderam. Como há bastante tempo, se, só agora, estamos a debater o assunto?
 - Nem poderíamos entender, pois trata-se de um documento em início de discussão.
 - Ó Silva, ilumina as nossas mentes, dirimindo essa dúvida. Afinal, quando é que explicaste que o “*vale-ouro*”, só agora instuído, seria impresso de acordo com o nosso gosto.
 - Quando falei das células cívicas, bastando que um convoque mais nove, para formá-la, evoluindo para o movimento.
 - Tens razão. Devemos prestar mais atenção aos assuntos debatidos.
 - Podemos, agora, reconduzir a conversa para o dinheiro, propriamente dito?
 - Por mim, é agora mesmo. Falou-se em dinheiro, é comigo. Não sou avarento, mas gosto muito de guardá-lo na minha carteira.
 - Uma carteirinha recheada dá uma satisfação!...
 - Faz, até, esquecer as mágoas da vida!
 - Principalmente a dor de cabeça, provocada pela sua falta.
 - Até as mulheres, quando o homem tem dinheiro, o saúdam com um sorriso nos lábios.
 - Pudera!... O dinheiro é que manda. Não fala, mas irradia uma força, que faz com que todos se mexam.
 - Esse mexer é que tem de ser proporcionado ao povo, para se construir uma pátria mais justa.
 - A conversa é agradável, mas eu continuo ansioso.
 - A nossa vida já está ganha, pois o que tínhamos de fazer, já o fizemos. Agora, é só distração. Apenas, em vez de irmos para as tabernas, embriagar-nos, como muitos fazem, vimos para cá, falar de coisas, que podem ser úteis aos vindouros. Nunca algum de nós foi parlamentar, mas adquirimos experiência de viver e, sob orientação do Silva, é no que vamos prosseguir.
 - Como sabeis, o *Sudismo* nada destrói do que existe. Apenas,

opera as modificações necessárias à amplitude do bem social e o dinheiro, conseqüentemente, terá de ser adaptado à nova ordem.

- É claro!...
- Se não houver mudanças neste ou naquele setor, continua tudo como antes.
- O que não é a nossa intenção.
- Isso mesmo!... Sem se ferir quem quer que seja.
- No *Sudismo*, o escudo desdobra-se em duas moedas: o escudo-circulante e o escudo-ouro. No início do sistema, os dois terão o mesmo valor, cotejado ao ouro. O escudo-circulante, como a própria expressão indica, destina-se às operações comerciais e quotidianas, sofrendo os embates da economia, sejam quais forem as circunstâncias, e terá o seu reajustamento, tão logo a inflação natural ameace o poder aquisitivo do centavo, que, por nenhum motivo, se extinguirá. Portanto, o povo deve estar sempre atento, para o inesperado decreto governamental realinhador dos preços dos produtos e dos compromissos. O escudo-ouro fixa as obrigações da pátria e perante a pátria, isto é, a Nação Portuguesa pagará, sempre, em escudo-ouro e receberá na mesma moeda. Convém, portanto, todos se habituarem a controlar o cotejo do centavo, para não se surpreenderem, pois, enquanto o escudo é o padrão monetário, o centavo será o fiel da inflação, combatida por este meio, para haver, sempre, uma moeda forte, em benefício de todas as classes, devendo o comércio e a indústria habituarem-se a colocar, nos rótulos dos produtos, o seu cotejo. O escudo-circulante terá, como instrumento, as moedas e as notas. O escudo-ouro funcionará como referência, podendo ser substituído, nos compromissos, pelo “*ourograma*”, tão logo se aquiesce a moeda universal. Será usada a expressão escudo-ouro nos “*vales-ouro*”, nos títulos imobiliários e em toda a natureza de documentos ou de compromissos particulares, para se definir o preço das coisas, em qualquer altura da vida nacional, mantendo-se, assim, a sua valorização permanente, no tempo e no espaço.
- Vamos ter, então, duas moedas, uma circulante e outra forte, de referência, cotejada ao ouro.

- Sim, para se facilitar as transações e honrar-se os compromissos, no tempo e no espaço. O melhor seria que houvesse uma moeda universal, aceita por todas as nações – o “*ourograma*” -, para se evitar atritos entre os povos, como acontece atualmente, acusando-se de usura as nações organizadas, cujas moedas servem de padrão monetário internacional, provocando rivalidade, perante os seus cidadãos, quando fora das suas fronteiras.

- É o preço do prestígio da boa administração de um país.

- Eu já penso diferente. É a mágoa dos que, não observando a probidade dos seus atos governamentais, precisam de recorrer a moeda estrangeira, para garantir as transações internacionais.

- Ah!... Isso, sim!... As nações são como os indivíduos e a sua referência é a própria moeda. Se for instável, é porque a reputação dos seus governantes não inspira confiança.

- Todos os países têm patrimônio, que garanta, de sobra, os seus compromissos internacionais. Portanto, não há motivo para tal descrédito.

- Não? Tens certeza? Muito mais importante do que qualquer patrimônio é a probidade de quem governa!

- As nações são como as pessoas. Algumas, modestas, não têm dificuldade para obter crédito, porque todos sabem da observância rigorosa dos seus compromissos. Outras, consideradas, até, poderosas, não gozam da mesma reputação. É tudo uma questão de honradez.

- Foi no âmbito dessa experiência que o Silva definiu as bases da *ideologia sudista*: inspiração de Deus, idoneidade dos governantes e confiança do povo.

- Sem esta trilogia, nenhum país conseguirá estabilizar a sua moeda.

- É o que se vê, nas páginas da História. Nenhuma nação conseguiu impor-se à admiração do mundo, sem ter à sua frente um governo idôneo, laborioso e probo. E isto é o que devemos observar, para se instituir o parlamento universal, de efeito mais proveitoso do que o de um estadista admirável.

- Não sei. A mesma História mostra-nos figuras, que, nesta á-

rea, elevaram o seu povo aos píncaros.

- Mostra-nos, mas, com a falta desses personagens, imposta pelo antagonismo ou pela sua partida para a eternidade, tudo desmoronou, como um castelo de areia; e, ao povo, só restou a saudade do bem, que, por ali, passou, em certa época.

- A competência de um estadista é efêmera; a sabedoria do povo, imorredoura; e o parlamento universal, o cerne da sua cultura. Povo dirigido por chefe, é o que claudica nos seus passos. Povo competente, o que, organizado, administra os seus interesses.

- A atuação em comum é o que se tem de observar, se quisermos implantar o *Sudismo*, para dar ao povo português o bem universal.

- A conscientização do povo requiere tempo suficiente.

- E qual seria o tempo, que o povo precisaria, para adquirir a *conscientização sudista*?

- Alguém disse que a dedicação diária de uma hora, durante três anos, transformaria um néscio em sábio.

- Mas nós não pretendemos sábios.

- Visamos, apenas, no sistema parlamentarista universal, pessoas conscientes, para escolherem os dirigentes da pátria.

- Então, com uma hora diária, durante um ano, faz-se de um néscio um consciente.

- Se é assim, então, é muito fácil.

- Por mim, o parlamentarismo universal já está implantado.

Basta que se inicie o curso de aperfeiçoamento.

- Mas, antes, eu quero saber mais alguma coisa sobre o dinheiro.

- Já imagino. O dinheiro é bom, mas queres saber o gosto que tem.

- Desta vez, não acertaste. O sabor do dinheiro eu já o sei há muito tempo. Muito antes destas preleções.

- Ah!... Eh!... Diz-me, então, qual o sabor que tem.

- Sabor de quero mais, para quem ganha pouco; sabor de felicidade, para quem ganha o suficiente; e sabor de não sei o que é, para os miseráveis.

- Hum!... Não sabia disso!
- Não sabias, porque nunca avaliaste as dificuldades alheias.
- Isso, para mim, é uma ofensa, pois sempre trabalhei honestamente e nunca aviltei o meu semelhante.
- Mas faltou-te a sensibilidade sobre as reivindicações de uns, a alegria de poucos e a tristeza de muitos. Acomodaste-te no teu canto, sem olhar para o lado. O mundo era a tua família e a ordem social, a tua capacidade, sem entenderes o pranto alheio.
- Bravo!... Gostei!... Mostras que és discípulo do Silva!
- Estamos no caminho certo. Começamos a colher os frutos da seara.
- Se é assim, tens razão. Realmente, durante todo esse tempo, só me preocupei com o bem da minha família, sem refletir nas dificuldades alheias.
- Dificuldades? Desgraça mesmo! Antes de criticar alguém, devemos procurar entender o que leva um ébrio a perambular pelos caminhos da vida, andrajoso, com uma garrafa debaixo do braço, proferindo as maiores baboseiras. Não é defeito congênito, porque, ao nascer, foi coberto de beijos maternos, como todos nós; nem a contaminação de qualquer vírus, pois, contra isto, a medicina tem o remédio adequado. Foi mesmo a indiferença social, que tantos males causa a quem vive.
- Sim, porque os mortos, desiludidos, já se foram, para nunca mais voltar.
- É, por tais situações, que eu ousa saber tudo sobre o dinheiro.
- O dinheiro não cura mágoas.
- Mas conserta os caminhos por onde elas passam, até se encontrar com os desventurados. E, quem passa por bons caminhos, bom companheiro será. O desventurado só se deturpou, porque passou por maus atalhos, que poderiam ter sido consertados com o dinheiro. Eis o motivo por que o persigo.
- Ó Silva, pela ansiedade do nosso amigo, que pretende consertar os males do mundo com o dinheiro, e, considerando as tuas promessas, iremos ter abundância de numerário, para satisfazer to-

das as aspirações. Nessas circunstâncias, a nossa moeda correrá o risco de não passar de papel ilustrado, aos olhos dos estrangeiros.

- Não!... Não mesmo!... O papel ilustrado, a que te referes, terá um perímetro muito nobre, para circular, desde Faro a Monção e nas ilhas adjacentes, testemunho do que esta Grei pode fazer pelo seu engrandecimento e pela paz universal. Consigo, circulará o ideal dos conquistadores, que nunca esmoreceram diante dos impérios, que, outrora, juraram apagar a nossa pátria do cenário internacional. Consigo, circulará a esperança e o ideal dos grandes navegadores, que empreenderam a comunicação entre todos os povos da Terra. Consigo, circulará a mensagem dos nossos escritores, mostrando aos desventurados a aurora da Fraternidade Universal!

- A Civilização Lusíada é, de fato, nobre e benemérita, mas pode perecer, como aconteceu com outras.

- Enquanto o poeta cantar, o escritor compor e o pintor adorar, esta pátria resplandecerá entre as constelações. Cantamos, porque celebramos!... Escrevemos, porque pensamos!... Pintamos, porque sublimamos!... E só exaltamos a verdade!

- Ó Silva, têm sido tantas as vítimas ideológicas, que, às vezes, no silêncio da noite, penso se não teriam sido martirizadas por aspirarem a um mundo igual ao que pretendemos dar aos vindouros.

- Os poderes comportamental e conjetural, apoiados pela ignorância e pelo terror, são mais cruéis do que a fera indomável! O povo teme-os, pela voz do subconsciente! E nós, que seguimos caminhos nunca dantes palmilhados, que falamos do que nunca se pensou, somos ousados! E, por tudo isto, gritamos mais alto: O mundo tem de ser como nós o queremos, porque somos filhos de Deus, de Quem recebemos o saber, para querer e construir!... Só os fracos são pávidos!

- Eu sei lá!... Eu vejo tanta coisa no mundo, que não tenho vergonha de dizer que me assusto.

- Os fortes escrevem o seu nome na História, porque o susto é efêmero e o feito imortal!... Quando vos digo que o dinheiro é néctar cívico, é porque sei que, com ele, seremos felizes, à nossa ma-

neira. Poderemos ser bons parceiros internacionais e probos, mas, intimamente, somos portugueses! O orgulho de uma grei está no resplandecer e não no obedecer! A árvore planta-se em terreno fértil, para crescer, florir e frutificar. Os monumentos constroem-se com as cinzas dos imortais, para testemunharem aos vindouros o mérito do seu gênio!

- Pela tua exaltação, concluo que, mesmo com os movimentos em prol de uma moeda única, o escudo continuará a circular em Portugal.

- O escudo é a seiva da Pátria Portuguesa. A universalidade só interessará ao Homem, se todas as pátrias continuarem com as mesmas cores, os mesmos ideais e os mesmos padrões. Sem isto, tudo será efêmero. O que se passa em Portugal, é da competência dos portugueses; o que se passa no mundo, de responsabilidade dos homens. Nenhum interesse poderá sobrepujar o civismo, pois, quem renegar a sua origem, jamais será feliz. Com os nossos costumes, seremos ditosos ao nosso jeito. Com os costumes dos outros, oprimidos e infaustos. Uma moeda universal, sim! Uma moeda única, não! Concordando com tudo, perderemos a nossa identidade! E as gerações futuras poderão, até, falar outro idioma, mas nunca nos perdoarão a traição à pátria, que perderam! A pátria constrói-se com o ideal dos homens e as lágrimas das mães; e, quem não a preservar, errante se tornará, para sempre. O povo deve permanecer atento às negociatas comportamentais!

- Tens razão. Quantas lutas alguns povos ainda travam, para ter o seu torrão, onde possam chorar as suas tristezas e cantar as suas alegrias, sem interferência alheia!

- O errante é o que perdeu o chaile da mãe, que se foi!

- É por este motivo e por outros, que devemos preservar o escudo, instrumento desembaraçador das nossas dificuldades, com o qual manteremos a condição de povo livre e soberano!

- A preservação do escudo e as emissões sucessivas, sob rigoroso controle técnico, terão grande reação nos meios políticos, por objetarem outras intenções, julgo eu.

- O mundo, de fato, atravessa uma fase de ingerência em todas

as áreas, com organismos específicos a interferirem no íntimo de todos os povos, conduzindo-os aos interesses das grandes potências, com séria ilação nos seus propósitos.

- Isso é verdade. Quantas nações vivem o peso dos seus débitos perante os organismos internacionais, impondo ao seu povo sacrifícios nunca experimentados.

- Esse jugo, segundo a *teoria sudista*, será evitado com a proibição do governo, a competência dos técnicos e o trabalho do povo.

- São, de fato, os principais quesitos, para elevar uma nação no conceito internacional.

- Uma nação, para suprir as carências internas, não precisa de recorrer a empréstimos externos, porque o seu patrimônio, o trabalho do seu povo e a idoneidade dos governantes, asseveram as emissões relativas ao seu desenvolvimento, necessitando só de uma moeda universal de referência, cotejadora dos seus compromissos externos, para o que o *Sudismo* adotará o “*ourograma*” sobre o qual nenhuma usura incidirá.

- Precisar-se-á, apenas, que a produção nacional supere o consumo interno, para o excedente ser oferecido ao mercado internacional, com o equilíbrio entre as exportações e as importações.

- É esse o caminho e não o de comprometer as gerações futuras, com débitos, que não contraíram, legando-lhes a incompetência comportamental.

- Quem deve, ilude-se e não prospera.

- E os contemporâneos deverão ter o arrojo de responder que não pagam os compromissos firmados pelos integrantes da comunidade internacional da demagogia, porque a submissão original é hipocrisia conjetural.

- Ninguém pode responder pelo que não fez!

- Os governantes, que quiserem dinheiro fácil, terão de queimar as pestanas, para botarem o complexo nacional a funcionar, plenamente.

- Só assim se gera a prosperidade de uma nação!

- Muito mais útil ao povo são as emissões, baseadas no patri-

mônio nacional, capacitando-o para uma produção coerente com a comunidade internacional.

- Estamos a debater uma coisa, na qual todos somos leigos, tanto nas teorias comportamentais, quanto na *sudista*, pois o Silva ainda não definiu como serão processadas as emissões.

- Vai-se emitir a esmo?

- Precisando-se de dinheiro, liga-se a máquina e tudo estará resolvido?

- Quem pode responder é o Silva, porque todos nós, nesta matéria, somos alheios.

- As administrações públicas de todas as nações do mundo, via de regra, seguem o modelo da venda. O povo nada vê, nada sabe. E, quem pretender ver ou entender, será definido como subversivo. É o que se observa da leitura das páginas da História e dos noticiários.

- Concordo contigo, mas todo o sistema tem os seus mentores, por mais aberto que seja.

- A eficiência comprova-se pelo efeito. E, como nada é revelado ao povo e todos os programas governamentais, cedo ou tarde, resultam em crise econômica, conclui-se pela ineficácia de tais métodos.

- Como ineficácia? Os técnicos não estão atentos aos resultados?

- Julgo que não. Se estivessem, seriam mais positivistas.

- Ó Silva, se alimentas uma teoria mais eficiente do que a atual, divulga-a logo, para nos científicares.

- Às teorias retilíneas comportamentais, que conduzem ao abismo, onde tudo se perde, o *Sudismo* imporá a circuncíclica.

- Nunca ouvi falar em tais definições, mas vou memorizá-las, para continuar nos debates. Retilínea é como denominas os sistemas atuais de emissão, baseados no ouro existente no Tesouro Nacional; e circuncíclica, a que sugeres, por melhor atender às carências nacionais.

- Perfeitamente. Compenetraste-te da coisa.

- Mas dos efeitos, ainda não.

- Eu estou aqui, para dirimir todas as dúvidas.
- Olha que são bastantes, Silva!
- Não importa. Saboreando este bom vinho e estes gostosos pedacinhos de chouriço, oferecidos pela Rosalina, debateremos tudo, em ambiente muito agradável.
- Está difícil de entender. Retilínea eu sei que é em direção ao infinito, mas circuncíclica nunca ouvi falar.
- Essas coisas só o Silva pode explicar.
- Tendes de prestar atenção ao que eu digo e aprender a discernir.
- Mais do que prestamos. Se achas que o resultado não é o que esperavas, desculpa-me, mas o culpado és tu mesmo, que não soubeste escolher os discípulos. A nossa capacidade de interpretação está confirmada pelos nossos rostos cansados.
- Se tivesses escolhido jovens, sedentos de saber, é evidente que o resultado seria outro.
- Não tenho essa certeza, porque, em vez de sede, eu prefiro a prudência. Já imaginastes se Deus adotasse um comportamentista e um conjeturista, como seus assessores, na condução da Terra, em sua trajetória pelo espaço? Em que “*carrossel*” não se transformaria este maravilhoso planeta, aconselhado por um a seguir em frente, em busca da ambição, e outro, a espargir bênçãos por todos os lados, de acordo com os dízimos recebidos?
- Seria mesmo um cataclismo!...
- Nem quero imaginar!
- Pois eu quero!... Gostaria de ver a desculpa que Lhe dariam, quando a astronave começasse a navegar por regiões inóspitas do espaço e estes vangloriosos condutores não a soubessem retornar ao ponto de partida.
- Podeis definir, agora, o valor da circuncíclica: voltar ao ponto de partida e ajuizar o resultado do percurso. Eu sempre vos tenho dito que o *Sudismo* procura plagiar Deus, para oferecer ao Homem resultados positivos. Vede a Terra, que, durante a sua e-lipse, passa por quatro estações distintas: na primeira, abastece-se de água; na segunda, embeleza-se, preparando-se para a fecunda-

ção; na terceira, colhe os frutos; e, na quarta, recolhe tudo, para seguir nova viagem. Concluí, então, que o dinheiro não morre. Circula!

- Morre, sim, deteriorado que fica, pelo uso.

- Ainda não chegastes a uma conclusão?

- Está difícil!

- Quanto à retilínea, nós sabemos que o Tesouro Nacional vai liberando as emissões, enquanto houver base de ouro. Agora, quanto à circuncíclica...

- Bem... No *Sudismo*, vós sabeis que as emissões ficam subordinadas ao patrimônio nacional, mais eficiente do que o ouro, que nada produz.

- De fato, como o apresentas, constituído de todos os valores nacionais e enriquecido com a cultura e o trabalho do povo, nada o iguala.

- Está tudo certo, mas eu, embora com pouca cultura, sou o defensor do dinheiro e, portanto, quero saber o verdadeiro sentido de circuncíclica.

- O dinheiro, como todos sabem, é um instrumento de honra-dez. Sempre foi assim interpretado e continuará a ser. Todavia, vamos definir a sua competência, no *Sudismo*, em relação ao comportamentismo.

- Vai ser diferente?

- É claro!... Novas ideologias, novas normas!

- E o povo vai aceitar essa profunda modificação? Não dizes, sempre, que o *Sudismo* nada destruirá? Como explicas, então, essa mudança no dinheiro?

- No sistema comportamental, as notas são emitidas com base no ouro, depositado no Tesouro Nacional, e têm validade por tempo indeterminado, até a autoridade competente as substituir por outras, mas, mesmo assim, só perdem o poder circulante, pois poderão ser trocadas por outras da nova série, mediante o pagamento de uma pequena taxa. Já, no *Sudismo*, a capacidade de circulação virá exarada na própria nota, limitada a uma década, se os técnicos assim a definirem. Neste método, uma nota, emitida em doze de

janeiro de mil e novecentos e setenta e sete, traria impressa a expressão: válida até doze de janeiro de mil e novecentos e oitenta e sete. Passado este dia, perderia o valor circulante e, quem a possuísse, deveria recolhê-la automaticamente, como no sistema anterior, por simples depósito bancário, antes da sua caducidade.

- Então, é igual ao sistema atual.

- Reparai bem no que dizeis. Não é igual! Eu sempre comento que a civilização faz-se com leis e melhora-se com o aprimoramento das próprias leis.

- Mas, nesse caso, não é um aperfeiçoamento. É, apenas, uma pequena mudança.

- Sim!... Como queirais definir. Eu nunca vos prometi mudanças profundas. Digo-vos sempre, apenas, que eu vim para coordenar e não para destruir.

- Não atinei muito para essa pequena mudança.

- Mas é nas coisas subtis, que surgem os grandes efeitos, sem se sacrificar as pessoas.

- Ó Silva, desculpa-nos a insistência e diz-nos, com toda a franqueza, aonde nos conduz essa subtileza.

- À circuncíclica, pois, a partir da nova década, o dinheiro passa a ser renovado, automaticamente, todos os anos, mês a mês, facilitando-se o desempenho dos técnicos. No decorrer de mil e novecentos e oitenta e sete, morreriam as emissões de mil e novecentos e setenta e sete, para darem lugar a outras e, assim, sucessivamente.

- Praticamente, é a mesma coisa.

- Não é a mesma coisa. Por este sistema, os técnicos terão melhores condições de controlar o montante em circulação e de promoverem a sua renovação automática, sem causar os transtornos das crises econômicas, oriundas de sistemas falidos.

- Para mim, nada se altera. O dinheiro português teve, sempre, o seu valor garantido, sem se observar sistema retilíneo ou circuncíclico.

- Enquanto se cultivava a miséria.

- A miséria não é cultivada. Ninguém se apraz em ver o seu

semelhante privado da sua subsistência.

- Eu também acho que não.

- Quando um dos nossos vizinhos passa por dificuldades, todos aparecem, para ajudá-lo, o que prova que ninguém gosta de ver o seu semelhante em má situação.

- Se ninguém gosta de ver as pessoas em má situação, devemos, então, protegê-las e não ajudá-las, só quando caíem em desgraça.

- Nisso, todo o mundo concorda. Nenhum de nós opõe-se à criação do salário de subsistência, por acharmo-lo mais do que justo, mas, quanto ao dinheiro perder o seu valor de circulação, após dez anos...

- E vós julgais que uma nota, circulando normalmente, vai durar dez anos?

- Então, não há necessidade de determinar a data da sua extinção, logo na emissão.

- Se assim não fosse, não poderia haver o sistema circuncíclico, para atender à necessidade circulante do dinheiro. Reparai bem: digo-vos, sempre, que o valor patrimonial será posto nas mãos dos cidadãos, pelo dinheiro, para o povo português desenvolver a sua capacidade empresarial, e o governo atender todas as carências individuais, para não haver um único luso desventurado, nato ou convicto, em qualquer parte do mundo, onde se encontre.

- Com isso, nós concordamos e, até, laureamos.

- Se laureais, tendes, então, de continuar a escutar-me.

- Deixar de te escutar, é coisa de que nunca te queixarás!

- Apraz-nos conversar contigo.

- E não é de hoje. Muito antes do tempo pratear os teus cabelos!

- Quem não gosta de conversar contigo, que tens, sempre, bons assuntos, para expor, e críticas acertadas, para os acontecimentos?

- Aliás, essas críticas sublimaram-se, agora, no *Sudismo*, fruto da tua reflexão do passado e do desejo de melhorares o futuro.

- Ó Silva, quantas vezes será preciso dizer-te que nós não te-

mos o teu discernimento? Mas sabemos muito bem por que vais retardando as explanações, mantendo-nos ansiosos.

- Assim, aguças a nossa curiosidade, despertando-nos para o assunto.

- As teorias têm de ser apreciadas lentamente e comparadas com as antagônicas, para se aferir o seu valor.

- É o que fazes, agora, conosco, em relação ao dinheiro, no sistema circuncíclico. Mantendo-nos curiosos e, até, antagônicos, aguças a nossa inteligência, para interpretarmos a matéria, imediatamente.

- Não!... Nada disso!... Provocar ansiedade, conforme o grau, pode, até, ser tortura psíquica, o que nunca foi a minha intenção. Sou, apenas, um bom conversador, como costumais dizer. Eu já fui torturado, isto, sim, nos tempos da ditadura.

- E o teu provável delator, quando se encontra comigo, pergunta, sempre, por ti. Num dia destes, entrei na Rosa de Ouro, para comprar umas especiarias, e lá estava ele. Desta vez, até gostei da pergunta.

- Eh!... Gostaste!... Qual foi?

- “*Como vai o Silva? Continua a pregar a sua ideologia? Quando é que vós, com a sua ousadia, proclamais a independência da República de Rates?*”.

- República de Rates?!... Olha!... Gostei da expressão!... República de Rates! Boa ideia! Esse ex-delator não é, de todo, um caso perdido! Ainda tem alguma coisa, que se aproveite!

- Essa expressão é um bom título, para a compilação dos nossos debates, sobre o *Sudismo*.

- É bem sugestiva, até, para as nossas aspirações. Sob esse teorema, poderíamos começar a debater a organografia administrativa da vila de Rates, como modelo para todas as cidades, vilas e aldeias de Portugal, conscientizando a opinião pública nas vantagens da *ideologia sudista*.

- Coitado do Amorim!... Das delações que fez, a pior vítima foi ele mesmo, que terminou abandonado pelos correligionários e desprezado pelos conterrâneos! Quando vou à Póvoa, quase sem-

pre, também o vejo, mas, ao contrário de aversão, sinto, mesmo, é pena de si. Mal vestido!... Doente!... Lá anda ele, de estabelecimento em estabelecimento, a angariar alguma coisa, para o seu sustento.

- É o preço da traição!...

- Eu não diria isso. Diria que é a necessidade que as pessoas têm de conseguir um empreguinho, seja de que natureza for.

- E, para não o perder, fazem o que lhes mandam.

- Bem mais feliz do que ele, foste tu, Silva, que superaste tudo e aqui estás, entre nós, a difundir o teu pensamento.

- De fato, não tenho muita queixa do que se passou comigo.

- Mas, quando foste detido, por certo, maldisseste a tua sorte.

- Olha!... Foi até uma surpresa para mim. Nada foi além de pequenos interrogatórios, a qualquer hora do dia ou da noite. Quando mandaram-me embora, fiquei até desconfiado. Pensava que me tivessem injetado alguma droga e viesse a falecer dali a alguns dias, de doença desconhecida, mas, felizmente, nada aconteceu.

- As tuas ideias sempre foram benéficas, em sentido universal, e, quem pensa assim, não pode ser maltratado. Disto, devem ter-se compenetrado os que te interrogaram.

- Não sei. Só sei que foi uma choradeira da minha mulher e da minha filha, quando me vieram apanhar em casa.

- E uma consternação local. Não foram poucas as pessoas, que procuraram as autoridades, para lhes manifestar o seu descontentamento com o fato.

- E o nosso amigo Costa, assíduo divulgador da universalidade, que nunca falta a estas preleções, foi logo procurar o rededor, para interceder por ti.

- Eu soube disso, logo que voltei, tanto assim que, no domingo seguinte, pedi ao padre Moreira o obséquo de apresentar a todos o meu agradecimento.

- Eu sei que tu ainda desconfias daquilo ter sido obra do nosso pároco, mas eu tenho quase a certeza que não, pois ele foi um dos primeiros a interceder por ti.

- Há, entre nós, de fato, uma pequena rivalidade, aguçada pelo padre Moreira, que me acusa da heresia de querer mudar os Mandamentos da Lei de Deus, o que, para mim, não existe, pois não sou teólogo nem coisa parecida. Sou, apenas, um coordenador, bem relacionado com Deus, que, pela inspiração, me dita as normas da mensagem do novo milênio. Quando me convida, para debater o assunto, não me perdoa a inserção, nos Mandamentos do Homem, da expressão “*não procriarás a esmo, para nunca faltar pão ao teu filho e ao do teu vizinho*”, porém, os tempos, agora, são outros, bem diferentes de quando Moisés passou por aqui, e a Terra continua com as mesmas dimensões, para uma população, que cresce, desordenadamente, a cada segundo, o que tem de ser pensado e equacionado. Não são os conjeturistas concessionários das mensagens divinas. Disto, estou ciente e, por nada, deixarei de transmitir a que me foi confiada.

- E nós de a receber e segui-la.

- E ficamos muito felizes, por ouvi-la, diretamente, de ti e de merecermos a tua confiança, para a divulgar.

- E estamos convictos de que, para isto, receberemos todos os ensinamentos.

- Queremos ver o povo feliz, a cantar pelos caminhos, como as aves o fazem pelos beirais.

- Mas, para isso, é preciso que todos tenham um dinheirinho, que alegre o seu viver.

- Com a algibeira vazia, ninguém canta.

- É esta a razão pela qual eu insisto em querer saber tudo sobre o dinheiro e, por favor, não distraiais o Silva, porque ainda há muita coisa, para nos ser transmitida.

- A vez é sua e os ouvidos nossos. Não precisas mais de reclamar.

- Então, Silva, retilínea ou circuncíclica, expõe tudo, de fio a pavio, porque, sabendo que todo o sistema implica em nova orientação, estamos preparados para recebê-la.

- Falava-se, na oportunidade, da extinção das notas, no fim da década da sua emissão, incumbindo-se o órgão responsável de pro-

videnciar o numerário suficiente, para suprir as exigências do período. Estas notas, nas quais constará a data da emissão e da extinção, para ninguém ser prejudicado, circularão pelo período de dez anos, salvo se os técnicos específicos concluírem pela redução ou prorrogação da sua validade, de acordo com o comportamento do fluxo monetário. Tal medida visa a estabelecer um montante contínuo em circulação, que satisfaça as necessidades nacionais, com renovação automática.

- Entendo que não há necessidade de se emitir todo o mês.
- Todas as atividades, salvo a lavoura, a pesca, o turismo e outras, que, no momento, não nos ocorrem, devem ser constantes, para se evitar a sobrecarga, o desemprego e a desídia. Agora, cabe-me, aqui, dar-vos um esclarecimento. A palavra “*emissão*”, no *Sudismo*, terá sentido mais amplo, isto é, valerá, também, por competência. Assim, cumprirá ao órgão específico manter-se atento quanto às provisões, para os compromissos do período, e, se for preciso, reforçar o numerário com novas emissões, rigorosamente controladas, porque o nosso velho Portugal tem cobertura para tudo isto. Chega de choradeira comportamental, de que somos um país pobre! Um país só é pobre com governantes incompetentes!
- Sabemos que tu críticas o tamanho das notas atuais. Porquê?
- Observando a definição popular de que tamanho não é documento, as notas devem ter todas as mesmas dimensões, como já é adotado por alguns países, porque há meios suficientes para identificar, facilmente, o seu valor: dígitos, efígie, tonalidade e painel.
- E quais seriam as dimensões das *notas sudista*?
- As mesmas do “*vale-ouro*”: entre um por um e meio ou dois, cerca de cento e trinta milímetros de comprimento, por sessenta e cinco de largura, um bom tamanho, para se usar uma carteira funcional, sem ser preciso dobrá-las, o que preservará a sua apresentação. Algumas, que andam por aí, mais parecem lenços de papel ilustrado. Os formatos distintos, provavelmente, vêm do tempo em que os comerciantes eram analfabetos e precisavam definir o seu valor pelo tamanho.
- Eu também acho que tamanhos diferentes não oferecem van-

tagem nem segurança.

- É desperdício mesmo. Ainda mais, agora, que temos de respeitar o direito das árvores e só derrubá-las em última instância.

- Com as dimensões das notas atuais, temos de derrubar o dobro das árvores, em relação às *sudistas*, observando-se, ainda, que, neste tamanho, o dinheiro será mais versátil.

- Então, dimensões e estilo à parte, sabe-se que, praticamente, pelo *sistema sudista*, será emitida, por mês, a média correspondente a um cento e trinta avos do patrimônio nacional, para a Nação Portuguesa pagar o salário médio a todos os cidadãos, de acordo com o mérito individual, e fomentar a atividade nacional.

- É isso!...

- Por esse sistema, o dinheiro em circulação vai-se acumulando, mês a mês, até chegar ao total, quando, então, as séries vencidas passarão a ser substituídas, mantendo-se o valor circulante pleno. Não achas, Silva, que é muito dinheiro à disposição do povo?

- Tens razão. As teses e os princípios são divulgados, para satisfazerem as necessidades do Homem, mas compete ao próprio Homem, pelo senso, pela competência e pela técnica, disciplinar os seus efeitos.

- Quer dizer que o princípio é esse, mas cumprirá aos técnicos coordená-lo às necessidades nacionais.

- Evidentemente! Não se deverá emitir mais do que o necessário, mas não é só de salário que vive o povo português. Os empresários, as aldeias, as vilas e as cidades, como adiante demonstrarei, também carecem do dinheiro, para os seus empreendimentos, havendo tudo isto de ser calculado pelo setor competente.

- Isso não merece ser debatido nem comentado, porque já está em execução. O *Sudismo* vai, apenas, introduzir alguns requintes, para proteger a população dos males da miséria.

- No fundo, o que se visa é o extermínio da miséria, com a criação do salário de subsistência; a extinção total das obrigações sociais; a redução dos impostos, com a sua gradual extinção; a insti-

tuição do Parlamentarismo Universal, tornando o sistema viável; o Direito Universal, concedendo a todos liberdade, para os seus movimentos individuais, sociais e ideológicos; e a Justiça Universal, para sancionar, no tempo e no espaço, os perniciosos.

- Com o salário de subsistência, a extinção das obrigações sociais e a implantação do parlamentarismo universal, eu estou de acordo; mas, quanto à isenção dos impostos, tenho as minhas dúvidas.

- Os maiores entraves das classes empresariais são os impostos e as obrigações sociais. Os industriais e os comerciantes já estão sobrecarregados com a administração dos seus empreendimentos e por que vão ter, ainda, de se preocupar com os empregados e a arrecadação pública? Isto é problema governamental. A nação é que tem de se organizar, neste sentido. Que resultado nos traz essa multidão de políticos, consumindo, por mês, rios de dinheiro, para nada resolver?

- E os impostos vão desaparecer, como num toque de varinha mágica?

- É claro que, no *Sudismo*, não haverá mágicas, mas estudos e cálculos, para uma organização profícua. Pelo desempenho de uma função compatível com o seu ideal, a *pátria sudista* harmonizará o cidadão ao progresso, mas nunca o tributará em demasia, pois tal procedimento constitui inaptidão comportamental.

- Vimos de uma civilização fundamentada nos impostos e nos direitos sociais e, quando se concede um benefício, neste ou naquele setor, cria-se o tributo correspondente, pois, em resumo, tudo o que se dá ao povo, cobra-se do próprio povo.

- Pelo aumento dos preços dos produtos e da prestação de serviços.

- Outra coisa não poderia ser. Como os contribuintes iriam conseguir recursos, para os tributos?

- Ninguém faz milagres – diz o povo – e também não os podemos esperar do *sistema sudista*. Cada compromisso exige um recurso. É a teoria contábil: não se pode tirar do caixa, o que lá não foi colocado.

- Segundo o nosso amigo Silva, tudo isso cairá por terra, com a implantação do *Sudismo*.

- Não é de hoje que o Silva vem tocando neste assunto. Aliás, como em todos. Resta, apenas, que exponha, plenamente, a tese, para a nossa compreensão.

- O verdadeiro imposto é o trabalho de todos, pelo qual a pátria se enriquece. Quem trabalha, já contribui. O vício de tributar vem dos tempos em que a nobreza e o clero, classes ociosas, viviam da extorção do povo, o que, hoje, é totalmente incompatível com o *ideal sudista*. Todos poderão seguir o que quiserem, mas não poderão furtar-se ao cumprimento da jornada.

- Quanto ao dinheiro, aparentemente, o nosso companheiro já está satisfeito. Portanto, parece-me que podemos partir para os debates das obrigações sociais e tributárias.

- Ainda há alguns pontos, que eu desejaria que o Silva esclarecesse, mas, como são de menor importância, concordo em se partir para outras discussões.

- Então, Silva, a sabedoria é tua e a vontade de aprender, nossa. Fala do jeito que quiseres, que nós, pacientemente, te escutaremos.

- Eu disse-vos, sempre, que, nos sistemas vigentes, as pátrias carecem de recursos, pela incompetência e ortodoxia dos governantes, isto porque os parlamentos são constituídos por “*nobres e distintos colegas*”, que não permitem que os ideólogos arejem as suas mentes, para melhor se atender as necessidades do povo. Tal procedimento é fruto da repressão, exigida pela aristocracia, que, ao ouvir falar em mudanças radicais, logo reclama o conservantismo, como garantia do seu patrimônio e da sua cultura. Este receio baseia-se em experiências amargas da proliferação socialista elementar, que tudo promete ao proletariado, à custa da dilapidação dos bens alheios. É fácil prometer mundos e fundos aos trabalhadores, para os outros pagarem; mas, no que nunca se pensou, foi em coordenar os valores nacionais, com fórmulas próprias, para cumprir o prometido, sem extorquir o que poucos possuem, por dedicação. Os governantes podem ser tudo na vida e fazer o

que bem lhes aprouver, mas não podem tirar de quem tem, para dar a quem não tem, porque isto, no *conceito sudista*, é pura rapinagem.

- Tens exposto isso, desde o início das nossas conversas, ou melhor, de quando te conhecemos, por gente.

- De fato, o Silva tem sido um tribuno incansável, na extinção dos impostos e dos compromissos sociais.

- Essa mudança radical, no meu entendimento, implicará na formação de uma nova geração de economistas, perfilada com os *ideais sudistas*, para tudo ser levado adiante.

- Eu não diria só de economistas, mas também dos demais técnicos das áreas tangentes – administradores, atuários e contabilistas.

- A Nação Portuguesa não se restringe à Economia nem à Administração. Temos de preparar todas as áreas, para esta nova era, educando o povo, para tão profunda renovação.

- Vamos precisar muito dos pedagogos, dos psicólogos e dos sociólogos, para se conduzir o povo a este novo sistema, sem prejuízo das suas tradições.

- Quanto a esses profissionais, parece-me que não haverá problemas; mas, quanto aos conjeturistas, pelo que se observa da leitura das páginas da História, tudo indica que vamos ter grande reação dessas classes.

- Não vejo motivo, para tal discordância. Será pura radicalização, pois o Silva afirma, sempre, que quer transmitir a sua mensagem, sem ferir ideologias anteriores. É muito modesto.

- Eu acho que é modesto demais. Qualquer um, que tivesse esta inspiração, excitaria a massa popular e, depois, eu queria ver o que aconteceria a quem ousasse reagir.

- Temos de ponderar as coisas, porque esta mensagem, quando chegar ao conhecimento do povo, nunca mais será contida, mormente entre as classes desfavorecidas, às quais mostra o porvir, com melhores dias para todos.

- Nenhum santo conseguirá rebater a mensagem de um homem inteligente, culto, bem intencionado e, profundamente, mo-

desto, que, inspirado por Deus, apresenta a verdadeira redenção da Humanidade, sem o menor sacrifício.

- Foste muito feliz nessa expressão. A verdadeira redenção é a que livra o Homem da miséria e da opressão, moléstias comportamentais e conjecturais.

- Da miséria, não eliminada até a vinda do Silva; e da opressão, só debelável com o direito e a justiça universal, vias que nos conduzirão à deontologia.

- A juventude de hoje nem acredita, mas qual de nós não se lembra de alguém ter dito, em momento solene, ser necessária a miséria, para haver humildade!

- O que nos mostra o quanto os conjecturistas são alheios ao sofrimento humano. Portanto, sou de opinião que se lembre a essa classe o caminho da reflexão.

- É preciso lembrar-lhes que as ideias do Silva ecoam no pátio da Liberdade, onde o povo gosta de contemplar a Ética.

- Excetuando isso, todos estão certos de que já falamos dos assuntos fundamentais; mas gostaria que o Silva, dentro de tal espírito, os coordenasse, tal como fez com os Mandamentos do Homem.

- Seria muito importante para todos nós, porque convém termos sempre, em mão, a doutrina do nosso mestre.

- Eu não sou mestre nem coisa parecida!... Transmito-vos, apenas, as minhas ideias, convicto de que as recebo de Deus, para coordenarmos a mensagem do novo milênio, que trará à Humanidade a era da Universalidade.

- Não!... Não concordo com isso!... Mestre és, discípulos somos. Portanto, mãos à obra, pois queremos divulgar tudo o que dizes, por sentirmos, nas tuas palavras, a solução dos problemas, que mais afligem a Humanidade.

- Com a tua doutrina e a nossa atuação, pretendemos dar aos vindouros um mundo melhor.

- E estamos certos de que todos os mensageiros, que te precederam, não tinham configuração diferente da tua; porém, tu os superaste pela sabedoria efetiva, o que muito importa a quem te escuta.

- Como sabeis, eu nunca tive a intenção de compendiar a *doutrina sudista*, porque, livro lido, é livro esquecido. Gosto mesmo é de falar convosco e de dirimir as vossas dúvidas, como sempre o tenho feito.

- O que é mais importante, porque, lendo um livro, por falta de discernimento, poderemos não concordar com o autor e, não o tendo ao nosso lado, para nos ajudar a compreender a matéria, desprezamos os seus ensinamentos. É isto o que sempre acontece e, por certo, muita coisa boa deixa de ser assimilada.

- Contigo, a coisa é diferente. A tua simplicidade é majestosa, impondo-nos o encontro, todos os dias, para te escutar.

- Eu sou assim mesmo. Apoio a minha eloquência na simplicidade, para virdes a mim, pois, se temos a mesma configuração, é porque descendemos do Homem, que Deus criou, para a eternização da Humanidade.

- O que nós queríamos, é que retomasses as conversas gerais, em temas, para os transmitirmos a quem se interessar pela doutrina sudista.

- No final das nossas conversas, agruparemos as matérias básicas em tábuas, como fez Moisés, impressas em pequenas folhas de metal ou de outros materiais, para não se depreciarem com o uso, constituindo o Catecismo Sudista.

- Ó Silva, define, então, como serão essas tábuas e começa logo a ditar a primeira, para eu anotá-la, com todos os pontos e todas as vírgulas, a fim de passar numa ourivesaria e mandar gravá-la.

- Gravá-la em quê?

- Em ouro, prata ou alpaca, conforme a minha disponibilidade no momento, porque o que o Silva diz, a mim, é muito caro e quero dispensar-lhe o valor que me merece.

- Cuidado com o fanatismo. Lembra-te de que o nosso amigo Silva gosta de coisas simples.

- Simples, mas de bom material e de bom gosto. Já reparaste como ele se veste?

- De bom gosto, apenas.

- De bom gosto e de boa qualidade. Portanto, quem se atem a

estes pormenores, merece material nobre.

- Vais, então, gravar a mensagem do Silva em placas de ouro, para usá-las, como mimo, e reler, nos momentos de folga, harmonizando-te com os seus ensinamentos? Quero ver-te carregar um livro de folhas de ouro ou, até, de prata, porque o nosso mestre, quando fala, não mede tempo nem espaço.

- Se for como eu penso, vou gravá-las nas dimensões de cartão de visita, para caberem no bolsinho do meu colete. Na primeira, mandarei colocar a rosa-vermelha, em material esmaltado, e as demais, na respectiva ordem.

- Pois eu penso compilá-las em estojo, nas mesmas dimensões e no mesmo material dos cartões magnéticos, para serem mais acessíveis, dando destaque à rosa-vermelha e à Fórmula Econômica Universal, com apresentação distinta.

- Ainda não sabemos o tamanho da mensagem de cada tábua e já discutis como imprimi-las?

- Em verdade vos digo que o mensageiro, antes de falar, prepara os audientes, para acolherem a mensagem de Deus. E eu sinto que esta mensagem cairá em terra boa, porque, antes de recebê-la, já lhe preparais o terreno. A próxima é a terceira, porque as anteriores já as conheceis. A primeira contém os Mandamentos do Homem; a segunda, a Fórmula Econômica Universal, permitindo a concessão do salário de subsistência, de acordo com os méritos individuais; e a terceira, ei-la:

1 - Direito Universal

2 - Justiça Universal

3 - Solidariedade Cívica Universal

**4 - Distribuição Equânime e Meritória
da Renda Nacional**

5 - Parlamentarismo Universal

- Como sempre, para não se fugir do quotidiano, estás, meu amigo Silva, no fito de um questionário, que espero o respondas, na medida do possível, com o discernimento, que te é tão peculiar.

- Se mo permitis, eu começo já, cioso que estou de absorver o conteúdo da terceira tábua, para a minha própria ilustração.

- Podes iniciar, porque todos nós acompanharemos, atentamente.

- Eu penso que os três primeiros itens originam preleção longa, pela abrangência do assunto, com teses, contestações e opiniões, mas não é isto que eu quero. O que eu quero mesmo, é conhecer a célula que se desenvolverá neste imenso conteúdo.

- Formulaste bem a pergunta. De fato, as três primeiras confundem-se, encontrando-se as duas vertentes com a horizontal – Solidariedade Cívica Universal.

- Queres dizer, então, que o sujeito, quando observar o caminho do bem, receberá da pátria todo o apoio, para a satisfação do seu ideal; e a punição certa, quando seguir o do mal?

- Isso mesmo. Na *pátria sudista*, os cidadãos têm de se conscientizar da escolha dos governantes, para se evitar resultados funestos, pois cada um terá direito à satisfação das suas carências; mas, para tanto, será necessária uma organização proba. No sentido de exemplificar este desempenho, vou referir-me a um acontecimento recente. Há dias, passando pela Escola Camões, na hora em que os alunos saíam, encontrei-me com a professora Lúcia, merecedora de todo o nosso reconhecimento.

- Mais do que isso. Merece mesmo é o carinho de todos nós, pela sua dedicação às nossas crianças.

- Pois bem, como ela mora para as minhas bandas, entabulamos conversa e lá fomos. À nossa frente, seguia a garotada, com a sua alarida e as suas brincadeiras. E ela, com o discernimento de grande pedagoga, a todos acompanhava, com um olhar sorridente.

- Além de bonita, a professora Lúcia é uma simpatia e uma competência.

- De quando em quando, olhava, sorridente, para um mais afoito, que, imediatamente, se comedia. Porém, definiu os seus comentários sobre quatro crianças, que seguiam, no meio, discutindo, entre si, dizendo-me:

- *“São crianças muito inteligentes e muito dedicadas. E mais do que tudo, muito amáveis”.*

- Ao despedirmo-nos verifiquei que tais crianças prosseguiram no grupo. Apressei o passo e, então, iniciei, pelo maiorzinho, um pequeno diálogo:

- *“Como te chamam?”*

- *“Eduardo”.*

- *“E o teu pai?”*

- *“Henrique”.*

- *“E a tua mãe?”*

- *“Deolinda”.*

- *“Bonitos nomes!”*

- *“São como quaisquer outros”.*

- *“Como quaisquer outros? Não gostas do teu nome e dos do teu pai e da tua mãe?”*

- *“Gosto! Mas... sei lá!..”*

- *“Ele quer dizer que estes nomes são muito comuns por aqui – interferiu uma das lindas meninas”.*

- *“Teresa!... Ana!... Henrique!... é o que mais tem por aqui!”*

- *“Como é que tu, também, te chamam?”*

- *“Eu?... – e, gargalhando, respondeu: - Chamo-me Teresa!...*

Ela, Ana; ele, Eduardo; e aquele, Francisco. Tem tantos nomes destes por aqui, que, quando, na aula, a professora chama por Teresa, uma porção de meninas, levanta a cabeça”.

- *“Eh?...”*

- *“Eh!... E, com eles, acontece a mesma coisa, porque estes nomes são muito vulgares”.*

- *“Tu não gostas do teu nome?”*

- *“Eu gosto do meu nome..., gosto dos do meu pai e da minha mãe!... Eu gosto de tudo!”*

- *“Escuta, Eduardo! O que é que tu queres ser, quando crescer?”*

- *“Gostaria de ser médico!”*

- *“E por que não vais ser?”*

- *“Ah!... Não há condições!... O meu pai trabalha!... trabalha!... e a minha mãe também, mas o dinheiro nunca sobra!...”*

- *“E tu?”*

- “*Eu queria ser engenheiro, para criar máquinas mais modernas!*”

- “*Tu achas que as máquinas, que andam por aí, estão obsoletas?*”

- “*Não, mas podem ser aperfeiçoadas*”.

- “*E o que é que tu gostas de fazer?*”

- “*Eu gosto de ler sobre qualquer coisa e de conversar com as pessoas, dando-lhes conselhos, quando estão preocupadas*”.

- “*E tu?*”

- “*Ah!... Eu sou diferente!... Gosto mesmo é de ficar no meu cantinho, a desenhar e a pintar!*”

- “*Isso nada adianta!...*”

- “*Porquê, Eduardo?*”

- “*Porque as nossas famílias não têm recursos. Quando sairmos da escola, temos de começar a trabalhar, para ajudar os nossos pais*”.

- Vimos, então, no diálogo com estas crianças, quantas vocações se perdem, por falta de recursos familiares e de incentivo governamental. Não tenhais dúvida: As universidades e as escolas técnicas vão preencher as suas vagas, com alunos subsistíveis, porque os pais satisfazem-se em formar os filhos em Medicina, em Direito, em Engenharia, em Arquitetura, em Economia, em Ciências Sociais, em Artes Plásticas e em outros cursos superiores ou técnicos. Mas – pergunta-se – esses jovens vão estudar por inclinação ou para satisfazer o ideal dos pais? E as verdadeiras vocações por onde andam? E o que o país perde na formação de técnicos por obrigação, sem vocação? E o que a nossa cultura adquire com os doutores engravatados? É, por isto, que, aqui, confluem-se Direito Universal e Solidariedade Cívica Universal. O Direito Universal conduzirá as pessoas à Solidariedade Cívica Universal, para obtenção de recursos, quanto à satisfação do seu ideal. Ninguém perde com isto e ganha a sociedade indivíduos mais competentes. O dinheiro não sairá do bolso de alguém. Sairá da pátria! E ninguém mais adequado do que um professor cívico, para indicar os alunos, que irão frequentar a escola até o último grau. É claro que os abas-

tados podem estudar o que quiserem, mas formam-se por requinte e não por vocação, enquanto a sociedade carece de profissionais autênticos. A vocação dá ao homem competência superior à de mestre, elevando-o à consciência de gênio.

- Isso é verdade. Quantas pessoas gostariam de ser isto ou aquilo, mas, por falta de recursos, não alcançaram a formação adequada!

- E, assim, a Civilização Lusíada segue a trilha de alguns povos: Compreendemos que o mundo tem de evoluir, mas não podemos conduzir o seu progresso, por falta de técnicos específicos.

- Fabricamos de tudo, mas, quando começamos a fabricar, os povos, que criaram tais produtos, já vão além; e o que aprendemos a fazer tardiamente, em breve, não terá aceitação nem no mercado interno.

- Só agora, orgulhamo-nos de fabricar automóveis, quando outros povos já os produzem há cerca de um século, o que nos mostra o quanto estamos atrasados, em relação às nações incentivadoras da tecnologia.

- Sem atinarmos que, os produzidos no perímetro nacional, ainda são cópias de modelos estrangeiros, sem a criatividade e o empreendimento da nossa gente.

- Sem estimular as vocações, nenhuma nação consegue expor-se à admiração do mundo.

- E isso não é só na tecnologia, mas muito mais na ideologia, pois nós ainda somos um povo idiólatra.

- Enquanto perseguirmos ideólogos ou permitirmos que os conjeturistas os aniquilem, perderemos séculos de progresso.

- É, aqui, que entra a Justiça Universal: Julgamento dos homicidas, no tempo e no espaço, sem prerrogativas.

- Uma nação só se eleva perante o conceito internacional, quando segue ideias próprias, com métodos eficientes, pois as semelhanças não passam de plágio tolerado.

- Eu acho que as pessoas são mais ávidas pelos produtos do que pelas ideologias.

- Evidentemente!... Os produtos, anteceditos de publicidade,

facilitam a vida de quem os pode adquirir. Já os livros, paralelepípedos da calçada ideológica, palmilham-se, lentamente, em face dos obstáculos impostos pelo antagonismo dominante.

- Parece que já estou a ver algumas pessoas mais idosas do que nós, quando se começar a falar, publicamente, das vantagens que o *Sudismo* trará ao povo português.

- A resposta eu já a sei de cor: - “O quê?... Já há muitos anos, fulano dizia coisa semelhante e sabes o que lhe aconteceu? Ganhou um lugar cativo, para ver o sol aos quadrinhos!... Gostou tanto, que nunca mais de lá saiu!”

- Enquanto a nossa gente não se atrever a aceitar outras ideias, Portugal será um país elementar.

- Elementar?... Acho um termo muito forte. Afronta os nossos brios de povo livre!

- E o que entendes tu por povo livre? Não precisas de responder, porque eu vou definir o conceito de país elementar.

- Isso todos nós sabemos, de quando os nossos pais nos ensinaram a falar e os professores, a escrever.

- Também tem disso?... As nações também têm diploma de curso elementar ou suplementar?

- E, se duvidais, eu posso comprovar-vos que algumas têm, até, diploma de curso superior.

- Olha!... Gostaria de ver quem confere tais diplomas e quem os assina!

- Pois verás!

- Ó Silva, já sabemos que tu tens argumentos para tudo. Deixa para lá!... O que queremos é o desenvolvimento da *teoria sudista*, sem perder tempo em coisas fúteis.

- Nada é fútil neste mundo. Todo o obstáculo, por menor que seja, deverá ser removido, para não interromper o fluxo das coisas. Lembrai-vos de que um parafuso pode descarrilar um comboio, a pesar da sua insignificância em relação ao complexo.

- Deixa o Silva falar, que eu quero ver o diploma que ele conferirá a Portugal.

- Eu não confiro diploma a país algum. Vós é que tendes de os

ler, para saber o grau de competência de cada um. As nações vivem no tempo, no espaço e no meio. No tempo, as contemporâneas, porque algumas, de que a História fala, já pereceram. No espaço, as que conseguiram impor o seu predomínio territorial universal: “Aqui, mandamos nós e, quem não concordar com os nossos preceitos, parta pela fronteira mais próxima”. No meio, é que está o grau de independência de cada uma. As que copiam de outras as suas formas de agir, são nações independentes de primeiro grau. As que têm ideologia própria, nações com independência de segundo grau.

- E quais são as nações de terceiro grau, ou melhor, as doutoras?

- Ah!... Tu queres saber quais as doutoras, entre as nações?

- Isso mesmo, o que ouviste, e diz logo, porque não há tempo a perder. Quero ver a cor do seu diploma.

- As nações de terceiro grau ou as doutoras, como quereis, são as que deram cultura suficiente ao seu povo, para saber eleger cidadãos idôneos, laboriosos e probos, para conduzirem os seus destinos, impondo ao mundo a sua competência econômica, técnica e ideológica, manifestada nos subsídios concedidos a outras, mergulhadas na estagnação.

- Eh!... Não deixas de ter razão!...

- E tem mais!... As notas do dinheiro, que emprestam, é que definem a cor do seu diploma. E é preciso que saibais que, quem empresta, manda e dita normas; quem pede, baixa a cabeça e cumpre-as. De nada adianta falso orgulho, pois, quem deve, tem de pagar. Ou pensais que se trabalha e sua a camisa, para dar algo, de graça, a outrem?

- A coisa não é tão fácil, como parece!

- Se quisermos uma nação de segundo grau, teremos de trabalhar muito, dentro do nosso território, porque é, aqui, que se geram os recursos nacionais, só alcançáveis com três elementos: cultura vocacional do povo, pois cada um produz melhor, quando trabalha no que gosta; incentivo à formação de grupos econômicos, só fruíveis com educação empresarial aprimorada; e a escolha de gover-

nantes idôneos, laboriosos e probos, pelo voto de cidadãos cultos, educados e satisfeitos. E lembro-vos mais: povo carente, nação medíocre! O que vem de fora, por intermédio de emigrantes, são migalhas de outros povos, que não nos afortunam e aviltam a nossa reputação.

- Eh!... Silva!... Essas expressões feriram o nosso orgulho, mas são verdadeiras!

- É preciso aprendermos a fazer alguma coisa, para se sair da condição de bicho, produtor de lixo, o que só se consegue com a cultura vocacional, sem nepotismo.

- O que é muito difícil – Ressalte-se.

- Difícil, no comportamentismo. Fácil, no *Sudismo*.

- Para se obter alguma coisa, nos meios públicos, precisamos, sempre, de um bom “padrinho” e a sua “benção” vem por intermédio de um cartão-de-visita, com a tradicional legenda: - “*Meu caro correligionário, peço atenderes ao portador, que é meu amigo e comunga do nosso ideal*”.

- Os correligionários, também, devem ser incluídos na lista dos repulsáveis.

- Não te entendemos. Disseste, sempre, que o *Sudismo*, em hipótese alguma, partiria para a retaliação, por que, então, isso, agora?

- Não sou político e nunca me candidatarei a cargo público algum; e, em nenhuma hipótese, concordarei com retaliações.

- Então, por que incluístes os correligionários na lista dos repulsáveis?

- Agora, sim, a pergunta é coerente e vou respondê-la.

- Gostaria, então, de merecer essa atenção.

- Como sempre disse, o *Sudismo* é um sistema de coordenação de conhecimentos e de informações, para o bem de todos. Ora, se nós sabemos que um correligionário é nocivo à universalidade, não podemos deixar de refutá-lo, evitando que os bons cidadãos o indiquem, para cargo público.

- Isso constitui procedimento reacionário.

- Pode parecer-vos que sim, mas eu comprovo que não. Senão,

vejamos: o próprio dicionário diz-nos que correligionário é o que comunga do mesmo ideal. Ora, nós, *sudistas*, não podemos, ter nas nossas cúpulas, quem se confesse capitalista, socialista, comunista ou conservador, em posição radical.

- Mas dizes que o *Sudismo* não discrimina as pessoas. Como entendermos, então, certos bloqueios?

- Os parlamentos comportamentais estão eivados de muitos ardis. Reparai bem que alguns políticos, pressentindo o esvaziamento da ideologia do seu partido, no conceito público, antes de terminar o mandato, debandam-se para outras agremiações. Reeleitos e já no parlamento, formam dissidência aos projetos dos que os acolheram, com o argumento de que isto ou aquilo prejudica os anseios do povo, o que não é verdade, porque, na sua concepção, sempre discordaram de tais objetivos e só estão ali, por conveniência própria.

- Isso é a pura verdade.

- Quem não conhece as artimanhas dos políticos?

- Alguns casam-se e descasam-se, só para manter o prestígio popular, o que nos comprova não amarem ou respeitarem quem quer que seja.

- É muito comum ouvir-se dessas criaturas: *“Afasto-me desta bancada, por incompatibilidade ideológica e profunda fidelidade ao meu eleitorado”*. Quem ouve, fica, até, comovido!

- Mas, se analisarmos a atuação de cada um, concluímos que, com pequenas exceções, nada fizeram pela causa pública.

- Nenhum faz coisa alguma. São todos charlatães.

- O Silva está certo!

- Se não se fizer o que o Silva propõe, quando o povo começar a usar a rosa-vermelha, na lapela, vão aparecer, logo, nas praças públicas, esses tradicionais políticos, com os seus discursos demagógicos, a confundir, até, os *sudistas* mais convictos.

- Parece-me que já estou a ouvi-los: *“O meu coração sempre teve a cor da rosa sudista e, pelo meu semelhante, nunca deixou de pulsar na assembleia nacional, para combater as injustiças sociais!”*

- Mas nunca viu os infelizes a mendigar pelas ruas.
- Os seus corações são, até, muito fortes!... Não se deixam abater por emoções. Podem ver tudo, que a tudo resistem, sem esboçar um gesto em favor dos desgraçados. O que visam é um bom vencimento, no fim do mês.
- Isso, quando se trata de um político modesto, porque os mais espertos só aprovam as moções, mediante uma boa propina.
- Por essa e por outras circunstâncias, é que nós, antes de contrariar o Silva, temos de pensar bem no que formos dizer.
- Ó Silva, gostaria, então, que, oportunamente, desenvolvesse uma discussão sobre a *repulsão sudista*.
- Em qualquer assunto abominável, nunca se fará movimento ruidoso, a não ser na última sexta-feira de cada mês, quando convocaremos os nossos adeptos a comparecer, em massa, para se comprovar à opinião pública o valor da nossa ideologia.
- E onde serão realizados esses movimentos?
- Nas sedes dos municípios, desfilando-se pelas principais ruas e avenidas, convergindo na praça central. Todos deverão usar uma rosa-vermelha, de tamanho natural, símbolo da alegria, do amor e da prosperidade, que poderá ser de plástico ou de outro material, para ser aproveitada em outras manifestações, sem se esquecer o olho divino, a fim de se evitar a infiltração de desordeiros. Os convictos deverão conduzir faixas, estandartes e dísticos com a rosa-vermelha, em tamanho maior, e as *tábuas sudistas*, bem como as frases e os pensamentos aqui proferidos, para todos se certificarem da pureza do nosso ideal.
- Sem propaganda, achais que o corpo-a-corpo é suficiente, para divulgar tão importante ideologia?
- Lembra-te, Silva, de que os políticos são muito astutos, podendo, de um momento para o outro, desfechar uma campanha difamatória, por todos os meios de comunicação, a ponto de qualquer *simpatizante sudista* ser apedrejado pelo povo.
- Podem ter essa ideia, mas não destruirão a minha mensagem. Eu estarei, sempre, ao lado dos *sudistas*, com o meu pensamento e a minha inspiração. E, quem age assim, viverá eternamente.

- E como te teremos, sempre, ao nosso lado?
- Pelo *SUDER*, que será a nossa hegemonia e a nossa voz. Por este meio, responderemos aos que nos afrontarem, indo ao âmago da verdade histórica, trazendo à discussão pública as suas efemérides e os seus conceitos. Respeitaremos todas as ideologias e os seus credos, mas não nos furtaremos a nenhum debate.
- Será, então, um jornal?
- Não será um jornal nem uma revista. Será uma publicação de folhas soltas, com páginas por assunto, com vinte e um centímetros de altura por quatorze de largura, compiláveis em volumes próprios e coerentes ao manuseio. As matérias serão da competência do Conselho Central da Póvoa de Varzim, inspiradas no meu pensamento, e, dali, irradiadas para o mundo, continuando-se a era da Universalidade, iniciada à zero hora do meridiano de *Greenwich* do primeiro dia do Inverno setentrional do ano gregoriano de mil e novecentos e noventa e nove. Todos os assuntos serão debatidos por pessoas da maior competência, para tanto convidadas, onde constará, também, a relação dos vultos contemporâneos, com o seu retrato, o nome completo, o código natalício, a recomendação e o “*curriculum vitae*”, facilitando-se ao povo a escolha dos melhores.
- Como as pessoas terão de fazer, para ingressar na lista dos vultos contemporâneos?
- O *Sudismo* nasce de células, pelas quais se divulga. A primeira é esta: Eu, o mestre, e vós, os discípulos. Cada um de nós tem de gerar outra célula e, assim, sucessivamente; mas, para iniciar a *divulgação sudista*, promoveremos uma sessão solene, no Teatro de Rates, para a qual convidaremos os poveiros mais ilustres, dispostos a aderirem a esta ideologia.
- Mas, se dizes que os comportamentistas são refutáveis, como convidar-se os poveiros mais ilustres, se alguns pertencem a agremiações políticas?
- Nada se constrói sobre alicerces de cristal. Chamá-los-emos ao nosso convívio, expondo-lhes a nossa ideologia, sob a qual, após adesão, terão de proferir juramento. Dali em diante, serão nos-

sos discípulos e terão todo o nosso apoio, para os cargos eletivos, a que se propuserem. Procedimento igual será adotado em relação a todas as aldeias, vilas e cidades de Portugal continental e insular, para, em seus domínios, plantarmos o *estandarte sudista*.

- Seria bom que nos elucidasses melhor sobre esse tema.

- Concordo convosco, mas, em conversa própria, trataremos disso. Agora, continuaremos a debater a matéria desta tábua, pois, em hipótese alguma, podemos afastar-nos da ética.

- Dá-nos um exemplo de Justiça Universal.

- Quando eu falo da Ética e da Universalidade, significa que, no *Sudismo*, tudo será resolvido de acordo com a vontade de Deus, implícita na crença e na tradição do povo. Senão, vede este caso: Beatriz, filha de pais modestos, era uma das mais lindas jovens da sua aldeia, portadora que era de dotes físicos congênitos. Com a juventude, vieram, também, os sonhos de mulher, pensando em ter ao seu lado um jovem, que, realizando-a, lhe desse os filhos, que, em seu íntimo, tanto acalentava. O tempo passava-se e, ao contrário das vizinhas, que namoravam um ou outro, ninguém de si se aproximava, inacessível que a julgavam. A linda jovem, olhando-se ao espelho, também achava que poderia valer um pouco mais, o que, em parte, a resignava, até chegar o seu pretendente. Como, nas aldeias, há aqueles rapazes, filhos de famílias abastadas, para os quais as donzelas modestas não passam de rodilhas, um destes dirigiu-lhe os mais falsos galanteios, com o qual iniciou um namoro, como todas fazem, por volta dos dezassete anos. Tudo corria dentro dos costumes, mas, como a intenção do rapaz era outra, tal dia chegou e nunca mais a procurou, passando a troféu das suas conquistas, com o qual se vangloriava perante os colegas. Como acontece nos pequenos meios, os boatos corriam de boca em boca, enquanto o pai protestava, a mãe chorava e a família abastada contratava advogado, para o que desse e viesse. Veio, em fim, o julgamento, mas o Juiz, ouvindo as testemunhas, subornadas pelo poder econômico e instruídas pelo causídico, convenceram o magistrado de que Beatriz não passava de uma leviana, negociadora do seu amor, como o fora a avó materna e a própria mãe. O resultado

não lhe podia ter sido mais nefasto, saindo dali difamada e sem o respeito que merecia. Ora, meus amigos, estas coisas acontecem, frequentemente, nas nossas aldeias, onde a virgindade ainda é o único dote das jovens humildes; mas, no *Sudismo*, não será um aventureiro barato, que lho roubará, porque, como vos digo sempre, nesta filosofia, prevalecerá a ética, com o seu cumprimento exigível por células e movimentos reivindicadores. Não poderemos evitar estes casos, pois a vítima continua a ser presa fácil do algoz. Mas a justiça será universal. Paralelo ao processo original, correrá outro, contra as testemunhas subornadas, provando a sua traição à verdade.

- Ó Silva, acho-te um gênio, ou melhor, um predestinado; mas, em questão de mulher bonita, quem as tiver, que as cuide, se não a coisa complica-se.

- Desde que o mundo é mundo, tentam os pensadores encontrar fórmulas, que disciplinem o convívio entre as pessoas, mas as desavenças proliferam até hoje, sem solução à vista.

- E o povo já consagrou a sua definição: “*O mundo é dos espertos!*”

- O que negligenciar, seja em que sentido for, presa se tornará.

- Nunca nos esqueçamos de que, pelo prazer, o homem torna-se predador de si mesmo, quanto mais da candura alheia.

- Eu gosto de vós, porque falais e vindes sempre ao meu encontro, para escutardes o que tenho a dizer-vos.

- A nossa admiração por ti está acima de tudo.

- E achamos, até, que, neste exemplo, como acontece sempre, tens a solução definitiva, só que nós ainda não a divisamos.

- Quereis, então, que eu disserte mais um pouco sobre o assunto?

- Gostaríamos! É sempre palpitante, em qualquer ocasião.

- Todos vós sabeis que, nos nossos dias, a virgindade vem sendo relegada, mormente nas grandes cidades, onde a mulher, por cultura, adquiriu comportamento semelhante ao do homem, desfrutando a voluptuosidade, sem se importar com o casamento convencional, pela segurança que a modernidade lhe oferece. Entretanto,

a jovem que define o coito para depois do casamento, está alertando aos que a desejam que, para si, virgindade é condição ética, não admitindo o labéu. Definido?

- Definido!...

- Bem definido – ratifique-se.

- Então, vamos dialogar mais um pouco sobre a matéria. Considerando-se os fatos e a impunidade dos autores, na maioria das vezes, é porque não há uma legislação adequada, para puni-los, ou, se há, é ineficiente. Como no exemplo dado, minúcias há que são de pouco valor para uns, mas, para outros, constituem o seu ideal. No *Sudismo*, os crimes contra a honra e o ideal classificam-se de complementares e, assim, julgados por tribunais específicos, com depuração testemunhal.

- Depuração testemunhal não é o mesmo que apurar se as testemunhas mentem ou dizem a verdade?

- É um pouco mais do que isso.

- Em que consiste esse pouco mais?

- No âmago da coisa, apurando-se todo o envolvimento das testemunhas e a causa da sua perfilação com o réu.

- Então, nada tem de ser feito, porque os juízes estão bem atentos a isso.

- Enganas-te! O que existe, nos tribunais, é a réplica e a tréplica, vencendo a parte, que melhor argumentação apresentar. E isto é o que encoraja os voluptuosos, pois, malograda a sua indiferença, contratarão quem bem arme a sua defesa.

- Dá tudo na mesma coisa.

- Não!... Não dá mesmo!... No *Sudismo*, estes casos, como disse, serão julgados por tribunais específicos, isto é, por mulheres, que melhor saberão avaliar o ultraje masculino. As testemunhas deporão por escrito, para o advogado da parte ultrajada promover o processo de depuração dos caluniadores, ficando o principal suspenso, até a conclusão do depurante. Se ficar comprovado que as testemunhas, arditosamente, mancharam a honra da queixosa ou tentaram ludibriar a ação da justiça, juntar-se-ão ao réu, para formulação de sentença, por solidariedade convicta criminal.

- Ó Silva, se tentarmos rebater-te, o assunto prolonga-se indefinidamente, mercê do teu poder de argumentação, mas o que queremos dizer é que isso já existe, embora não de forma tão categórica.

- Não!... Não existe!... Não me venhais com desculpas, porque não existe mesmo! Os tribunais ainda são o quintal dos advogados. A vítima formula a queixa e tem de rezar, para o seu patrono ser mais eloquente do que o do agressor, porque, se não for, o dano sofrido vai agravar-se com a desilusão da justiça e a humilhação da assistência favorável ao acusado.

- O Silva está certo. Os tribunais, de fato, pendem muito para o lado mais forte, que nem sempre é o que está com a razão. Não quero dizer que os juízes sejam passivos, mas sofrem a sagacidade dos causídicos, que, na hora final, apresentam contestações quase irrefutáveis.

- De fato, os tribunais são palcos de réplica e tréplica, onde, nem sempre, a justiça aparece.

- É como eu sempre vos digo. Temos de ser fortes, corajosos, audaciosos e incisivos. Quando alguém proferir uma palavra desairosa a nosso respeito, temos de agir, imediatamente, até o último recurso, a fim de que a retratação seja universal.

- Ó Silva, lá vens tu, outra vez, com o vocábulo universal. Estou cheio dessa palavra. Não aguento mais!...

- Não agentas, porque és um fraco!... Eu já vos disse, em certa ocasião, que, dos fracos, a História não fala. Já imaginastes se o pintor fosse um fraco? Quantos valores a Arte perderia!... Já refletistes se o cirurgião fosse um fraco? Quantas vidas deixariam de ser salvas!... Só os fortes impõem o seu valor.

- Pediste, aí tens!

- Com o Silva, ninguém fica sem resposta.

- Porque os argumentos são universais.

- Também já aprendeste?

- Ora, meu amigo, um dos conselhos que a minha avó me dava era de que dançasse, sempre, de acordo com a música, para não sofrer vexame no baile. E o ritmo, agora, compenetra-te, é universal.

- Ó Silva, tu estás empolgado, como mestre, e nós, como discípulos. Não nos estranhemos!... As tuas ideias são amplas e conduzem a Humanidade à Paz Universal. Disto, estamos convictos. Gostaria, apenas, que respondesses ao nosso amigo sobre o tema causador desta ligeira polémica. Diz o que significa isso, como só tu tens competência para o dizer.

- Todos sabem que o Direito, produto da sociedade, é instrumento da Justiça e da Advocacia. E, como todas as obras do Homem nunca alcançam a perfeição, está sujeito, sempre, a correções. A Justiça é imparcial e, desta forma, réu e queixoso, diante de si, são iguais, preferindo ouvir terceiros, para julgar. Entretanto, sendo a Advocacia interesseira e manipuladora, pode trair a imparcialidade da Justiça. É, por tal motivo, que eu chamo a Universalidade a imperar em todas as contendas. Foi também o que me levou a escolher a desfloração como exemplo, pois é um dos campos mais férteis às distorções dos advogados, não porque eu tenha motivo algum neste sentido, pois todas as jovens da minha família seguiram o seu ideal, sem molestações desta natureza. Refiro-me às cidadãs, que, nutrido esta pureza, são maculadas pelos libidinosos, que, neste mundo, tudo julgam poder fazer. E, quando estas vítimas, sem recursos, para contratar causídicos fluentes, recorrem à justiça, às vezes, são surpreendidas com títulos, que nunca lhes passaram pela mente e, deveras, constrangedores.

- Isso foi assim, é assim e será assim!

- Estás enganado!... Muito enganado mesmo!... Isto foi assim, é assim, mas será mudado!... Lembra-te, meu caro amigo, de que o Direito é uma das criações da sociedade, que mais deturpações sofre, nas suas andanças pelo tempo. Portanto, de quando em quando, terá de suportar correções, impostas pelo povo, para melhor desempenho.

- Acho muito difícil corrigir-se isso.

- Não é!... O homem é vítima das suas próprias criações, mas só até quando decidir não o ser mais. O homem instituiu o Direito, pelo qual, às vezes, é abandonado. O homem instituiu a Justiça, pela qual, às vezes, é condenado. O homem instituiu a Economia,

pela qual, às vezes, é empobrecido. Todavia, por tudo isto, não julgueis que estas instituições foram am vão. Não!... Pelo contrário!... São de grandeza tal, que os maiores pedestais, erigidos em sua homenagem, não fariam da sua magnitude. As instituições sublimam-se pelo seu desempenho.

- Tomando, então, a desfloração por tema, como é que a Beatrix teria de agir, para se prevenir contra a deturpação da sua personalidade, evitando um julgamento nefasto?

- Pedindo Justiça Universal.

- E isso seria o suficiente?

- Mais que suficiente. O homem cria os meios, para construir a Civilização, que o define, entre os demais seres, como o verdadeiro representante de Deus. O vocábulo universal implicaria no pedido de depuração de tudo, que, nos autos, fosse dito a seu respeito, com pagamento imediato da indenização preliminar de quatrocentos e cinquenta e cinco salários médios, por parte do acusado, que, desde logo, seria efetuado à queixosa, ficando, ainda, o patrimônio do réu e dos solidários convictos inalienável, para garantia da indenização complementar.

- E, se ficasse provado que tudo não passou de um ardil?

- Estamos a falar do Direito Universal, que o *Sudismo* conferirá à desflorada e não de hipóteses.

- Ó Silva, eu gosto de ti, pelo amor que demonstras pelo teu semelhante, sem preconceitos. Por ti, o mundo seria um paraíso, onde a felicidade dominaria, não permitindo que a dor e o sofrimento convivessem conosco. Mas não achas que colocas a mulher num pedestal inacessível ao homem? Lembra-te de que um foi feito para o outro e nenhum dos dois pode ser enaltecido, porque ambos são do mesmo barro, diferenciando-se, apenas, pelas carências côncavas e convexas, de igual teor.

- Sim!... E do côncavo e do convexo nasce a felicidade conjugal, sem a qual nada se realiza. Evidenciem-se, também, dois elementos preponderantes no convívio do homem com a mulher, como seres distintos: a evolução e o comportamento. Vemos que, no caminho da vida, a mulher vem muitos passos atrás. Será por fragi-

lidade física? Não creio, pois, quando chamada à procriação, comporta-se como um gigante, no amor e no desempenho. Por que, então, inferiorizá-la, se a sua convivência, quando solicitada, é afável e eterna. Ainda teria de sofrer as consequências da falsidade ou da violência. Sendo o amor o prêmio da criação, é preciso que a sociedade proteja um e contenha o outro.

- Parece-te, então, que a nossa civilização ainda não alcançou o clímax desejado?

- A nossa? Não!... Todas as civilizações, de que a realidade nos fala, haverão de transpor muitos obstáculos, pois o amor, o trabalho e o respeito são vias que nos conduzem a Deus; porém, para nos preservar do mal, deve a Justiça casar a delinquência com o castigo, para ambos acertarem-se, no panorama universal.

- Só acho que atribuíste punição muito pesada ao desflorador, se considerarmos que a mulher é, até certo ponto, mais leviana do que o homem, em face dos gestos e dos meios de que se vale, para seduzi-lo.

- Eu também acho que, na maioria dos casos, entre vítima e agressor, há sempre um grau de culpa de um e de outro, não cabendo só ao que agride a responsabilidade absoluta do ato.

- A rosa desabrocha, para nos deleitar com o seu perfume e encantar com as suas cores. O que a desfolhar, predador será. A ninguém se obriga acautelar a mulher bonita, mas ao admirador compete não tropeçar no seu corpo. Os caminhos da ética existem, para serem palmilhados por quem ama a vida e a liberdade.

- Parece-me que foste muito austero, ao atribuir ao desflorador a indenização de quatrocentos e cinquenta e cinco salários médios à vítima, mesmo antes de ser condenado.

- Sendo a advocacia artilosa, a Justiça Universal seria muito mais substancial à defesa, que, incerta da absolvição, valer-se-ia de todos os meios, para retardar, indefinidamente, o julgamento, forçando um acordo, menos oneroso.

- Mas ter de pagar, imediatamente, uma indenização igual a toda a vida laboriosa, é dose muito forte!

- Não há dano mais pernicioso do que a mutilação do ideal.

Um rapaz passa a constituir-lo, quando se julga apto a exercer o ofício da sua vocação. Já a mulher acalenta-o, desde os primeiros passos, ao acariciar a pequena fralda, chamando-a de *neném*. Nenhum insensato, para se satisfazer, ouse mutilar esta aptidão! Mas, quem se atrever a tanto, que a sociedade lhe imponha um custo muito caro.

- De fato, analisando-se bem, conclui-se que o Silva está certo.

- A Justiça Universal deve coordenar-se ao Direito Universal.

Se vamos juntar as testemunhas depreciadoras do conceito da queixosa ao réu, para, por processo secundário, as condenarmos em conjunto, por formação de quadrilha convicta criminal, teremos de obrigar o autor do dano físico ou moral ao pagamento imediato da indenização, para os eventuais processos suplementares não se constituírem em evasiva.

- Quer dizer, então, que, na Justiça Universal, quando uma testemunha depreciar o conceito do queixoso, o acusador deverá, desde logo, iniciar processo suplementar contra si, por solidariedade convicta criminal com o autor do delito?

- Quem se propõe a amenizar os efeitos do mal praticado, cúmplice é. A réplica e a tréplica são empolgantes, mas o *Sudismo* só permitirá a sua desenvoltura dentro da ética. E tudo o que for proferido no recinto, mesmo em sentido figurativo, será depurado, em toda a sua amplitude.

- Conclui-se, então, que o *Sudismo* preservará a integridade universal do indivíduo.

- E, para isso, deverão os cidadãos integrar-se em células sociais, com o objetivo de alcançarem os meios necessários.

- Sabe-se que os nossos jovens, quando vão para o exército, são espezinhadados, até, pelas famílias dos sargentos e dos oficiais, obrigando-os a desempenhar tarefas domésticas, sob a vil rubrica de impedidos.

- Muitos desses rapazes pertencem a famílias bem posicionadas e sofrem, com isso, profundo constrangimento.

- Esse procedimento ainda é resquício do totalitarismo. Todos nós, com pequenas exceções, sabemos, por experiência própria,

que os sargentos e os oficiais, ao ingressarmos nas forças armadas, dão-nos tratamento muito degradante.

- Mas isso não é de se estranhar! O abuso dos que dispõem de um pouco de autoridade ou prestígio é patente em todos os setores da administração comportamental: é o padre, que nos trata por leigos, que nada mais é do que chamar-nos de trouxas na própria cara, ameaçando-nos, ainda, com o fogo eterno do Inferno; é o político, que só sorri para nós, em época de eleição, e manda-nos espancar e deter, quando reclamamos o que nos foi prometido na campanha eleitoral; é o próprio regedor da freguesia, que só prende pobre, porque abastado é seu compadre, com o qual bem se entende. Enfim, essa gente anda por aí, a pintar a manta, em vez de estudar as soluções para os problemas do povo.

- E, se o povo não se organizar, como nos aconselha o Silva, o mundo continuará a ser um palco de falsidade, de injustiça e de violência.

- E salve-se quem puder, porque políticos e clérigos gostam mesmo é de leigos. Penetrai no seu ambiente e vereis se não é o que eu vos digo.

- Acho que poderíamos partir para outros assuntos, porque este ligeiro diálogo já nos deu uma noção do Direito e da Justiça Universal. Quanto ao dinheiro e à Solidariedade Cívica Universal, também já foram explanados, nas conversas anteriores.

- Que tal discutir-se, agora, os poderes universais coordenados?

- Por mim, não. Eu gostaria que o Silva ainda me dirimisse algumas dúvidas.

- Isso é perfeitamente compreensível. Estamos a debater a tese da governação universal e, quantas mais elucidações, melhor para todos nós.

- Todos sentem, na própria carne, quanto custa a formação de um património doméstico ou empresarial. No entanto, uma pequena catástrofe pode converter o esforço de muitos anos em desgraça ou desalento. A Solidariedade Cívica Universal também prevê recurso, para isto?

- É claro!... O cidadão é o que é perante a pátria. O *Sudismo* não quer desgraçados no mundo. Portanto, os prejuízos causados por qualquer convulsão natural ou ideológica, para os quais não haja cobertura no mercado segurador nacional, serão ressarcidos, de forma que cada um readquira a sua posição anterior à do evento.

- Essa reposição seria processada como?

- As regiões assoladas serão avaliadas por uma comissão, constituída de um terço de cidadãos locais, para melhor definição dos prejuízos individuais ou coletivos, e de dois terços de cidadãos de outras províncias, para zelarem pela seriedade dos trabalhos. Concluídos, o relatório será encaminhado ao Conselho Econômico, que, com o orçamento de emissão extraordinária, o submeterá à sanção do Conselho Superior, sendo as notas de cor diferente, com a legenda “*Catástrofe de...*”, obedecendo ao mesmo prazo de circulação das emissões comuns, com a abertura dos respectivos créditos, para ninguém ficar prejudicado.

- Esse subsídio dilui-se no prazo de dez anos?

- Perfeitamente. Mais alguma coisa, para esclarecer?

- Parece que não. Aparentemente, todos estão satisfeitos com as informações prestadas.

- Há um assunto muito importante, que eu esperava ser lembrado por algum de vós, mas, como ninguém o fez, vou dispensar-lhe um ligeiro diálogo.

- Qual é?

- A morada!... Problema social muito sério!

- Muito mais sério do que se pensa!

- Também vai ter solução, no *Sudismo*?

- Solução universal, por incrível que vos pareça.

- Esse *Sudismo* é mais do que mãe!...

- Não é mais do que nada!... *A pátria sudista* é que será mãe divina! Com a fé em Deus, que é pai, e a veneração da Pátria, que é mãe, o Homem deixa de ser órfão na face da Terra. Já vistes algum filho, na medida do possível, não ser atendido pelo pai e agasalhado pela mãe?

- Ó Silva, essa tarefa não vai ser fácil!... Será preciso muito dinheiro, para executá-la.

- Algum de vós já se dispôs a andar, a esmo, por essas aldeias e apreciar as propriedades, que, por lá, existem? Algum de vós já avaliou o crédito de um comerciante, tido como bom proprietário? Os fornecedores abarrotam de mercadorias o seu estabelecimento, sem lhe exigir qualquer abonação. Assim são os portugueses!... Donos de um país, cujo valor todo o empreendimento garante. É só elegermos governantes conhecidos, idôneos, laboriosos e probos.

- A morada sempre foi uma briga entre cão e gato. O senhorio acha que ganha pouco e o inquilino, que paga muito.

- E, por incrível que nos pareça, ambos estão com razão: O senhorio, por não receber o correspondente ao rendimento do capital empatado no imóvel; e o inquilino, por esvair-se na residência grande parte do seu poder aquisitivo, sem retorno. Quem aluga um bem, tem o direito de receber o equivalente ao juro do capital empregado, acrescido do ônus e da taxa de depreciação, pois a ninguém se deve impor o sacrifício de trabalhar, economizar e investir, para perder. Os parlamentos, que legislam em contrário, são insensatos, pois, num período bem mais curto do que se possa imaginar, tal incoerência manifestar-se-á na ausência de moradas condignas. Por outro lado, o inquilino, que assiste ao financiamento de empreendimentos, pergunta, com razão: - *“Por que não se financiar, também, a minha casa, que, embora modesta, sou, igualmente, cidadão português?”*

- Esses financiamentos já existem.

- Mas não no *modelo sudista*.

- O *modelo sudista* prevê o crédito da casa própria, durante trinta e cinco anos, para facilitar ao adquirente residência condigna. O seu custo, cotejado ao ouro, compor-se-á da quota do terreno, do material aplicado na construção, do ônus administrativo e do lucro empresarial, não sendo permitida verba de mão de obra, por estar implícita na distribuição equânime e meritória da renda nacional. E o devedor quitá-la-á em quatrocentas e cinquenta e cinco parcelas iguais e sucessivas, sem juros, acrescidas, apenas,

das multas, pela inobservância das datas dos seus vencimentos. O empreendimento das construções poderá ser cooperativo, ficando, neste caso, o seu custo isento do lucro empresarial.

- Nesse critério, a aquisição da casa própria, ao gosto da gente, é quase uma sedução.

- Isso parece mais um sonho do que um plano de construção habitacional.

- Tudo vos parece estranho, porque estais habituados com governos comportamentais, em cujas gestões todas as vantagens são conduzidas para os correligionários, sem se considerar as carências do povo e os anseios dos que não se perfilam em tal corrente política, gerando uma distribuição de renda injusta, materializada nas fortunas acumuladas no período. É, por isto, que se vêem, durante as campanhas eleitorais, alguns investirem tudo nos seus candidatos, porque a recompensa será, por demais, considerável, através de facilidades operacionais e de favores no universo político, o que, bem aproveitado, fazem de um pobre um remediado tranquilo. Já o *Sudismo* promove a Solidariedade Cívica Universal, dentro da qual se financia a casa própria, por período igual ao da laboriosidade do cidadão, que é de trinta e cinco anos, pois, logo no primeiro dia de trabalho, as pessoas adquirem o direito de lograr o que só se alcançaria após longos anos de atividade.

- O que o comportamentismo faz, é para poucos, enquanto o *Sudismo* universaliza, o que, de fato, parece mirabolante.

- Porém, não é. É real e justo. As correntes políticas procuram locupletar-se na gestão, que, via de regra, é de quatro ou de cinco anos. Durante tal período, todos os correligionários buscam as maiores vantagens possíveis, por não saber se, findo, conseguirão manter-se no poder. Já o *Sudismo*, de âmbito universal, fixa todas as metas em setenta anos, duração da vida humana, revistas a cada década. E, desta forma, não terá fim o seu objetivo, garantindo a felicidade de todos, salvo aos que contraírem males, para os quais a cura ainda não esteja ao alcance do conhecimento humano.

- Temos de nos munir de bons argumentos, para não sermos ridiculizados pelos adeptos do comportamentismo.

- Heis de ter, sempre, argumentos convincentes, porque o povo, mesmo em seu benefício, desconfia de tudo e de todos.

- Ó Silva, tu não pretendes, mesmo, concorrer a algum cargo público?

- O que eu tinha de fazer na vida, já o fiz. Agora, passo o tempo a conversar convosco, aproveitando o ensejo, para transmitir ao povo, por vosso intermédio, a mensagem do novo milênio, certo de que, com este ideal, a Humanidade trilhará caminhos adversos aos do sofrimento.

- Quando queres despertar a nossa inteligência para o assunto, contas uma pequena história e, assim, vais-nos catequizando. Não poderias contar mais uma, agora?

- Não há necessidade, pois os planos, que apresento, situam-se no mundo da Solidariedade e quem não conhece os seus resultados, que tanta alegria proporcionam?

- No momento, não divisamos esse mundo da Solidariedade, que dizes ser tão benéfico aos seus participantes.

- A imperceptibilidade é que faz com que as pessoas não aproveitem as oportunidades, com que se deparam durante a vida, continuando à mercê dos exploradores. A cada passo, devemos olhar ao redor, para avaliar o que o mundo nos oferece.

- A culpa não é minha nem dos meus pais. A minha imperceptibilidade é congênita e, sem a ajuda de um amigo, não consigo interpretar o que está na frente do nariz, quanto mais o que se passa ao redor.

- Dois!...

- E alguns mais, a julgar por mim.

- Então, nenhum de vós conhece as companhias de seguros, que assumem o compromisso de indenizar grandes prejuízos, mediante o pagamento de prêmios irrisórios, só porque atuam, de forma muito correta e sem mistérios, no ramo da previdência? Respondei-me, com sinceridade, quantos anos levaria um proprietário a repor à sua seguradora a indenização recebida pelo incêndio total da sua casa, com o prêmio pago anualmente? Não precisais de responder! Eu digo-vos, desde já: mil anos!

- Mil anos?!
- Sim!... E, pasmai, em certos casos, dois mil! E, nem por isto, as seguradoras deixam de ser as empresas, que melhor remuneram os seus colaboradores e maiores dividendos distribuem pelos acionistas. É o milagre da solidariedade preventiva, combinado com a administração eficiente. Ainda achais muito trinta e cinco anos, para a pátria receber do cidadão o valor da casa creditada?
- Comparados com os mil, é mais que irrisório.
- E, nos prêmios das seguradoras, está incluído o custo operacional e o lucro empresarial.
- Éh! Silva!... Os teus argumentos são irrefutáveis!
- E digo-vos mais! Não... Não digo... Garanto!... Com os pés no chão, a fé em Deus e a veneração da Pátria, o Homem, com o Civismo, com a Idoneidade, com a Probidade, com a Laboriosidade e com a Solidariedade, construirá, para si e para os vindouros, o paraíso prometido, sem se submeter aos grilhões dos jugos comportamental ou conjetural.
- O alento, que nos transmite, é sublime!
- Quem conhecer o meu pensamento, jamais dará guarida a comportamentistas e a conjeturistas, porque eu não vim para competir, e, sim, para vos livrar da miséria, da ignorância, da incompreensão, da iniquidade e do nepotismo, seus instrumentos de subjugação. Lembrai-vos de que o raciocínio, com a iniciativa e a solidariedade, cria novos mundos.
- Agora, comprovado o valor do Direito, da Justiça e da Solidariedade Cívica Universal, disserta sobre os Poderes Universais Coordenados, a fim de nos cientificarmos, também, da sua magnitude.
- Estamos a chegar a um grau de convicção, que, brevemente, convenceremos o Silva a aceitar uma posição de destaque na vida nacional, para todos os portugueses conhecerem-no e admirá-lo.
- Não quero ser conhecido nem admirado. Quero, apenas, que vos compenetreis da viabilidade da minha mensagem e lhe sejais fieis, dentro dos princípios da Ética, da Justiça e da Universalidade, para todos os povos verem, nos portugueses, um padrão de

bem-viver, livre de opressões conjecturais e de engodos comportamentais. Quando todos – abastados e pobres, válidos e inválidos, homens e mulheres, velhos e crianças – receberem o salário de subsistência, cientes de que é um direito do cidadão, vamos, então, ser lembrados, com muito carinho, porque as pessoas buscam saber, sempre, a origem de tudo, embora finjam indiferença. E, nessa altura, vão querer saber onde nos reuníamos, para chegar a tão benéfica conclusão.

- Vamos partir, agora, para os poderes universais coordenados?

- Há pontos que ainda deveriam ser mais debatidos, como o Dinheiro, o Direito, a Justiça e a Solidariedade Cívica Universal. Já quereis partir para outras matérias?

- Para a frente é que se anda. Vamos tratar de outros assuntos inéditos.

- Não faltará tempo, para se conversar sobre o dinheiro e recordar o que ficou para trás; mas, agora, precisamos de debater outras coisas, a fim de se enriquecer o *universo sudista*.

- Vamos, então, dissertar um pouco sobre os poderes universais coordenados.

- Logo no início das nossas conversas, disseste que o comportamentismo deveria ser substituído pelo poder universal. Como interpretar-se, agora, a terceira tábuas, onde, no quarto mandamento, impões os poderes universais coordenados?

- Gostei da tua advertência. Mostras que estás atento à desenvoltura da *ideologia sudista*. Naquela ocasião, condenei o poder, no âmbito comportamental, acusando-o de ditatorial e de opressor das facções adversas. Esta condenação continua, por incompatibilidade com o *Sudismo*, pois não se pode aceitar o predomínio de alguns em detrimento de outros. Quero, também, cientificar-vos de que as três tábuas, já divulgadas, poderão desaparecer no *catecismo sudista*, com a sua matéria diluída em outras, mais específicas.

- Para mim, poder é, sempre, uma força opressora sobre o cidadão, obrigando-o a cumprir algo, a que não pode eximir-se.

- E não é a mudança de designação, que lhe vai dar maior acolhida, porque todos só lhe obedecem, quando não conseguem escapar da sua ação.

- Da minha parte, não proponho discussão com o Silva, pois, a julgar pelas vezes anteriores, sei que, na sua mente, o assunto já está equacionado.

- Gostaria, então, que todos aguardassem a sua explanação, para se conhecer a amplitude dos poderes universais coordenados.

- Se for vontade de todos que eu prossiga com tal dissertação, início, então, as primeiras pinceladas: No comportamentismo, há, apenas, três poderes – Executivo, Judicial e Legislativo -, com o agravante do poder judicial conformar-se ao executivo e ao legislativo, pois, sendo a sua cúpula indicada por estes dois, nunca os poderá contrariar. E, quem sofre com isto, é o povo, caracterizando-se, assim, o instinto ditatorial, porque, não havendo justiça soberana, não há democracia plena.

- De fato, os nossos juízes superiores não são indicados pelo povo.

- E, não o sendo, gratos têm de permanecer a quem lhes conferiu tão elevado cargo.

- É uma justiça laica, que não pode alhear os interesses do amo.

- O cidadão, investido de poder, só o poderá exercer, plenamente, com o pensamento no povo e na democracia.

- Atuações diferentes são reconhecimentos de favores.

- Os favores e os patrocínios, muito em voga nos meios políticos, são os vermes mais perniciosos da vida nacional.

- O patrocínio é o germe da corrupção, da demagogia, da sonegação, da degradação e de outros males, que tanto afligem a sociedade.

- O assunto em discussão é os poderes universais coordenados, oponentes dos três poderes comportamentais, para o bem da Humanidade. Portanto, não desviemos a atenção do Silva, com matéria secundária, para não se perder tempo.

- Nesta ligeira pincelada, ficou demonstrado que, sem se en-

trar no mérito dos sistemas presidencialista ou parlamentarista, a rigor, existem, apenas, dois poderes – executivo e legislativo -, uma vez que, provindo a cúpula judicial da indicação de um destes dois, falta-lhe caráter independente, subordinando-se, pragmaticamente, aos interesses da facção governamental.

- Não resta a menor dúvida de que, pela explanação feita, os magistrados superiores, por uma questão de coerência, serão consonantes com o complexo governamental.

- Logo, de si, não se pode esperar decisões independentes. E, assim, dificilmente, se obtém sucesso em ações intentadas contra o Estado.

- E as iniquidades por aí vão, ao sabor da corrente política vigente, sem se observar que as decisões judiciais superiores são a aglutinação das vontades executiva e legislativa.

- É gente da mesma gente, para melhor se definir.

- Sem dúvida. Está claro que os magistrados superiores, não sendo eleitos pelo povo, não podem contrariar os interesses de quem os indicou para tão relevante cargo, ratificando-se, assim, a tese levantada pelo Silva, de que os governos comportamentais são, efetivamente, ditatoriais, porque a justiça, ao contrário do dito popular, terá de ver bem para onde pendem as suas decisões.

- Deixemos, então, o Silva prosseguir com as suas explicações, porque, certamente, ele já terá a fórmula própria, para cortar os liames, que unem a Justiça ao Poder Executivo.

- Não só da Justiça, como de todos os demais poderes.

- Não são somente três poderes? Dois são eleitos pelo povo, aos quais a Justiça se subordina, não proferindo decisões independentes, pelo seu vínculo comprometedor.

- É só estabelecer-se o sistema de eleição para a Magistratura Superior e o assunto estará resolvido.

- Achais que sim?

- Pelo menos, na nossa forma de ver, os três poderes ganhariam foro próprio, eleitos que foram pelo povo.

- Então, poder executivo, poder judicial e poder legislativo, parece-te que é o bastante?

- Sempre foi assim, em todas as nações do mundo.

- Até quando alguém se propuser a curar os males da Humanidade, seguindo os passos dos pioneiros da cirurgia, que, em desafio análogo ao nosso, para tratar as doenças físicas, enfrentaram os tabus da época: abriram o corpo humano, estudaram os seus órgãos e, conseqüentemente, as terapias, que se impunham ao sofrimento, que os afligia. Nunca espereis solução efetiva de quem vê a coisa superficialmente, porque, não tendo competência para ir ao seu âmago, não poderá emitir receita adequada. Os governos vigentes em todo o mundo são, por demais, arcaicos. Perguntai aos doutos da Medicina a perseguição que os pesquisadores de outrora sofreram, para explicar as causas por que o corpo humano adoecia, quando a cura só era admitida por milagre, alcançado por benção ou oração, comparando-a com a tortura ainda imposta aos pensadores contemporâneos, pelas suas ideias, que, bem desenvolvidas e equacionadas, poderiam sanar todos os males sociais.

- Os pesquisadores, a que te referes, quando denunciados, eram excomungados e lançados, vivos, na fogueira, em nome de Deus!

- E coisa semelhante ainda acontece, hoje, aos ideólogos, em algumas partes do mundo: encostados ao paredão e fuzilados, sem se observar o teor da sua mensagem. E, mais tarde, quando uma partícula da sua sabedoria supera a adversidade, ergue-se-lhe, em praça pública, um busto, em bronze, com a singela legenda: - *“Ao Mártir do Saber e da Liberdade”* -, seguindo a Humanidade a trajetória do sofrimento, sob o auspício da ignorância.

- Pois é!... Deduz-se, então, que os poderes, como fizeram os pesquisadores da Medicina, serão decompostos, para avaliação, objetivando-se um melhor desempenho social.

- Sem dúvida!...

- O Silva está certo. Não podemos, mesmo, continuar a ver o governo como um atleta, disposto a correr a maratona, de quatro em quatro anos, da mesma forma que os ancestrais o fizeram.

- Os tempos, agora, são outros. A par da administração implícita, temos de constatar a sua competência e exigir-lhe a concilia-

ção das suas faculdades, em prol do bem geral.

- Disserta, então, Silva, sobre esses poderes, para continuarmos a escutar-te, porque, pelo jeito, ainda temos muito que aprender.

- Os governos de hoje, ainda são uma pálida sombra das monarquias de ontem, nas quais o rei exercia o poder absoluto, tendo, apenas, alguns nobres da sua confiança, para o ajudarem na parte administrativa, e conselheiros ponderados, para contornarem os castigos infligidos ao povo. Esta preponderância evoluiu para os três poderes, mas ainda estamos longe de alcançar o objetivo social, reclamado pela Humanidade. Como os reis, os chefes de estado também são prepotentes e injustos, atendendo só aos amigos; e os parlamentares, como os nobres ancestrais, de competência medíocre, no que concerne à resolução das carências do povo, para não se falar dos juízes, que ainda não podem contrariar o seu senhor.

- É a sequela da origem.

- Nutrida pelo povo, por não acolher novas ideias.

- As ideias flutuam de mente em mente, mas todos receiam externá-las ou segui-las. E, assim, nada se modifica.

- Não queremos tirar o poder dos que o detêm. Pelo contrário, desejamos que todos se mantenham na posição alcançada, mas que a exerçam de forma honrosa, para si e para o povo.

- Eu acho que o que mais contribui para a estagnação social é o comodismo popular. Ninguém se interessa em imaginar como seria a sociedade, se todos pensassem em formular procedimentos, para o seu bom desempenho.

- É o que o Silva tem feito, no decorrer das nossas conversas.

- Para a *doutrina sudista* ir ao encontro do povo, é preciso que, em vez de conversar, ouçamos o que ele tem a dizer-nos sobre os poderes universais coordenados.

- Escutemo-lo, mais uma vez.

- Viu-se, então, como funciona o poder comportamental, com uma perna atrofiada, que não oferece firmeza à Justiça, para olhar ao redor.

- Enquanto a Justiça não tiver base própria, não haverá uma

sociedade justa.

- Fica tudo à mercê dos poderosos e, assim, todos sofrem, até os próprios poderosos.

- No meu entender, não existe poderosos. O que existe, na minha forma de ver, é, apenas, uma minoria interessada nas coisas públicas e a maioria alheada.

- E, quando todos olharem uns para os outros, concluindo que os assuntos nacionais não são conduzidos a contento, decidirão, simplesmente, coibir os abusos.

- Impõe-se, portanto, como medida preliminar, a vigilância geral.

- Todos têm de se conscientizar de que nenhum cidadão é superior; e as decisões só nos interessarão, se nos atingirem em circunstâncias idênticas. Em caso contrário, terão de ser anuladas, para se observar a coerência.

- O poder comportamental é contraditório, porque o povo, distante, não participa das suas decisões.

- Concordais, então, comigo de que o poder não pode continuar a morar em palácio. Gostei da vossa conclusão. Um amigo, para visitar outro, precisa de contar com a acolhida dos seus familiares, pois, de outro jeito, quando bater à sua porta, não será anunciado. Por outro lado, o que quiser receber bem, não poderá confiar a recepção a outrem e, sim, estar atento a quem chega, pois, só desta forma, receberá quem o procura. Dentro deste princípio, é que eu vejo o poder, na *era sudista*. Será universal, por estar próximo de quem, consigo, quiser dialogar; coordenado, porque, ouvindo uns e outros, saberá organizar-se, sem prejudicar este ou aquele.

- Essa propagação não será fácil de implantar.

- Sim!... Concordo!... Tem de haver, sempre, um conhecimento relativo. O poder, tal como se apresenta hoje, é um bloco motriz, com carcaça palaciana. Para se eficientar, terá de romper tal carcaça e estender-se pelas cidades, vilas e aldeias, para todos, vendo como funciona, certificarem-se das maravilhas, que pode produzir, e dispensarem-lhe um pouco da sua atenção, para nunca se embarçar.

- Espera um pouco, Silva!... Vê se entendi: universal, porque rompe a carcaça palaciana, dispersando-se pelas cidades, vilas e aldeias; coordenado, porque só funciona com o interesse mútuo, sem discriminar classes, jurisdições ou pessoas.

- Perfeitamente!

- Mas, para o poder universal estar entre nós, rurais ou urbanos, e não plantado em Lisboa, como é atualmente, impõem-se reformulações profundas.

- Poderias expô-las, Silva?

- O *poder sudista* será totalmente diferente do poder atual. Sabemos que o poder das nações resume-se em três áreas: legislativa, executiva e “judicial”, entre aspas.

- E, no *Sudismo*, não será assim?

- Não. O *poder sudista* existirá, para administrar a nação, de acordo com as carências individuais. Todos terão liberdade, para expandir a sua capacidade, e ninguém terá padrão social inferior ao estabelecido oficialmente.

- E qual será o padrão oficial?

- O suportado pelo salário de subsistência, complementado com a assistência jurídica, psíquica, médica, odontológica, cirúrgica e didática, prestadas, gratuitamente, a todos, sem qualquer distinção, desde que a tais benefícios recorram.

- Mesmo aos abastados? Não é só para os de menor poder aquisitivo?

- No *Sudismo*, não haverá pobres; e os abastados poderão sê-lo todos, na medida do possível, de acordo com a sua capacidade laboriosa, desde que a desenvolvam eticamente, pois a pátria oferecerá condições, para cada um habilitar-se ao seu ideal.

- Isso entende-se perfeitamente. Ninguém pense que o abastado é feito de outro material, que não o do cidadão comum. O sujeito, para prosperar, impõe ao seu quotidiano um regime austero, desde o social ao físico e, até, ao perimetral: privando-se de muitas coisas, no início da sua vida laboriosa, procura o sucesso, às vezes, em plagas longínquas.

- É a pura verdade. Quantos se arriscam a ir para lugares dis-

tantes, sem saber o que lá os espera!

- E outros, mal alimentados, só se dedicam ao trabalho, para alcançar o objetivo.

- Mas o pior de tudo é que, quando o alcançam, os que não tiveram coragem de fazer o mesmo, valem-se logo do velho chavão: - *“Ficou rico, é porque roubou! O meu dinheiro não dá para nada, quanto mais para enriquecer!”*

- A imbecilidade anda por toda a parte e tem percepção inconsciente.

- Ó Silva, eu aprovo, plenamente, a tua ideologia, mas temo que, por seu intermédio, façamos de Portugal um amparo de ociosos e de vagabundos.

- Eu também. Parece-me que já estou a ver alguns tipos, bem característicos, a proferirem, altivamente: - *Hum!... Trabalhar, para quê?... Tenho o suficiente para viver!... Não sou ambicioso!... Quem quiser ficar rico, que fique, mas não à minha custa!”*

- Parece que não acreditais em Deus, senão, não diríeis uma coisa dessas. Desde quando os preguiçosos tiveram vez em algum plano? Lembrai-vos de que tais indivíduos são refutados pela sociedade e a justiça nunca deixará de os olhar em todos os ângulos, para lhes aplicar a punição certa. A ociosidade é o maior crime, que se pode praticar, pois é a base de toda a delinquência. A jornada é um dever cívico, no *conceito sudista*, de cujo cumprimento só ficará dispensado quem a autoridade competente o julgar. Ao atingir a idade laboriosa ou sempre que ficar inativo, o cidadão terá de se inscrever no departamento específico da sua jurisdição, como disponível. E três recusas sucessivas ao cargo indicado, levá-lo-á à condição de refutável, com as implicações cabíveis.

- Conversa vai... Conversa vem... E fomos desviando a atenção do Silva do assunto principal.

- Que assunto principal? A tônica do Silva não é o *Sudismo*?

- Mas, agora, é a vez dos poderes universais coordenados e a conversa desviou-se do tema.

- Está tudo certo. O que foi dito, até agora, é correlato.

- De fato, está tudo dentro da matéria.

- Eu ainda quero perguntar ao Silva mais alguma coisa, a respeito da jornada. Sabemos que a atividade é um bolo, do qual nem todos conseguem a sua fatia. E os que, por qualquer circunstância, não a conseguirem ou por ela não se interessarem, serão classificados como ociosos?

- Não!... É muito oportuna a tua pergunta. No tempo da nossa infância, eram poucos os caminhos abertos às vocações. Os rapazes de famílias mais abastadas iam para o seminário ou para o liceu, estudar para padre ou doutor, e os outros ingressavam na lavoura ou aprendiam uma profissão, mas nem todos deram padres ou doutores, por falta de inclinação. Não obstante as frustrações, os que por lá andaram, sempre alcançaram posições compatíveis com o grau de cultura adquirido, o que nos mostra que a sociedade, mesmo não organizada convenientemente, não é tão injusta como se pensa, pois, quem se instrui, cedo ou tarde, colhe o fruto do seu esforço. Em outras palavras, a sociedade sabe muito bem avaliar a situação de cada um.

- Isso não acontecia só com os aspirantes a doutores ou a padres. Há alguns, entre nós, que aprenderam profissões, as quais nunca exerceram.

- No entanto, estão habilitados a praticá-las, se as circunstâncias o exigirem.

- É verdade. Eu mesmo aprendi a profissão de alfaiate, mas, depois do casamento, o patrimônio da minha mulher exigiu que eu a abandonasse, para administrá-lo. Mesmo assim, quando o inverno chega e zoa a carvalheira, gosto de passar o tempo no meu quarto-de-trabalho, que nunca desmantei, a confeccionar o meu fato novo para a Festa-dos-Passos. E, de vez em quando, faço, também, uma roupa, ao meu gosto, para a Teresa.

- Para a Teresa?!

- Olha!... Está perdido, em Rates, um gênio da alta-costura!

- Com gênio ou sem gênio, o que eu vos posso afirmar é que ela gosta bem das roupas feitas por mim. E mais vaidosa fica, quando as amigas perguntam-lhe onde as comprou.

- E ela não diz?

- O que se passa entre nós dois é segredo de estado e as paredes não o revelam.
- Podem não revelar, mas os *diálogos sudistas* registrá-lo-ão.
- Registrarão o quê? Para essa engenhoca!... Desgrava essa parte!... Conversas particulares não se juntam à *matéria sudista*.
- Nada disso!... Está definido, entre nós, que tudo o que, aqui, for dito, será compilado. Fará parte das nossas conversas e das nossas discussões.
- Sim!... Para mostrar que os *apóstolos do Sudismo* são iguais a todos e fazem tudo por amor.
- Muita conversa!... E o tempo vai passando, sem o Silva dissertar sobre os poderes universais coordenados.
- E qual o prejuízo nisso? A nossa vida está ganha. O que tínhamos de fazer, já o fizemos. Agora, o que nos resta de agradável são estas conversas descontraídas, entre nós.
- Mas não estamos a discutir uma nova ideologia, que pode trazer grandes benefícios à Humanidade?
- Estamos!...
- E por que não se prossegue com o assunto, de forma definitiva?
- Porque os assuntos, quando tratados de forma abstraída, são mais assimiláveis.
- Se o Silva quisesse, escreveria um pequeno *tratado sudista* e lançava-o em todas as livrarias do país.
- Mas nem todos o iriam ler. Há muitos livros de grande valor, que ficam, mesmo, esquecidos nas estantes das livrarias ou das bibliotecas.
- É, por isso, que os grandes reformadores criam o seu apostolado, pelo qual difundem as suas ideias.
- E, nisso, o Silva age, rigorosamente, certo. Nunca falta às reuniões, nem nos satura com a matéria.
- E onde é que ele aprendeu isso? A ninguém mais ouço essas teorias! Tudo o que ele nos diz não passará de ideias vãs?
- Os ideólogos surgem do povo, para lhe dar nova orientação, e as suas ideias são, sempre, renovadoras. Felizes os que as aco-

Ihem!

- Sei lá!... Acho que está na hora do Silva começar a expor os poderes universais coordenados, de fio a pavio, para vermos o chão, que temos de pisar.

- Essa curiosidade é o que o Silva desperta, sempre, entre nós, para melhor assimilarmos a mensagem.

- A coisa está a ficar monótona. Melhor seria, se cada um começasse a contar os seus casos.

- Hum!... Agora, entendi!... O Silva estava à espera deste petisco!...

- Do paladar ou do olhar?

- Dos dois!...

- Quem não entende as dissimulações de um e de outro?

- Deixa para lá!... Senão, o Aguiar termina por despedi-la e acaba-se a inspiração do Silva.

- Por mim, se as coisas acontecerem e as consequências advierem, eu sou, até, o padrinho.

- Ela é solteira e bem merecedora de muito carinho.

- E o Silva, como bom conversador, que é, por certo, não perderá as oportunidades.

- É capaz, até, de convencê-la de que veio, por ordem de Deus, para a conceber.

- Estais a ficar bem onzeneiros. Quem diria!

- São os ensinamentos do mestre, meu caro!... Ele não nos manda analisar o âmago da coisa? Então!... É o que estamos a fazer. Reparámos bem no olhar entre os dois e na iguaria, que vem, sempre, separada.

- Sem deixar de observar o jeitinho, com o qual ela lhe entrega o copo.

- São minúcias da delicadeza feminina.

- Que assim seja, para felicidade de quem as logra!

- Eu só acho que, por este ambiente, deveriam perambular outras coisinhas semelhantes a esta, para tonificarem as nossas pálpebras.

- Brevemente, a filha do Aguiar estará de férias e é provável

que também passe, por aqui, alguns momentos.

- Alguns momentos, não!... Que nos proporcione uma feliz convivência, pois, a pesar de não ofuscar os dotes da Rosalina, é, também, um belo exemplar feminino.

- Nem o tempo vos conserta.

- E a ti consertou?... Qual de nós não entorta o olhar, quando passa uma saia?

- Tens razão. O fabricante não altera o recheio, mas, em compensação, o cliente nunca o rejeita.

- E a oferta nunca supera a procura!

- Sois bem mexeriqueiros!

- Sois? Não!... Somos!... Ou tu pensas que és de barro ou santomino de pau oco?

- Bem... Com esta gostosa merenda, os ânimos reacendem-se e vamos, então, continuar com as nossas conversas.

- Que, de maneira alguma, serão mais agradáveis do que as mantidas, entre nós, neste pequeno intervalo.

- Eh!... Pode-se saber o assunto?

- Nada demais. Recordando-se, apenas, as coisas boas da vida.

- As recordações têm, também, o seu lado positivo.

- Se têm!... O pessoal que o diga.

- Consciências despertadas, quero, agora, que se inicie a dissertação dos poderes universais coordenados, em preâmbulos, para o apostolado habituar-se a definir a *teoria sudista*.

- A *síntese sudista* entende o poder do povo, outorgado aos seus representantes por sufrágio universal, restrito ao cargo específico de execução ou de decisão e nulo ao excedente.

- Oh! coisa difícil de entender!...

- Pelo andar da carruagem, eu previa isso mesmo.

- Eh!... O Silva dissimulou!... Desconstruiu-nos... e, finalmente, presenteou-nos com uma batata quente!

- Que batata quente!... Nada disso!

- Se não é, vai ao âmago da coisa, para podermos entendê-la.

- Então, vamos lá. A *síntese sudista* entende o poder como fa-

culdade única, em sentido universal, e nada poderá ser imposto à sociedade, sem a sua prévia aquiescência, o que quer dizer que um cidadão, eleito para um determinado cargo, só tem poder para exercê-lo na competência outorgada, desde que as suas decisões não firam os interesses alheios.

- Se entendi bem, não teremos mais juízes nem ministros, porque, não sendo sufragados, não terão poder decisivo nem executivo, o que os anulará.

- Entendeste bem. É isso mesmo. Para executar ou julgar publicamente, terá de haver sufrágio universal, outorgando tal poder, limitado ao exercício.

- Em conversa anterior, comentaste os três poderes, suscitando ilegitimidade do judicial. E, agora, jogas por terra os cargos de ministro e de juiz, por não serem sufragados pelo povo.

- Eu quero que fique bem definido nas vossas mentes, que, no *Sudismo*, haverá uma virada de ponteiro de cento e oitenta graus, sem a qual não será possível a extinção da miséria, requerendo-se um governo firme nas decisões, impossível de se alcançar nos sistemas comportamentais, onde a facção dominante sufoca os interesses universais, para convertê-los em proveito próprio.

- E essa virada não pode ser promovida pelos ministros? Que diferença faz?

- A própria palavra ministro tem o sentido lato de auxiliar. O soberano dos nossos dias, sob a designação de chefe de estado ou de governo, para exercer o seu domínio, cerca-se de ministros da sua confiança, incluindo o poder judicial, que não poderão atuar ou julgar de forma antagônica ao seu ideal. Elege-se, então, o chefe de estado ou de governo e, no decorrer do seu mandato, temos de rezar, para as suas decisões não mutilarem os nossos interesses ou direitos.

- E, quantas vezes, a gente torce as orelhas, por ter votado neste ou naquele!

- E tu pensas que, no *Sudismo*, os conchavos não vão continuar, nos meios públicos? Se pensas, desculpa-me, és muito ingênuo.

- Há sempre os prós e os contras, em qualquer método ou sis-

tema, mas isto não implica em que se fechem as portas à evolução, à perfeição e ao entendimento. No decurso dos milênios, o homem evoluiu demais, em relação aos outros seres, também criados por Deus, que, conosco, disputam o espaço terreno.

- Voltando-nos às origens, vemos que, na realidade, o homem apareceu, na Terra, em condições semelhantes às dos demais seres, mas o pensamento e a ação dos seus mentores conduziram-no ao estado em que nos encontramos. E, se, hoje, o habitat ainda não é perfeito, por que, então, acomodarmo-nos?

- Perfeitamente! Acertaste no ponto. Por que aceitar-se, então, o jogo dos comportamentistas, só porque “sempre foi assim?”

- “Sempre foi assim”, mas nós, agora, queremos mudar, porque temos um preceptor a mostrar-nos novos horizontes, onde as condições de vida afiguram-se mais adequadas aos nossos anseios.

- Se tivermos meios de dar aos desventurados melhores condições de vida, porque deixá-los permanecer na miséria, só para não ferir conceitos alheios?

- Esta passividade coloca-nos em condição inferior à dos nossos ancestrais da caverna, que defendiam o seu pedaço de carne com paus e pedras, sem se intimidar com o tamanho do usurpador.

- Não era sempre que o homem primitivo encontrava ambiente adequado às suas caçadas, portanto, defendia, com todos os meios ao seu alcance, o produto obtido.

- E nós, agora, iríamos deixar escapar uma teoria, que dará a todos a tranquilidade e a prosperidade individual, num tempo em que o pau e a pedra foram substituídos pela palavra, pela escrita, pelo entendimento e pela sabedoria?

- A!... Como o homem primitivo iria rir-se de nós, por termos deixado escapar tão valiosos instrumentos, que só ele saberia aqulatar, pelo esforço empreendido na obtenção das coisas!

- Que maravilhosa é a nossa era, onde o pensamento ordena, o ideal abre as portas e a sabedoria cumpre! Ah!... se os nossos antepassados tivessem alcançado os meios, que, agora, temos à nossa disposição!...

- Que mundo nos teriam legado!...

- E, não obstante tudo isto, por mesquinhez, continuamos a chafurdar na miséria, na ignorância e na discórdia!

- Hoje, temos recursos para tudo! É só reunirmo-nos, escolher o objetivo, planejá-lo e executá-lo.

- Se for assim, então, o nosso amigo Silva está mais do que certo, quando, ao refutar os governos comportamentais, por não satisfazerem os anseios da sociedade, prega a constituição do *Parlamentarismo Universal*, para tudo se resolver de acordo com as carências observadas, pois uns têm fome de alimento, outros de justiça e muitos de ideal.

- Como já se disse em oportunidade anterior, ministro é auxiliar de governo comportamental.

- E, dentro desse conceito, conclui-se que, por mais competente que seja, a sua atuação subordina-se aos interesses superiores.

- Prejudicando, até, a sua competência, pois, na maioria das vezes, não consegue uma fórmula conciliadora, entre o seu critério e a proposição comportamental, passando a um desempenho frustrado.

- O que é muito prejudicial à nação.

- No comportamentismo, são muitos incompetentes a mandar no competente, que, fatalmente, terá de abdicar das suas teses, para seguir orientação de quem nada entende do assunto.

- É o jogo dos interesses.

- Ministro bom para o chefe de governo é o que não incomoda a facção governamental. Agora, o resultado é o que se vê por aí.

- Para se por fim a essa situação milenar, que nunca atendeu aos anseios do povo, e, apenas, favorece a corrente dominante, quem substituirá os ministros?

- Os ministros, o chefe de estado e o chefe de governo!

- Tudo isso?! Então, ficamos sem governo!

- Não!... Pelo contrário! Com o desaparecimento do chefe de estado, do chefe de governo, dos ministros e dos seus auxiliares, é que se vai ter um governo de verdade, capaz de dar ao povo o que sempre se sonhou, do tempo em que o homem começou a andar

ereto aos nossos dias: um governo idôneo, laborioso e probo.

- E quem constituiria essa plêiada?

- Essa pergunta é mais do que oportuna. Adiantaste-te à minha explanação. Eu ia dizer-vos que os *governos sudistas* serão constituídos por conselheiros, escolhidos por sufrágio universal, entre os conterrâneos mais competentes da área em que deverão atuar, independente de sexo.

- É um grande passo. Nos sistemas comportamentais, os partidos políticos escolhem, para a governança, pessoas das suas fileiras, que nem sempre têm moral ou técnica, para desempenhá-la.

- Diz-nos, então, como serão formados os *governos sudistas*.

- O chefe de estado e de governo desaparecem, substituídos por dois representantes de cada província e de cada arquipélago, sendo um do sexo masculino e outro, do feminino, entre os quais não poderá haver vínculo familiar ou conjugal. Se algum relacionamento desta natureza vier a ser constatado entre dois conselheiros, durante a gestão, os dois serão destituídos, automaticamente.

- Portugal é constituído de onze províncias e de dois arquipélagos, o que dá um conselho de vinte e seis cidadãos, em substituição de dois cargos – chefe de estado e de governo. Não achas, Silva, que é muita gente?

- Não!... É, apenas, o suficiente. É que vós estais habituados a ver o chefe de estado e de governo na pessoa dos seus titulares, sem observardes as assessorias e as mordomias. Com este sistema, os portugueses sentir-se-ão mais felizes, porque, no poder, estará um seu conterrâneo ou amigo, quando menos, da região ou de família conhecida. Receberão os maiores salários pagos pela pátria, cujo valor terá de ser submetido à apreciação popular. As suas funções serão as de zelar pelos destinos do país, nas áreas nacional e internacional, de acordo com os anseios do povo.

- É muita gente!...

- Tendes de vos habituar a proferir os vocábulos com todas as letras e as frases com todas as palavras, para não terem de ser corrigidas. É, de fato, muito pouca gente, porque eu ainda não abri a relação, que trago no bolsinho do colete, o que vou fazer agora,

mas, antes, escutai o preâmbulo a respeito: os conselhos técnicos universais substituirão os ministros e, portanto, serão tantos, quantos os ministérios de primeira grandeza. No momento, idealizei, apenas, seis. Entretanto, se o povo achar este número insuficiente, criar-se-ão outros, pois, no *Sudismo*, quem manda é o povo.

- Vamos ver quais são esses conselhos.

- Fala, logo, Silva!

- Eu também estou ansioso.

- Quero ver se correspondem à minha perspectiva.

- Antes, cumpre-me dizer-vos que os conselhos técnicos constituir-se-ão de, apenas, um representante de cada província e de cada arquipélago, independente de sexo, e, objetivando-se o bom desempenho, para o progresso nacional, terá de haver o cuidado de se escolher a pessoa, que melhor se coadune à função, desprezando-se as paixões jurisdicionais.

- Anda!... Diz logo!...

- Nós já sabemos que têm de ser idôneos, laboriosos e probos.

- E não podem ter, entre si, vínculo familiar ou conjugal.

- E, se, entre dois, for descoberto algo neste sentido, serão destituídos, sumariamente.

- Estais espertos!...

- E não é para menos. Quem tem um mestre como tu, ou se eloquente ou crescem-lhe as orelhas.

- Isso é o que se tem de recomendar ao povo, de um modo geral, para todos se compenetrarem da necessidade de se eleger cidadãos dignos e competentes, para integração dos conselhos, pois, desta forma, dignifica-se a pátria e melhora-se o padrão de vida nacional.

- O que, diga-se, não vai ser fácil, porque as pessoas têm o mau costume de deixar as coisas públicas por conta alheia. Raramente, comparecem a uma reunião cívica.

- Só as crianças, induzidas pelos professores, e os estudantes ou os trabalhadores, estimulados pelos seus dirigentes, quando o assunto lhes interessa diretamente.

- Então, está muito fácil. Já podemos contar com os setores

mais adequados da sociedade, para a divulgação do *Sudismo*. É só não decepcioná-los, provando-lhes que o caminho é este.

- Ó Silva, não devagueies. Continua com os conselhos técnicos, porque eu estou interessado em saber como funcionará o parlamento universal.

- Só tu? E os outros?

- Os outros, não sei!... Todo o mundo começa a divagar e o assunto perde-se no meio dessas conversas. Eu, da minha parte, quero ilustrar-me.

- Queres ilustrar-te? É só não deixares crescer as orelhas.

- As minhas orelhas são de bom tamanho, está bem?

- Vamos acabar com essa desavença. Estamos, aqui, para falar do *Sudismo* e não para criar adversidades.

- E, mais propriamente dito, do parlamentarismo universal, para se acabar, de uma vez por todas, com as irregularidades grassantes nos meios governamentais, dando-se ao povo o padrão de vida ansiado por todos.

- Ansiado por todos! – disseste bem. – Então, eu pergunto: movido pela ansiedade, quem deixará de comparecer a reuniões e comícios, em tal sentido?

- Eu também acho que, programados, a assistência será certa.

- Temos é de nos preocupar em não decepcionar.

- E, para isso, os argumentos têm de estar na ponta da língua.

- Não só dos oradores, como dos seguidores, para os adversários não nos tripudiarem.

- E olha que os adversários vão ser muitos, porque ninguém vai querer perder a mamata de um sistema em que o poder só serve para prestigiar os participantes e explorar os incautos, com promessas vãs.

- Nunca cumpridas, nem, tão pouco, programadas ou discutidas, no meio parlamentar.

- Servem só para motivo de campanha eleitoral. Ganho o pleito, entram na agenda os interesses dos correligionários.

- E, quem tentar recordar as promessas, fica sob a observação da polícia, como subversivo ou perturbador da ordem pública.

- E terá de passar, sempre, longe do lugar, onde se reúnem os figurões.

- É, por isso, que eu interpreto os políticos como autênticos cometas, inúteis ao universo popular e só visíveis a olho nu, de quatro ou de cinco em cinco anos.

- Boa comparação!...

- E, por falta de acuro, ainda não se definiu bem a sua trajetória.

- Ó Silva, para não se deixar crescer as orelhas de alguns, comece a falar dos conselhos técnicos.

- É bom mesmo. Já divagamos bastante.

- Eu começaria, então, pelo Conselho Econômico, por julgá-lo o instrumento principal do *objetivo sudista*.

- Se assim o julgas, o mestre és tu e os discípulos, nós.

- Julgo-o assim, porque da perfeita organização e da eficiente administração de todos os recursos, é que surgirá o bem social pretendido. Este conselho supervisionará todas as grandezas nacionais, onde quer que se encontrem, e terá, como todos os outros, a sua ramificação, até o mais remoto lugarejo, estando presente nas províncias e nos municípios, pelo conselho específico, e, nas cidades, vilas e aldeias, pelos conselheiros econômicos locais.

- Esse conselho terá desempenho muito importante, pois atuará, compreensivamente, em todas as áreas da Economia Nacional.

- Entende-se esse desempenho amplo, porque Economia, onde se situa a sua designação, compreende a Fazenda, O Patrimônio Nacional, a Agricultura, o Comércio, a Indústria, a área financeira e demais atividades, que conduzem ao enriquecimento.

- O Silva não iria impor a compreensão da Economia às áreas adjacentes, se não tivesse um motivo muito forte, para isso.

- A Economia é o instrumento ativante da competência nacional, que, eficientemente, a conduzirá ao suprimento das carências individuais, empresariais e jurisdicionais.

- E, do seu desempenho técnico, é que surgirá o equilíbrio dos demais setores da sociedade.

- Precisaremos de colocar, nesse conselho, gente muito hábil,

para, bem administrado, permitir a *idealização sudista*.

- Em cada aldeia, vila e cidade, haverá um membro deste conselho a zelar pelos interesses da área. Logo, parece-me que a figura de ministro não deixará saudade.

- Por certo. Inacessíveis, como são...

- Um representante do poder, junto de nós, facilitará as coisas.

- Nem precisaremos de procurá-lo no local do trabalho. Na roda de amigos ou em qualquer esquina, a gente encontra-se e fala tudo o que tem de falar.

- Ó momentos bons, para se desabafar!

- Mas, tanto o Conselho Econômico, como os demais, ramificar-se-ão em coordenadorias, para cada assunto, dirigidas por técnicos da mais ampla competência. Não é isto?

- De outra forma, não poderia ser. Conselheiro é conselheiro!...

- Os conselhos serão ramificados em coordenadorias específicas, dirigidas por técnicos da mais alta expressão nacional, admitidos por concurso público e só exonerados por ato refutável, devidamente comprovado, pois a nação haverá de ter um suporte técnico coeso e à altura das suas aspirações.

- O que nunca se consegue no comportamentismo, porque, nas mudanças de governo, a administração nacional é suscetível de degeneração, com a entrega dos altos cargos aos integrantes da nova facção dominante, na maioria das vezes, néscios ou inexperientes, para não se dizer outra coisa.

- Isso é uma das piores mazelas da política. Os interesses e a ambição premem, sempre, a competência.

- Por isso, é que a administração pública vive emperrada, porque os técnicos, conhecedores do assunto, não vão socorrer os intrusos garbosos, no momento do fracasso.

- Eu estou muito confuso, quanto ao número de pessoas, que formarão os conselhos. Portanto, gostaria que o Silva expusesse a sua constituição, para dirimir o meu ceticismo.

- Todas as aldeias, vilas e cidades elegerão três cidadãos para cada poder técnico e três pares para o superior e o legislador, dos

quais, os colocados em primeiro lugar, com maioria absoluta, metade mais um, formarão os conselhos locais e integrarão os conselhos técnicos municipais. O que define os conselhos locais e municipais é, apenas, o lugar onde os conselheiros se reúnem, para discutir os assuntos de cada área. Os conselheiros locais serão submetidos a sufrágio municipal, para a escolha do conselho hegemônico, do qual, por terceira votação, sairão os conselheiros nacionais e ecumênicos, assumindo o primeiro suplente a vaga ocorrida, critério que será seguido, se outras vagas surgirem, em relação aos demais. Enfatize-se que, para cada conselho nacional, haverá um conselheiro local e ecumênico correspondente, com exceção do conselho superior e do legislador, nos quais haverá um casal, sem vínculo familiar ou conjugal. Os conselheiros hegemônicos, além de constituírem reserva cívica, física, moral e técnica, para as suplências nacionais e ecumênicas e constituição de comissões, para estudo de assuntos relevantes à vida nacional, responderão pelas províncias e arquipélagos.

- Agora, entendi. Com essa explanação, tiraste-me a preocupação, que eu tinha, pois pensava que cada conselho teria um titular distinto, o que, no meu entender, dava um batalhão, com grande ônus para o país.

- A verdadeira eleição é a local, em que se elegerão os representantes de cada poder, com exceção do superior e do legislador, para os quais serão eleitos um homem e uma mulher, recomendando-os, ainda, às demais jurisdições, para a sequência preferencial. A eleição municipal é a escolha dos mais eficientes, para a formação dos conselhos hegemônicos, que, com os dos demais municípios, formarão os conselhos provinciais, donde, por terceiro escrutínio, formar-se-ão os conselhos nacionais e ecumênico, ficando os demais na suplência das vagas ocorrentes, na ordem dos votos obtidos. Quero deixar bem claro que só serão conduzidos ao poder os cidadãos que obtiverem a maioria absoluta dos votos da jurisdição, metade mais um, para o que se deverá repetir a eleição, tantas vezes, quanto as necessárias, até os três primeiros satisfazerem esta exigência, submetendo-se ao novo escrutínio, apenas, a metade su-

perior do anterior.

- E não correremos o risco dos conselheiros nacionais, por envaidecimento, perderem o vínculo com os locais?

- Não!... Mas não mesmo!... Porque, além dos conselheiros locais e nacionais serem, solidariamente, responsáveis, perante a nação, pelo desempenho do poder que constituem, de seis em seis meses ou sempre que se imponha, os conselheiros municipais reunir-se-ão, provincialmente, presididos pelo conselheiro nacional, para estudarem os assuntos da região e cientificar-se da situação nacional da área. Por outro lado, os conselheiros locais terão de se comunicar com o povo, para idêntico procedimento, nos sudetariados, durante os encontros semanais.

- Excelente desempenho!...

- Todos deverão conhecer a verdadeira posição nacional, de acordo com a sua competência. Não é só estufar o peito e proferir: - *“Orgulho-me de ser português!”* Será preciso saber se este orgulho tem fundamento ou se a Pátria Portuguesa deve a Deus e ao mundo, exigindo reflexão e sacrifícios.

- Concordo, plenamente!

- Para caminharmos de cabeça erguida, precisamos de saber o que devemos a cada nação e a origem desses débitos.

- Um povo só é grande, quando se compenetra do que pode fazer pela comunidade internacional.

- Nunca seremos totalmente livres, progredindo à custa de investimentos alheios, porque o débito externo amesquinhará a nossa soberania. Temos, sim, de ser competentes, como os demais povos, em igualdade de circunstâncias, fabricando todos os produtos caracterizadores da civilização atual. E, para tanto, só um parlamento universal, conhecedor das nossas forças, que, caminhando à nossa frente, nos conduza à realidade.

- Gostei das primeiras pinceladas sobre os conselhos. Vamos ter, aqui, um casal representante do conselho superior e do legislador. Desta forma, homens e mulheres poderão falar, francamente, com o poder, expondo-lhe os seus pontos de vista a respeito do andamento da vida nacional.

- Isto é que é a verdadeira democracia: O governo ao nosso lado, sentindo as nossas dificuldades e as nossas aptidões.

- É como diz o nosso amigo Silva: No *Sudismo*, os ídolos descem dos pedestais, para caminhar com o povo até o Jardim da Liberdade.

- Só mesmo a liberdade gera ideologias.

- E a opressão: angústia e sofrimento.

- Quando os clarins da liberdade soarem por todos os cantos da Terra, vereis desabrochar as *pátrias sudistas*, com aroma de felicidade.

- Será, de fato, uma evolução substancial.

- Antigamente, eram os nobres, que se reuniam com os monarcas, para opinar sobre o que deveria ser feito no reino; mas, deste elenco, nada surgia de essencial, pois todos eram alheios ao quotidiano, o que também acontece com os comportamentistas e os conjeturistas, na atualidade, por falta de afinidade com o povo.

- Só se sabe das carências e das competências nacionais, quando se conversa com as classes, dia a dia.

- Um político, por mais hábil que seja, nunca obterá compreensão em, apenas, um mandato. E, no fim desse mandato, quando voltar, para nova campanha eleitoral, lembrar-se-á, tão somente, de ter visto algo semelhante, sem atinar que, um dia, passou, por ali, a prometer coisas, que não cumpriu.

- E, como o órfão, o povo, receptível a todos os males, nos governos comportamentais, nunca poderá livrar-se dos tentáculos da miséria.

- Esses treze conselheiros econômicos serão eficientes, para administrar toda a competência nacional?

- Terão a eficiência que o povo lhes outorgar, por meio de coordenadorias técnicas, pois os conselheiros não executam: observam, discutem e decidem. Lembrai-vos, sempre, de que o administrador, que não percorre a área, para constatar como andam as coisas, não obtém êxito.

- Então, se é assim, o governo não poderá, mesmo, ficar plantado em Lisboa.

- E a gravata e o sapato engraixado deverão ser substituídos por colarinhos desabotoados e botas de couro cru, para caminhadas descontraídas, longas e proveitosas.

- Só deverão encontrar-se em Lisboa, para expor o que viram e as conclusões a que chegaram. E, desses debates, é que advirá um progresso maior.

- Mas, se as viagens dos conselheiros forem do mesmo sentido que as dos ministros, não se fará outra coisa senão soltar foguetes e ouvir bandas de música a tocar.

- E o trabalho... ficará para outra ocasião!

- Já imaginastes essa quantidade de conselheiros a andar por aí?

- Portugal vai viver um eterno sábado de aleluia!

- E vós sereis todos fogueteiros!

- Eu? Não!... Não me envolvas nessas coisas. Não suporto essa gentalha! Se político fizesse alguma coisa útil, eu não estaria a ver o mundo do jeito que o via na minha infância.

- Acreditar em demagogia, para quê? Para passar atestado de imbecil?

- Não há coisa que mais me enfade do que político em época de eleição.

- Pensam que todos são idiotas, para acreditarem nas balseiras que dizem.

- Se pensas assim, nem adianta substituí-los por conselheiros, porque é, apenas, uma mudança de designação de figura pública.

- Disseste bem!... Figura pública!... É isso mesmo!... Figura pública!... Só que a *figura pública sudista*, segundo a doutrina do Silva, caminhará, lado a lado, com o povo!

- E nós podemos mostrar-lhe, em qualquer momento, os efeitos da sua atuação, o que será o bastante para se sentir reconhecido pelo que fez ou culpado pelo que deixou de fazer.

- Já os políticos, só os veremos em período eleitoral, bem escoltados, com os quais nem poderemos falar, porque nunca terão tempo, para nos atender.

- Além disso, no *Sudismo*, não haverá propaganda eleitoral de

espécie alguma, pois os candidatos serão escolhidos pelos conter-râneos, para todos os níveis de representação, com direito a reeleição.

- Mas essa reeleição entende-se como a inclusão automática dos seus nomes, no novo pleito, disputando-o, em igualdade de circunstâncias, com os demais concorrentes!

- Perfeitamente... O que é muito importante, pois não podemos desprezar os valores revelados nem impedir o surgimento de outros.

- Como vê, Costa, a coisa será bem diferente!

- No comportamentismo, os representantes do povo vão para Lisboa, onde constituem uma elite, vivendo o seu mundo de superioridade.

- E só saiem de lá, quando pressentem o fim da gestão, para virem relembrar o seu nome ao povo, na esperança de alcançarem novo mandato.

- Isso não acontecerá com os conselheiros, porque já está bem definida a sua classificação – nacionais, provinciais, municipais e locais -, para atuarem, mutuamente, no sentido imposto.

- Mas esse direito de reeleição não constituirá classificação de conselheiros nem conceito profissional!

- É lógico!... Todos iniciarão o novo ciclo pelo local. O povo é que, do conjunto, os reclassificará.

- Onde se conclui que um conselheiro nacional, de hoje, superior ou técnico, poderá ser, simplesmente, local, em próxima legislatura, e vice-versa.

- E a reeleição estará sempre facultada pelo direito universal, sem precisarem de recorrer a mentiras e ardis.

- Definidos os conselhos no último sufrágio, conclui-se, então, que os conselheiros superiores viajarão bastante, para conhecer o desempenho nacional e as carências empresariais e populares.

- Bastante não é bem o termo. Afinal, não serão viajantes. O suficiente, para o conhecimento das particularidades da área representada e o bom desempenho do cargo.

- E quem custeará essas despesas?

- Não se cobra do dono da casa o livre acesso às suas dependências. Portanto, os conselheiros nacionais, figuras eminentes, transitarão, livremente, em todo o território nacional, facultando-se, apenas, às empresas transportadoras de pessoas o direito de limitar as franquias a um número compatível com o resultado da viagem.

- Serão, então, veneráveis e não opulentos.

- Perfeitamente. Os conselheiros serão discretos. Não usarão limusines nem aparatos de segurança. Andarão pelas vias públicas, como qualquer cidadão, distinguindo-se, apenas, pela dignidade e pelo colar, nas cores do respectivo poder, com o escudo, em medalhão de ouro. Os locais, municipais e provinciais, pelas insígnias da jurisdição.

- Entende-se essa observação, porque não se pode impor benemerência geral às empresas de transportes pessoais.

- Seria uma orgia maior do que a dos fogueteiros e das bandas de música, em homenagem aos ministros.

- É preciso simplificar-se a atuação pública, para maior eficiência.

- Temos já uma noção do Conselho Superior e do Conselho Econômico. Não queres, Silva, falar um pouco sobre qualquer outro, para dilatares os nossos horizontes?

- Por ser minha preocupação latente, vamos falar sobre a necessidade de se emancipar a Justiça, único poder subordinado, nos sistemas comportamentais.

- A justiça, que julga todos os culpados?

- Desde que não contrarie os interesses da facção governamental, conduzidos a julgamento de instância superior, onde impera.

- Não acredito muito nisso.

- Não acreditas, porque nunca te viste em tal situação, senão, serias o primeiro a soltar a voz ao vento.

- É isso mesmo. Na maioria dos países, os magistrados superiores são nomeados e, dificilmente, decidem em sentido contrário à ideologia em que se perfilam.

- Não é de se estranhar. São magistrados comportamentais.

- E como se evitaria isso?
- Mudando.
- Mudando? Como?
- Com o sistema universal.
- Muito bem... Já foi dito que ninguém pode decidir ou executar sem a outorga do povo e, dentro deste conceito, os juízes das instâncias superiores terão de ser eleitos por sufrágio universal; mas isto implicará em interrupção de carreira, pois o juiz de hoje, pode não ser reeleito, o que, no meu entender, será prejudicial à magistratura.

- No teu entender e, a julgar por mim, no dos demais, porque magistratura é coisa muito séria e os grandes magistrados só despontam após longa carreira.

- Como em todo o desempenho humano. Só o perseverante alcança a genialidade.

- E, como nós, *sudistas*, pretendemos a justiça universal, temos de insistir no nosso anseio, concedendo aos magistrados independência total.

- Nenhum conselheiro, nem mesmo da área, poderá interferir na magistratura, salvo se for constatado comportamentismo ou conjeturismo, nas suas decisões.

- Então, Silva, tira do bolsinho do colete a fórmula, que, presumo, já possuis.

- A fórmula é a mesma. Só que, neste poder, além dos conselheiros, teremos os magistrados. Portanto, a sua textura será um pouco diferente: O povo elegerá os conselheiros e os juízes das instâncias superiores. Quanto aos comarcais, iniciarão a carreira por concurso público e, quando alcançarem o grau máximo da escala elementar, estarão habilitados a concorrer a sufrágio. Não sendo eleitos, tanto os comarcais, como os superiores, permanecerão no mesmo posto em que se encontravam, antes da escolha a que se submeteram.

- E, assim, não teremos mais juízes superiores a julgar facciosamente.

- O magistrado, quando atinge esse grau, já está avigorado.

- Depende do vigor que alcançou. Está bem?
- Vós sois mesmo incrédulos!...
- A gente tem vontade de acreditar, mas as sentenças duvidosas estão, por aí, a desafiar o nosso raciocínio.
- E a confundir as nossas mentes e as nossas crenças.
- Prejudicando, ainda mais, quem já estava prejudicado. Mas... Deixa para lá!... Eu começo a falar e termino por me embaraçar.
- Não podemos deixar de reconhecer que, na nomeação de juízes superiores, há muita interferência política.
- Em alguns países, assentam-se, nas cadeiras dos tribunais superiores, cidadãos, que, antes, nunca haviam integrado a magistratura, para desolação dos que, sempre, lhe deram tudo de si.
- O acesso ao último grau da carreira não poderá ser vetado por poder algum. Será um *direito sudista* incontestável. Só o povo escolherá os magistrados superiores, para a Justiça ser do próprio povo.
- Restará ao povo saber escolher os melhores.
- O que é muito difícil, pois, quem vê caras, não vê corações.
- E o eleito poderá trair a confiança popular.
- E, contra isso, não há recurso.
- Há, sim!... E grande recurso!...
- Nunca vi esses recursos. O que eu vejo é os candidatos dizerem que vão fazer isto e aquilo e, eleitos, omitem-se ou seguem linha diferente.
- E, quando indagamos a sua vida, descobrimos procedimentos, que, se conhecidos antes, teriam refutado a sua escolha.
- É, por isso, que o Silva está certo, quando diz que os *candidatos sudistas* deverão ser recomendados ao povo pelos conterrâneos.
- Nesse ponto, eu dou-lhe razão.
- E essa recomendação em que se constituirá?
- Toda a *desenvoltura sudista* será catalogada, tal como se faz com as nossas reuniões. O que se deliberar será compendiado em publicações de folhas soltas, por matéria, para elucidação dos nossos seguidores. Este critério será extensivo aos candidatos a cargos

eletivos, constituído de uma folha distinta, com a sua fotografia, na primeira página, em toda a extensão, contendo, no rodapé, o código natalício e a recomendação, constituída das três letras principais do topônimo e a percentagem da aceitação local (RTS53), e, no verso, a sua biografia, com o destaque do seu desempenho, para orientação dos eleitores municipais e provinciais.

- É, de fato, um quesito importantíssimo!

- Nunca o eleitor votou com tanta convicção, pois jamais lhe foi informada a reputação do candidato, perante os seus conterrâneos, só aos quais cabe a sua apreciação.

- E as promessas das suas realizações onde constarão?

- Em parte alguma, porque todos haverão de se subordinar às aspirações do povo, devidamente pesquisadas. O resto é pura demagogia.

- Falamos do conselho econômico e jurídico, com um ligeiro bosquejo, quanto à sua constituição e o seu desempenho, mas desejamos saber, também, algo sobre os demais e quantos serão.

- Os conselhos serão tantos, quantos os poderes naturais, de acordo com o grau de evolução, que se pretende dar à civilização nacional.

- Como serão formados por conselheiros das províncias e dos arquipélagos, eleitos por sufrágio universal, vamos começar a enumerá-los, para se ter uma ideia da textura do *governo sudista*.

- Além dos já mencionados, teremos o conselho social, de grande importância, pois coordenará todos os assuntos, referentes às pessoas.

- Esse conselho, então, é que disciplinará a vida portuguesa, no âmbito da civilização contemporânea?

- Isso mesmo, procurando colocá-la na vanguarda das conquistas da Humanidade, para não ficar em grau de inferioridade, em relação aos demais povos.

- Será, por assim dizer-se, a força coordenadora da nossa civilização.

- Em face disso, terão os conselheiros de se cercar da maior gama de técnicos, mormente na área psicológica, para se dar assis-

tência e orientação a todos os cidadãos.

- Não sei se vos lembrais de eu ter dito que, no *Sudismo*, haverá assistência médica, cirúrgica, odontológica, social, psicológica, jurídica, econômica e orientadora, para todos os cidadãos, independente das suas posses.

- Da minha parte, recordo-me bem, porque sempre foi uma das tuas maiores definições o amparo ao cidadão.

- Recomendando, ainda, a formação de células, grupos e movimentos reivindicadores, pois o direito universal assim o permitirá.

- Então, se já estou integrado no sistema, entendo que teremos postos de atendimento, para as pessoas consultarem médicos, advogados, psicólogos, assistentes sociais e outros orientadores, no sentido de solucionarem os seus problemas.

- A atuação do conselho será ampla.

- Explica melhor.

- Na *administração sudista*, todos os centros populacionais terão um *sudetariado*, onde as pessoas estarão registradas, e, por intermédio do qual, receberão assistência legal, médica, psíquica, técnica e demais, promovendo-se reuniões, por grupos, para resolução dos problemas, que as afligem.

- Tens razão. Os rapazes precisam de boa orientação vocacional, para o seu desempenho na sociedade; e as donzelas, formação especial, pois de si depende a constituição familiar.

- Por volta dos doze anos, a jovem deve começar a ser orientada por psicóloga, para adquirir um comportamento adequado, a fim de se precaver da exploração do seu corpo, como instrumento de prazer, tão empresariado por grupos inescrupulosos, e definir-se na vida amorosa, no tempo e no meio.

- O que queres dizer com a expressão “no tempo e no meio?”

- Nada demais. Apenas as palavras que encontrei, no momento, para dizer que a jovem, logo no alvorecer da puberdade, deve ser orientada, para se defender das seduções com que se defrontará, venham de pessoas inescrupulosas ou de simples namorados ou companheiros, e capacitar-se para os benefícios da reflexão sexual,

como sua alta colaboração no equilíbrio demográfico, base do bem social.

- Mas não se vai criar um conselho restrito a isso?

- É claro que não! Adotamos, por tema, um dos muitos assuntos da sua alçada, por ser impossível debater-se a sua universalidade, extensiva que seria à vida dos nossos filhos e netos e ainda sobreria matéria, para discutir, em face da evolução.

- O importante é haver um órgão governamental na área, porque as definições da sua atuação surgem com o quotidiano, muito bem usado pelo povo.

- Eu acho que, no *Sudismo*, a atuação dos psicólogos será de importância capital, não só para a juventude, como para as demais faixas etárias.

- Serão de muito valor as reuniões femininas, para orientar a mulher, nos mais diversos campos: como namorada, quando se constitui na afável companheira de todos os momentos; como esposa, na qual o seu desempenho é fundamental à família; como mãe, em que, apenas, um olhar transmite ao filho orientação divina.

- Isso são dotes da mulher, mas é claro que, se aperfeiçoados, debatidos e orientados tecnicamente, conduzirão a convivência a um nível mais elevado.

- Não podemos esquecer-nos de que tudo o que se tem dito, aqui, já vem sendo observado pelos governos comportamentais.

- Sim!... Não negamos isso. Mas de forma insatisfatória, porque visa, apenas, um resultado faccioso, enquanto o *Sudismo* idealiza o universal.

- O que o povo quer, é definições, para saber os caminhos que deve seguir.

- Não nos interessa as tendências ideológicas de um chefe de estado ou de governo, muito menos o bom desempenho de um ministro, porque isso é efêmero e comportamental.

- O que se pretende é o ideal do povo a predominar nas decisões governamentais, porque, enquanto assim não for, não haverá democracia plena, nem paz universal.

- Enquanto um setor da sociedade tiver de sufocar as suas aspirações, estará patente o comportamentismo.

- E, onde prevalecer o comportamentismo, estará ausente a democracia.

- O comportamentismo não passa de um radicalismo dissimulado, que impõe à maioria os interesses de uma minoria dominante.

- Definiste bem. Há ampla liberdade de escolha de dirigentes, porque, no escaninho da consciência ideológica, sabe-se que só terá acesso ao poder, quem dispuser de recursos suficientes, para movimentar a máquina publicitária, o monstro devorador do civismo.

- Diante disso, meus caros colegas, tudo é ilusão.

- Bem... Vai-se alongando a conversa e o assunto principal fica relegado.

- Não acho que tenha ficado relegado. Acredito, até, já ser do conhecimento de todos nós. Quem não sabe o que é o parlamentarismo universal, proposto pelo Silva?

- Todos nós sabemos. Os ministros desaparecem, por não terem desempenho próprio, auxiliares que são do chefe do governo, a quem subordinam a sua competência.

- Enquanto o conselho, independente, agirá de acordo com os anseios do povo.

- Vamos aguardar, então, que o Silva exponha outros conselhos, para falar-se, depois, de forma mais ampla.

- Além do conselho superior, já se falou do econômico, do judicial e do social.

- Temos já noção de três poderes – econômico, jurídico e social – o que se entendia, antes, como elementos do poder executivo.

- É já um grande avanço, especialmente no que se refere ao judicial, em que os magistrados alcançam a soberania, não se submetendo mais ao comportamentismo.

- E limpa-se a magistratura da sequele política, concedendo-se-lhe eloquência plena.

- Todos os personagens, no *Sudismo*, deverão seguir a trilha própria, para não se desmerecerem.

- Algo de importante acontece, quando se sacode um sistema, seja em que setor for. Portanto, o Silva está de parabéns, ao ousar neste sentido.

- Sabemos que não somos doutos em coisa alguma, mas uma certeza temos: a República de Rates não adejava, em vão, na mente de um delator fracassado.

- Antes destes debates, já preocupava quem previa o seu assentamento.

- E o povo abraça-la-á, pelos benefícios auferíveis.

- Mas... Ó Silva, fala de outros poderes. Amplia os nossos horizontes.

- Os horizontes já estão ampliados, pois todos sabem que o poder é a salvaguarda do interesse maior. E, para o interesse maior coordenar-se universalmente, terá de se constituir o respectivo conselho. Sem isto, toda a decisão será comportamental. O conselho vem, justamente, para viabilizar a universalidade, sem a qual não haverá democracia plena. As leis têm de ser estudadas, de forma que não beneficiem uns em detrimento de outros; e, ao serem publicadas, deverão integrar as respectivas punições, porque, não sendo assim, haverá, sempre, quem cante e quem chore, o que não é o desejável. Portanto, desvinculam-se os interesses de uns em relação a outros, para haver só o elo cívico. Eis por que, no *Sudismo*, o patrão não poderá pagar salário, pois a ninguém cabe o direito de estabelecer padrões sociais.

- Elo cívico, locução que ouço, pela primeira vez, no *meio sudista*, se não me falha a memória. Poderias explicar melhor o que é isso, para facilitares o meu raciocínio?

- Em tudo, há uma sujeição, ou melhor, um vínculo. A esposa, via de regra, depende do marido; o empregado, economicamente, subordina-se ao patrão; a criança, aos pais; e, por aí, vai; mas, no *Sudismo*, as pessoas ficam dependentes, apenas, da pátria, da qual receberão o salário de subsistência, que lhes garantirá a liberdade. Este vínculo universal é o que interpretamos como elo cívico.

- Estou satisfeito com a explicação, mas, se pudesses continuar a falar desse assunto, seria bom, pois é, sempre, empolgante.
- Não é necessário, porque tudo já foi esclarecido pelo Silva.
- Mas, agora, chegou a ocasião própria, para se substituir a sujeição pelo elo cívico, por meios concretos. Se dissermos a um chefe de governo que a esposa divorciada ficará dependente do governo, ele responderá, com ênfase, que o seu cargo é o de resolver os problemas nacionais e não os domésticos.
- E com muita razão, porque o comportamentismo é uma administração de interesses e não de direitos.
- Geralmente, o comportamentismo só prestigia o abastado.
- Então, como o *Sudismo* é o sistema de direitos gerais, o que vale é o indivíduo e não os interesses.
- E, como tal, terá de haver um conselho para cada poder, ao qual o cidadão recorrerá, para solucionar as carências de que sofre, ficando caracterizado, aí, o governo universal coordenado.
- É com este princípio que os portugueses devem entrar no novo milênio e, sobrevivendo o *Sudismo* ao cenário comportamental e conjectural, dar ao Homem o que lhe cabe, em todos os cantos da Terra, na condição de filho de Deus.
- Ó Silva, peço-te um parêntese, para uma ligeira discussão. O que acabas de dizer, obriga a Civilização Lusíada a denunciar à comunidade internacional os governos comportamentais de outras nações sobre tutoria de povos indígenas ou oprimidos, que não se enquadrem no seu padrão social.
- Bravo!... É assim que vos quero!... Atentos a tudo o que for proferido!... O que acabo de falar é o epílogo dos Descobrimentos Marítimos, síntese da Comunicação Universal. Não julguem os comportamentistas nem os conjecturistas que tamanho empreendimento foi em vão, estranhando os seus efeitos. Não só se aplica aos povos indígenas, como a todos os grupos étnicos e oprimidos, aos quais deverão ser concedidos todos os benefícios da Solidariedade Cívica Universal, ou, em caso negativo, o Predomínio Territorial Universal, proporcional ao número de indivíduos discriminados, para seguirem a sua determinação.

- Fala, então, Silva, sobre os demais conselhos, mesmo de forma sucinta.

- Aparentemente, sabemos quais são, mas gostaríamos que fossem proferidos por ti, pelo modo como os defines.

- Prosseguimos, então, com o Conselho Defensor, responsável pela ordem pública interna, confiada à força policial; pela defesa externa, garantida pelas forças armadas, na salvaguarda da nossa soberania e no cumprimento dos acordos internacionais; pela custódia do Patrimônio Nacional; e pela vigilância da integridade cívica, sempre que a segurança pública mostrar-se insuficiente na contenção da delinquência, em todos os setores, com a interferência militar, quando as circunstâncias a impuserem.

- Se esse conselho abrange toda a gama de segurança, entende-se, então, que o sistema ficará subordinado às forças armadas. Pelo menos, é o que concluo.

- Eu também vejo por esse prisma.

- Sendo assim, entende-se que não haverá mais polícia de segurança pública independente.

- Segurança pública independente nunca houve. É pura ilusão. Estava subordinada, apenas, a outra área. Agora, cria-se o Conselho Defensor, sustentador da ordem, seja em que setor for, que proverá os meios necessários, para o combate à insurreição e à delinquência, em todos os níveis, meios e lugares.

- Do jeito que falas, se a força policial mostrar-se incompetente em qualquer repressão, interferirão as forças armadas.

- É isso mesmo: a desordem ou qualquer tipo de transgressão da lei serão combatidos radicalmente, nem que, para tanto, haja de se armar operação de guerra.

- Compreendemos o espírito da coisa.

- É evidente que não nos cabe, aqui, discutir a organografia dos conselhos, por ser de competência técnica. O que debatemos é o ideológico.

- Queremos um conselho defensor, dirimente de todo o tipo de delinquência e está acabado.

- E os conselheiros que debatam o assunto, entre si, adotando

as medidas impostas.

- E ponto final!
- O que não queremos é delinquência sistemática, nos meios rurais ou urbanos.
 - Teremos o instrumento competente e amplo. De resto, é só denunciar-lhe as irregularidades observadas, para adoção das respectivas medidas, sem delonga.
 - Será bem eficiente o sistema administrativo universal, o que só se observará com o prolongamento das conversas.
 - E os delinquentes que se cuidem. Que pratiquem as suas travessuras da forma mais sigilosa possível, porque, ao primeiro sintoma, não faltará quem os denuncie, com todos os requintes.
 - A comunicação eletrônica é um trunfo contra a delinquência. Ninguém mais receará uma represália. É só denunciar os fatos, com todas as minúcias, e, a partir daquele momento, tudo estará revelado.
 - Os códigos eletrônicos de todos os meios de punição deverão ser divulgados, para os termos à nossa disposição, na hora desejada.
 - É condição “*sine qua non*”. É a porta sempre aberta à denúncia. E o infrator nunca saberá quem o delatou.
 - Eu entendo, na minha modesta forma de pensar, que os códigos dos instrumentos citados deverão constar em placas dispersas pelos logradouros, para facilitarem a denúncia.
 - Denúncia feita, caberá ao órgão competente averiguar os fatos e munir-se de provas, para conduzir o transgressor à Justiça.
 - Isso mesmo!...
 - Essa questão de se exigir a identificação do denunciante é procedimento policiaisco, que só conduz à corrupção. Em tal sistema, prevalece a palavra de quem der mais e a delinquência continua, como se vê por aí.
 - O anonimato é instrumento poderosíssimo. O agente da lei ficará intranquilo, ao receber qualquer denúncia, por não saber donde partiu, desconfiando de Deus e do diabo!
 - Até uma mosca, ao sobrevoar a sua escrivanhinha, o atormen-

tará!

- As diligências, que melhores resultados produzem, são as que não dispõem de ponto de partida, quando os caminhos da ordem têm de ser percorridos até as portas da lei.

- E o agente da lei de uma coisa, apenas, estará cientificado: terá de apanhar os delinquentes, pois, de outra forma, poderá ser interpretado como integrante do império do suborno.

- Não me parece que o meio de comunicação, a que te referiste, garanta o anonimato, pois o receptor identifica, sempre, o transmissor e, nestas circunstâncias, o denunciante será, facilmente, identificado.

- É uma questão de minúcia técnica. Convencionando-se o incentivo da denúncia anônima, o sistema terá de se adaptar a esta particularidade. O que não se pode é deixar de combater a delinquência, seja em que setor for.

- A punição do transgressor da lei constitui a mais perfeita depreciação social, imposta pela degradação que o mal implanta entre as pessoas.

- Como poucos julgam, todos nós tendemos à sua iniciação, neste ou naquele setor, mas as penas, previstas na lei, obrigam-nos a refletir na observância da dignidade.

- Cair no abismo da corrupção, é a coisa mais fácil, que pode acontecer a um mortal.

- O difícil é manter o padrão da dignidade, enfrentando-se, em algumas vezes, situações constrangedoras, para preservá-lo.

- É como a poeira, que nos envolve, quando das nossas caminhadas pela vida.

- Ó Silva, para adiantar o expediente, fala de qualquer outro conselho, que não os já expostos.

- É melhor mesmo.

- É, apenas, uma questão de referência, porque impossível seria falar-se, agora, da sua verdadeira atuação, adaptável às circunstâncias e prevista com tanta antecedência.

- O importante é criar-se o sistema universal, porque os instrumentos viabilizam-se, naturalmente.

- Sem se criar os conselhos específicos, não se pode pensar na viabilidade de um governo universal, porque o seu chefe responderia, logo, que não era nenhuma divindade, para tão amplo desempenho, mesmo que se cercasse de colaboradores competentes.

- Tudo é uma questão de princípio. O ministro, pela sua natureza serviçal, condiciona o seu desempenho ao ideal do chefe de governo, enquanto o conselheiro, independente, averigua e discute a matéria, para a sua regulação, sem tutela.

- Falemos, então, do conselho pedagógico, o qual terá a função de, observados os costumes e as tradições do povo, induzi-lo à universalidade, expoente máximo da civilização.

- Parece-me que a Civilização Lusíada, ao ousar implantá-la, superará todas as que, no decurso dos milênios, ocuparam as páginas da História, com as suas conquistas e realizações.

- Por certo, pois nenhuma outra empreendeu-se a tanto.

- Os sistemas comportamentais, ao contrário do que muitos pensam, como o Socialismo, o Comunismo, o Capitalismo e o Conservantismo, sob outras designações, acompanham o Homem, desde os primórdios da Civilização, embora não tão difundidos como agora, quando, pelo radicalismo, uns apregoam o fim dos outros, sem observar que tudo é cíclico e as trombetas silenciadas pelo tempo. O que importa é a lapidação do comportamento humano, em relação ao semelhante e ao meio, numa profunda conscientização da origem. Nada é mais cruel do que não se saber donde se vem nem aonde se vai. É a massa à deriva, que pode causar choques de consequências catastróficas. É preciso que todos se compenbrem de que o sofrimento humano é análogo em todas as raças e comum a todas as nações. E, para amenizá-lo, necessário será que todos dêem as mãos e dialoguem, pois, de outra forma, não se alcançará a felicidade universal, pela qual seremos todos iguais e, unidos, conquistaremos a subsistência individual. Sendo a economia a ciência que trata das fontes de prosperidade de uma nação, estuda as condições em que se produz e o método da sua aplicação, ficam os *sudistas* à vontade para denunciar ao mundo a incúria dos comportamentistas, o comprometimento dos conjeturistas e a in-

competência dos administradores públicos, cujo trio conduz o resultado do trabalho à usura internacional, com a satisfação dos que detêm o mando e o esbulho dos filhos de Deus, que, postos à margem, clamam uma nova ordem, que os livre de tão vorazes abutres.

- Mas, para isso, é preciso que haja regras firmes, que nos levem a um desempenho maior.

- Portanto, impõe-se a criação do Conselho Pedagógico, a que o Silva sempre se refere.

- Um conselho que amolde as pessoas ao desempenho universal, com aptidão para tanto.

- Sendo tudo uma questão de definição, como costumamos dizer, de que jeito pretendes eficientar, universalmente, esse conselho?

- Definindo, como lembraste. Os obreiros já estão aí, de mangas arregaçadas, aguardando as ordens, para trabalhar. Tudo está no cenário da vida e nada nos faltará. O que ainda não se auferiu foi a competência de dirigir, a qual só se alcançará, quando se abdicar do comportamentismo, de cujas sequelas a Humanidade ainda sofrerá por algumas décadas.

- Entende-se a tua preocupação, mas não acredito que, pelas regalias perdidas, uma minoria enganadora consiga persuadir alguém de abdicar do *Sudismo*, garantia da subsistência de todos.

- Poderão alguns recordar as regalias que se foram, mas o bem-comum sufocará os seus clamores, que cairão por terra, como os frutos da figueira, às primeiras chuvas do outono.

- O povo, quando satisfeito, olvida o grito dos alvoroçadores.

- Serão muitos os ídolos a tombar no sepulcro do silêncio, pela afinidade das suas doutrinas com o comportamentismo.

- Estamos certos disso, porque ninguém plantou a seara, para colher os frutos.

- A missão de cada um é bem mais justa do que a desempenhada, mas compreendemos que tudo é temperado ao sabor dos interesses do poder.

- É, por isso, que o nosso amigo Silva está mais do que certo, quando diz que o poder é do povo e só por sua outorga poderá ser exercido.

- E isso, parecendo-nos que não, dá outra feição às decisões governamentais.

- Não me parece que uma simples mudança de expressão seja tão evolutiva assim. Afinal, qual o caráter de nomeado para outorgado?

- Aí, é que está o âmago da definição. Os eleitos dos sistemas comportamentais têm a sensação de donos da coisa pública, porque ficam com a faculdade de mudar tudo, colocando, nos postos principais, gente da sua confiança, independente de competência específica. Já os outorgados do parlamentarismo universal, o são para um desempenho efetivo, porque, para os demais cargos, o povo outorgará outros, com competência própria e dignidade idêntica. E cada um só exercerá a incumbência recebida.

- E fácil será ao povo identificar quem destoa o complexo.

- É um prazer muito grande ministrar ideias a pessoas como vós, com o discernimento de que sois dotados. O entendimento vagueia pelo ambiente. Que agradável é observar isto!...

- Não é bem assim, Silva. Tu não imaginas quantas vezes eu dou ao miolo, para interpretar as tuas expressões.

- Cada um de nós que o diga.

- Às vezes, dá-me vontade de largar tudo para lá e não aparecer mais por aqui. Já fiz tudo o que tinha de fazer, por que me preocupar, então, com o padrão de vida das gerações futuras? Mas, depois, penso bem e concluo que, o que desfruto agora, foi obra de outros, que, como nós, empreenderam muito esforço, para alcançá-lo. Assim é, pois, que me animo a não dar descanso ao meu cérebro, obrigando-o a discernir o que difundes.

- E tens muita razão. Eu também penso assim. Reflito no que os antepassados fizeram por nós e sinto-me obrigado a melhorar as condições de vida dos vindouros.

- Chama-se a isso evolução, conversão dos princípios ao meio. E, para tanto, muito se terá de discutir, acordar, decidir e coordenar.

- E os anseios pessoais terão de ceder à parlamentação, pois muitos, pensando uma coisa só, usufruirão mais do que um a tratar

de muitas causas, por melhor assessorado que seja.

- Eis, no meu juízo, um argumento preponderante, para a implantação do parlamentarismo universal.

- Irrefutável, também, no meu modo de ver as coisas.

- Quem pode contestar que o que é pesquisado, analisado e discutido por um grupo, não é muito mais eficiente do que o elaborado por, apenas, uma pessoa?

- Só os comportamentistas ousarão iludir-se a si mesmo.

- Este espaço é do Conselho Pedagógico e nada se tem dito a seu respeito.

- Como nada se tem dito? Nas nossas conversas, não concluímos que o que é pensado, pesquisado e elaborado em grupo supera o produto individual? Então, não importa a área.

- O certo é que o povo elegerá um conselho pedagógico, lapidador do novo cidadão, para integrá-lo a uma sociedade mais competente e justa.

- Evidentemente!... A era da gravata passará. Os conselheiros, com toda a elegância que lhes seja peculiar, terão de arregaçar as mangas da consciência, para se eficientarem.

- Por certo, o Silva, com o seu procedimento desbravador, divulgará ideias, que influirão no seu desempenho.

- Eu vou mais longe. Conhecendo o Silva desde a infância, só tendo deixado de conviver consigo na mocidade, quando os destinos nos separaram, por circunstâncias da vida, e, com a avaliação, agora, do seu amadurecimento, concluo que os meios, para a eficácia dos conselhos, estão impregnados no seu íntimo.

- Fala, Silva!...

- Desabafa!... Exterioriza o que se passa na tua mente!

- Queremos saber tudo a respeito dos conselhos.

- E não aceitamos evasivas!

- Afinal, tu não és o portador da mensagem do novo milênio? Ele está a chegar e é preciso preparar o povo, para o novo tempo.

- O povo já está preparado. Ou duvidais de que Deus não faz tudo com sapiência?

- O lamento dos desgraçados também é fruto da Sua sa-

piência?

- Também!... Conta os dedos das mãos dos desgraçados e compara se não são tantos quanto os das tuas. Aprecia o corpo de uma prostituta e vê se não tem os mesmos atributos que os do de uma rainha.

- Quantos os do de uma rainha? Quem dera às rainhas possuíssem os mesmos contornos dessas infelizes!

- Concluí, então, que Deus fez tudo certo, concedendo a todos formas e faculdades semelhantes. Só alguns é que se deixam iludir pelos comportamentistas e pelos conjeturistas, que, arditamente, intitulam-se seus superiores, abastando-se com a sua obediência e o seu trabalho.

- O poder, que aí está, é fruto da astúcia de uma minoria, disposta a explorar uma multidão descuidada, que se submete à sua extorsão, em troca de um vão sorriso ou de um ardiloso engano.

- Quem promete, burla, porque o amigo dá, antes de prometer.

- Mas há promessas até divinas, auferíveis após a morte. Como contestas isso?

- Crédulo é o que acredita. E só acredita quem quer.

- E tu não acreditas?

- É o que mais tenho feito na minha vida: acreditar em quem me promete, no prazo estipulado; mas não após a morte, quando não terei meios de lhe chamar de mentiroso, se o dito não se cumprir.

- Então, não podemos acreditar em Deus!

- E Deus prometeu-vos alguma coisa, em particular?

- Ó Silva, porque nos torturas com perguntas capciosas? Não tens vivido neste mundo?

- Tenho!... Como é que não tenho? Não me tendes visto por aí, antes de chegar a estas reuniões?

- Então, porque esse falso desconhecimento?

- Porque sempre vos alertei contra as falsas definições dos comportamentistas e dos conjeturistas, sem vos mostrar os trajes que ostentam, para aprenderdes a identificá-los pelo procedimento. Se ostentam nível social superior ao vosso, é evidente que são fal-

sos líderes, porque a proibidade e a palavra divina só têm um veículo – a Fraternidade Universal. E, quem não a observa, comportamentista ou conjecturista é. Se Deus quisesse que os homens fossem superiores uns aos outros, não lhes teria dado a mesma forma e faculdades semelhantes. Por outro lado, vede que Deus dá-nos tudo de graça, como a chuva, que mata a nossa sede e fertiliza a Natureza; como a luz do Sol, que nos aquece e ilumina o firmamento. Bem ao contrário dos que se dizem Seus representantes, que, impondo-nos ônus, sacrificam os carentes, os quais, em vez de pagar, deveriam receber a sua ajuda, e, pregando a pobreza absoluta, acumulam riquezas.

- Olha que alguns julgam-se bem superiores aos leigos!

- Em astúcia, porque, se batermos o pé, retiram-se, humildemente, como um cão chaguento.

- A sua superioridade é, apenas, audaciosa. Se fosse divina, permaneceriam eretos, como a árvore na planície, que, no meio da tempestade, desafia o raio e o trovão.

- É verdade!... Não há mesmo superiores. O que há é pessoas obedientes, que se realizam com o seu conceito de inferioridade.

- Estamos a gastar o nosso tempo em conversa fiada. O assunto premente eu já o lembrei: é o conselho pedagógico e, até agora, pouco se disse a seu respeito.

- Ó Rocha, a rigor, nada temos que dizer sobre este ou aquele conselho, porque estamos a debater um ideal. Queremos, apenas, implantar o parlamentarismo universal – nota bem! -, substituindo-se os ministros e os políticos por conselheiros, para se acabar, de uma vez por todas, com os donos do poder. Agora, quanto ao desempenho dos conselhos, será exigência circunstancial dos direitos universais do povo.

- Mas alguns exemplos, pelo menos, devem ser dados, para se ter argumento, quando formos interpelados sobre a matéria.

- É evidente. O conselho pedagógico terá, como já dissemos, a incumbência de idealizar a formação do cidadão. E, para tanto, uma das profundas alterações impostas, logo de entrada, é a modificação do professor primário, para professor cívico, com venci-

mentos adequados a esta competência.

- Em vez de professor primário, essa categoria passará a denominar-se, então, professor cívico?

- Sim, porque, no *Sudismo*, o que importa, acima de tudo, é a formação básica do cidadão, ministrada nos bancos da escola. Logo, o professor terá de possuir didática abrangente, e não de simples conhecimentos elementares.

- Já se foram os tempos em que ler e escrever significava princípio cultural. Hoje, o conceito é outro.

- Os tempos, agora, são mesmo diferentes. O conceito é de competência e de resultado. Não basta que se tenha um diploma. É preciso comprovar a eficiência e o desempenho.

- O que adianta à sociedade esses médicos, filhos de gente abastada, formados, apenas, para satisfação da avó, que sempre sonhou com um netinho médico, e, depois, só exercem a profissão, como distração?

- E, com isso, a nação teve dois prejuízos: os gastos com a formação e a lacuna profissional não preenchida, pois, quando mais de si se precisa, ausenta-se, em viagem de laser.

- Para não se falar de outros, que, ocupando cargos de assistência pública, só passam por lá, de quando em quando, para comprovar a sua titularidade.

- E os doentes, que, diariamente, procuram os hospitais?

- Isso não é consigo. Ninguém os mandou ficarem doentes! Preocupem-se para quê? Cada um que se vire! Que se defenda, como quiser! Filho de gente rica não nasceu para ouvir choro nem lamúrias!

- Mas, quando se aproxima o período eleitoral, todos comparecem aos seus postos, solícitos e sorridentes! O lamentável é não haver uma eleição todos os domingos, porque, assim, teríamos a certeza de que, na quinta e na sexta-feira, haveria atendimento condigno.

- Foste muito sarcástico no teu julgamento!... A semana tem sete dias!

- Mas o sábado não é dia de trabalho. E, se fosse, seria véspera

de eleição. A segunda e a terça seriam os dias da apuração do pleito e, na quarta-feira, a comemoração da vitória ou o protesto da derrota.

- Só sobraria mesmo a quinta e a sexta-feira, para cada um mostrar o quanto é dedicado à causa pública.

- Então, é melhor ficar como está, para o povo não se conscientizar do tempo perdido pelos políticos.

- Esse povo também é bem culpado! É o cão chaguento, que gosta de apanhar, para, depois, lambe os pés do dono, como prova de fidelidade!

- Eh!... O Silva está mais do que certo!

- O que importa mesmo é abrirem-se os olhos ao povo.

- O que os figurões querem mesmo é a analfabetização contemporânea universal!

- Analfabetização contemporânea universal? O que é isso? Queres imitar o Silva, criando, também, expressões próprias? Olha que é preciso ter muito talento, para essas coisas!

- Mas é mesmo assim. Solta-se o que está dentro de nós, para se debater e aquilatar o seu conteúdo.

- Por certo, o nosso amigo assim o fez. Vamos ver o que nos quer transmitir com o seu desabafo. Não te acanhes. Vamos ao debate.

- Acanhar, porquê? Por acaso, algum de vós tem mais dedos do que eu? Se tiver, é aleijado!

- Isso mesmo!... Resolução acima de tudo!

- O resoluto é o verdadeiro herói. Supera todas as vicissitudes, para alcançar o objetivo.

- Seja herói, seja o que for!... O que nós queremos é saber o que havia no seu íntimo, quando se expressou de tal forma. Vamos lá, sem constrangimento.

- Analfabetização contemporânea universal foi a expressão, que me ocorreu, para definir o que vejo, no meio em que vivo. Todo o mundo tem uma profissão, na qual é especializado. Grande número de pessoas tem um curso técnico ou superior, mas, quando eu pretendo resolver um assunto mais sério, procuro o profissional

adequado e não o encontro.

- Tens razão!... Isso, visto com certo humor, daria, até, para escrever uma comédia, da qual esboço os primeiros passos: Um aldeão, precisando de uma peça, para consertar uma máquina, herdada dos pais, da qual não pretende desfazer-se, pelo desempenho que vem usufruindo a contento, procura, no seu meio, quem a fabrique; mas, entre torcida de nariz e coceira de cabeça, ouve, sempre, a mesma expressão: - *“Isto só no Porto... Eu, aqui, não tenho condições de te atender”* -. E lá vai o pobre homem para o Porto, parando numa vila intermediária, no intuito de reduzir o custo da viagem; mas também, ali, ouve resposta semelhante: - *“Não é da nossa especialidade. Por aqui, não vejo quem o possa atender. O melhor é o senhor ir até o Porto”* -. Segue, então, para lá e, como não é familiarizado em gíria técnica, mercê do pacato lugar onde vive, em que todos se entendem por um espontâneo sorriso ou um simples gesto, logo na primeira porta, fica com dúvida da sua própria sanidade mental, quando a atendente lhe diz, com toda a educação: - *“Nós não podemos atender o senhor, porque esta firma só trabalha com produtos de linha”* -. O homenzinho, que sempre se esmerou na pureza das suas palavras e afeito à clareza dos ditos aldeões, em que pedra é pedra e pau, pau, olhou o mostruário e, cabisbaixo, saiu. Na singeleza do seu pensar, não dava para entender como um estabelecimento, que exibia produtos de tornearia mecânica, só trabalhava com linha. E quase se irritou, quando, ao consultar outro estabelecimento, ouviu da linda recepcionista resposta idêntica: - *“Esta firma só aceita encomendas de linha”* -. Foi, então, que, ao passar por uma vitrina, olhou-se e, recompondo-se, murmurou: - *“Será que pensam que eu sou maluco?”* -. Todavia, astuto que era, não se deu por vencido e, voltando ao seu torrão, na taberna, com os amigos, entre um copo e outro, foi expondo o resultado da viagem, como vivido por um seu desafeto. As gargalhadas tinham um só coro e, entre uma beliscada e outra, surgia um comentário: *“Se ele não teve o discernimento de pedir que lhe indicassem um torneiro mecânico de peças avulsas, porque não mandou, logo, fazê-la de barbante?”* E, enquanto a galhofa pros-

seguia, adquiriria orientação, para futuras providências.

- As pessoas sabem, mas duvidam do que sabem, e, assim, inibem-se, lesando o meio em que vivem, que passa a sofrer de hesitação ambiental, à qual o nosso amigo, no intuito de nos alertar para o mal, denominou-a de analfabetização contemporânea universal.

- A persuasão de um povo é mais complexa do que os sistemas comportamentais julgam, exigindo a sua desenvoltura a implantação do parlamentarismo universal, porque só o conselho pedagógico o justifica.

- Precisamos, de fato, desse conselho, porque, ao alfabetizar e ao instruir, impõe-se o capacitar.

- No meu fraco conhecimento pedagógico, entendo que a criança, ao alfabetizar-se, deverá adquirir conhecimentos gerais sobre as conquistas tecnológicas da Humanidade e a aptidão necessária, para o seu desempenho, num ambiente afetivo.

- É, aí, que se impõe o conselho pedagógico ao ministério da educação e da cultura; e o professor cívico ao primário, ampliando-se, assim, a atuação do órgão e o desempenho do agente.

- Só a mãe, com o respeito do pai e o amparo social do governo, pode fazer da criança um cidadão digno.

- Do mesmo modo que só a escola pública, com professores cívicos bem remunerados, pode capacitar o cidadão para o seu ideal, brilhando a pátria, no mundo, pela competência do seu povo.

- E não vos iludais: discurso cívico, sem ação, é semente, que não germina.

- O legislador, ao escrever a lei, terá de metodizar o seu desempenho e sancionar a sua transgressão, para conscientizar a sua abrangência.

- A substituição do professor primário pelo cívico implica em nova definição cultural.

- É lógico. Não se vai capacitar o titular, para se ter o mesmo resultado. O que se almeja é um objetivo maior, daí a sua promoção de primário a cívico.

- Entende-se, então, que a *filosofia sudista* impõe o cres-

cimento cultural, paralelo ao físico.

- Isso mesmo. À medida que a criança for crescendo, adquirirá conhecimento próprio à sua idade, de acordo com a sua vocação e o seu meio.

- Avalie-se a evasão do campo para a cidade, só por não se conceder às populações rurais as mesmas condições de vida das urbanas!

- Por que têm os lavradores de mandar os filhos estudarem Engenharia, Medicina, Direito ou outros cursos superiores, adversos ao seu meio?

- Por aí se vê que, no comportamentismo, o homem, para se instruir, tem de abdicar da sua origem.

- Quando o certo seria as populações rurais terem cultura própria, nos níveis elementar, técnico e superior, para valorização da Agricultura, da Pecuária e de outras atividades afins, pois é, nestes meios, que se fomenta o enriquecimento nacional.

- A produtividade do ser humano é diretamente proporcional ao seu grau de instrução e cultura. Eis o motivo pelo qual as populações rurais encontram-se em nível elementar de prosperidade, pois faltam-lhes os cursos específicos, para a sua desenvoltura.

- Com a instituição de cursos específicos, em todos os níveis, valoriza-se o homem do interior, que deixará de se deslocar para as grandes cidades, à procura de uma atividade, que lhe garanta a subsistência.

- E os resultados serão compensadores, porque as aldeias, assistidas pela tecnologia, converter-se-ão em geradoras inesgotáveis de alimentos e de energia, a principiar pelo biogás, para não se falar de outros produtos naturais.

- E o que acabamos de explanar, em relação ao meio rural, aplica-se, também, à pesca e a outras atividades, auferindo a economia nacional resultado prodigioso.

- Mas, para isso, impõe-se a presença do professor cívico, capacitado a avaliar a vocação das crianças, para, desde logo, receberem orientação adequada.

- Só não acho certo anular-se o professor primário. Todos nós,

que estamos aqui, devemos grande parte do que somos a este eterno incompreendido.

- Eu recorro, com tristeza, os apuros do meu professor primário, quando os problemas domésticos lhe impunham a transparência das incertezas da vida. E, mesmo assim, ele fez de mim o que está, aqui, a conversar convosco. Não adquiri outra cultura, a não ser os seus ensinamentos, o amor da minha mãe e o respeito que o meu pai me impunha.

- E queres formação mais perfeita do que essa? Onde?

- Então, o que pretendeis fazer com o professor primário não é uma grande injustiça? Depois de lecionar dezenas de anos, será afastado, como um traste velho, sem serventia.

- Ó Saramago, a minha admiração por ti cresce, sempre que ouço os teus protestos. É claro que não se vai anular quem construiu esta pátria, de que tanto nos orgulhamos!

- Só queremos valorizar o que tanto a engrandeceu, com o seu trabalho humilde e perseverante.

- Guindar o professor primário a cívico, quer dizer, simplesmente, que todos os que exercem esta profissão, serão valorizados pela nova definição, com salário equiparado ao dos profissionais das forças armadas e escala promocional, por tempo de serviço e de dedicação, exercidos em qualquer lugar, porque, em todo o canto, pulsa o coração da pátria.

- Essa comparação salarial tem um caráter muito lógico, porque a militância nada mais faz do que defender o que a pedagogia construiu.

- O mesmo critério aplica-se às classes laboriosas, sem as quais nem alimento haveria, que, analogamente, terão as suas remunerações ajustadas, para sermos todos felizes.

- No *Sudismo*, ninguém será superior nem inferior, pois todos se empenharão numa causa comum: o engrandecimento da Grei.

- Deixemos as providências para os conselheiros, quando a sociedade quiser que tudo isto exista, porque, agora, a nossa discussão limita-se à divulgação do *Sudismo*, para o que, ainda, muito temos de falar.

- Disserta, então, Silva, sobre outros conselhos, para se ir difundindo o parlamentarismo universal.

- Vamos falar, agora, do conselho legislador, o verdadeiro substituto do parlamento atual.

- No parlamentarismo universal, o próprio parlamento comportamental, constituído de facções demagógicas e enganadoras, será substituído por um conselho de cidadãos idôneos, laboriosos e probos?

- O que acabas de perguntar. Assimilaste bem.

- Ó Silva, e quem vai discutir os assuntos nacionais?

- Olha que a tarefa não é fácil!...

- O povo costuma dizer que é muita gente à boa vida, mas, os que passam por lá, não se atrevem a mudar a textura.

- Não se atrevem, porque desejam voltar, para maior proveito. Nenhum comportamentista sugere reformas maiores. O que todos querem é que as coisas continuem do mesmo jeito, procurando, apenas, acomodar o povo.

- Não é bem assim. No que se desempenha a contento, não se deve mexer.

- E, em termos públicos, alguma coisa funciona a contento?

- Funciona!... As coisas, agora, andam bem. O povo trabalha! Há ordem! Enfim, vê-se, em cada expressão, um ar de esperança.

- De acordo com os olhos de quem vê. Eu, por exemplo, sou mais infeliz do que tu, porque, quando vagueio por esse mundo de Deus, vejo pessoas que me chocam profundamente: crianças sem futuro, adultos sem perspectiva e velhos sem amparo!

- Se formos ver as coisas por esse ângulo, é claro que cruzaremos com um infeliz em cada esquina.

- E não foi isto que eu vos ensinei? Eu não vos alertei para os males avassaladores do comportamentismo, onde todos seguem em frente, sem olhar para o lado, para constatar como vive o seu semelhante?

- Mas, se for como queres, resumindo o conselho legislador em vinte e seis conselheiros, como se poderá ter uma visão ampla da textura nacional, para se legislar satisfatoriamente?

- O grande número de parlamentares de hoje deixa muito a desejar, por falta de tempo, para o estudo das soluções nacionais, quanto mais, no futuro, com, apenas, vinte e seis conselheiros.

- Se é assim que pensais, adviria mesmo uma catástrofe, por falta de gente, para estudar as questões nacionais. É pena que, no decurso de mais de oito séculos, nada se tenha feito em sentido universal, para eu, agora, não ter de afastar os ociosos. Por outro lado, quero alertar-vos para tudo o que, aqui, for debatido, pois esse receio é a comprovação da vossa leviandade, senão teríeis concluído que nunca o sistema legislador português contou com tanta gente, para resolver os assuntos públicos: vinte e seis conselheiros em Lisboa e dois em cada cidade, vila e aldeia, sintonizados com o tema em discussão e os anseios do povo! É o congresso com raízes!

- Entendes que deve ser assim?

- É claro!... A multidão gera babelismo, inibindo os bem intencionados.

- Mas, sendo, apenas, vinte e seis conselheiros legisladores, escolhidos do Minho aos Açores, como vão os partidos políticos colocar os seus representantes no poder?

- Não sei!... Não me pergunteis!... Ao povo, é que compete escolher os que satisfaçam o seu julgamento.

- É muito pouca gente, para estudar os problemas nacionais e legislar a respeito.

- Agora, eu não concordo convosco. Disse-vos, anteriormente, que era preciso completar as frases, quando se notasse a falta de alguma palavra, mas, nesta expressão, há uma a mais. O certo é “muita gente”, para escrever um texto ditado pelo povo.

- Ditado pelo povo? Desde quando o povo dita aos parlamentares as proposições?

- Desde sempre. A multidão, da qual se constitui a Assembleia Nacional, é que não escuta bem o que o povo diz e, portanto, em mais de oito séculos de História, não se registra, em Portugal, uma lei de carácter universal, pois, se assim o não fosse, os cidadãos olhariam as coisas públicas com mais interesse e não se debandari-

am.

- Não se debandariam? Está no sangue! Está na garganta! Está no calcanhar! O português não para na sua terra! Quer conhecer o mundo, num piscar de olhos!

- O homem deve ser inteligente e observador, para avaliar a obra de Deus, que se depara aos seus olhos, no desempenho da natureza. E os portugueses, como tu mesmo acabas de dizer, são mesmo assim. Emigram, imitando as aves, para ver o que há em outras terras. Para saberem as suas dimensões e as suas riquezas. Para constatarem a imensidão dos oceanos, certificando-se de que nada acaba com uma simples fadiga, porque o ânimo todas as esperanças repõe. Observai que as aves só partem, quando os campos, exauridos, não lhes oferecem mais sustento. Como quereis, então, que outros seres, mais inteligentes, assim não procedam, ao sentirem-se em tais circunstâncias? Feliz a nação em que todos têm boa garganta e bom calcanhar! Incompetentes os legisladores, que não satisfazem a garganta do povo nem disciplinam o seu calcanhar. A multidão parlamentar desalenta o verdadeiro legislador, porque muitos são os interesses e escassos os propósitos! É preciso que o conselho legislador seja constituído por poucos, para escutar o que muitos dizem.

- Ó Silva, pela matéria exposta, parece-me que a *ideologia su-dista* já está amplamente consolidada. Agora, não seria o momento de se partir para a fase da organização?

- Por mim, entendo que não. Nós, na maioria, não somos tão perspicazes assim. Precisamos de mais uma sabatina, para se aquilatar o nosso aproveitamento, quanto ao parlamentarismo universal.

- Bem..., começando, já sabemos que os candidatos limitam-se ao seu domicílio eleitoral, natalício ou residencial, não se admitindo dualidade.

- E o cidadão só elegerá quem conhecer pessoalmente e os recomendados, escolhidos pelas outras jurisdições, pois não haverá mais aventureiros a auferirem o voto, com falsas promessas ou programas enganadores.

- Isso é mais importante do que, à primeira vista, se possa imaginar.

- Falando em termos concretos, define, logo, como será o procedimento.

- No *sistema sudista*, como eu tenho dito sempre, não só os habitantes de Rates, como os de todas as cidades, vilas e aldeias portuguesas, só poderão votar em candidatos natos ou residentes na localidade há mais de dez anos, observando que, entre si, não haja parentesco ou afinidade conjugal, no recinto do mesmo poder técnico ou superior.

- Desse jeito, evita-se que aventureiros ou embusteiros alcancem o poder, em qualquer área.

- Prosseguindo-se com esta ligeira dissertação, gostaria que o Silva definisse os poderes universais coordenados.

- Se assim o desejais, inicialmente, defino-os como sete: seis técnicos e um superior:

PODER ECONÔMICO, do qual advirá toda a energia monetária, para a sustentação da Universalidade, motivo das nossas conversas anteriores e de futuras preleções, divisível em tantas coordenadorias, quantas forem necessárias ao bom desempenho da Economia Nacional, destacando-se, desde já, a monetária, a financeira, a patrimonial, a industrial, a comercial, a agrícola, a marítima e a do fomento, abrangendo todas as atividades humanas, com as pesquisas e os empreendimentos adequados, no sentido de conduzir os portugueses à vanguarda do progresso internacional.

PODER SOCIAL, sentinela do bem-comum, que, por coordenadorias específicas, vigiará, eticamente, a distribuição equânime e meritória da renda nacional, a saúde do povo em todos os setores, o padrão da habitação das famílias e a orientação própria às pessoas, no sentido de enquadrá-las no conceito universal.

PODER JUDICIAL, disciplinador do cumprimento da Lei.

PODER LEGISLADOR, sempre atendo ao aprimoramento das leis, para o bom desempenho dos cidadãos, das instituições e da

pátria.

PODER DEFENSOR, com coordenadorias especiais para a defesa interna e externa, segurança pública e investigação em todas as áreas, superintendidas pelas forças armadas, pois, mais do que nunca, precisar-se-á de saber quem ama a nação, quem a fortalece e quem a deturpa ou agride.

PODER PEDAGÓGICO, lapidador do homem universal, difundido nas respectivas coordenadorias.

PODER SUPERIOR, com jurisdição universal sobre os demais, podendo intervir em qualquer um, ao constatar-se procedimento comportamental, conjectural ou abominável, destituindo todos os conselheiros, desde os nacionais aos locais.

- Sendo assim, é preciso ficar bem definido que a responsabilidade dos conselheiros locais é extensiva aos interesses nacionais.

- Nem poderia ser diferente, dado o caráter coordenador e universal. Um conselheiro local nunca poderá omitir-se. Terá de denunciar, logo, à opinião pública e ao conselho superior, pelo órgão competente, pela imprensa e por outros meios, qualquer irregularidade observada.

- Então, dentro dessa sinopse, temos de analisar os que, em Rates, se enquadram em cada poder, para os indicarmos ao sufrágio universal.

- Não esquecendo, nunca, que deverão ser sufragados, sempre, três candidatos para cada poder, com exceção do legislador e do superior, com mais três mulheres, distintas.

- Mas isso dificulta a votação e complica a apuração.

- É uma questão de organização. Se a votação for informatizada, o eleitor terá de digitar só o código dos candidatos da sua preferência. Se for urnal, ser-lhe-ão fornecidas sete senhas, com cores diferentes, nas quais serão escritos três códigos, não esquecendo os coordenadores que, nos poderes legislador e superior, há candidatos masculinos e femininos. E, para se facilitar as eleições, poderão ser definidos meses ou anos, para a escolha dos con-

selheiros de cada poder.

- E quais seriam as cores?
- As do arco-íris, por representar a aliança de Deus com os homens, o que se identifica com o *Sudismo*, assim distribuídas:

PODER ECONÔMICO, vermelha, símbolo da prosperidade.

PODER SOCIAL, verde, a esperança de um mundo melhor, enriquecida pelas realizações dos nossos ascendentes.

PODER LEGISLADOR, amarela, representando a prosperidade, auferida pela definição das leis e pelo respeito dos direitos universais dos cidadãos, das instituições e das jurisdições.

PODER DEFENSOR, violeta, lembrando a custódia do patrimônio cultural e liberal da nação.

PODER PEDAGÓGICO, cor-de-laranja, evidenciando a alegria do povo, pelos valores alcançados por intermédio da educação, do ideal e da instrução.

PODER JUDICIAL, azul, pela sua afinidade com o espaço sideral, donde provém a justiça divina.

PODER SUPERIOR, cor-de-anil, sublimação da universalidade.

Isto, contudo, não é definitivo, pois poderão ser modificadas, de acordo com a vontade do povo. Eu é que não posso ficar indeciso.

- Eu acho que as cores estão bem definidas. O que eu queria saber é se tens, também, método próprio, para os códigos dos candidatos.

- Não só para os candidatos, mas também para todos os cidadãos. Reparaí bem: Nem todas as pessoas gostam de divulgar a sua data de nascimento, para não revelarem a idade. E nós não vamos coagir quem quer que seja. Manteremos, sempre, com todos, o maior respeito aos seus princípios, aos seus costumes e às suas ideias. E, dentro deste conceito, criamos, neste momento, o código natalício do cidadão, de grande valor para os direitos individuais e empresariais.

- Ó Silva, bom conversador, que és, estás a alongar muito o

assunto e, assim, terminaremos por ficar confusos. Diz, de forma objetiva, como se obtém esse código.

- O código natalício constitui-se de quatro dígitos. Os dois primeiros referem-se ao dia do nascimento e os dois restantes, ao do mês. Uma pessoa, nascida em vinte e dois de Outubro de mil e novecentos e quarenta e um, terá o código 2210, desprezando-se os dígitos do ano, para não a preocuparmos com a revelação da idade.

- Dentro desse critério, não me parece que sejam necessários os dígitos do mês.

- O Silva ainda não acabou a explanação e, pelo conhecimento, que temos, da sua personalidade, os dígitos do mês têm colocação garantida.

- Nem é preciso perguntar-lhe. Aguardemos, que a definição virá.

- Todos sabem que, no princípio de cada mês, nas grandes cidades, os bancos, as tesourarias e as pagadorias ficam sobrecarregados de serviço, com grande sacrifício para os seus funcionários. Então, plagiando Deus, que, ao contrário dos homens, organiza tudo sem lacunas, o *sistema sudista* implantará o código natalício.

- Sim!... E daí?... Que finalidade tem esse quesito?

- Relevante, para o funcionamento da *pátria sudista*. Todos os compromissos, quer individuais, quer empresariais, só serão exigíveis do natalício ao quinto dia útil subsequente, observando-se o mesmo critério para os benefícios. Deste jeito, não teremos mais a sobrecarga dos estabelecimentos recebedores ou pagadores e o movimento mensal será constante.

- Ó Silva, eu critico-te, mas não deixo de reconhecer que, a par de toda a tua sabedoria, és, também, detentor de ideias engenhosas, das quais não podemos regatear o seu valor.

- Eu esperava que vós me perguntásseis mais alguma coisa sobre este quesito, mas, como tal não aconteceu, vou, então, complementá-lo: O código natalício empresarial é obtido da soma dos códigos dos seus fundadores, divisível pelo quantitativo, o que se aplica, também, às jurisdições locais, municipais, provinciais e nacional, permanecendo para sempre, salvo decisão contrária do po-

VO.

- Não é qualquer um, que implanta um sistema ideológico!...
- É preciso ter fósforo na cabeça.
- E eu, que andava preocupado com o pagamento do salário de subsistência aos dez milhões de portugueses, no início de cada mês!
 - Agora, ficaste a saber que, ao contrário do início, é durante o mês, nos cinco dias úteis, seguintes ao natalício de cada português.
 - Isso implica em que todos os documentos, relativos a dinheiro, tragam, bem destacado, o código natalício, definindo o período do compromisso, tanto para as pessoas, como para as instituições.
 - Não!... Nós não vamos parar as nossas conversas por aqui!
 - Mesmo que o *Sudismo* seja absorvido imediatamente pelo povo e colocado em prática, temos de continuar com as nossas reuniões, para evoluirmos.
 - Não podemos dispensar as ideias brilhantes do Silva.
 - Para isso, é que eu recomendo o *SUDER*, como sociedade secreta, constituída de cidadãos idôneos, laboriosos e probos, de ambos os sexos, domiciliada em todas as cidades, vilas e aldeias portuguesas, para se apreciar, discutir e conduzir a vida nacional, no rumo da universalidade.
 - E terá de ser secreta?
 - Sim!... Estou de acordo com o Silva. Devemos evitar a infiltração de quem possa desvirtuar os seus princípios.
 - Se começarmos a falar do *SUDER*, perderemos o fio da meada.
 - O assunto premente é o código natalício e vamos entrar, agora, nos dígitos mensais.
 - Os dígitos mensais definirão a sua amplitude, uma vez que há grande número de pessoas nascidas em qualquer dia.
 - E, nos meses, também.
 - Mas as coincidências são menores. Como vimos, os poderes serão identificados por códigos, se a votação for informatizada; e por senhas coloridas, quando urnal, havendo, em ambos os casos, três espaços, para se escrever o código natalício dos concorrentes.

Então, baseando-nos na data de vinte e dois de Outubro, para determinado candidato, teríamos o código 2210.

- E, se houver coincidência de mês e dia?
- Observando a ordem alfabética dos nomes, acrescentaremos doze meses aos dois últimos dígitos, para o segundo concorrente, ficando com o código 2222 (10+12).
- E, havendo um terceiro, em tais circunstâncias?
- O procedimento é acumulativo: 2234 (10+12+12).
- Ficamos inteirados do esquema, quanto à definição dos concorrentes.
 - Nem tanto assim.
 - Como nem tanto assim? Definição dos poderes, escolha dos candidatos e votação em três de cada área, com exceção dos conselhos superior e legislador, nos quais haverá três espaços duplos. Não é isto?
 - Há um complemento, que me escapou, e ninguém me interpelou a respeito.
 - Ó Silva, isso é natural. Nós acreditamos, plenamente, em ti e nem estamos com a atenção despertada para qualquer objeção.
 - É isso mesmo!... Acrescenta esse dado e vamos em frente.
 - Ratifica-se, então, que os candidatos têm de ser naturais, consortes ou residentes há mais de dez anos. Agora, quanto aos consortes, será preciso saber se o casamento não foi intencional.
 - Lembraste bem!...
 - Nesses casos, tem de se averiguar se o candidato objetivava auferir os direitos do cônjuge, para tal fim.
 - Não é fácil obstar os audazes.
 - Eles estão por aí, atentos a tudo!
 - Aqui, eu quero intercalar o *Cadastro Universal*, de grande valor para a Humanidade, com a identificação de todos os habitantes da Terra, no tempo e no espaço, sem possibilidade de repetição de número, bastando que o órgão competente de cada nação, no registro de nascimentos, observe os seguintes quesitos, constituídos, apenas, de dois dígitos: *prefixo, coordenada geográfica, era, milênio, século, ano, mês, dia, hora, minuto e sufixo*, impressos, em

código de barras, em todos os documentos de identidade e passaportes, para reconhecimento automático de *comuns*, *enaltecíveis e com desvio de conduta*. Para tanto, dividir-se-á o planisfério em cem meridianos e cem paralelos, desempatando os dígitos da hora e do minuto as possíveis coincidências. O prefixo, mutável, tem a seguinte composição: Primeiro dígito: **1**, definindo pessoas do sexo masculino e **2**, do sexo feminino. Segundo dígito: **0**, pessoas comuns, com fluxo universal; **1**, pessoas enaltecíveis, pelos relevantes serviços prestados à sociedade e reconhecidos por autoridade competente; e **2**, pessoas com desvio de conduta, carecentes de referência, imposto por decisão judicial, tão logo o titular receba condenação complementar. E o sufixo **00**, metamorfoseável de **01** a **99**, de acordo com a profissão exercida. Todos estes dados deverão ser incluídos na certidão de nascimento, de acordo com os respectivos mandamentos, implícitos na última tábua da Constituição Universal, aos quais se acrescentará o código do país e do local exato do nascimento, com tantos dígitos quanto os necessários.

- São quesitos muito importantes, pois, embora alguns defendam o não constrangimento das pessoas, é importante enfatizar que o direito de cada um termina onde começa o de outrem.

- E todos nós temos o sagrado direito de saber com quem nos relacionamos.

- E, quem não quiser sofrer constrangimentos, que zele pela sua dignidade!

- É importante lembrar que, tanto os comportamentistas quanto os conjeturistas, são os mais interessados na preservação sigilosa da reputação pessoal, porque, em tais circunstâncias, estão, também, envolvidos.

- Retornando ao assunto anterior, já sabemos, então, como funciona a coisa. Em Rates, elegeremos os nossos candidatos, que, em conjunto com os das outras freguesias do município da Póvoa de Varzim, formarão o conselho municipal de cada poder. Criados os conselhos municipais, todos os conselheiros voltarão a sufrágio, para a escolha do conselho hegemônico, constituído dos três mais votados em cada área, concorrendo os primeiros colocados a con-

selheiro nacional e ecumênico, por sufrágio provincial, ficando os restantes com a presidência dos conselhos municipais e as suplências ordinárias. Este critério será análogo para todos os municípios, todas as províncias e os arquipélagos, bem como para as megalópoles, a fim do poder universal emanar do povo.

- E teremos, então, o governo universal pleno, em todo o território nacional.

- Ó Silva, eu só temo que esse sistema seja saturante e o povo não se interesse pela sua implantação.

- O povo é bom e cordato, indo aonde os condutores o quiserem levar. Reage, apenas, de forma imprevista, quando se sente traído. Ora, se nós, *sudistas*, temos um programa, que divide a História da Humanidade em dois capítulos - *au* e *du* -, por que temer-se qualquer reação popular? O nosso procedimento, os nossos cabelos de prata e a nossa voz cansada inspiram confiança patriarcal. Tudo o que o Homem faz ou diz é resultado do período da sua vida.

- E convém termos, sempre, na mente, a existência dos sudetariados, onde o povo, reunido semanalmente, apreciará e discutirá os interesses individuais, locais, municipais, provinciais, nacionais e ecumênicos.

- Eis o grande valor destas instituições!

- Não existentes nos sistemas comportamentais, por não interessar aos mentores das facções dominantes a opinião popular, alheia aos seus interesses.

- Por mim, eu nem te saturaria com o pedido dessa explanação, porque tudo já foi explicado por ti, quando criaste o *SUDER*, para se estudar a implantação das medidas adequadas à evolução do *Sudismo*. Reconheço, entretanto, que nem todos os condiscípulos são tão perspicazes assim, como foi lembrado por alguém.

- O que eu temo é que a massa popular não se adapte a esse sistema eleitoral, de escolher nomes de conterrâneos, que, com os eleitos das outras localidades, voltem a sufrágio municipal, para se definir os três mais eficientes de cada área, sendo, então, entre os

primeiros de todos os municípios, apurados os conselheiros nacionais, que, com os das demais províncias e dos arquipélagos, constituirão o parlamento universal e o ecumênico.

- É natural essa preocupação, mas não vos esqueçais de que os eleitos pelas outras localidades constituem os recomendados, que, seletivamente, deverão ser interpretados como conhecidos, idôneos, laboriosos e probos. E observai, sempre, a *máxima sudista* – “*organizai-vos e administrai-vos*” -, para a prosperidade e a alegria conviverem convosco, pois, sem estes quesitos, nenhum ser humano será feliz, na face da Terra.

- Nós entendemos-te bem, porque és competente e atencioso.

- Tens competência de sobra, para divulgar a mensagem do novo milênio, de que és portador, e paciência bastante, para dirimires as nossas dúvidas; mas a mesma sorte não terão os que dialogarem conosco, porque não somos tão eficientes como tu.

- As minhas faculdades estarão presentes onde e quando se falar da Universalidade, que nada mais é do que a redenção dos desventurados.

- Ó Silva, desculpa-me, mais uma vez, a minha impertinência!... Tem paciência!... Escreve uma tábua eleitoral!

- Nós já estamos habituados às tábuas e, assim, assimilaremos melhor a matéria, divulgando-a, com toda a convicção.

- Se é assim que quereis, nada me custa atender-vos. Vou, então, ler os mandamentos eleitorais, já inseridos por mim no *catecismo sudista*, que será introduzido em “*A República de Rates*”, sob a designação de *Constituição Universal*:

1. Comparecerás a três eleições sucessivas, escolhendo, na primeira, três homens e três mulheres da tua localidade, conhecidos, idôneos, laboriosos e probos, para os poderes superior e legislador, mais três cidadãos de qualquer sexo, para cada um dos demais poderes, nas mesmas circunstâncias.

2. Os conselheiros locais, em conjunto com os das outras localidades, interpretados como recomendados, constituir-se-ão nos Conselhos Municipais, dos quais, por segunda eleição, de acordo com o critério do primeiro mandamento, escolherás os conselhei-

ros hegemônicos, observando os mais competentes.

3. Os conselheiros hegemônicos dos municípios formarão o Conselho Provincial, do qual, seguindo o critério ratificado, escolherás, em terceira eleição, os conselheiros nacionais e ecumênicos.

4. Os mais votados de cada província e arquipélago, em cada área, ocuparão os cargos de conselheiros nacionais superiores e técnicos.

5. Dos colocados em segundo lugar, com maior média eleitoral entre todas as províncias e os arquipélagos, por área, será constituído o Conselho Ecumênico, formado, apenas, por um elemento feminino e um masculino dos poderes superior e legislador e de um, indistintamente, dos demais, permanecendo os restantes hegemônicos na suplência.

- Sinto-me feliz, por não ser um dos mais cultos do grupo!
- É a primeira vez, na minha vida, que vejo uma criatura regozijar-se com o seu grau de inferioridade cultural.
- Eh!...
- Nada do que imaginais!... Longe de mim qualquer desconsideração a quem quer que seja. Pelo contrário!...
- Então, como explicas o não invejares a cultura alheia e te orgulhares do pouco que sabes?
- Quanto á cultura, eu estou, apenas, conformado com o que sei e não orgulhoso. Congratulo-me comigo mesmo, por ter assumido, de peito aberto, a minha precária intelectualidade, sentindo, nesta altura, a necessidade de uma tábua eleitoral, que, no meu parco conhecimento, seria relevante para a implantação do parlamentarismo universal. E sinto-me contente, ao ver que, com esta divulgação, a Humanidade nunca mais precisará dos partidos políticos, que, além de comportamentais, são geradores de discórdia e de desintegração cívica. Julgo eu, neste momento, ser o sistema divulgado pelo Silva o mais objetivo, pois visa só uma causa – *o entendimento universal* – com os recursos suplementares, disponíveis nas suplências e nas comissões especiais, desde logo facilita-

das.

- Essa explanação é o atestado da tua *competência sudista*. Mostras que não passaste, em vão, por aqui.

- E o nosso regozijo é maior, quando constatamos que, pelas tuas últimas palavras, te constituíste num dos nossos baluartes.

- Eu sou assim: humilde, franco e audaz. Apraz-me receber a orientação dos competentes, saber o chão que piso e ter o direito de seguir os meus passos. E, com esta convicção, serei discípulo do Silva, enquanto Deus quiser.

- E há de querer por muito tempo, pois precisamos de ti, para a nossa integração.

- Nada é impertinente, quando se abraça uma causa, de peito aberto, como o disseste, e se deseja alcançar os conhecimentos necessários, para a sua realização, como sempre o tens feito. Nós é que te louvamos, pela franqueza da tua luta. Confesso que, pela minha acomodação, o *Sudismo* não seria, facilmente, divulgado, pois falta-me a coragem de arrancar do Silva a sabedoria, que inunda a sua mente.

- Há, ainda, um quesito, só agora mencionado, que o Silva terá de expor minuciosamente – *o conselho ecumênico*.

- Estamos a limpar a Humanidade do continuísmo, do comportamentismo e do conjeturismo, males que muito alheiam os filhos de Deus. Ninguém ignora as profecias sobre o julgamento final e, em vão, pensa-se que Deus virá, em carne e osso, julgar os vivos e os mortos. Puro engano!... Tudo o que tiver de ser feito, aqui, será inspirado ao Homem. De quando em quando, passam, pela Terra, os mensageiros de Deus; mas os incumbidos da divulgação do seu recado, no decorrer dos tempos, pervertem-se e, banquetecendo-se com os comportamentistas, trocam o sacerdócio pela vaidade e pela luxúria, enquanto os infortunados continuam a lamentar o seu destino. Só é legítimo representante de Deus o que, por leis, disciplina o comportamento humano, para o bem-comum. E, para isto, em nome de Deus, criamos o conselho econômico e o social, pelos quais daremos casa e comida a todos, com as riquezas geradas pelo trabalho, sem precisarmos de ser superiores uns aos

outros. O homem não necessita de sofrer ou de acreditar em mitos ou dogmas, para se encontrar com Deus, aqui, ou quando partir para a eternidade. Basta que trabalhe e seja justo. E, para facilitar o seu desempenho, criamos, também, os demais conselhos, sem recorrer a santos, porque santo é todo o filho de Deus, em pleno gozo da sua personalidade. Ao homem, não se deve exigir resignação; mas, sim, respeitar os seus direitos, definidos na *Constituição Universal*.

- Louvo a tua dissertação, com a qual concordo em todos os pontos, mas não fiquei esclarecido sobre o conselho ecumênico.

- O conselho ecumênico, de constituição análoga ao do parlamento universal das nações, substituirá as representações onerosas, de efeito nulo, quanto ao cidadão, e extintas com os três sufrágios universais subsequentes, pois, no *Sudismo*, só poderá falar em nome do povo, o que, pelo próprio povo, tiver sido outorgado.

- Desaparecem, então, as embaixadas e as outras representações diplomáticas?

- Sim!... E não deixam saudade! Ocupadas por pingentes do poder comportamental, nada oferecem ao povo. Cada país terá de construir o seu Palácio Ecumênico, no centro de uma área ajardinada, inacessível a veículos alheios, em cidade escolhida por sufrágio universal, que não a sua capital, onde todos os países, todas as nações e todos os povos terão a sua representação, constituída, no mínimo, de uma sala de recepção e do gabinete de chefia, extensível ao uso comum, com salão de reuniões, no qual possam exibir-se documentários sobre a cultura, os costumes e as tradições de todas as nações, salão nobre e demais dependências, com departamento de exposições técnicas, industriais, comerciais e culturais. Na medida do possível, todos os edifícios deverão ser conformes, para as pessoas sentirem-se como na sua própria terra. O seu titular será o Conselho Ecumênico e as conferências e reuniões assistidas pelo conselheiro específico.

- E a *ONU* como fica?

- Por ser uma organização comportamental, não terá afinidade com o Parlamento Ecumênico.

- E tu pensas que os poderosos vão aceitar isso?
- Acredito mais na terceira guerra mundial do que na concordância das grandes nações.
 - As mensagens são transmitidas, para proteger os desditosos e não os abastados. Quem vos disse que eu tenho medo dos poderosos? O forte só predomina até o dia em que for abandonado. Não importa se tenha de haver a terceira guerra mundial, porque os sobreviventes, depois, adotarão a ideologia, que melhor atenda à Fraternidade Universal! Todos os povos deverão ter os mesmos direitos e dispor das mesmas armas! O Palácio Universal será deificado e os crimes cometidos em seus recintos, dependências ou jurisdições, julgados pelo Conselho Ecumênico Magistral. A representação que ocultar criminosos, sujeitará todos os seus integrantes a julgamento ecumênico, por solidariedade convicta criminal. Nenhum país, nação ou povo terá supremacia e as reuniões dos conselhos poderão ser simultâneas, em qualquer parte do mundo. Os crimes praticados no Palácio Universal de Portugal poderão ser julgados no da Austrália e vice-versa. É o mesmo poder e a mesma universalidade.
 - E onde está escrita a Legislação Universal?
 - Na *Constituição Universal*, no senso dos povos e na jurisprudência dos conselheiros, fruto da maioria – metade mais um. Os conselheiros superiores ecumênicos poderão decretar a destituição do governo inconveniente de qualquer país ou nação, sendo o seu território ou as suas bases imediatamente ocupadas por contingente três vezes superior ao seu, com bloqueio econômico universal, até se promover a eleição de novos governantes. Os militares, que, nesta beligerância, ou em qualquer outro comportamento, resistirem ao Exército Ecumênico, estarão, automaticamente, condenados, bem como os dirigentes de outros povos, que ensejarem a desobediência universal. O país, que se omitir ao procedimento ditado, sofrerá a mesma pena do insurgente.
 - Vieste, sempre, muito cordial, mas, agora, mostraste as unhas.
 - As minhas unhas sempre estiveram à mostra. O meu proce-

dimento é transparente como o cristal da rocha e a água do riacho, que desce da vertente. E, assim, deverá ser o procedimento dos conselheiros locais, municipais, nacionais e ecumênicos. Ninguém poderá deixar de ser punido pelos seus delitos. Quem pensa o contrário, é pior do que o maior delinquente.

- Ó Silva, qualquer um dos aqui presentes sabe que eu sou adepto incondicional das tuas ideias. Não te rebato, porque acho que o que dizes é o máximo em prol do semelhante, seja abastado, remediado ou carente. Agora, quanto às representações dos países, entendo que alguns têm volume de interesses excedente ao seu espaço no Palácio Universal. Como ficarão esses povos?

- Este espaço é referencial. Nada impede que qualquer país tenha edificações suplementares, com as mesmas prerrogativas; mas, para se falar com os Estados Unidos da América, por exemplo, será, sempre, na representação ecumênica, desde o mais insignificante assunto ao mais relevante. Se este país ou qualquer outro quiser ter instalações complementares, por exigência dos seus interesses, congratular-nos-emos com a sua grandeza, mas lá não iremos, porque constituirão, apenas, assunto da sua competência. O que definimos é que qualquer cidadão, seja qual for a sua condição, terá o sagrado direito de pisar na sua terra, ou seja, no Jardim Ecumênico, sem ser molestado, e o autor de qualquer agressão, ali praticada, independente do grau, sofrerá a pena máxima, extensível à representação, que lhe der guarida. Todo o país participará da custódia universal e, se qualquer autoridade relaxar a segurança ou facilitar a agressão, sujeitar-se-á ao julgamento ecumênico.

- A pesar do nosso entusiasmo, quanto à *teoria sudista*, nós não somos tão néscios, a tal ponto de julgar que o Conselho Ecumênico será aceito, imediatamente, por todos os povos. A própria História mostra-nos que nenhum sistema, por mais justo que tenha sido, alcançou a Universalidade.

- É uma ideia brilhante, mas não uma futura realidade. O que está nas nossas mãos é o desenvolvimento da *célula original sudista*.

- Temos, isto sim, de nos comenetrar de ser este o único sis-

tema capaz de extinguir os males da civilização comportamental.

- Não importa ao homem íntegro o que lhe vai acontecer, quando partir para a Eternidade, porque ninguém resolve os problemas antecipadamente, ainda mais quando conjecturais.

- A nossa consciência é plena. Estamos, aqui, porque Deus para cá nos mandou, e, diante desta realidade, temos de solucionar as carências de todos e sancionar os desmandos de alguns, a fim de não enveredarem pelo mal. Nesta condição, voltaremos à Sua presença, sem nada temer.

- Os problemas da Eternidade enfrentá-los-emos com a mesma simplicidade terrena, porque honrados fomos diante dos nossos irmãos e o seremos na presença do Pai. Não precisaremos, pois, de nos amedrontar com as ameaças conjecturais. Assim serão os sudistas.

- É evidente que não poderemos impor aos outros povos um sistema, que nos parece mais adequado à resolução das necessidades humanas, mesmo porque não sabemos se o seu grau evolutivo iguala-se ao nosso.

- Só o procedimento dos portugueses, no decorrer do tempo, após a sua adoção, é que os despertará para o valor do *SUDE*.

- Entendo eu que os conselheiros ecumênicos constituirão, apenas, uma disponibilidade esclarecedora às nações, que se queiram perfilar na universalidade, sem prejuízo dos seus valores culturais, preserváveis em todos os sentidos, porque o homem não poderá ser constringido em nenhum dos quesitos da sua formação ética.

- A mim, também me parece prematura a criação do conselho ecumênico, pois nem sabemos se os portugueses aceitarão o *Sudismo*, quanto mais os outros povos.

- As incógnitas foram constantes nas mentes de uns e de outros, durante as nossas conversas; mas, agora, conscientes, insistimos com o Silva que nos ensine mais.

- Portanto, entende-se que o conselho ecumênico não é um obstáculo. Para mim, é, apenas, mais um passo.

- Da minha parte, assimilo-o com toda a tranquilidade e já co-

loquei na minha memória o Conselho Ecumênico de Portugal, fechando o círculo universal.

- Fechando o círculo universal?

- Sim!... Com o conselho ecumênico, fecha-se o círculo.

- A minha percepção é modesta. Se assimilaste bem a intenção do Silva, expõe-no-la da melhor maneira possível, para atingirmos, também, o teu grau de evolução.

- Tudo começa com o conselho local, constituído de um representante de cada poder, eleito pelo povo, que, ao transpor o seu perímetro, aglutina-se, por áreas, aos das demais freguesias, para, em conjunto, formarem os conselhos técnicos e superior municipais, prosseguindo, sistematicamente, para os nacionais, fechando-se com o ecumênico, que, como o local, forma-se, apenas, de um elemento técnico e de um casal de cada área das nações.

- Espera um pouco. Vamos definir isso bem. Pela exposição do Silva, o número de conselheiros ecumênicos não seria igual ao dos conselheiros nacionais, uma vez que cada província e cada arquipélago apresenta um por área e dois superiores e legisladores?

- Pela tua dúvida, vê-se que a tábua eleitoral ainda não foi bem assimilada, mormente no que se refere ao quinto mandamento.

- Todos estais com razão. Como sabeis, os *assuntos sudistas* também são debatidos pelos caminhos de Rates, quando, casualmente, nos encontramos em qualquer esquina ou nos dirigimos às nossas residências, após estas conversas. E, em tais momentos, são desenvolvidos alguns pormenores, ficando eu sem saber quando e onde requintei a matéria. É provável que o nosso companheiro tenha assistido a alguma destas conversas esclarecedoras, fora daqui. O que eu quero dizer-vos, neste momento, é que Portugal disporá de um Conselho Ecumênico, constituído de um elemento de cada área, tão logo o *Sudismo* seja adotado oficialmente, excetuando-se os conselhos superior e legislador, representados por um homem e uma mulher. Para tal fim, a apuração dos conselheiros nacionais terá dois critérios, como consta da referida tábua: o número de votos obtidos, para determinar a ordem provincial; e o quociente nacional, que indicará a posição dos ecumênicos, a partir do segundo

lugar, pela fórmula p/P , em que p é igual ao número de votos obtidos pelo segundo colocado provincial ou do arquipélago e P , ao total de eleitores da província ou do arquipélago. Ora, o segundo colocado, que atingir maior quociente, no complexo nacional, será o conselheiro ecumênico da área, ficando os demais em suplência.

- De fato, todo o mundo ficou no ar, exceto o Saramago, que se vai esclarecendo, com a sua insistência sobre os assuntos.

- O Saramago, quase sempre, acompanha-me até a porta da minha casa e vai puxando pequenos detalhes, que, aqui, às vezes, me escapam.

- Está tudo certo!... O que nós queremos é que os assuntos fiquem bem definidos, para não sermos ridiculizados pelos comportamentistas ou pelos conjeturistas.

- Temos de estar bem atentos, porque, mexendo o *sudismo* com muitos interesses, os adversários serão muitos e, de dentes afiados, tudo farão para nos devorar.

- Mesmo que os afiem bem, nada conseguirão, porque esta ideologia é, por demais, eficiente.

- Tem planos concisos, para todos os problemas da Humanidade, e fórmulas concretas, para a sua execução.

- O que a torna, de fato, irrefutável.

- E as vantagens, que nos oferece, em relação aos partidos políticos, que, chafurdando no comportamentismo e no nepotismo, valem-se de todos os ardis, para alcançar a supremacia.

- À custa da mentira e da falsidade!

- Concordo contigo!... À custa da mentira e da falsidade, porque, ganho o pleito, nunca mais conseguimos encontrar-nos, cara a cara, com os vencedores, para lhes cobrar o que nos prometeram.

- E a gestão exaure-se, sem os programas oferecidos se realizarem.

- O que se vê, depois da vitória eleitoral, é uma polícia muito ativa, ocupada com a manutenção da ordem.

- Para a qual todos são desordeiros, mesmo os que reclamam o cumprimento das promessas feitas.

- E sabeis que, tanto a polícia, como os eleitos, estão com ra-

zão?

- Os comportamentistas, na verdade, nada prometem, porque nada sabem a respeito das carências do povo. Quem promete, são os publicistas, os grandes enganadores das massas.

- O seu mundo é outro. Durante e gestão, preocupam-se, apenas, em facilitar o interesse da facção e o movimento dos monopólios, para garantirem o subsídio da próxima campanha eleitoral.

- É, por isso, que os meios governamentais estão cheios de corruptos.

- De corruptos e de apóstatas! Para a maioria dos comportamentistas, civismo é o seu estômago e o saldo da sua corrente-bancária, não lhes importando quem prepare as iguarias ou efetue os depósitos.

- Não podemos generalizar a acusação. Afinal, sempre houve cidadãos de ambos os sexos cômicos dos seus deveres, mesmo na política.

- Mas o seu objetivo primordial são as altas remunerações e o prestígio pessoal, pois, se assim não fosse, bastaria, apenas, uma gestão, para os assuntos nacionais serem equacionados de uma vez por todas, dado o grande número de parlamentares, para os estudar e resolvê-los.

- A política é litigante e negociadora e, com estes males, nada se alcança.

- Os comportamentistas já vão para o parlamento dispostos a obstruir as moções das partes contrárias, sem se importar com os problemas do povo.

- E a pátria?

- A pátria?! Para a maioria é o seu saldo bancário!

- É, por isso, que eu acho que o Silva está com toda a razão, quando institui o parlamento universal. Puro!... Vindo das entranhas do povo!... Sem a malícia publicitária.

- Todos conhecerão os candidatos, os seus costumes, a sua competência e o seu caráter!

- E não haverá a campanha publicitária dos monopólios, induzindo gato por lebre, porque o sufrágio local não lhes será propí-

cio.

- Nem se saberá se o candidato local, mesmo eleito, chegará a Lisboa, porque o crivo é depurador, desalentando qualquer investimento corruptor.

- Eu não diria isso com tanta certeza. Os empresários, seja em que setor for, são muito astutos e sempre criam métodos, que viabilizem os seus intentos.

- Portanto, muito cuidado com as nossas palavras, que poderão constituir-se em chave publicitária.

- Nada é impossível a essa gente.

- Ainda mais se levarmos em conta que o parlamentarismo universal provocará as adversidades comportamental, conjetural e publicitária, pois, acima dos benefícios concedentes ao povo, estão os interesses dos militantes.

- É muita adversidade contra um só objetivo.

- Sem observarmos o apoio econômico comportamental.

- Realmente, há muitas economias escusas, que, no momento certo, unem-se, para dificultar o sucesso de qualquer sistema depurador.

- E os que pressentirem o seu prestígio ameaçado, não escusarão apoio de quem quer que seja.

- Nessas horas, até a cauda do diabo serve para amarrar sacrário!

- O que importa são os recursos!

- Venham de onde vier.

- De qualquer maneira, estão bem definidos os benefícios do *sistema sudista*, em relação aos programas comportamentais, o que facilitará muito a atuação da célula original, que, creio eu, logo se desdobrará em um número considerável de células cívicas, gerando os movimentos propícios à implantação do parlamentarismo universal, para o bem-comum.

- Não restará a menor dúvida, a quem nos escutar, plenamente.

- Então, por mim, acho que o Silva pode seguir com outro assunto.

- Eu também concordo. Já temos uma noção do parla-

mentarismo universal, em termos locais, municipais, provinciais, nacionais e ecumênicos. As arestas verificadas aparar-se-ão no momento oportuno, pois nada nasce completo e só se esmera com o tempo.

- Daqui para a frente, as conversas girarão em torno de assuntos já debatidos, no sentido de se lhes dar uma ligeira solidez, para a sua divulgação.

- É a tal sabatina, pedida por um dos discípulos, que, por certo, bons resultados oferecerá a todos nós.

- E o Silva que trate de arejar os escaninhos da memória, para nos beneficiar com a grandeza das suas ideias.

- Grandeza das minhas ideias!... Quem ouvir, há de pensar que eu sou um ilustre catedrático ou um grande filósofo! Mas frustrar-se-á, ao verificar que, no meu cérebro, nada mais existe do que uma simples aragem rural.

- Pura, como as aspirações do povo e o aroma sazonado das searas e dos pomares!...

- Quando as searas e os pomares amadurecem os frutos, é hora de se usufruir o que tanto custou a cultivar. E, para não faltar ao que sempre vos prometi, neste momento, entrego a cada um de vós o *Catecismo Sudista*, doravante denominado *Constituição Universal*, para o Homem ter o seu preceito. Observai-a, com a fé em Deus, para serdes felizes eternamente.

- Finalizando esta fase das nossas conversas, digo-te, Silva, que a *Constituição Universal* superou a minha expectativa. Nunca pensei que nos contemplasses com tão elevado instrumento ideológico.

- Aguiar, eu sempre procurei caminhos, que me permitissem convidar os meus amigos a seguirem-me. E, desta forma, não poderia oferecer-vos outra coisa, pois, nas minhas aspirações, sempre contei com Deus, para me ajudar a resolver as dificuldades dos desventurados.

- Eu queria mesmo é que continuasses com as preleções, que tanto nos ilustraram.

- Sim!... Eu concordo com todos vós, mas chegou o momento

Siavon - A República de Rates

de se exteriorizar a mensagem do novo milênio, porque o dia da Fraternidade Universal está a chegar e o tempo, para a preparação do povo, já escasseia. Entrego-vos, portanto, mais este escrito, chave da nova era, para ser proferido, solenemente, por todos, de pé e de mãos dadas, neste momento.

PROCLAMAÇÃO DE RATES

1. Proclamamos o amor a Deus, à Pátria, à Família, à Justiça, à Paz e ao Trabalho.
2. Inspirados por Deus e ilustrados pela História, olvidamos o ateísmo, o comportamentismo e o conjeturismo, pelos males infligidos à Humanidade, substituindo-os pelos Poderes Universais Coordenados.
3. Abjuramos a discriminação da mulher, para quem, na condição de filha de Deus, impomos a igualdade universal com o homem.
4. Promulgamos a Fórmula Econômica Universal, pela qual se concederá às pessoas, às instituições e às jurisdições a distribuição equânime e meritória da renda nacional e os demais benefícios da Solidariedade Cívica Universal.
5. Juramos a Constituição Universal.

- Agora, confirmado o nosso amor pela Humanidade, peço-te, Silva, que nunca nos abandones, pois, contigo, tudo seremos e, sem ti, nada faremos.

- Gostaria que, como mestre, nos desses as definições do que dispuseste na *Constituição Universal*, para a nossa eficiência, no trato diário com o povo.

- A vossa eficiência já vos foi concedida, na interpretação da *Constituição Universal*, que deveis confiar aos doutos, pois só a Humanidade representa Deus, na Sua gênese universal, delegada à individualidade, presente em todos os homens. Transmitem esta mensagem a todas as pessoas e a todas as gerações, cercando-vos de catedráticos, de pensadores e de técnicos – idôneos, laboriosos e probos -, para a preparação das normas e dos métodos, que a viabilizem.

- Sinto, na minha alma, a grandeza da tua palavra, mas não consigo aceitar a tua ausência.

- Todos nós rejuvenescemos com o teu convívio e as tuas palavras, durante estas preleções, portanto, reclamamos a tua presença, em todos os momentos da vida, para, contigo, termos a certeza de um mundo melhor.

- Afinal, quem és tu?

- Eu sou, apenas, um predestinado, que veio à Terra, e não gostou do que viu. Doravante, pertencerei à Humanidade e a minha presença será ideológica. Falarei com todos, sempre, pelo *Su-der*, que vos defenderá do comportamentismo e das conjeturas contemporâneas, que tanto sofrimento têm causado aos filhos de Deus.

EPÍLOGO

1. A Humanidade é embarcação, que navega em mar revolto, podendo, em qualquer momento, i-mergir nas procelas.
2. Para salvá-la, basta colocar na mão dos passageiros a Constituição Universal.
3. E a sua tripulação conduzi-la a porto seguro – Deus!
4. Lançada, ali, a âncora da Justiça, todos se sentirão em terra firme.
5. E, unidos pelo civismo, decla-rem a Solidariedade Cívica Uni-versal.

Siavon

FICHA DO AUTOR

Nascido na Póvoa de Varzim, aos quinze dias de vida, por recomendação médica, passou a viver em Rates, terra natal dos seus pais. Frequentou a “Escola Industrial e Comercial da Póvoa de Varzim” e, concluindo o Curso Comercial, após alguns anos, emigrou para o Brasil, domiciliando-se no Rio de Janeiro, onde, depois de atuar em algumas firmas comerciais, exerceu a função de ressegurador e técnico de seguros na extinta Companhia Internacional de Seguros, durante trinta e três anos. Aposentado, dedicou-se à literatura, escrevendo “A República de Rates”, em cumprimento de promessa a Deus, feita quando dos genocídios e holocaustos da segunda guerra mundial, para a qual pediu-Lhe inspiração.

Mensagem do Novo Milênio